

MUNDO DA LEITURA

20 ANOS

formando leitores

Tania Mariza Kuchenbecker Rösing
(Org.)



MUNDO DA LEITURA
20 ANOS
FORMANDO LEITORES



UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

José Carlos Carles de Souza
Reitor

Rosani Sgari
Vice-Reitora de Graduação

Leonardo José Gil Barcellos
Vice-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Bernadete Maria Dalmolin
Vice-Reitora de Extensão e Assuntos
Comunitários

Agenor Dias de Meira Junior
Vice-Reitor Administrativo

CORPO FUNCIONAL

Daniela Cardoso
Coordenadora de revisão

Cristina Azevedo da Silva
Revisora de textos

Ana Paula Pertile
Revisora de textos

Sirlete Regina da Silva
Coordenadora de design

Rubia Bedin Rizzi
Designer gráfico

Carlos Gabriel Scheleder
Auxiliar administrativo

UPF Editora

Karen Beltrame Becker Fritz
Editora

CONSELHO EDITORIAL

Altair Alberto Fávero (UPF)

Andrea Oltramari (UFRGS)

Alvaro Sanchez Bravo (UNIVERSIDAD DE SEVILLA)

Carlos Alberto Forcelini (UPF)

Carlos Ricardo Rossetto (UNIVALI)

Cesar Augusto Pires (UPF)

Cleci Teresinha Werner da Rosa (UPF)

Fernando Rosado Spilki (FEEVALE)

Gionara Tauchen (FURG)

Giovani Corralo (UPF)

Héctor Ruiz (UADEC)

Helen Treichel (UFFS)

Jaime Morelles Vázquez (UCOL)

José Otero G. (UAH)

Jurema Schons (UPF)

Karen Beltrame Becker Fritz (UPF)

Kenny Basso (IMED)

Leonardo José Gil Barcellos (UPF)

Luciane Maria Colla (UPF)

Paula Benetti (UPF)

Sandra Hartz (UFRGS)

Telmo Marcon (UPF)

Verner Luis Antoni (UPF)

Walter Nique (UFRGS)

MUNDO DA LEITURA 20 ANOS FORMANDO LEITORES

Tania Mariza Kuchenbecker Rösing
(Org.)

2017

Copyright© dos autores

Daniela Cardoso
Cristina Azevedo da Silva
Ana Paula Pertile

Revisão de textos e revisão de emendas

Sirlete Regina da Silva
Rubia Bedin Rizzi

Projeto gráfico e diagramação

UPF Editora
Andréia de Lima Rodrigues

Criação da capa

Fotos

Acervo Mundo da Leitura/Acervo Jornadas Literárias

Este livro, no todo ou em parte, conforme determinação legal, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa e por escrito do(s) autor(es). A exatidão das informações e dos conceitos e as opiniões emitidas, as imagens, as tabelas, os quadros e as figuras são de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

CIP – Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

M965 Mundo da Leitura 20 anos formando leitores / Tania Mariza
Kuchenbecker Rösing (Org.). – Passo Fundo: Ed.
Universidade de Passo Fundo, 2017.
294 p. : il. ; 23 cm. – (Mundo da Leitura).

Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-523-0014-4 (impresso)

1. Leitura. 2. Livros e leitura. 3. Incentivo à leitura.
I. Rösing, Tania Mariza Kuchenbecker, coord.

CDU: 028.6

Bibliotecário responsável Luís Diego Dias de S. da Silva - CRB 10/2241

UPF EDITORA

Campus I, BR 285 - Km 292,7 - Bairro São José

Fone/Fax: (54) 3316-8374

CEP 99052-900 - Passo Fundo - RS - Brasil

Home-page: www.upf.br/editora

E-mail: editora@upf.br

UPF Editora afiliada à

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Sumário

VOZES INSTITUCIONAIS.....	9
Mundo da Leitura – Duas décadas de ação em prol da formação de leitores multimídiais	11
<i>Profa. Dra. Rosani Sgari</i>	
Sobre o Mundo da Leitura e outros mundos possíveis.....	13
<i>Prof. Dr. Edison Alencar Casagrande</i>	
Mundo da Leitura: um mundo de possibilidades	15
<i>Profa. Dra. Cláudia Toldo</i>	
Completar 20 anos não é pouca coisa	17
<i>Profa. Dra. Gisele Benck de Moraes</i>	
APRESENTAÇÃO	19
PARTE I – AÇÕES INICIAIS E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	25
A CRIAÇÃO DO CENTRO DE REFERÊNCIA DE LITERATURA E MULTIMEIOS	27
<i>Tania Mariza Kuchenbecker Rösing</i>	
O GRANDE DESAFIO – O PROJETO ARQUITETÔNICO DO MUNDO DA LEITURA	63
<i>Nino Roberto Schleder Machado</i>	
ACERVOS, EMPRÉSTIMOS, SACOLAS CIRCULANTES	76
<i>Lisandra Blanck</i> <i>William Dahmer Silva Rodrigues</i>	
PARTE II – AÇÕES DESENVOLVIDAS.....	83
CONTADORES DE HISTÓRIAS E A ARTE DE ENCANTAR.....	85
<i>Eliana Rodrigues Leite</i> <i>Mônica Lubian Tomazoni</i> <i>Paula Rios da Cunha</i>	
TEATRO – A ARTE DA INCLUSÃO	94
<i>Betinha Mânica</i> <i>Marcio Bernardes</i>	
PROJETOS DO MUNDO DA LEITURA NAS ESCOLAS.....	104
<i>Eliana Teixeira</i>	

PROJETO MUTIRÃO PELA INCLUSÃO DIGITAL E SUA INSERÇÃO NO MUNDO DA LEITURA.....	113
<i>Adriano Canabarro Teixeira</i> <i>Gabriel Paludo Licks</i> <i>Elisângela de Fátima Fernandes de Mello</i>	
JORNADINHA NACIONAL DE LITERATURA	129
<i>Paulo Becker</i> <i>Eliana Teixeira</i>	
PROGRAMA MUNDO DA LEITURA: 12 ANOS FORMANDO CRIANÇAS LEITORAS	143
<i>Paulo Becker</i> <i>Lisandra Blanck</i>	
PROJETO ARTE & LITERATURA AOS SÁBADOS	159
<i>Lisandra Blanck</i> <i>William Dahmer Silva Rodrigues</i>	
TROCANDO IDEIAS NO MUNDO DA LEITURA: DIÁLOGOS A PARTIR DOS CLÁSSICOS DA LITERATURA	173
<i>Fernanda Lopes Bortolini</i> <i>Lucas Antônio de Carvalho Cyrino</i> <i>Luís Fernando Portela</i>	
PESQUISAS, PUBLICAÇÕES E PRÊMIOS	181
<i>Eliana Teixeira</i>	
PARTE III – RECONHECIMENTO OFICIAL	195
PASSO FUNDO CAPITAL NACIONAL DA LITERATURA: OS LARGOS DA LITERATURA E O PROJETO LIVRO DO MÊS	201
<i>Maria Augusta D'Arienzo</i>	
PARTE IV – DEPOIMENTOS.....	215
Monitores ao longo da trajetória do Mundo da Leitura	217
<i>Ana Carolina Martins da Silva</i> <i>Bibiana Friderichs</i> <i>Fernanda Lopes Bortolini</i> <i>Gabriela Luft</i> <i>Lucas Antônio de Carvalho Cyrino</i> <i>Luís Fernando Portela</i> <i>Nedi Mello dos Santos Magagnin</i> <i>Rafael da Silva</i>	

Os primeiros leitores.....	239
<i>Artur Becker</i>	
<i>Henrique Becker</i>	
<i>Valentina Fernandes e Machado</i>	
Professores e alunos de escolas públicas e particulares de distintas épocas.....	244
<i>Ana Cristina Baggio</i>	
<i>Caticiane Belusso Serafini</i>	
<i>Lavínia Kuchenbecker Rösing de Oliveira</i>	
<i>Rosmari Almeida Portilio</i>	
<i>Thiane Vargas</i>	
<i>Vítor Kuchenbecker Rösing de Oliveira</i>	
Estudantes universitários da área de Letras.....	255
<i>Adriane Hoffman</i>	
<i>Cleber Nelson Dalbosco</i>	
<i>Daniele Dalmédico</i>	
<i>Josué Rodrigues Frizon</i>	
<i>Rafael da Cruz Freitas</i>	
PARTE V – MEMÓRIA ICONOGRÁFICA.....	269
SOBRE OS AUTORES.....	293



VOZES INSTITUCIONAIS

Mundo da Leitura – Duas décadas de ação em prol da formação de leitores multimídiais

*Profa. Dra. Rosani Sgari
Vice-Reitora de Graduação/UPF*

Neste ano de 2017, o Centro de Referência de Literatura e Multimeios, espaço ao qual, carinhosamente, nos referimos como o Mundo da Leitura, completa vinte anos de ação e de compromisso com a comunidade acadêmica.

O Mundo da Leitura nasceu como um laboratório do curso de Letras, em 1997, com objetivo principal de formar leitores em múltiplas linguagens, atendendo à emergência de um novo leitor, numa perspectiva crítica e cidadã. Poucos anos depois de sua criação, passa a funcionar também como um laboratório do Programa de Pós-Graduação em Letras, em nível de mestrado e doutorado, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo.

Esse Centro de Referência de Literatura e Multimeios constitui-se num espaço cultural que harmoniza ações de educação, cultura e tecnologia, por onde circulam diariamente acadêmicos e professores da Instituição, mas também professores, alunos da comunidade de Passo Fundo e região, leitores que, além de poderem usufruir de todo o acervo do centro no local, têm a oportunidade de levar os livros para casa gratuitamente.

Nesses vinte anos, inúmeras atividades de pesquisa e de extensão ligadas à literatura e à leitura têm sido desenvolvidas no Mundo da Leitura. Com a mediação de formadores de leitores, práticas leitoras são oferecidas gratuitamente a alunos da educação infantil ao ensino médio, incluindo, ainda, o ensino superior. Os resultados desse trabalho são visíveis pela ampliação do número de leitores e desdobramentos em diferentes projetos que atendem à comunidade, entre os quais se destaca o Projeto Livro do Mês, em parceria com a Prefeitura Municipal de Passo

Fundo, que já trouxe, desde 2006, 73 escritores para seminários com alunos do Curso de Letras e alunos das escolas municipais, estaduais e particulares de Passo Fundo, com apoio de 33 editoras brasileiras.

É necessário destacar a ação comprometida da professora Tania Rösing, idealizadora desse Projeto, que, ao longo desse período, esteve à frente da gestão desse espaço responsável pela formação de leitores críticos, que interagem com os mais diferentes materiais e suportes de leitura. É importante mencionar a vasta publicação que traduz esse trabalho, materializada na produção de “Roteiros de práticas leitoras para a escola”, além de produções de inúmeros artigos e jornais. Outro importante trabalho que merece destaque é o Programa, em formato de revista eletrônica, Mundo da Leitura na TV, produzido em parceria entre a UPF TV e o Canal Futura/RJ no período de 2005 a 2016.

Além dessas ações, inúmeras atividades que valorizam a cultura popular, os contos tradicionais e as manifestações artísticas populares foram desenvolvidas através do Mundo da Leitura nesses vinte anos de atividade. Isso é importante, pois, como disse Roger Chartier, historiador francês, a leitura e a literatura não podem ser reduzidas a exigências utilitárias, devem também fazer com que as pessoas possam sonhar, se divertir, refletir, desenvolver o espírito crítico.

Comemorar duas décadas de funcionamento desse Projeto na Instituição é, para a Universidade de Passo Fundo, motivo de grande alegria. Vida longa a esse laboratório do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo! Parabéns por essas duas décadas de mobilização em torno do livro e da leitura.

Sobre o Mundo da Leitura e outros mundos possíveis

*Prof. Dr. Edison Alencar Casagrande
Diretor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/UPF*

Como seres humanos, somos desafiados, desde que nascemos, a habitar o mundo. Um mundo que nos precedeu e que nos coloca diante da necessidade de conhecê-lo, apreendê-lo, compreendê-lo e porque não dizer, transformá-lo.

O poder da literatura talvez resida justamente na sua capacidade infinita de nos mostrar mundos possíveis dentro e fora de nós, de nos colocar em contato com o mundo do outro, com mundos desconhecidos e jamais acessíveis se não fosse por ela. A literatura nos permite desvendar outros mundos, colocando em questão o que nos constitui, questionando a ordem das coisas, os estereótipos e a forma como nos relacionamos com o outro e com a vida.

No entanto, para que a potência da literatura se constitua, afetando e transformando os diferentes sujeitos é necessário que ela se converta, para além da escrita, em experiência. E é aqui que reside, talvez, a grandeza do que conhecemos como *MUNDO DA LEITURA*, este espaço-tempo capaz de criar alternativas para a constituição da experiência literária para uma comunidade cada vez mais sedenta de algo que lhes transforme, que lhes tire dos falatórios vazios e sem sentido a que estão continuamente expostos, criando, como afirma o professor Jorge Larrosa, *o silêncio da interrupção, este que se produz quando alguém já não pode dizer o que todo mundo diz ou quando alguém já não pode pensar o que todo mundo pensa. E este silêncio que interrompe a proliferação vã da palavra insubstancial é o que nos dá a literatura.*

Através da forte ligação e compromisso com a comunidade, explícita pelas contações de histórias, empréstimos de livros, realização de diferentes e diversas atividades literárias dirigidas às crianças e jovens, o *Mundo da Leitura* demarca no espaço universitário, o lugar privile-

giado da imaginação, do lúdico, do sonho, da transformação que se faz conhecimento ao ser sentida com os olhos curiosos de todos que buscam desvendar, através do viés literário, novos sentidos para estar no mundo.

No *Mundo da Leitura*, sonho, magia, fantasia, leitores, autores e obras se entrelaçam, criando contextos potencialmente capazes de afetar quem somos, quem fomos e quem seremos. O *Mundo da Leitura*, que nesse ano completa 20 anos de história, é o espaço coletivo da experiência capaz de criar novos e melhores mundos possíveis para nós e para os outros, no entrelaçamento de vida e obra e da afirmação da capacidade de autoria que reside e resiste em cada um de nós. Vida longa ao *Mundo da Leitura*.

Mundo da Leitura: um mundo de possibilidades

Profa. Dra. Cláudia Toldo
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/UPF

Mundo *da* Leitura! Mundo *de* leitura! O próprio nome deste singular espaço, tido como um laboratório de leitura e aprendizagens, já diz muito. “No Mundo”, como, carinhosamente, os mais chegados o chamam, as pessoas que o frequentam encontram a magia, a fantasia, a imaginação, o conhecimento que só é possível e que só se torna realidade pela leitura, principalmente a literária, concretizada pelas práticas leitoras viabilizadas por projetos de pesquisas que encontram solo fértil e produtivo no Mundo da Leitura UPF. Este espaço dedicado à leitura traz uma perspectiva de formação de leitores cidadãos da cultura escrita, um dos objetivos educativos da escola. Destacamos que alunos das escolas (públicas e privadas) da cidade e região frequentam o Mundo, para realizarem práticas leitoras que, mais do que tudo, ensinam a ler literatura.

Sabemos que as atividades de leitura têm uma razão de ser de extrema importância: contribuir para a formação da pessoa. Essa formação está ligada à construção da sociabilidade realizada através de atividades que confrontam textos de gerações anteriores e contemporâneos que abordam a atividade humana por meio da linguagem. Essa confrontação – pela linguagem – traz a diversidade social e cultural de uma sociedade, onde encontramos *o homem falando com outro homem*, construindo a cultura, a sociedade, testemunhando a vida retratada e contada nos livros, aproximando as pessoas, tornando-as sujeitos de seu próprio dizer, protagonistas de histórias reais que encantam e apavoram por sua genialidade. São essas histórias que conta o Mundo; que fazem dele um mundo de possibilidades.

Sem dúvida alguma, as expressões artísticas, sublinhamos aqui as que se destacam pela literatura, revelam uma humanidade necessária

para a educação das crianças e dos jovens e podemos ver que esta educação literária pode formar um cidadão preparado para ler e entender sua época, ler o mundo e a palavra que o precede, ler melhor todos os textos que o constitui como leitor, ler para construir uma maneira especificamente humana de ver e sentir o mundo que lhe constitui como sujeito de linguagem, ler por meio da Alice, do Robinson Crusóé, da Capitu, do Capitão Rodrigo, da Ana Terra, da Emília, da Cuca, da tia Anastácia, da vó Benta, da Gabriela, da Iracema, de todos e todas que contaram e viveram um mundo possível a partir da sua imaginação, da sua leitura de mundo. Assim é o Mundo: possibilita leituras de outros mundos possíveis. E isso só se realiza com muito trabalho. O trabalho da pesquisa. Precisamos que essa possibilidade – a da pesquisa – continue tendo solo fértil no Mundo da Leitura UPF como concretização de espaços mágicos e singulares, para que as práticas leitoras continuem formando leitores competentes e que aprendam a ler o mundo, a palavra e a literatura. Este deveria ser um dos objetivos principais das pesquisas realizadas no Mundo: formar leitores competentes para ler o mundo e, se possível, aprender a ler literatura e toda a magia que o emprego da língua revela na combinação das palavras feita por escritores-leitores que veem, nesse movimento da escrita, a chance de escrever uma nova história.

Completar 20 anos não é pouca coisa

*Profa. Dra. Gisele Benck de Moraes
Coordenadora do Curso de Graduação em Letras
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/UPF*

Completar 20 anos não é pouca coisa: no caso do Centro de Referência de Literatura e Multimeios, completar 20 anos é comemorar uma geração inteira de leitores que formarão outras inúmeras gerações que se formaram e ainda se formarão sob a tutela de um grupo de professores, monitores e funcionários que nesse tempo buscaram implementar o que de mais avançado se apontava em termos de formação do leitor.

E isso deixa marcas profundas na comunidade: é possível dizer que toda a comunidade passo-fundense carrega as marcas do Centro de Referência de Literatura e Multimeios.

Em especial, gostaríamos de deixar registrada a grande relevância do Centro de Referência para a formação dos professores de língua e de literatura por parte do Curso de Letras da UPF, curso que, neste ano, comemora 60 anos de existência. A parceria rendeu grandes frutos, criando uma rede consistente de leitores nas escolas públicas e privadas de toda a região, as quais recebem egressos do Curso de Letras que, ao longo da sua formação, tiveram contato com um espaço cultural que celebra não só a literatura como também as múltiplas linguagens presentes no mundo em constante transformação.

As vivências literárias propiciadas aos futuros professores transformaram-se em bases sólidas para a formação de jovens leitores, que se multiplicaram ao longo dos anos.

Muitos leitores competentes foram criados nesse espaço contíguo à Biblioteca Central, atendendo, num ambiente agradável e criativo, crianças, pré-adolescentes, adolescentes e adultos com um acervo multimídia, em linguagens de natureza variada. O trabalho interdiscipli-

nar realizado reúne grupos de ensino, pesquisa e extensão do Curso de Letras, além de oferecer o prazer da leitura à comunidade em geral, em especial às escolas de Passo Fundo e do entorno.

O objetivo de formar leitores críticos e cidadãos atingiu em cheio os alunos do Curso de Letras, que se tornaram multiplicadores culturais nas suas próprias comunidades, num processo que, esperamos, não terá fim.

A continuidade desse processo caberá a cada um, cidadão comum, mas especialmente aos professores da Área das Linguagens que, com o entusiasmo pela leitura pregado pelo Centro de Referência, estão comprometidos a ajudar a construir bases cada vez mais sólidas para essa movimentação cultural representada pela leitura.

Nossos cumprimentos ao Centro de Referência pelos 20 anos completados e pela sua história exitosa. Nosso desejo de que outros 20 venham, com tanta tenacidade quanto esses primeiros e com a mesma paixão de sempre pela leitura.

APRESENTAÇÃO

Vinte anos se passaram. O Centro de Referência de Literatura e Multimeios – o Mundo da Leitura, nosso afetivo espaço de desenvolvimento de sonhos os mais inusitados, os mais extravagantes pelo envolvimento com a leitura literária, passando, portanto, pela compreensão, pela interpretação e pela apropriação de textos literários, de múltiplas linguagens, de inimaginadas manifestações culturais e tecnológicas adquire maturidade. Emerge, academicamente, do desejo de se construir um laboratório para desenvolver atividades de leitura na dimensão do ensino, da pesquisa e da extensão no Curso de Letras, primeiro na Graduação e, na sequência, no Mestrado e Doutorado. Amplia suas ações na perspectiva interdisciplinar e tecnológica. Expande-se na criação e na implementação de uma diversidade de projetos. No contexto de uma universidade a UPF –, atrai para seu interior estudantes e professores de escolas pertencentes às redes pública e particular, bem como estudantes e professores universitários de diferentes áreas do conhecimento, a partir do Curso de Letras para participarem de práticas leitoras que abrangem materiais do impresso ao digital, objetivando formar leitores críticos, sensíveis.

O livro *Mundo da Leitura 20 anos formando leitores* apresenta, inicialmente, vozes institucionais, com depoimentos da Vice-Reitora de Graduação, Profa. Dra. Rosani Sgari, do Diretor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Prof. Dr. Edison Casagrande, da Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado e Doutorado, Profa. Dra. Cláudia Toldo e da Coordenadora do curso de graduação em Letras, Profa. Dra. Gisele Benck de Moraes. A manutenção do projeto por 20 anos só tem sido possível por ser uma ação institucionalizada, emergente no contexto de um curso universitário. Foi implementada com o intuito de promover reflexões sobre leitura, ensino de literatura, formação de leitores proficientes e leitores literários conectadas com políticas públicas de promoção da leitura. Viabilizou o convívio, no espaço da Universidade, de alunos que, talvez, não tenham a oportunidade de

frequentar, futuramente, cursos superiores com os estudantes universitários que já usufruem desse privilégio.

Está constituído por cinco partes, concebidas coletivamente, pretendendo, desse modo, apresentar a você, leitor, a você, cara leitora, uma visão geral da história construída por distintos professores e diferentes grupos de monitores com peculiaridades que distinguem o Mundo da Leitura de outros projetos de leitura eventuais, propostos em universidades, apontando muitas de suas nuances, de sua originalidade.

Na **Parte I** – Ações iniciais e fundamentação teórica –, encontram-se três textos: *A Criação do Centro de Referência de Literatura e Multimeios*, de autoria da Profa. Dra. Tania Mariza Kuchenbecker Rösing, *O grande desafio – o projeto arquitetônico do Mundo da Leitura*, do Arquiteto e Professor Nino Roberto Schleder Machado, *Acervos, empréstimos, sacolas circulantes*, dos monitores Lisandra Blanck e William Dahmer Silva Rodrigues. Constituem-se como registro de sua origem enquanto projeto, de sua implementação num espaço projetado arquitetonicamente de forma criativa, inovadora, com uma multiplicidade de acervos, inclusive com sacolas circulantes na dinâmica empregada no empréstimo de livros. Despe-se, assim, da possível identificação com uma biblioteca, pretendendo-se firmar como um laboratório do Curso de Letras no viés de um centro cultural multimídia.

Na **Parte II** – Ações desenvolvidas –, são apresentadas múltiplas ações implementadas nessas duas décadas e que se encontram em pleno funcionamento, à disposição dos usuários de diferentes faixas etárias, com distintos níveis de formação. Inicia-se pelo artigo *Contadores de histórias e a arte de encantar*, de autoria das monitoras Eliana Rodrigues Leite, Mônica Lubian Tomazoni, Paula Rios da Cunha. Destaca a importância da contação de histórias realizada com o emprego de diferentes técnicas para desenvolver o gosto pela leitura, pela literatura e pela participação em atividades que valorizem diferentes recursos: a modulação da voz, o uso de expressões faciais e gestuais, o desenvolvimento de jogos teatrais, a participação em dramatizações, leitura dramática.

O artigo intitulado *Teatro – a arte da inclusão*, de autoria dos atores e diretores teatrais Betinha Mânica e Marcio Bernardes, desenvolve uma reflexão sobre a importância do teatro como manifestação artística não apenas existente há muitos séculos, mas como possibilidade de construção de humanidades entre quem o encena, quem aprecia o espetáculo, quem se aproxima do gênero pela leitura. Destacam o espetáculo *Longada*, sobre textos de Mario Quintana, desenvolvido no espaço do Mundo da Leitura, sensibilizando públicos pela poesia.

Projetos do Mundo da Leitura junto às escolas, sistematizado por de Eliana Teixeira, registra diferentes aproximações de professores e de monitores do Mundo da Leitura de escolas do Bairro São José, onde está localizada a UPF, para sensibilizar docentes e discentes a se envolverem com textos literários, a apreciarem linguagens entre as quais a televisiva, despertando o interesse desses diferentes públicos pela reflexão de conceitos ligados à leitura, literatura e a vivências de leitura do impresso ao digital.

O artigo denominado *Projeto mutirão pela inclusão digital e sua inserção no Mundo da Leitura*, de autoria do Prof. Dr. Adriano Canabarro Teixeira, de Gabriel Paludo Licks e de Elisângela de Fátima Fernandes de Mello, apresenta a importância do processo de inclusão digital de estudantes das escolas públicas, contribuindo para o aprimoramento de suas práticas sociais em meio a recursos tecnológicos. Explicita, também, o trabalho desenvolvido por monitores do Centro de Referência no contexto do projeto, revelando a sintonia que as práticas leitoras têm com conteúdos veiculados no meio digital.

De autoria do Prof. Dr. Paulo Becker e Eliana Teixeira, o artigo *Jornadinha Nacional de Literatura*, expõe as peculiaridades da movimentação cultural realizada a partir do Mundo da Leitura, identificada como *Jornadinha*, no contexto das Jornadas Literárias realizadas de 1981 a 2013, em quinze edições nacionais e uma apenas estadual. Pretendeu-se construir leitores literários entre crianças e jovens, nas *Jornadinhas* realizadas em sete edições nacionais – 2001, 2003, 2005, 2007, 2009, 2011, 2013. Faz-se necessário registrar que este movimento com público infantil e juvenil se constitui como uma criação de professores e monitores que integravam e alguns ainda integram o Mundo da

Leitura. Essa experiência se reproduziu pelo Brasil, como uma demonstração do seu ineditismo e dos significativos resultados na ampliação do número de leitores entusiasmados com novas perspectivas de leitura e de aproximação de escritores. Foram sensibilizados, ainda, a ter contato com artistas que atuavam em apresentações teatrais, musicais, de contação de histórias, pintores, ilustradores, bonequeiros, animadores culturais.

Na sequência, está o artigo *Programa Mundo da Leitura: 12 anos formando crianças leitoras*, de autoria do Prof. Dr. Paulo Becker e Lisandra Blanck, o qual explana a estrutura do programa televisivo Mundo da Leitura, reproduzido pela UPFTV no contexto da programação da TV Cultura/RS e do Canal Futura, tendo sido exibido em território nacional e em mais de 100 países na programação internacional da Rede Globo. Roteirizado por Becker, filmado no espaço do Centro de Referência, contou, também, com a participação artística de monitores na manipulação de bonecos, liderado pelo Gato Gali-Leu, por 12 proveitosos anos.

Integra também a Parte II o artigo *Projeto Arte & Literatura aos sábados*, de autoria de Lisandra Blanck e William Dahmer Silva Rodrigues. Apresenta a proposta de, paralelamente à programação cotidiana do Mundo da Leitura, a realização, uma vez por mês, de ações que valorizam manifestações da cultura popular em diferentes linguagens e resgatam brinquedos e brincadeiras entre os usuários que moram no Bairro São José

Trocando ideias no Mundo da Leitura: fomentando leituras e diálogos a partir dos clássicos da literatura, de autoria de Fernanda Lopes Bortolini, Lucas Antônio de Carvalho Cyrino e Luís Fernando Portela, apresenta um projeto específico – Trocando ideias –, do qual participa um grupo realmente interessado na discussão de obras clássicas que se estrutura como um momento ímpar de diálogo entre receptores dos clássicos.

Em continuidade, encerrando a Parte II, apresentam-se *Pesquisas, Publicações e Prêmios* recebidos pelo Mundo da Leitura, sintetizados por Eliana Teixeira, oferecendo a vocês, leitores, dados importantes da trajetória desenvolvida pelo Mundo da Leitura em seus 20 anos.

A **Parte III** – reconhecimento oficial – constitui-se de um único artigo com o título Passo Fundo Capital Nacional da Literatura: os Largos da Literatura e o Projeto Livro do Mês, – de autoria de Maria Augusta D'Arienzo, representando professores vinculados às redes municipal e estadual de ensino. Apresenta o Projeto Livro do Mês em execução há mais de uma década ininterruptamente, a partir de proposta da comissão mista coordenada pelo Mundo da Leitura, numa promoção conjunta entre UPF, Prefeitura Municipal, 7ª Coordenadora Regional de Educação e Sesc/Passo Fundo, bem como as razões de seu surgimento e de sua implementação. A concessão de dois títulos à cidade de Passo Fundo: Capital Nacional de Literatura e Capital Estadual da Literatura justificam o Projeto Livro do Mês e as estruturas arquitetônicas comemorativas a esses títulos, disponibilizadas em diferentes espaços urbanos.

Na **Parte IV – Depoimentos** –, encontram-se registros de depoimentos feitos por pessoas cujas vidas pessoal e profissional, de alguma forma, estão ligadas ao Mundo da Leitura. **Monitores ao longo da trajetória:** Ana Carolina Martins da Silva, Bibiana Friderichs, Fernanda Lopes Bortolini, Gabriela Luft, Lucas Antônio de Carvalho Cyrino, Luís Fernando Portela, Nedi Mello dos Santos Magagnin, Rafael da Silva; **os primeiros leitores:** Artur Becker, Henrique Becker e Valentina Fernandes e Machado; **professores e alunos de escolas públicas e particulares de distintas épocas** – Ana Cristina Baggio, Caticiane Belusso Serafini, Lavínia Kuchenbecker Rösing de Oliveira, Rosmari Almeida Portilio, Thiane Vargas, Vítor Kuchenbecker Rösing de Oliveira; **estudantes universitários da área de Letras** – Adriane Hoffman, Cleber Nelson Dalbosco, Daniele Dalmédico, Josué Rodrigues Frizon, Rafael da Cruz Freitas.

Memória Iconográfica, na **Parte V**, organizada por Andreia de Lima Rodrigues e Lisandra Blank, encerra o livro *Mundo da Leitura 20 anos formando leitores*. As imagens apresentadas não estão comprometidas com uma cronologia. Estão, isto sim, oferecendo a você, amigo leitor, a você, distinta leitora, um resgate das ações realizadas no Mundo da Leitura e pelo Mundo da Leitura, ao lado de uma abertura para

discussões que possam refletir o já realizado em 20 anos de atividades ininterruptas e que possam se constituir em fundamento para sua releitura e sua continuidade em outros patamares.

Tenho necessidade de enfatizar que o caráter coletivo desta obra onde se comprova o envolvimento mais pessoal de alguns, em equipes, de outros, na concepção e incrementação de ações/projetos, provocou uma diversidade na produção dos textos. Constatam-se o uso de 1ª e 3ª pessoas do singular, 1ª e 3ª pessoas do plural. O que merece destaque não é isso e, sim, o muito que se realizou no diálogo efetivado entre professores, monitores, usuários de diferentes faixas etárias e distintas formações escolares e acadêmicas.

Após 20 anos de funcionamento efetivo, é hora de promover mudanças que possam ressignificar não apenas o espaço, mas as ações em função de sua necessária continuidade como laboratório do Curso de Letras e, quem sabe, de outros cursos.

Agradeço de forma muito carinhosa a participação de todos na construção deste livro – *Mundo da Leitura 20 anos formando leitores*. São registros de sonhos construídos coletivamente, transformados em realidade na dimensão do trinômio educação-cultura-tecnologia. Outros sonhadores acolheram nossas propostas. Eládio Vilmar Weschenfelder e Sandro (Guto) Pasini, na contação de histórias. Mariane Loch Sbeghen nas exposições de arte. Maria Lucina Busato Bueno, artista plástica, pesquisadora de tintas naturais, disponibilizando obras de arte de sua autoria para engalanar capas de algumas de nossas publicações. Assim, professores que integraram e que ainda integram o Mundo da Leitura, ao lado de monitores criativos, entusiasmados e comprometidos, puderam propor vivências de leitura com distintos públicos interessados em constituírem-se como pessoas críticas e sensíveis. A dimensão assumida não se realizou apenas do impresso ao digital, mas na dimensão da sensibilidade, da busca pela humanização.

Tania Mariza Kuchenbecker Rösing
Coordenadora do Centro de Referência de Literatura e Multimeios
– Mundo da Leitura no período de 1997 a 2017.

PARTE I

AÇÕES INICIAIS E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este livro tem uma história que precisa ser contada, nem que seja para explicar e, se possível, justificar que eu fique tanto tempo falando de mim mesmo. Meio contra a minha vontade, ele vem atender a uma insistência antiga e persistente de vários amigos para que eu escrevesse sobre a minha biblioteca, destacando obras de maior interesse e contando alguns episódios de décadas de garimpagem de livros. [...] Vinha resistindo, mas acabei cedendo quando me dei conta de que, através dessa história, poderia talvez estimular em outros o amor ao livro e, principalmente, o amor à leitura. Inocular esse vírus é, aliás, uma coisa que venho procurando fazer a vida inteira, ora com sucesso, ora sem resultado. Para alguns eventuais leitores é bem possível que nada do que vou contar seja novidade, mas, se conseguir despertar em outros algum interesse por um tema que me é tão próximo, dar-me-ei por satisfeito.

José Luís Mindlin

– *Uma vida entre livros: reencontros com o tempo*

A CRIAÇÃO DO CENTRO DE REFERÊNCIA DE LITERATURA E MULTIMEIOS

Tania Mariza Kuchenbecker Rösing

Circulando pelos (des)caminhos...

Quando se pensa nos (des)caminhos percorridos por crianças, jovens e adultos em busca da construção de sua identidade, de sua cidadania, refere-se, via de regra, a uma experiência que passa, sem dúvida, e especialmente, pelas humanidades, pelas artes entre as quais a literatura, em contexto prioritariamente urbano. Nos tempos atuais, pessoas de diferentes faixas etárias e de distintos grupos sociais e econômicos vivem e convivem em contextos de valorização de manifestações orais expressas por integrantes de suas famílias, num primeiro processo de comunicação das necessidades presentes e de acesso ao conhecimento acumulado, entre registros impressos de dados familiares bem como entre raros livros, como também de possibilidades de navegação por diferentes telas, entre as quais as de equipamentos móveis que precedem o deslocamento da própria casa em direção à escola, passando por diferentes centros de formação escolar e profissional, como salas de aula distintas, biblioteca escolar, biblioteca pública, centros culturais, museus, clubes, instituições de formação técnica... Pretende-se que essas experiências abranjam, concomitantemente, práticas individuais e sociais de leitura e práticas culturais, valorizando materialidades do impresso ao digital, linguagens artísticas e manifestações heterogêneas da cultura, usando também recursos tecnológicos. Muitas gerações construíram suas identidades pela aproximação com livros. Desenvol-

veram-se frequentando escolas. Ampliaram seus conhecimentos pela realização de leituras aprofundadas, contemplativas, individuais de textos impressos. Contemporaneamente, a construção dessa identidade passa não apenas pela escola, pela aproximação com livros, mas pelo desenvolvimento de uma leitura crítica dos diferentes cenários que constituem o meio urbano, o meio rural. São novos olhares e olhares dinâmicos focados nos diferentes cenários que constituem o entorno, o bairro, a cidade, o mundo. Há um interesse pelo conteúdo veiculado pelas telas, apresentando novas perspectivas leitoras. E mais recentemente, uma ligação permanente com equipamentos móveis que oferecem às pessoas possibilidades infinitas de acesso à informação emergente no mundo no contexto da ubiquidade. São caminhos desconexos, sinuosos, muitas vezes tortuosos, que se percorrem na construção de uma identidade que tenha a ver com usos, costumes, valores da história familiar conectada à história da humanidade. Dados acumulados em diferentes fontes, como os livros, mas que estão sendo veiculados por equipamentos eletrônicos de diversificadas naturezas e depositados, mais recentemente, na nuvem, como forma de evolução dos saberes e de acumulação dos saberes. Esse é o cenário atual em que se pode formar leitores. Leitores proficientes. Leitores sensíveis. Leitores críticos. É nesse contexto labiríntico que se pode entender a importância de uma comemoração.

Uma comemoração

Vinte anos são passados. Um espaço projetado arquitetonicamente de forma original. Do seu interior, emergem mensagens impressas, outras formatadas como expressões de diferentes linguagens artísticas, e outras mais também digitais. Sua entrada se dá por um labirinto que remete ao mito de Teseu e o Minotauro (QUESNEL, 1996). São várias saídas (im) possíveis direcionadas a uma única porta. O acesso a essa porta viabiliza o contato com múltiplos acervos – livros de literatura para bebês, crianças, jovens e adultos; livros técnicos; histórias em quadrinhos; CD's, DVD's; audiolivros; sacolas circulantes com múltiplos acervos; na parede, uma pintura em madeira – Série *Cassino da*

Maroca – de Ruth Schneider; publicações das diferentes equipes que atuaram nesse espaço. Cartazes pelas paredes sobre edições do Projeto Livro do Mês. Entre os suportes já mencionados, computadores para circulação em *sites, blogs e games*. Distintos espaços: uma arena interna para performances dramáticas, contação de histórias e projeções na tela; o espaço livre constituído de vários acervos, o espaço virtual, e outro destinado ao armazenamento de reserva técnica.

A comemoração dos 20 anos de criação e de pleno funcionamento do Mundo da Leitura provoca indignação – são vinte anos ininterruptos? ao lado de várias perguntas, muitos questionamentos. Como surgiu esse espaço contíguo à biblioteca central? Qual a origem dos acervos infantis e juvenis na biblioteca central? E no Mundo da Leitura? Que ações de leitura são propostas? Como esse espaço foi planejado arquitetonicamente? O que justifica sua existência no *compus* de uma universidade que se autodenomina comunitária? Quais os objetivos que fundamentam as ações de leitura nele realizadas e, em seu contexto, propostas para a implementação em outros espaços? Que fundamentos teóricos impulsionam essas ações de leitura?

Instigar as pessoas a buscarem informações em diferentes fontes, a desenvolverem práticas investigativas no contexto de diferentes suportes e nas práticas sociais quotidianas, pelos caminhos da linearidade ou navegando pela errância em diferentes telas, empregando metodologias as mais variadas. Estimulá-las a fazerem descobertas por trajetórias não planejadas ao se emprenharem pelos percursos obscuros do labirinto para alimentar sua curiosidade, desencadeando um processo de iniciação à pesquisa, por exemplo, é leitura em sentido amplo, numa concepção contemporânea. Pretende-se, desse modo, desencadear um processo de formação de leitores críticos, multimídiais e hipermidiais como prioridade entre os propósitos do Centro de Referência de Literatura e Multimeios – do Mundo da Leitura que é de todos os seus usuários.

Desde sua criação, observa-se, orientando a caminhada coletiva empreendida por professores e monitores, a declaração de Paulo Freire: *A leitura de mundo precede a leitura da palavra*. O que se pretendeu, desde o início, foi chamar a atenção dos leitores em formação, frequen-

tadores do Mundo da Leitura, usuários dos diferentes acervos, de que precisavam e precisam estar atentos aos diferentes espaços nos quais circulam e a partir dos quais interagem com pessoas. Às variadas materialidades empregadas como objetos de leitura. Às nuances que individualizam pessoas, objetos, ambientes, cenários.

Festejam-se 20 anos de ações de leitura que dignificaram e dignificam a construção do Mundo da Leitura, numa celebração intensa e permanente à leitura, à literatura, aos escritores, aos leitores, à apresentação de textos do impresso ao digital, com prioridade ao texto literário, independentemente do suporte em que seja veiculado. Na condição de laboratório do Curso de Letras, para o estudo de questões acerca da leitura. Demonstra-se, assim, um apreço pelo ato de ler e pela amplitude do seu significado no contexto de uma universidade que contribui para a ampliação da importância da escola, da construção de parcerias inteligentes. Destaca-se, entre outras, a Red Internacional de Universidades Lectoras (universidadeslectoras.org/) cuja sede se encontra na Universidad de Extremadura, Badajoz, Espanha, com 44 instituições universitárias que atuam pelo desencadeamento do processo de formação de cidadãos leitores, habilitados para o exercício de profissões com mais criticidade e sensibilidade. Com instituições, como editoras brasileiras, o Serviço Social do Comércio de Passo Fundo, a Prefeitura Municipal de Passo Fundo e a 7ª Coordenadoria Regional de Educação. Ao longo dessa trajetória de duas décadas, embasaram-se as ações na sintonia do trinômio educação-cultura-tecnologia, o que se concretizou, num primeiro plano, pela aquisição de acervos apresentados em linguagens diversificadas. O trabalho em parcerias pretende-se mais qualificado sem dúvida.

A constituição do acervo e a conexão com políticas públicas, programas e projetos de leitura

Desde as primeiras ações de leitura no âmbito do Curso de Letras e do Curso de Pedagogia – Séries Iniciais da UPF com os licenciandos, na segunda metade dos anos 1970, identificávamos muitas lacunas no

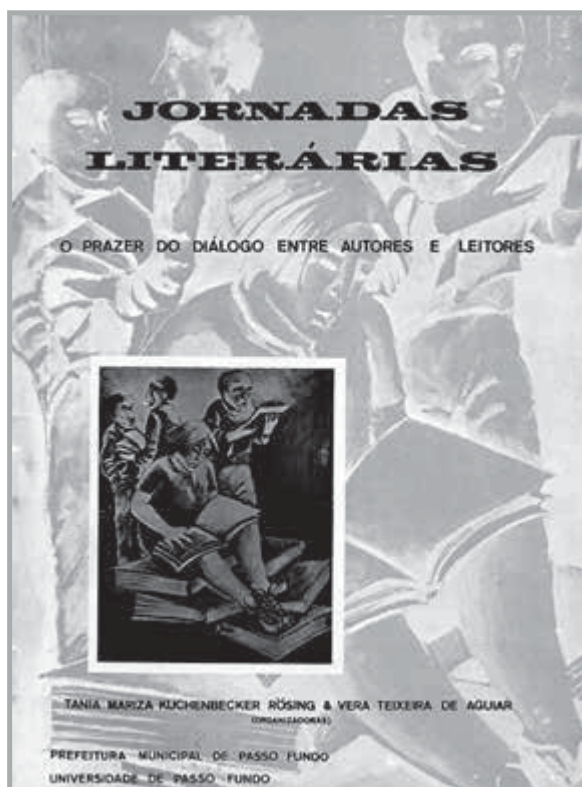
acervo da Biblioteca Central destinado a crianças e adolescentes. Não só para estes, mas também para os adultos enquanto leitores em formação, estimulados a realizar suas primeiras leituras literárias. Já sabíamos da existência, no centro do país, de obras de autores como Bartolomeu Campos Queirós, Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Joel Rufino dos Santos, Lygia Bojunga que não circulavam na Biblioteca Central. A desculpa pouco criativa de sempre: falta de verba para a aquisição de acervos, em especial, literários. Conversamos várias vezes, na condição de professora da disciplina Comunicação e Expressão – Fundamentos de Língua Portuguesa do Curso de Pedagogia com o Diretor da Faculdade de Educação, Prof. Elly Benincá, sobre a possibilidade de incluir livros infantis e juvenis nas aquisições de acervos para os cursos de férias. Com muita compreensão, visão de futuro e sensibilidade ímpar, apesar de não contar com a concordância da coordenação do Curso referido na época, a qual considerava um despropósito trabalhar livros literários com crianças num país cuja população pobre jamais teria acesso a essa produção artística, o Diretor autorizou a compra de livros de literatura infantil e juvenil a cada nova edição da modalidade de curso de férias, o que ocorria no período de seis em seis meses.

Dessa forma, esses livros foram disponibilizados a alunos e professores da UPF. O entusiasmo pelas obras cresceu muito no meio universitário. Tomamos a iniciativa de colocar esses acervos em caixas de papelão, sempre aos sábados, e levá-los em carro particular para praças públicas, pátios de escolas, a fim de aproximar crianças, jovens e adultos de materiais de leitura com os quais jamais tinham tido contato. Assim, começou-se a valorizar paulatinamente livros de literatura infantil e juvenil fora da universidade.

No ano de 1981, tive a ideia e propus a realização da Jornada de Literatura Sul-Rio-Grandense ao escritor e jornalista Josué Guimarães, com o intuito de estimular a formação de leitores a partir da leitura de obras de escritores gaúchos no período anterior à realização do evento. Josué aceitou o desafio e possibilitou a aproximação com escritores residentes em Porto Alegre. Foram reunidos aproximadamente 250 professores do Ensino de 1º e 2º Graus, a fim de ler obras de autoria de Armino Trevisan, Antônio Carlos Rezende, Carlos Nejar, Cyro Martins,

Deonísio da Silva, Josué Guimarães, Mario Quintana, Moacyr Scliar, Sérgio Capparelli. O evento reuniu aproximadamente 750 pessoas, público expressivo que se constituiu a partir da leitura prévia das obras selecionadas e do entusiasmo emergente da aproximação de escritores com essa excelência. A avaliação positiva dessa Jornada estimulou a sua continuidade bienalmente e em nível nacional – 1983, 1985, 1988, 2001, 2003, 2005, 2007, 2009, 2011, 2013 –, estimulando sempre mais a formação de leitores literários. Foram adquiridas obras dos escritores convidados referidos e disponibilizadas na Biblioteca Central para leitura dos estudantes e professores universitários. Era a efetiva instalação do movimento conhecido como Pré-Jornada – leitura prévia e discussão das obras dos autores convidados a participar presencialmente da Jornada. Site disponível em: <<http://jornadasliterarias.upf.br/index.php?j=0>>. Rösing e Aguiar (1991).

Anais Jornadas Literárias (1991)



Outro importante esforço estimulador de aquisição de acervos correspondeu ao contato com o trabalho desenvolvido pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), com sede no Rio de Janeiro/RJ, divulgado em boletins, esforço liderado na época por Laura Sandroni e que, posteriormente, contou com o trabalho de pesquisadoras como Eliana Yunes e Glória Pondé. Em 1982, desenvolveu a FNLIJ a Ciranda de Livros, envolvendo os Laboratórios Hoechst e a Fundação Roberto Marinho. Posteriormente, a FNLIJ passou a ser liderada pela equipe de Elizabeth Serra, liderança que exerce até hoje, enfrentando as grandes dificuldades que a formação de leitores literários impõe num país em que os dirigentes das áreas da educação e da cultura ignoram os esforços das diferentes comunidades emergentes do gigantismo territorial brasileiro, no sentido de formar leitores literários, leitores críticos. Os critérios de qualificação de obras literárias pelo grupo de pesquisadores da FNLIJ, desde seu início, foram observados por nós, inclusive a partir da divulgação de obras literárias infantis e juvenis, publicadas nos anos 80 e 90, com caráter de emancipação, observando a assimetria que existe entre crianças e adultos em diferentes perspectivas, enfatizando-se preferências, interesses, necessidades, modos de olhar o outro, os outros, o entorno, o mundo em toda a sua complexidade. Obras: Yunes e Pondé (1989), Yunes (1948), Silva (1991).

Paralelamente à implementação da Jornada Nacional de Literatura (1983), exatamente no ano de 1984, fui convidada para participar do grupo inicial de dez pesquisadoras brasileiras, entre as quais Marisa Lajolo, Regina Zilberman, Graça Paulino, Ezequiel Theodoro da Silva, que estabeleceram critérios para a implementação, em diferentes regiões, do Programa Salas de Leitura, proposto pela Fundação de Apoio ao Estudante do Ministério da Educação – FAE/MEC. Selecionamos os fundamentos teóricos do Programa, a partir do conceito de leitura, leitura literária, de salas de leitura no contexto de uma política pública de leitura para as escolas públicas: Silva e Zilberman (1990), Lajolo (1997), Lajolo e Zilberman (2001), Lajolo (2001), Zilberman (1988), Yunes e Pondé (1989). Foi organizado, primeiramente, o conteúdo do curso que foi ministrado em diferentes núcleos criados pelo Brasil, numa tentativa de estimular a leitura, a leitura literária, a partir do contato com os

livros selecionados, as formas de distribuição dos mesmos nos núcleos que se constituíram, a manutenção da periodicidade de distribuição, um conceito de informalidade na organização das salas de leitura, e a consciência da necessidade de se formarem nesses espaços, distintos das bibliotecas, leitores literários.

Estávamos cientes de que o atendimento ao objetivo de criar salas de leitura em escolas da região de abrangência da Universidade de Passo Fundo estava relacionado às ações que já desenvolvíamos como professora dos Cursos de Letras e de Pedagogia – Séries Iniciais. Sentimo-nos motivadas a propor a criação, no prédio onde funcionava o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, de uma sala de leitura informal, não apenas para abrigar exemplares do amplo acervo que foi distribuído pelo Programa Salas de Leitura, patrocinado pela FAE/MEC, mas para motivar alunos e professores universitários a se envolverem com obras literárias do passado e do presente, de forma a transformarem-se em leitores literários. Assim, foram disponibilizados exemplares de todos os títulos literários para alunos e professores do IFCH, podendo ser utilizados por estudantes de outros cursos inclusive, decidindo-se disponibilizar um acervo para empréstimo a domicílio em sacolas que podiam circular por lugares mais próximos ou mais distantes do *Campus* central da UPF. Constituiu-se, assim, o primeiro espaço específico de leitura de textos literários no *Campus* da UPF. Em relação ao desencadeamento das ações do Programa Salas de Leitura em nossa universidade, constituiu-se uma comissão mista, coordenada por mim enquanto professora da UPF, da qual participaram professores de escolas públicas estaduais e municipais – Carmem Lúcia Oliveira, Irene Skoruspiski Saraiva, Maria Ivanete Lemos Bertuzzi, Santos Olavo Misturini, motivados enquanto leitores e enquanto mediadores de leitura. Organizamos os cursos para desencadear o processo de formação de professores com o intuito de que pudessem atuar em salas de leitura a serem criadas nas escolas públicas estaduais e municipais. Foram propostos conhecimentos teóricos sobre leitura e ensino de literatura, formação de leitores e de leitores literários, literatura infantil e juvenil; visão panorâmica de obras infantis e juvenis existentes no mercado editorial brasileiro a partir de uma natureza emancipadora entre crianças e adolescentes;

análise de exemplares do acervo enviado pela FAE; proposição não apenas de atividades de leitura a serem realizadas nas escolas a partir do acervo distribuído pela FAE, bem como a criação de outras atividades de abordagem das obras num ambiente informal como o proposto para as salas de leitura; estímulo à fruição da leitura, sem desconsiderar que o ato de ler é um trabalho sério, árduo, propiciador do desenvolvimento de atitudes críticas na escola e na diversidade dos diferentes grupos sociais em que os leitores em formação com os quais convivem. Autores de obras que compunham o acervo do Programa Nacional Salas de Leitura: Roitman (1995), Loureiro (1995), Lucci (1995), Soares (1994), Nóbrega (1995), Aguiar (1994).

A participação permanente em diferentes projetos e programas, bem como a realização das Jornadas Literárias a partir de 1981, propiciou o entendimento das ações de leitura, lideradas pelo Curso de Letras da UPF, como uma movimentação cultural pela leitura, pela formação de leitores, abandonando a ideia de realização de eventos isolados pela leitura, pela formação de leitores, desprovidos de consistência, de fundamentação teórica.

A participação da UPF no Proler – Programa Nacional de Incentivo à Leitura – iniciado em 1992, promovido pela Fundação Biblioteca Nacional/Ministério da Cultura, e com a realização dos módulos Zero, Um e Dois dentre os seminários de leitura no *Campus* Central, em Passo Fundo, propiciou não apenas a reunião de escritores e artistas brasileiros, mas também a presença de um público de mais de 500 professores da região em cada edição. Entre as consequências encontra-se a importante aquisição de obras as mais diversificadas dos autores que aqui estiveram, celebrando a leitura, a literatura, além de produtos de artistas que apresentaram seus trabalhos em CDs, DVDs, recursos para contação de histórias, peças teatrais, shows musicais, espetáculos circenses, vivenciando a ampliação do conceito de leitura. A proposta defendida pelo Proler era a de construir uma política de leitura a partir de grupos locais, distante de gabinetes, pela atuação concreta de mediadores naturais para formar leitores nas famílias, nas escolas, na universidade, em bibliotecas, em museus, em centros culturais. Considerando as vivências pessoais e suas práticas, levando em conta suas

experiências, sua bagagem cultural sempre crescente a serviço do outro, poder-se-iam criar redes poderosas de saber e fazer. O conhecimento em diferentes esferas e níveis seria articulado, o que proporcionaria a “desescolarização” do acesso ao conhecimento e à cultura, a dinamização de acervos, e em gerações subsequentes, o entendimento de muitos de que há muito mais na aprendizagem da leitura e da escrita do que na preocupação em memorizar normas gramaticais e “dicas ortográficas”. Foram significativas as contribuições de Yunes e Pondé (1989) e de Yunes (1984 e 1989). Os livros infantis e juvenis emergentes nesses contextos foram escritos por pessoas que beberam da fonte de Monteiro Lobato, concedendo um novo matiz à literatura infantil e juvenil, ampliando-a na formação de leitores emancipados.

Realizamos, nesse ínterim, em 1982, em conjunto com a Associação de Leitura do Brasil - ABL, com sede na Universidade de Campinas/SP, sob coordenação do professor Ezequiel Theodoro da Silva, em 1982, um Seminário de Leitura e de Escrita que começava a se desenvolver no intervalo da realização do Congresso de Leitura – Cole –, nos anos pares, em diferentes regiões brasileiras. Esse Congresso de Leitura, realizado bianualmente pela Associação de Leitura do Brasil, fundamentou ações de leitura desenvolvidas por diferentes locais no país, estimulando a relação teoria/prática. Incrementaram-se pesquisas, desenvolveram-se publicações e realizaram-se eventos na área, promovendo a formação de leitores. Participaram pesquisadores de importantes universidades do centro do país, divulgando as boas novas da leitura, da leitura literária e as boas práticas de escrita a partir de estudos teóricos. Ampliaram o acervo da Biblioteca Central obras técnicas de autoria de pesquisadores, como Kato (1986 e 1985), Molina (1992), Silva (2001), que apresentaram discussões acerca de questões teóricas sobre a leitura e a escrita, estimulando alunos e professores universitários, bem como professores das redes pública e particular de ensino a aprofundar seus conhecimentos.

Na sequência do envolvimento com programas de leitura, tivemos a oportunidade de receber, em Passo Fundo, o Projeto Encontro Mercado, conduzido pelo jornalista Arakén Távora e, patrocinado pela IBM-Brasil, com sede no Rio de Janeiro. As ações eram realizadas nas capitais brasileiras. Passo Fundo foi incluída para participar do Projeto pelo grande envolvimento de público não apenas na Jornada, mas em Seminários de diferentes naturezas organizados com o intuito de

formar leitores. Vieram a Passo Fundo escritores como Rubem Braga, Ignácio de Loyola Brandão, Márcio de Souza, Oswaldo França Júnior, Fernando Gabeira, Thiago de Melo. Dentre as atividades desse Projeto, os leitores liam, antecipadamente, obras do autor convidado, e, no momento de sua presença e participação em Passo Fundo, apresentava-se um vídeo de vinte minutos sobre o autor e, na sequência, desenvolvia-se um diálogo presencial com o público. Dos vídeos patrocinados pela IBM, há alguns exemplares no Mundo da Leitura integrando o acervo audiovisual. Esses vídeos foram transpostos para outra mídia e se encontram disponíveis em: <www.encontromarcado.net/>.

A participação do Curso de Letras/IFCH/UPF em distintas políticas públicas, programas e projetos de leitura estimulou não apenas o envolvimento com a leitura literária na formação do leitor, mas o desenvolvimento da consciência de que amplia a imaginação, a afetividade, o raciocínio. Desenvolvem-se, simultaneamente, aspectos cognitivos sintonizados com aspectos afetivos. A relação do sujeito leitor com as diferentes formas de pensar, sentir e agir dos personagens permitem-lhe não apenas colocar-se no lugar do outro, mas entender-se a si mesmo.

O destaque ao texto literário precisa ser entendido no contexto da organização de um centro de estudos que tem pretendido tornar-se referência em questões de leitura literária, considerando-a em meio a linguagens artísticas no contexto de manifestações da cultura numa dimensão do impresso ao digital, perspectiva que buscamos desenvolver a seguir.

Criação do Centro de Referência de Literatura e Mídias e práticas leitoras multimídiais/hipermídiais

A sala de leitura do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas teve sua finalidade interrompida como espaço informal de leitura dos alunos e professores das licenciaturas nele abrangidas. Determinações de diferentes grupos diretivos, desconhecedores da importância do fomento à leitura literária entre estudantes universitários, ou mesmo desapontados consigo mesmos por não terem proposto nenhum projeto que fosse

reconhecido por sua importância e por seu alcance em grande escala em escolas de diferentes sistemas de ensino, tomaram a iniciativa de rebaixar a sala de leitura à condição de depósito de livros no período em que nos afastamos para realizar o Curso de Mestrado em Letras - Teoria Literária na PUCRS. Viabilizavam, no entanto, o empréstimo de livros a domicílio para estudantes e professores sem nenhum controle sobre o acervo. Em nosso retorno, conseguimos que fossem liberados estagiários para atender às solicitações de livros como ferramenta de trabalho nas escolas em que atuavam esses alunos-professores. Mais uma vez, quando decidimos continuar os estudos, agora em nível de doutorado, a sala ficou sem o atendimento de estagiários, ficando o acervo atirado às traças. Em nosso retorno, e após enfrentar eleição para o cargo de Vice-Reitora de Pesquisa, Extensão e Assuntos Comunitários e, sendo eleita, assumimos como uma de nossas metas ampliar e aprofundar o trabalho de leitura na UPF, a partir da criação de um Centro de Referência de Literatura e Multimeios, o qual passou a funcionar em espaço contíguo à Biblioteca Central na condição de um laboratório do Curso de Letras. Eram 06 de setembro de 1997.

Desejávamos criar condições para o desenvolvimento de ações de leitura a serem implementadas e/ou observadas por docentes e discentes da área de Letras e demais licenciaturas, nas perspectivas do ensino-pesquisa-extensão, interligadas, também, de forma interdisciplinar. Para tanto, precisávamos constituir uma equipe de natureza interdisciplinar, com a participação de professores, funcionários, estagiários que pudessem conduzir o trabalho como um laboratório, com experiências práticas sustentadas teoricamente. Precisávamos contar com pessoas de diferentes áreas do conhecimento para experimentar o processo de criação de práticas leitoras que pudesse atuar a partir do ponto de vista de distintas áreas. Entre os funcionários contratados, em diferentes momentos, conseguimos contar com representantes das áreas da Educação, Letras, Licenciatura em Matemática, Licenciatura em Estudos Sociais, Comunicação/Radialismo, Comunicação/Arte Dramática, Informática e Educação entre tantas outras ao longo de duas décadas para integrar o núcleo de estudos do Centro. Por que um Centro? Local destinado à reu-

nião e integração de múltiplos acervos literários destinados aos públicos infantil, juvenil e adulto, ao lado de livros técnicos para a formação de professores em atuação nos diferentes sistemas de ensino, histórias em quadrinhos, CDs, DVDs, fitas de vídeo, audiolivros, computadores, distribuídos em diferentes espaços e sacolas para empréstimo de diferentes acervos literários, objetivando viabilizar a interação entre os materiais e o público interessado. Seu foco foi direcionado ao desenvolvimento de ações de leitura estudadas e planejadas previamente em sessões de estudos semanais, para serem implementadas a alunos acompanhados de seus professores desde a escola maternal, passando pela educação infantil, anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, Ensino Médio, Cursos de Licenciatura. O espaço ocupado pelo Centro foi planejado de forma criativa e inovadora pelo Arquiteto Nino Roberto Schleder Machado, projeto este que será apresentado em seção posterior deste livro. Por que um Centro de Referência em Literatura? Pretendemos, desde a proposta de implantação, desenvolver estudos para sustentar as ações a serem desenvolvidas a partir da valorização do texto literário, da leitura literária, portanto, e por seus possíveis resultados na dinamização dos acervos e dos leitores em formação pela leitura literária em profundidade. E multimeios? Desejosos de ampliar o conceito de leitura, ampliou-se o conteúdo a ser compreendido, interpretado e apropriado, realizando uma pesquisa entre as relações do texto com conteúdos veiculados na música, na escultura, na pintura, na arquitetura, nas manifestações de rua como o grafite, na publicidade, veiculados também nos diferentes espaços/ ambientes digitais, numa perspectiva mais contemporânea de utilização dos recursos tecnológicos mais abrangentes e em permanente expansão, promovendo novos modos de ler e de escrever. Site disponível em: <mundodaleitura.upf.br>.

Folder Mundo da Leitura



Por ser uma experiência precursora desencadeada em 1997, pretendeu-se provocadora de mudanças no tratamento da leitura individual e social. Integrantes do Centro – professores do Curso de Letras e monitores – tiveram o cuidado de registrar em diferentes publicações o que se considerava uma prática leitora realizada em seu interior do Centro. Características dessas práticas leitoras foram sendo delineadas inclusive para sua continuidade no contexto das escolas que viabilizavam a visita ao Centro de Referência, que passou a ser chamado de Mundo da Leitura.

Foram desenvolvidas, nas sessões de estudo, perspectivas teóricas e práticas que pudessem garantir a realização de práticas leitoras multimídiais, entrelaçando texto literário, linguagens artísticas, manifestações culturais como um todo, conteúdo digitalizado. As experiências de leitura que foram sendo realizadas nos primeiros anos, foram registradas numa série de publicações intituladas *Práticas Leitoras para uma Cibernavegação*, totalizando sete livros, publicados pela Editora da Universidade de Passo Fundo. Posteriormente, foram e continuam sendo registradas em conjuntos de *Roteiros de práticas leitoras para a escola*, reunindo módulos destinados a públicos diferenciados – Educação

Infantil, 1º e 2º anos, 3º e 4º anos, 5º e 6º anos, 7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior. Princípios utilizados na elaboração das práticas leitoras podem ser inferidos dessas publicações.

Fundamentos teóricos

Etapas precisam ser observadas e fundamentadas no processo de formação de leitores por meio da realização de práticas leitoras multimídiais/hipermídiais que possam alcançar resultados consistentes.

O planejamento da prática leitora – a seleção do tema central das atividades de leitura do ano e de seus respectivos subtemas (título do Roteiro de prática leitora de cada grupo de participantes – Educação Infantil, 1º e 2º, 3º e 4º, 5º e 6º, 7º, 8º e 9º anos, Ensino Médio e Ensino Superior) precisa ser priorizada para que seja, na sequência, escolhido o texto literário básico a ser trabalhado na prática leitora, destinada a um público específico. Não é um trabalho fácil. Pelo contrário, observa-se a instalação de um processo de comunicação diferenciado no grupo encarregado não apenas do planejamento, mas da implementação da prática leitora. Pretende-se atuar com monitores de diferentes áreas do conhecimento, para que possam contribuir com diferenciados pontos de vista. Ao integrar o grupo, cada um deve demonstrar determinada vivência em diferentes culturas. Considerando a diversidade de fontes a serem investigadas para a elaboração da prática leitora, estas se encontram em meio às culturas comunicacionais caracterizadas por Santaella (2007) como a oralidade, a escrita, a impressão, a cultura de massas, a cultura das mídias e a cibercultura (ou cultura digital). Vive-se em meio a um “caldeirão de misturas” na cultura contemporânea. As investigações desenvolvidas pelos monitores e professores assumem, nesta etapa e nas posteriores, amplitude e complexidade pelas peculiaridades das linguagens que possam abranger. “Assim, todas as formas de cultura, desde a cultura oral até a cibercultura hoje coexistem, convivem, sincronizam-se na constituição de uma trama cultural, hiper-complexa e híbrida” (2007, p. 128). As condições dos tempos contemporâneos determinam serem ser observada a pluralidade cultural a fim de

que se compreendam comportamentos de crianças, jovens e adultos que mesclam em seu cotidiano diversas manifestações culturais. Santaella apresenta importante justificativa:

Por isso mesmo hoje vivemos uma verdadeira confraternização geral de todas as formas de cultura, em um caldeirão imenso de misturas: a cultura oral que ainda persiste com força indiscutível, intensificada pela sua integração nos meios audiovisuais, principalmente o cinema e a televisão; a escrita, que se evidencia na multiplicidade das manifestações dos tipos gráficos e do *design*; a cultura impressa, que povoa as bibliotecas e os quiosques com suas profusões de manchetes e capas coloridas, fisingando a atenção de transeuntes apressados; a cultura de massas, que, longe de perder o seu poder, aprendeu a conviver com as suas competidoras, tanto a cultura das mídias, que é a cultura do disponível, quanto a cibercultura, que é a cultura do acesso (2007, p. 128-129).

Na cultura oral, emissores/receptores/emissores-receptores... tinham e têm de dominar, inconfundivelmente, a fala e a eficácia dos gestos corporais. Na escrita, o domínio dos códigos empregados na representação dos sons e em condições específicas de comunicação. Na cultura impressa, o conhecimento da diversidade dos signos que reproduzem e interpretam mensagens de diferentes naturezas. Na mídia, o entendimento de códigos empregados pelo rádio, televisão, cinema, conhecidos como mídias analógicas e o uso da internet como mídia digital acessada em computadores, *laptops*, *smartphones*. Mais do que nunca, estudos desenvolvidos por Santaella contribuem fortemente para o entendimento da linguagem digital “que realiza a proeza de transcodificar quaisquer códigos, linguagens e sinais, sejam estes textos imagens de todos os tipos, gráficos, sons e ruídos, processando-os computacionalmente e devolvendo-os aos nossos sentidos na sua forma original [...]” (2007, p. 293-294). São determinantes na construção de novos comportamentos entre agentes da comunicação como os profissionais que desenvolvem a mediação da leitura. São selecionadas e apresentadas leituras complementares do impresso ao digital. Inicia-se, assim, uma discussão que pretende contemplar, na seleção, temas de interesse de públicos específicos, plenos de contemporaneidade e significação. É um diálogo intenso que se desencadeia entre os integrantes do Centro de Referência. Tal

troca de argumentos e proposições propicia aos mediadores das práticas leitoras imaginarem-se no lugar de representantes dos distintos grupos de alunos e de professores públicos, apresentando hipóteses de questionamentos e de respostas que poderão ser elaboradas no momento de realização da prática leitora. Investigam-se, nesta etapa, linguagens artísticas que tenham relação com o subtema de cada grupo, valorizando o texto literário selecionado. Levantam-se manifestações da cultura que contemplem erudição e vozes das ruas, das comunidades, das periferias, espaços da rede que propiciem o estabelecimento de correlações temáticas, estruturais – *sites, blogs, Youtube, youtubers, booktubers...* O planejamento pode ser modificado após a implementação das atividades, da realização de observações e da consequente avaliação dos efeitos das atividades observados na recepção de alunos e professores participantes da prática.

Assumem, aqui, importância significativa conceitos de leitura em sentido restrito e amplo, de leitor, de literatura, de educação literária, de leitor literário, fundamentais para o desenvolvimento desta primeira etapa. Zilberman (2017) contribui com a reflexão ao declarar: “Leitura é uma prática, o ato de ler, uma ação, e o leitor, um ser humano, de preferência alfabetizado ou, pelo menos, habilitado à decodificação de sinais transmitidos pela escrita” (2017, p. 20). Esses esclarecimentos contribuem para que se diferencie a leitura enquanto decifração do código escrito, da leitura como compreensão, interpretação e apropriação do conteúdo do texto, entendido como uma unidade de sentido. Expressões humanas como celebrações, ritos, imagens fotográficas e filmicas, considerados bens destinados à fruição de diferentes comunidades, ao lado da linguagem escrita já referida e a oralidade, também se constituem como textos. Manifestações artísticas entre as quais a pintura, a ilustração, a escultura, a arquitetura, o teatro, a dança, uma partitura musical, uma canção, um espetáculo de ópera podem ser consideradas textos que propiciam a leitura, a apreciação de sua essência, e a consequente formação de públicos para cada uma delas. Entram nesse contexto produtos de todos os saberes das diferentes comunidades urbanas, periféricas, rurais, diferenciando-se de patrimônio histórico enquanto veiculação arquitetônica e de festas populares, por exemplo, emergen-

tes de grupos locais. Contribui com a reflexão a assertiva sobre a leitura, proferida por Chartier (1999, p. 31):

Aparentemente passiva e submissa, a leitura é, em si, inventiva e criativa. Uma história abrangente da leitura e dos leitores deve, assim, considerar a variação, de acordo com o tempo e o local, das condições de possibilidade e das operações e efeitos de tal invenção e criação. Em nosso mundo, a imaginação do leitor pode mobilizar simultaneamente os diferentes e sucessivos modos de inscrição e transmissão da palavra escrita que herdamos do passado: manuscrito, impresso e comunicação eletrônica.

Relativamente ao leitor, já citado, manifesta-se de diferentes modos em distintas ações de leitura, podendo-se entender a sua diversidade a partir da caracterização elaborada por Santaella (2013). Defende a pesquisadora que devem ser desenvolvidos num mesmo leitor, diferentes tipos de leitores, considerando a variedade de materiais a serem lidos e a diversidade de suportes em que são veiculados os conteúdos, sempre valorizando o livro como suporte, especialmente, do texto literário.

O **leitor contemplativo** se encontra entre os que preferem realizar a leitura individual e silenciosamente, concentrado nessa tarefa, demonstrando um envolvimento de profundidade com o material de leitura. Tradicionalmente, famílias e professores defendiam apenas esse tipo de leitor, entendendo-o como a possibilidade de qualificar diretamente a formação pessoal e profissional de crianças, jovens e adultos:

Esse tipo de leitor tem diante de si objetos e signos duráveis, imóveis, localizáveis, manuseáveis: livros, pinturas, gravuras, mapas, partituras. É o mundo do papel e do tecido da tela. O livro na estante, a imagem exposta, à altura das mãos e do olhar. Uma vez que estão localizados no espaço e duram no tempo, esses signos podem ser contínua e repetidamente revisitados (SANTAELLA, 2013, p. 26).

Defende a pesquisadora que o leitor contemplativo pode ser caracterizado, também, como meditativo, leitor sem urgências e profundamente imaginativo é um "leitor de formas, volumes, massas, interações de forças, movimentos; leitor de direções, traços, cores; leitor de luzes que se acendem e se apagam; leitor cujo organismo mudou de marcha, sincronizando-se à aceleração do mundo" (2013, p. 269).

Observando as restrições dessa caracterização para atender a outros comportamentos leitores e a outros quadros de leitura peculiares a cenários do meio urbano, da sociedade em movimento, propõe a caracterização de **leitor movente**. Como o próprio nome deixa transparecer, é um leitor que se desloca na imensidão da cidade, na multiplicidade de suas circunstâncias, na surpresa provocada por suas inovações:

A modernidade, impulsionada pela explosão demográfica, pela aceleração capitalista e pelo surgimento das metrópoles, corresponde a um novo estágio da história humana em que as coisas se fragmentam sob efeito da velocidade, do transitório, do excessivo e da instabilidade que marcam o psiquismo humano com a exacerbação dos estímulos e a tensão nervosa. [...] Com ela, nasce o leitor fugaz, novidadeiro, de memória curta, mas ágil (2013, p. 272).

A evolução do livro, dos materiais de leitura ao lado do necessário comprometimento do leitor com o espaço e com os cenários nos quais atua e interage com o outro, provocam a instalação de uma complementariedade, segundo Santaella, entre os dois primeiros tipos de leitores. Chama a atenção para a importância que essas características representam num leitor:

[...] O leitor do livro, meditativo, observador ancorado, leitor sem urgências, provido de férteis faculdades imaginativas, aprende assim a conviver com o leitor movente; leitor de formas, volumes massas, interações de forças, movimentos; leitor de direções, traços, cores; leitor de luzes que se acendem e se apagam; leitor cujo organismo mudou de marcha, sincronizando-se à aceleração do mundo (p. 269).

O desenvolvimento do leitor contemplativo se torna mais complexo ao provocar uma movimentação desse mesmo leitor por diferentes espaços onde vive e onde interage com outros interlocutores, construindo olhares cada vez mais críticos e mais sensíveis para o seu entorno.

O surgimento das telas – do cinema, da televisão, do computador... – e de programas variados, potentes, desafia a ocorrência de novos deslumbramentos do leitor considerando não apenas o conteúdo veiculado, as imagens em movimento, mas as mudanças no acesso a cada uma dessas manifestações, demonstrando possibilidades de circulação descomprometidas de linearidade, promovendo uma errância na navegação. É o **leitor imersivo** que passa a se desenvolver. Segundo Santaella,

É imersivo porque, no espaço informacional, perambula e se detém em telas e programas de leituras, num universo de signos evanescentes e eternamente disponíveis. Cognitivamente em estado de prontidão, esse leitor conecta-se entre nós e nexos, seguindo roteiros multilíneares, multissequenciais e labirínticos que ele próprio ajuda a construir ao interagir com os nós que transitam entre textos, imagens, documentação, músicas, vídeo, etc. (2013, p. 261).

A aproximação das telas se deu de forma crescente e cada vez mais intensa, mudando modos de ler, de escrever, de pesquisar, considerando-as não apenas como parte do cenário da casa, da escola, da universidade e do espaço destinado ao trabalho profissional, mas como ferramentas importantes utilizadas nas práticas individuais e sociais que objetivam o desenvolvimento e o consequente aprimoramento de cada pessoa.

A criação e o aperfeiçoamento cada vez mais veloz de equipamentos móveis que permitiram uma movimentação ilimitada a seus usuários, modificaram a relação das pessoas com o processo de aquisição do conhecimento, com a comunicação propriamente dita, passando a utilizarem-se das redes sociais para diferentes finalidades, inclusive, para comunicação. Usos, costumes sociais foram diretamente afetados, diminuindo a comunicação face a face e ampliando-se indefinidamente a comunicação a distância. Promovendo transformações na elaboração e no incremento de metodologias de ensino e de aprendizagem na escola e na universidade. Aumentando o acesso a fontes de informação, de conhecimento, de diversão (*games*), pela possibilidade de se estar em qualquer lugar, a qualquer hora, é uma possibilidade determinante nas mudanças de valores, princípios, de comportamentos em casa e fora dela, na escola e fora de seu contexto, na universidade e mais além do mero regime disciplinar que caracteriza diferentes cursos superiores. São os **leitores ubíquos** que modificam a paisagem interior e exterior, os quais, na convicção de Santaella, têm a seguinte convicção:

Em função da hipermobilidade, tornamo-nos seres ubíquos. Estamos, ao mesmo tempo, em algum lugar e fora dele. Tornamo-nos intermitentemente pessoas presentes-ausentes. Aparelhos móveis nos oferecem a possibilidade de presença perpétua, de perto ou de longe, sempre presença. Somos abordados por qualquer propósito a qualquer hora e podemos estar em contato com outras pessoas quaisquer que sejam suas condições de localização e afazeres no momento, o que nos transmite um sentimento de onipresença. Corpo, mente e vida ubíquas (2013, p. 16).

As inovações providas do uso de equipamentos móveis e a caracterização do comportamento das pessoas em meio à ubiquidade desafiam os interessados a alargar seu conhecimento a respeito desse novo tipo de leitura, de reconhecerem-se como leitor ubíquo e de aproximarem-se de outras materialidades de leitura. A pesquisadora amplia as possibilidades de compreenderem os leitores em geral mais um aspecto da ubiquidade, provocando a ampliação dos perfis cognitivos dos leitores caracterizados anteriormente:

[...] a ubiquidade se refere principalmente a sistemas computacionais de pequeno porte, e até mesmo invisíveis, que se fazem presentes nos ambientes e que podem ser transportados de um lugar a outro. É essa ideia de estar sempre presente em qualquer tempo e lugar que interessa levar para a caracterização do leitor ubíquo, uma nova condição de leitura e cognição que está fadada a trazer enormes desafios para a educação [...] (SANTAELLA, 2013, p. 278).

A expansão do conceito de leitura e de leitor constitui-se num desafio aos educadores: o necessário desenvolvimento concomitante de distintos tipos de leitor num mesmo leitor, na dimensão do impresso ao digital, realizando, portanto, práticas de leitura que integram os ambientes físico e virtual, configurando-se, também, como possibilidades no âmbito de metodologias ativas de aprendizagem.

Ao serem observados, na etapa de planejamento, os aspectos destacados anteriormente, levantam-se hipóteses em relação à continuidade do trabalho, relativamente aos resultados positivos que poderá ter a prática leitora entre professores e alunos. Para tanto, contribui significativamente um processo de divulgação das atividades que possam atrair a atenção de professores em regência de classe nas escolas, estudantes de licenciaturas, professores universitários, interessados na leitura em geral.

Reunião Equipe Mundo da Leitura



Fonte: Gê Casagrande.

O chamamento para a atividade

A divulgação não apenas do espaço do Mundo da Leitura, mas também o destaque à dimensão inovadora das atividades leitoras a que chamamos de práticas leitoras multimídiais/hipermídiais, desenvolvidas em seu interior, poderá despertar o interesse e a curiosidade de públicos diferenciados desde que bem divulgados. Quando surgem notícias sobre o trabalho desenvolvido no Mundo da Leitura, perguntas são levantadas por professores: – Que espaço é esse? Que que tem lá? Na universidade? O que tem para os alunos das escolas? Baseia as leituras em que tipo de livros? Outras, entre alunos de diferentes níveis de escolaridade: É um espaço legal? De leitura? É igual biblioteca????!! Que tipo de livro tem lá? Tem gibi? Tem mangá? Tem computador? Tem fones? Tem filme? E música? Tem que fazer silêncio?

Instaura-se, assim, um diálogo entre professor e aluno e, posteriormente, entre os leitores em formação, os professores e os monitores do Mundo da Leitura, os textos e os personagens. Esse diálogo se amplia e se aprofunda no momento em que os usuários decidem aceitar os desafios da prática leitora para a qual interagem distintos acervos, diversificadas linguagens, diferentes meios. Diante da porta desse espaço, “um labirinto avisa que, ali, a leitura é um constante desafio” (p. 6).

Aspectos práticos, como a delimitação de data para o agendamento da atividade leitora, a comunicação do endereço, horário de início, duração da atividade precisam ser acordados. Atividades de leitura devem ser tratadas com a importância que têm na formação pessoal, profissional, na construção da identidade do leitor, no desenvolvimento da criticidade e da cidadania. São conteúdos e práticas importantes na formação das pessoas e, por isso mesmo, devem ser divulgados de diferentes modos, em meios os mais diversificados. É a vivência do processo de comunicação em que passam a atuar emissor-texto-receptor e vice-versa em diferentes mídias. É um esforço que precisa ser empreendido, observando-se a defesa pelo senso comum: o que merece ser feito, merece ser bem feito e muito bem divulgado. Contemporaneamente, esse tipo de discurso se efetiva pelo uso das mídias sociais.

Escola Pingo de Gente



Colégio Tiradentes da Brigada Militar



A implementação da prática leitora multimídia

Os monitores executam as diferentes etapas do planejamento de uma determinada prática leitora que se refere a um subtema do grande tema anual. Como na maioria das vezes são dois monitores os responsáveis pela dinamização das atividades, enquanto um faz interlocução com o grupo de estudantes e de professores presentes, o outro se encarrega de realizar uma observação mais detalhada sobre o conteúdo de perguntas, respostas, expressões faciais, gestos, atenção, comprometimento com a atividade. O destaque é consignado ao fato de que se propõem, numa mesma atividade, diversos tipos de leitura, vivenciando-se a amplitude em que se constitui a leitura contemporaneamente: contribuir com a formação de diferentes tipos de leitor num mesmo leitor. Momentos diferentes são previstos: a chegada do grupo de alunos acompanhados de professor(es) ao espaço do Mundo da Leitura, passando pelo labirinto; localizados na sala que se chama de Espaço Livre, num diálogo face a face, são informados sobre os ambientes que constituem o Mundo da Leitura – labirinto, espaço livre, arena interna e externa, espaço digital, sacolas circulantes, acervos, reserva técnica, banheiros. Os monitores convidam os visitantes para entrar na arena interna e participar da prática leitora, sempre estimulando-os a ampliar suas curiosidades sobre o que acontecerá nessa proposta de leitura diferente. A parte mais atraente da prática é desenvolvida no espaço da arena interna, momento de mescla de manifestações artísticas e linguagens, de interação entre visitantes e monitores. Acontece o diálogo face a face e constata-se uma variedade discursiva entre distintas manifestações culturais. Alunos e professores são estimulados a retornar ao espaço livre onde podem se aproximar de livros que tratam do mesmo tema da atividade. Enquanto alguns manuseiam os materiais impressos, outros acessam espaços digitais previamente selecionados e que apresentam relação com o subtema da atividade leitora. Se houver interesse entre alguns visitantes, poderão ser realizados empréstimos de livros relacionados com a prática para serem lidos a domicílio. Se alunos e professores ainda não estão registrados no sistema, é o momento de fazê-lo.

Alunos de 3º e 4º anos no espaço livre



Crianças da Educação Infantil interagindo com os livros



Leitores no espaço livre

Turma de Educação Infantil assistindo à contação de história



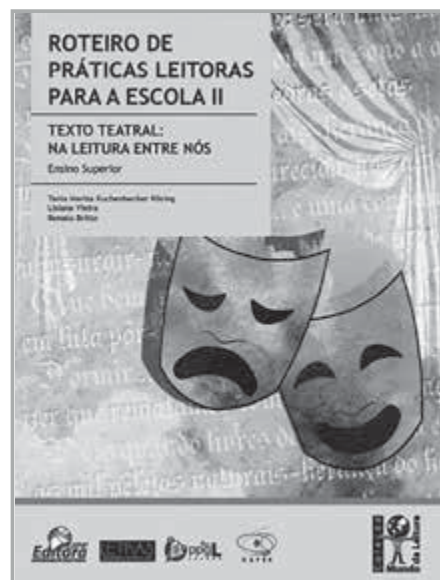
Avaliação

Comentários e apontamentos são feitos no momento posterior à realização da prática leitora, permitindo que se avaliem destaques, dificuldades, reações, sugestões, críticas. É o momento em que se revisam diferentes atividades de uma prática determinada, propondo outras soluções. É o momento em que se efetiva uma discussão entre os integrantes do Mundo da Leitura sobre o diálogo realizado pelos visitantes relativamente ao conteúdo da prática. Posteriormente, em reunião de estudos, são vinculadas revisões a fundamentos de natureza teórica, capazes de esclarecer o conteúdo da avaliação. Quando necessário, são feitas modificações em atividade específica, em função dos dados levantados. Após a fase de avaliação, encaminha-se o conjunto de práticas destinadas a distintos grupos de alunos e professores para publicação.

Práticas Leitoras – 5º e 6º anos



Práticas Leitoras II – Ensino Superior



Práticas Leitoras III – 1º e 2º anos



Práticas Leitoras IV – 1º e 2º anos



Práticas Leitoras V – Educação Infantil



Registros da série *Práticas Leitoras para uma Cibercivilização*

Desde o momento anterior à criação do Centro de Referência de Literatura e Multimeios, desenvolvíamos atividades de leitura expandidas, abrangendo não apenas textos literários, mas linguagens artísticas e manifestações culturais de variada natureza. Não tínhamos conhecimento de textos de natureza acadêmica que fundamentassem essa perspectiva interdisciplinar da leitura.

Na primeira série de livros que elaboramos, intitulada *Práticas Leitoras para uma Cibercivilização – Mundo da Leitura* (1999), de autoria de Ana Carolina Martins da Silva e Tania Mariza Kuchenbecker Rösing, os registros demonstravam três grandes preocupações: com o tempo de duração da atividade de leitura, com a necessária garantia de aproximar cada grupo de estudantes dos diferentes acervos de que dispúnhamos, com o uso dos computadores no reduzido tempo disponibilizado na prática para atender todo o grupo.

Na sequência, em *Práticas Leitoras para uma Cibercivilização II – Mundo da Leitura* (2001), de mesma autoria e no III (2001), de autoria de Rösing, os registros apresentam a concepção de práticas leitoras com abrangência de linguagens variadas e sua estruturação a partir de um tema central.

Aparecem, além das referidas, preocupações com o conceito de leitura e sua expansão do impresso ao digital em *Práticas Leitoras para uma Cibercivilização IV – Mundo da Leitura* (2003), de autoria de Rösing, Weschenfelder e Rettenmaier.

A escolha do tema *Uma Jornada na Galáxia de Gutenberg: da prensa ao e-book*, no ano de 2001, antecipou na Universidade de Passo Fundo e entre os participantes nacionais e internacionais dessa edição da Jornada, discussões sobre o livro e seu futuro em meio aos avanços da tecnologia, prevendo, inclusive, a grande migração de conteúdos de livros impressos para o meio eletrônico. A presença de uma réplica da prensa de Gutenberg, trazida do Museu de Gutenberg em Mainz, Alemanha, com apoio do Instituto Goethe/Porto Alegre e da Embaixada da Alemanha no Brasil, em contraste com um *e-book*, expostos em espaço

do Museu de Artes Visuais Ruth Schneider em Passo Fundo, consolidou a necessidade de ampliação e de aprofundamento de reflexões sobre questões de leitura, materialidades do texto, novas linguagens, inovação tecnológica. Essa constatação ampliou o compromisso dos integrantes do Mundo da Leitura de encarar, em cada prática leitora planejada e implementada,

[...] a realidade do texto e da leitura, vinculados aos múltiplos suportes e aos diversos comportamentos leitores da era da cibercultura. Para tanto, foram propostas dinâmicas diferenciadas, contemplando a pluralidade dos suportes no mesmo caráter de multiplicidade que a leitura adquiriu neste início de terceiro milênio (2003, p. 63).

Já se tratava, nestes registros anteriores à busca de fundamentos teóricos, o texto como unidade de sentido que passa a designar manifestações do teatro, da dança, da música, da arquitetura, da pintura, da escultura, da fotografia, do graffiti, de conteúdos publicitários apresentados em *outdoors*. Assim, a leitura se efetiva como o processo de significação de conteúdos apresentados em diferentes suportes, desencadeado pelo leitor, considerando seu conhecimento prévio, suas experiências vivenciais tanto pessoais quanto profissionais. Faz-se necessário lembrar que, segundo o educador Paulo Freire (1985), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.” (p. 12).

E, na sequência, justificada também pelo posicionamento do educador Paulo Freire, a menção de que a valorização do conhecimento do leitor passa, também, pelos fundamentos sintetizados no contexto da Estética da Recepção, destacados por Aguiar e Bordini (1988):

A atitude de interação tem como pré-condição o fato de que texto e leitor estão mergulhados em horizontes históricos, muitas vezes distintos e defasados que precisam fundir-se para que a comunicação ocorra. São estes os quadros de referências antes aludidos, a que Hans Roberto Jauss chama de horizontes de expectativas, os quais incluem todas as convenções estético-ideológicas que possibilitam a produção/recepção de um texto (1988, p. 84).

Observadas perspectivas diferenciadas, constatamos que a leitura envolve a emissão e a recepção de mensagens. Por isso mesmo, circunda os contextos do emissor e do receptor. Nessa perspectiva, precisamos considerar as circunstâncias da produção do texto pelo autor bem como as circunstâncias de recepção de cada leitor - as vivências pessoais e a bagagem cultural interferem na recepção do texto, situação referida por Zilberman (1989) com a seguinte declaração:

Talvez o mérito principal da estética da recepção resida em que traz embutida essa concepção, procurando extrair dela uma metodologia para conhecer a literatura. Nessa medida parece ter muito para ensinar ao leitor, encarado como o principal elo do processo literário (1989, p. 12).

Amplia sua contribuição a pesquisadora ao apresentar concepções defendidas por Iser, colega de Jauss, na configuração dessa Estética, destacando o papel do leitor no processo de recepção do texto

[...] Wolfgang Iser, colega de Jauss e importante elemento na constituição da constelação teórica da estética da recepção, sugere que o texto possui uma estrutura de apelo. Por causa desta, o leitor converte-se numa peça essencial da obra, que só pode ser compreendida enquanto uma modalidade de comunicação (ZILBERMAN, 1989, p. 15).

O protagonismo do leitor, já evidenciado nos princípios da Estética da Recepção, assume significado maior quando se acrescenta a condição da *obra aberta*, defendida por Eco (1995), onde aparecem entremeadas a intenção do autor, a intenção do texto e a intenção do leitor, concepções defendidas na formação de leitores realizada no Mundo da Leitura:

Se nos últimos tempos o privilégio conferido à iniciativa do leitor (como único critério de definição do texto) adquire excepcionais características de visibilidade, na verdade o debate clássico articulava-se, antes de mais nada, em torno da oposição entre estes dois programas:

- (a) Deve-se buscar no texto aquilo que o autor queria dizer;
- (b) Deve-se buscar no texto aquilo que ele diz, independentemente das intenções do autor (ECO, 1995, p. 6-7).

Considerados esses fundamentos, na sequência das publicações, em *Práticas Leitoras para uma Cibercivilização V – Mundo da Leitura* (2005), organizado por Tania Rösing, a ênfase está no diálogo em que deve se constituir a relação do autor com o texto, do leitor com o texto, e

do leitor, conseqüentemente, com o autor: [...] a leitura passou a ser vista como forma de diálogo entre identidades erigidas fundamentalmente pela linguagem, por textualidades características. (p. 6) O que se destaca é a natureza da linguagem empregada não apenas no texto como enunciação do autor, mas como fator de compreensão, de interpretação e de apropriação do conteúdo pelo leitor que, posteriormente, passa também a anunciar as vozes emergentes de sua voz a outros interlocutores, como um processo de expressão da linguagem e de comunicação. Concretiza-se a polifonia defendida por Bakhtin (1999) no concerto de vozes em que se constituem as falas das personagens de uma narrativa ficcional e a ressonância que provocam nas falas emitidas pelo receptor: “A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão (1999, p. 132). Essa declaração propicia o entendimento da complexidade em que se constitui a aproximação com uma narrativa literária. A compreensão de seu conteúdo, a interpretação dos explícitos, a identificação dos implícitos e a significação dos mesmos, o que determina que consideremos o compromisso com a construção de leitores literários, apreciadores de textos dessa natureza, independentemente do suporte em que sejam apresentados. O desenvolvimento de práticas leitoras a partir de textos literários é compromisso assumido pelos integrantes do Mundo da Leitura sem que os integrantes dos diferentes públicos que se constituem como usuários desse espaço possam imaginar a abrangência e a profundidade desse esforço.

Avançando em nossas propostas, o livro *Práticas Leitoras para uma Cibercivilização VI – Mundo da Leitura* (2007), organizados por Tania Rösing e Miguel Rettenmaier, apresenta, nas páginas iniciais, a força propulsora dessas ações de leitura: “[...] funda-se nessa concepção sempre (re)atualizada de leitura, incorporando-a às práticas culturais dos novos tempos” (p. 7). Essa perspectiva caracteriza a leitura também como uma prática cultural, a leitura cultural determinando a importância da formação do leitor cultural. Essa perspectiva se constitui em uma proposta interdisciplinar a ser adotada no ensino de literatura, na formação de leitores pela abordagem do texto literário. Identificar na leitu-

ra literária aspectos da cultura é uma forma de comparar a arte literária com outras manifestações da cultura. Tais pressupostos estão incluídos no protocolo de um tipo de um ensino que pretende o desenvolvimento da leitura como uma prática social e que pode resgatar a experiência da leitura numa perspectiva interdisciplinar que identifique aproximações e contraposições existentes. O texto literário é portador de um legado cultural e estético que pode ser apreciado pelo leitor capaz de identificar relações de diferentes naturezas nessa complexidade de valores.

Em outro segmento do mesmo livro (VI), é negada a leitura como um processo individualista. É valorizada, isto sim, como um processo socializado para captar o todo da complexidade que representa o trinômio autor-texto-leitor, podendo ser compartilhada no grupo. Considerada, também, como um processo interdisciplinar, multi e transdisciplinar e implementada no contexto de vivências pessoais e profissionais diferenciados do leitor

A prática da leitura é entendida como prática alargada na qual diferentes contextos são considerados à medida que envolvem autor-texto-leitor. Pleno de subjetividade, o ato de ler não pode escapar à intencionalidade do autor explicitada claramente ou de forma lacunar no texto. O texto é defendido como um conjunto de respostas para as quais as perguntas devem ser levantadas pelo leitor, desencadeando um processo reflexivo no qual se compartilham ideias, valores, sentimentos a partir de experiências pessoais.

No último livro da série – *Práticas Leitoras para uma Ciberivilização VII – Mundo da Leitura* (2009), organizado por Rösing e Rettenmaier, o destaque foi concedido à formação de leitores literários, de linguagens artísticas e culturais, apresentados em distintos suportes, o que justifica, também, a escolha do nome Centro de Referência de Literatura e Multimeios.

A troca de monitores nas diferentes equipes interdisciplinares que desenvolveram estudos sobre as práticas leitoras não interferiu na busca do objetivo de realizar práticas leitoras para formar leitores literários, leitores de linguagens artísticas e de manifestações da cultura em diferentes aspectos, muito menos na implementação de práticas leitoras para diferentes públicos por faixa etária e nível de escolaridade. Essa preocupação também abrangia a necessidade de formar públicos para as diferentes

manifestações artísticas. Ampliou-se, portanto, o conceito de leitura, sua complexidade em função das necessidades do leitor mais contemporâneo.

Faz-se necessário destacar, mais uma vez, que, na metodologia desenvolvida no contexto do Mundo da Leitura, após a realização de cada prática, reúnem-se os monitores envolvidos para descrever cada etapa realizada, elaborando, assim, a memória do que foi desenvolvido, registrando as nuances da recepção dos alunos e professores, as dificuldades enfrentadas, as percepções fora das hipóteses previstas no planejamento. São exemplos dessa etapa metodológica memórias registradas na série Práticas Leitoras para uma cibercivilização – volume VII.

Em 2010, realizou-se uma avaliação especial sobre os conteúdos das publicações desenvolvidas a qual determinou um novo desafio aos integrantes do Mundo da Leitura: mudar o conteúdo, a estrutura textual e o formato dos registros das experiências. Optamos pela elaboração de roteiros modulares, destinados aos distintos grupos de usuários do Mundo da Leitura sobre os quais passamos a refletir.

Os apontamentos realizados nos textos constantes da série *Roteiro de Práticas Leitoras para a Escola*

São roteiros (módulos) de práticas leitoras direcionados a públicos específicos – Educação Infantil, 1º e 2º anos, 3º e 4º anos, 5º e 6º anos, 7º, 8º e 9º anos, Ensino Médio e Ensino Superior –, divulgados como a série Roteiro de Práticas Leitoras para a Escola.

- *Roteiros de práticas leitoras para a escola*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2010.
- Educação infantil – *Quem conta encanta*
Autores: Tania M. K. Rösing, Eliana Rodrigues Leite, Mateus Mattiello Nickhorn
- 1º e 2º anos do Ensino Fundamental – *Leitura audiovisual*
Autores: Tania M. K. Rösing, Lisandra Blanck
- 3º e 4º anos do Ensino Fundamental – *Quando os objetos ganham vida*
Autores: Tania M. K. Rösing, Lisiane Vieira
- 1º ao 4º ano do Ensino Fundamental – *Literatura e tecnologia*
Autores: Tania M. K. Rösing, Elisângela de F. F. de Mello

- 5º e 6º anos do Ensino Fundamental – *Linguagem quadrinizada*
Autores: Tania M. K. Rösing, Eliana Teixeira
- 7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental – *Agregar mídias e criar colaborativamente*
Autores: Tania M. K. Rösing, Elisângela de F. F. de Mello
- Ensino Médio – *Miniconto: a literatura em cápsulas*
Autores: Tania M. K. Rösing, Bruno Philippsen

Buscamos inspiração para esse formato nas Guías de Lectura produzidas pela equipe de investigadores do Centro de Estudios de Promoción de la Lectura y Literatura Infantil – CEPLI – da Universidad de Castilla-La Mancha, Cuenca, Espanha, sob a direção do reconhecido pesquisador Pedro Cesar Cerrillo Torremocha. Site disponível em: <http://cepli.uclm.es/>.

A divisão das práticas em distintos roteiros, publicados separadamente, gerou, de imediato, um maior entusiasmo explicitado pelos professores pela vivência de prática específica para um determinado grupo de alunos (Educação Infantil, 1º e 2º anos, 3º e 4º anos...) e pela posterior leitura dessas propostas. Decidiu-se planejar cada prática leitora em dois tempos: primeiro, para ser desenvolvida no espaço do Mundo da Leitura; e, na sequência, com a proposição de um conjunto de atividades para serem realizadas no espaço da escola de origem dos alunos de cada nível, dinamizando as visitas no Centro e ampliando o efeito dessas ações de leitura no retorno à escola.

Entre as **coleções publicadas com os números I a V** nos anos 2010, 2011, 2015, 2016, são enfatizados os seguintes objetivos: formar o leitor literário ao mesmo tempo em que se pretende formar o leitor das linguagens artísticas como a música, a pintura, o teatro, a dança, a escultura, a arquitetura. Demonstrar aos leitores o valor das histórias em quadrinhos, das charges, dos cartuns, do graffiti, ampliando o interesse de diferentes públicos por essas manifestações artístico-culturais. Conscientizar os leitores iniciantes sobre a necessária valorização das manifestações da cultura popular como vozes plurais em meio à complexidade e à diversidade da cultura. Renovar o interesse desses leitores por lendas, fábulas, mitos e pela cultura oral. Identificar os interesses

e necessidades dos novos leitores, suas relações com os computadores, com a web, com a internet, o envolvimento com aplicativos de distintas naturezas, com *games* a partir da aproximação e do uso pleno de equipamentos móveis. Avaliar e implementar novas ações nas práticas leitoras em função das mudanças nos interesses, necessidades e preferências de leitura detectados entre os usuários do Mundo da Leitura.

Na apresentação do Roteiro de práticas leitoras para a escola II (2011), de autoria de Rösing, há uma referência à escassez de tempo – duas horas não são suficientes para a implementação de atividades de leitura e a avaliação da recepção das mesmas. Detecta-se uma heterogeneidade de interesses e de efeitos na recepção em meio à proposta de uma variedade de textos a serem apreciados pelos participantes de cada prática. Não podemos nos esquecer de que a diversidade dos materiais de leitura desperta efeitos diferenciados entre os leitores, entre os leitores em formação. Tais possibilidades precisam ser observadas e registradas para que se transformem em subsídios fortes às mudanças imprescindíveis e, também, desejadas.

Já no Roteiro de práticas leitoras para a escola III – (2015 – ano de publicação. Práticas aplicadas em 2012), há um destaque para o contato dos leitores em formação com uma variedade de textos de natureza literária e de linguagens do impresso ao digital. São textos literários harmonizados com música, ilustrações, pinturas, histórias em quadrinhos, charges, cartuns, sites, aplicativos para *tablets* relacionados ao tema central. Processo de vivência cultural ampla, pode ser mais ou menos profunda, dependendo do conhecimento prévio de cada leitor em formação participante da prática (p. 11).

No conjunto IV – (2016 – ano de publicação. Práticas aplicadas em 2015), e V (2016), destaca-se a interdisciplinaridade e o uso de hipermídias na prática leitora, o que pretende aprimorar o processo de formação leitora dos usuários desse espaço, contribuindo para o seu desenvolvimento cognitivo e a sua sensibilidade. Ratifica-se que não é um trabalho intuitivo: requer reflexão, pesquisa, planejamento, condições de implementação, chamamento do público, execução, avaliação, publicação dos resultados.

Referências

- AGUIAR, Luiz Antonio, *Como se fosse mágica*. Rio de Janeiro: Proler, 1994.
- CERRILLO, Pedro C.; ORTIZ, César Sánchez. Educación y “competência literária”. In: *Literatura em debate*. v. 11, n. 21, julho de 2017. Frederico Westphalen: Editora da URI/FW. p. 6-7.
- CERRILLO, Pedro C. *El lector literário*. México; FCE, 2016
- ECO, Umberto. *Os limites da interpretação*. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- KATO, Mary. *No mundo da escrita*. São Paulo: Ática, 1986.
- KATO, Mary. *O aprendizado da leitura*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *O preço da leitura: leis e números por detrás das letras*. São Paulo: Ática, 2001.
- LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1997.
- LAJOLO, Marisa. *Literatura: leitores e leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Memórias de um leitor amoroso*. Rio de Janeiro: Proler, 1995.
- LUCCI, Maria Luiza de Almeida. *Quando as violetas*. Rio de Janeiro: Casa da Leitura, 1995.
- MINDLIN, José Luís. *Uma história entre livros: reencontros com o tempo*. São Paulo: Edusp, Companhia das Letras, 1997.
- MOLINA, Olga. *Ler para aprender: desenvolvimento de habilidades de estudo*. São Paulo: E.P.U, 1992.
- NÓBREGA, Nanci Gonçalves da. *A caverna, o monstro, o medo*. Rio de Janeiro: Casa da Leitura, 1995.
- QUESNEL, Alain. *A Grécia. Mitos e lendas*. Trad. Ana Maria Machado. São Paulo: Editora Ática, 1996.
- ROITMAN, Ari, *Leitura e interpretação*. Rio de Janeiro: Proler, 1995.
- RÖSING, T. M. K.; AGUIAR, V. T. de. *Jornadas Literárias: o prazer do diálogo entre autores e leitores*. Passo Fundo: Ed. da Universidade de Passo Fundo, 1991.
- SILVA Lilian Lopes Martin da. *Entre leitores: alunos, professores*. São Paulo: Komedi, 2001.
- SILVA, E. T. *O Ato de Ler: bases psicológicas para uma nova pedagogia da leitura*. 5. ed. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1991.
- SOARES, Maria de Lurdes. *Descobertas e encontros*. Rio de Janeiro: Proler, 1994.
- YUNES, Eliana. *A leitura e a formação do leitor: questões culturais e pedagógicas*. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.
- YUNES, Eliana; PONDÉ, Glória. *Leitura e leituras da literatura infantil*. São Paulo: FTD, 1989.
- ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. da. *Literatura e pedagogia: ponto e contraponto*. Porto Alegre: Mercado Aberto 1990.
- ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*. São Paulo: Contexto, 1988.
- ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

O GRANDE DESAFIO – O PROJETO ARQUITETÔNICO DO MUNDO DA LEITURA

Nino Roberto Schleder Machado

Em 1968, quando finalizava o Curso de Arquitetura e Urbanismo na UFRGS, recebi um convite do Arq. Gilberto Morsch para que o substituísse como professor da disciplina de Desenho Técnico e Matemática Aplicada no Curso de Bacharelado em Desenho da Faculdade de Artes da Universidade de Passo Fundo. Ao aceitá-lo, sem saber, iniciava uma das mais ricas experiências de minha vida, como professor inicialmente, e, depois, como arquiteto junto à Universidade de Passo Fundo.

Um pouco mais tarde, em 71 e a convite do Dr. Alcione Niederauer Correa, trabalhei como funcionário efetivo, na função de arquiteto, por um curtíssimo período. Apesar da brevidade do espaço de tempo, estava permanentemente infectado pela febre contagiante que é a vida universitária.

Acompanhei como professor e como profissional liberal estabelecido em Passo Fundo, na condição de espectador, o desenvolvimento do *Campus* do Bairro São José por um período que, na época, pareceu muito longo.

No início de 1982, recebi em meu escritório a visita da amiga e Profa. Jalila Assis Patussi, então Chefe de Gabinete da Reitoria, que vinha na condição de portadora de um convite do Reitor Pe. Alcides Guareschi, para que desenvolvêssemos o projeto arquitetônico da futura Biblioteca Central da Universidade de Passo Fundo. Acertados os detalhes, iniciamos a trabalhar, a Arquiteta Maria Aldina Porto Nobre, minha sócia na firma de arquitetura que até hoje temos – NR Arquitetos, e eu.

Iniciava uma nova caminhada, mais empolgante ainda: o estudo e a concepção da Biblioteca Central seguidos por outros trabalhos similares de diversos prédios e setores dos Campi da Universidade de Passo Fundo, em especial do *Campus* do Bairro São José, atualmente chamado *Campus I*.

A Biblioteca Central

Pérgola de Entrada



Pérgola de entrada 2



Detalhe da pérgola da entrada

Vista interna 1



Vista interna 2



Acesso principal – vista interna

O trabalho que um arquiteto desenvolve é iniciado pelo estabelecimento de uma relação das atividades que serão desenvolvidas no edifício que será construído e por suas características, é o chamado programa arquitetônico de necessidades. As bibliotecas centrais das uni-

versidades ainda eram, de certa forma, uma novidade. A bibliografia era escassa e poucas universidades brasileiras já tinham adotado o sistema. Para que formulássemos esse Programa de Necessidades seria imprescindível que, além de uma revisão bibliográfica, visitássemos outros estabelecimentos similares.

O Reitor Magnífico da UPF, Padre Alcides Guareschi conseguiu com as Embaixadas dos Estados Unidos, França, Itália, Alemanha e Espanha a bibliografia e publicações que dispunham sobre bibliotecas centrais de universidades. A documentação obtida foi de grande valia. Logo em seguida, em maio de 82, visitei as Bibliotecas Centrais da Universidade de Brasília, da PUC e da Universidade Federal de Belo Horizonte, o Centro Cultural de São Paulo, a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e, a mais próxima delas, a da Universidade Federal de Santa Catarina.

Os contatos foram feitos nos mais diversos níveis, com pessoas envolvidas com as bibliotecas visitadas de modos completamente diferentes. Na UNB, por exemplo, fomos recebidos pela Profa. Cybele, Diretora da Biblioteca Central, que nos informou sobre sistemas de empréstimo, acesso livre ou restrito ao acervo, processos técnicos etc. e, também mantivemos contato com o Sr. Francisco Castro Simplicio, zelador do prédio, que nos alertou sobre a grande quantidade de problemas de manutenção que um projeto que descuidasse desse aspecto poderia causar. Citou exemplos, deu conselhos, demonstrou problemas, recomendou processos de segurança e manutenção, enfim, deu-nos uma aula de como deveria funcionar o apoio e os sistemas de instalações de uma Biblioteca Central.

Na Biblioteca Nacional, tivemos uma entrevista com o Prof. Antonio Miranda. Foram inúmeras suas observações. Evite a compartimentação excessiva, adote o acesso livre ao acervo porque roubam menos, cuide da umidade relativa do ar, previna goteiras, fique atento à realidade tecnológica disponível, evite paredes fixas, faça um prédio que admita mudanças frequentes pois bibliotecas são edifícios que crescem e se modificam a todo o momento, cuidem para que Reitoria não “tome” o prédio e muitas outras.

Em Brasília, ainda, fomos recebidos pela Profa. Gilca Alves Wainstein, Diretora Geral do Centro de Desenvolvimento e Apoio Téc-

nico à Educação – Cedate. Mais informações valiosas e a certeza de que teríamos uma assessoria especializada no momento em que estivéssemos com o anteprojeto pronto

Em cada uma das bibliotecas visitadas foram agregados novos conhecimentos e comprovadas as informações que estávamos colhendo.

Na volta, conseguimos iniciar o trabalho. Com uma comissão mista, composta por professores, funcionários que desempenhavam a função de bibliotecários, representante da Reitoria e eu, formulamos as necessidades que o edifício deveria atender. Não poderia ser tão somente um espaço – precisava ter emoção – necessitava ser um LUGAR.

A primeira decisão fundamental para a concepção do edifício foi a adoção do livre acesso ao acervo pelo usuário. Apesar da resistência de muitos dos participantes da comissão acabamos chegando à conclusão de que o livre acesso ao acervo seria a solução mais produtiva. Mais tarde, estenderíamos o procedimento inclusive para os periódicos, contrariando pareceres das mais diversas procedências. Livros, periódicos e todas as demais publicações, impressas ou não, em qualquer suporte - deveriam ser manuseadas. Poderiam ser desgastadas e mesmo danificadas pelo uso impregnado nelas

Em outubro de 83, depois de diversas apresentações à comissão designada pela Reitoria e atendidas às solicitações de reformulações do anteprojeto, consolidamos uma proposta de anteprojeto com uma área total de 4.189,30 m².

Propusemos uma Biblioteca Central aberta, com acesso livre e direto, em um só pavimento. Desejávamos que o prédio fosse informal, alegre, claro e com uma implantação integrada totalmente ao terreno circundante. Embora não adotássemos a mesma tipologia dos prédios já existentes, propusemos uma volumetria que tinha muito a ver com a função do prédio e com o espaço onde estaria inserido e utilizamos diversos elementos e materiais que eram encontrados nas demais edificações do *Campus*. Queríamos uma biblioteca convidativa que recebesse de “braços abertos” a alunos e professores.

Aproveitando uma visita do Prof. Antonio Miranda a Porto Alegre, visitamo-lo e lhe apresentamos nosso trabalho. Depois de longa exposição e de inúmeros questionamentos de sua parte, recomendou-nos que prosseguíssemos sem alterações.

O anteprojeto foi encaminhado ao Cedate em janeiro de 84 e, em 9 de maio de 1984, recebemos a visita do Arq. Cláudio Mafra Mosqueira que veio conhecer nossa realidade e discutir a proposta apresentada conosco e com a Reitoria. Deixou-nos uma cópia de seu trabalho “Roteiro para Projetos de Bibliotecas Universitárias”, apresentado no 3º Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias que acontecera em Natal, de 27 a 4 de março de 1984 e que foi de grande utilidade para a conclusão dos trabalhos de projeto.

Passados pouco mais de 6 meses, recebemos o parecer oficial do Cedate, datado de 21 de novembro de 1984 e emitido pelo Arq. Cláudio M. Mosqueira. Foram diversas as recomendações de modificações: implantação imediata de corpo técnico específico composto de “pelo menos 6 bibliotecários e 10 auxiliares, devidamente treinados”; ampliação e modificação de diversos setores técnicos; destaque para o setor de guarda-volumes; implantação de arquivos de microformas, microfilmagem e de cabines para audição e projeção; implantação do setor de informática; aumento do número de cabines de estudo individuais e, para nosso espanto, que fosse reconsiderada a decisão de adotar livre acesso aos periódicos. Contudo, a recomendação mais importante e traumática foi a de redução da área construída em 1.000 m². Passado esse período de tempo até hoje, percebe-se que a decisão da diminuição foi equivocada.

Acesso biblioteca 1



Acesso biblioteca 2



O projeto foi reformulado atendendo a quase todas as recomendações recebidas e em 10/01/85 foi encaminhado novo anteprojeto ao Cedate com as modificações recomendadas e com área total construída de 3.076,72 m². Assim, habilitávamo-nos a um financiamento para a construção da Biblioteca Central pelo MEC.

Foram muitas as apresentações do projeto. Para Ministros, Secretários de Ministérios, Deputados Federais e Estaduais, Prefeitos que se sucederam e a qualquer autoridade que, de uma ou outra forma, pudesse interferir a favor da UPF para que fosse viabilizada a Biblioteca. Finalmente, na gestão do Dr. Carlos Chiarelli como Ministro da Educação, a Universidade obteve um empréstimo, embora parcial, que possibilitou que, no fim de novembro de 1991, iniciássemos a construção da primeira etapa do edifício para a Biblioteca Central da Universidade de Passo Fundo, com a área de 1.530,00 m². Esta primeira parte da Biblioteca foi inaugurada em início de 93 e foi um acontecimento e uma conquista marcantes na vida da UPF.

Continuamos assessorando a Reitoria na busca de novos recursos. Muitas novas apresentações, novas atualizações de orçamentos, novos pedidos e, finalmente, em 97, já com o apoio do BNDES, no mês de abril, foi concluída a segunda parte. Passaram-se 14 anos entre o início do processo e a data da inauguração do edifício completo. Em setembro do mesmo ano foi inaugurado o, hoje denominado, “Mundo da Leitura”.

Estava concluída a Biblioteca Central.

Estava?

Não! Aprendemos que a Biblioteca Central nunca estará pronta. Mudam os procedimentos, novas mídias aparecem, os bibliotecários se transformaram em verdadeiros “engenheiros da informação” e deixaram de ser ciumentos guardiões de livros, as práticas se tornaram agressivas, os espaços se transformam e crescem, encolhem ou desaparecem.

O livro mudou enquanto objeto. Os prédios das bibliotecas mudaram enquanto espaço operacional. O papel da leitura na sociedade informatizada foi revalorizado. (Santana, Afonso Romano de – Bibliotecas Desnível Social e o desafio do Século XXI, Biblioteca Nacional, Rio, 1996).

Assim como as Bibliotecas, outros edifícios destinados à educação e a difusão do conhecimento, permanecem em constante evolução funcional para que atendam às exigências constantes de novas proposições

ou formas de ensino e comunicação, exigindo a manutenção e a renovação permanentes de sua planta e equipamentos.

Ainda mais importante é o exercício permanente das imperiosas mudanças em busca de atualização que temos que manter para estarmos, dirigentes, professores, alunos e funcionários de uma universidade, à altura dos desafios educacionais de nosso tempo.

Controle de entrada e saída



Empréstimo



Seria importantíssima a reserva de um espaço especificamente destinado à Biblioteca Infantil - embora sem nome oficial ainda.

O Mundo da Leitura estava nascendo

O grande desafio

A Profa. Dra. Tania Mariza Kuchembecker Rösing foi encarregada da implantação e da operacionalização da Biblioteca Infantil e trouxe o desafio: um espaço multifuncional, que inspirasse o seu pequeno leitor – ou melhor, seu pequeno frequentador, a participar de múltiplas maneiras e formas. Esse público-alvo deveria ser instigado de muitas formas, de todos os jeitos imagináveis, já usuais ou não, a ler o mundo, independentemente dos suportes de apoio das informações.

“Tem que ser diferente, provocador, amigável, acolhedor, dinâmico, tranquilo, alegre, movimentado, versátil [...]” e... eu Deus! Só mesmo a Tania para imaginar algo assim e pensar que alguém poderia atender de pronto a seus desejos!

Estudos mil, centenas de croquis em quaisquer papéis disponíveis – de guardanapos de bar, toalhas de papel de churrascarias, forro americano de mesas de lancherias, papéis de embrulhar pão – o que aguentasse um traço...valia e servia! ... e que provoque a imaginação, desenvolva a criatividade, avive memórias e dê-lhe riscos e muito grafite.

Depois de tempo, de vários “está pronto e posso ver?” chegou o dia em que resolvi mostrar para aliviar a pressão. Eu, querendo fazer o “paraíso de Borges” (sem a conotação de seu castigo), caber dentro daqueles poucos metros quadrados disponíveis.

Quando se lê, a imaginação é solta porque não tem imagem ainda! Quando alguém não tem cara definida, pode ter qualquer uma. Enquanto a cor do céu não estiver escolhida na paleta, qualquer tom, de azul ou não, poderá ser o escolhido! Há céus de todas as cores! Lendo, o dono da figura é o leitor. Ao autor pertence somente o roteiro básico

O enredo narrado na história contada toma o sentido e adquire a força do contador de histórias...

Labirinto Mundo 1



Labirinto Mundo 2



Arenas 1



Arena 2



Nos jogos, eletrônicos ou não, o final da conversa vai variar conforme o desenrolar permitido pela habilidade do jogador. Será tão mais longínquo quanto maior for sua habilidade e mais profundo o seu conhecimento prévio do conjunto pretensamente narrado.

As cores tomam os matizes e os personagens adquirem feições conforme o desenhista dos quadrinhos os sentem e imaginam. Nos filmes, as imagens sucessivamente projetadas foram formatadas por quem as imaginou preliminarmente e as encheu de conteúdos ao seu bel prazer.

E daí? Qual o espaço que se transformará no LUGAR adequado para que tudo isso aconteça e onde permaneça aberta a imaginação de quem o frequenta?

Vista geral Mundo da Leitura



Computadores Mundo da Leitura



E... para crianças?!

Relendo o que escrevi em 1999 para a apresentação do livro “Do Livro ao CD ROM – Novas Navegações” sou impelido a usar parte do mesmo texto:

“É assim: quando a Vida nos comunica que seremos pai ou mãe, carregamos-nos de expectativas de como será a criatura que estamos gerando e aguardando. Transferimos a ela todos os nossos anseios, nossas aspirações. Imputamos-lhes comportamentos e sabedorias que não sabemos se serão desejados. Esperamos que suas realizações e seu sucesso sejam os nossos. Que sua felicidade seja medida e avaliada pelo próprio sistema que nós adotamos.

Contudo, filho nenhum assume as nossas vontades. Seguem suas próprias vidas. Arranjam amigos, novos tutores, outras coordenadas, promoções diferentes e influências diversas. E no fluir de seus destinos pelos vãos de nossas mãos, formam-se e desenvolvem um viver com outras cores, com outros matizes, com outros querereres. Novas vidas. Quase sempre, mais ricas, diversificadas, inesperadas, sábias a seu próprio jeito e, a seu modo, mais felizes.

Sendo arquiteto, a concepção de um espaço é, também, carregada de expectativas. O lugar gerado vem cheio de ilusões. Sonhamos com um cenário para ocorrências das vidas das pessoas. Imaginamos coisas, pensamos detalhes, contornamos linhas, vemos luzes, pensamos fatos, supomos ações. A vida no espaço que criamos, contudo, não permanece sob nosso controle. Foge pelos vãos de entre os dedos. Escapa de nossa tutela. Segue seu próprio destino.

No Mundo da Leitura tem sido assim. O espaço criado fugiu de casa. Roubou seu destino. Está fazendo sua trajetória. Caiu na vida ou, melhor, subiu na vida.

Espaço livre



Sob a tutela de uma equipe laboriosa e competente, liderada pela prodigiosa e fantástica Tania Rösing, esse bom filho prodígio tem se transformado em criança prodígio e mostrado a que veio.

No mesmo espaço, pode-se perceber a evolução da transmissão do conhecimento e da comunicação desde a oral, passando pela escrita já usando o livro impresso – tão recente quando se vê toda a história da humanidade, pelo vídeo até o hipertexto. Livros que permitem que seus

leitores deem a seus personagens formas e rostos que escolherem, soltos no seu imaginário de infinitas possibilidades – à luz de sua própria subjetividade, exigindo a participação e a contribuição do leitor, instigado pela obra do autor. Vídeos que apresentam fatos interpretados, por vezes com personagens já construídos e modelados. É como se cerceassem, ou pelo menos diminuíssem, a possibilidade do imaginário de seu usuário.

Histórias apresentadas por contadores, vídeos, livros, clips, gibis, Internet – têm sido oferecidas, monitoradamente por vezes, aos frequentadores/ouvintes/espectadores/leitores/usuários do Mundo da Leitura. Promotores e professores com treinamentos e especializações adequadas, computadores com *softwares* amigáveis – todos e tudo permitindo o tentar fazer, o errar, o tentar de novo e o aprender. Sem críticas. Construtivamente.

Então, ele/a entra no lugar, ouve a narrativa do contador de histórias com seu linguajar interpretativo, seu sapatear, sua gritaria, seu riso de bruxa e seu rosnar de lobo mau ou seu rugido de rei-leão. Tudo elaborado pela mente privilegiada de quem conta.

Vistas gerais do Mundo da Leitura



Vistas gerais do Mundo da Leitura



E, sobe pela escada de “pé certo” até um outro mundo. Agora virtual, mais de faz-de-conta que nunca, cai num mundo que não existe, mas está ali no monitor de um computador. Os fatos se sucedem, as pessoas e os monstros têm rostos e expressões e, quase, sentimentos próprios. Nossa! Poderia ser – ou é assim?

Joga-se escorregador abaixo num precipício que finda numa aterrisagem almofadada de um entorno cheio de livretos e revistas desenhados – em quadrinhos! Agora estáticos, fixos, coloridos ou em preto e branco, mas com movimentos que os traços sugerem e a mente acelera ou detém. O leitor é o dono do movimento, da expressão, da dor ou da alegria, do choro ou do riso.

Escorregador – Jogam-se escorregador abaixo



Depois dessa aventura toda de ouvinte, coadjuvante virtual, observador de figuras, já com imagens formadas e modificadas pela sucessão de informações – cai numa outra esfera: no livro de leitura pura. Ali só não é proprietário do roteiro básico. O restante todo é seu, de sua imaginação. É o poder irrestrito do livro, a inexorabilidade do que está feito diante do que pode ser modificado à luz do conhecimento do leitor.

Conhecimento do Leitor



Conhecimento do leitor



Tudo poderá ser modificado à luz do conhecimento do leitor

O Mundo da Leitura virou nisso!

Em um mundo mágico onde tudo é viável, onde tudo acontece.

O Mundo da Leitura é um paraíso, é um labirinto onde qualquer um se perde e de onde sai seguindo o cordão do conhecimento acumulado a cada visita.

ACERVOS, EMPRÉSTIMOS, SACOLAS CIRCULANTES

Lisandra Blanck

William Dahmer Silva Rodrigues

O acervo literário existente no Mundo da Leitura tem sido disponibilizado para quatro grandes grupos de usuários: a) estudantes de diferentes níveis e sistemas de ensino que buscam realizar determinadas leituras no espaço do Centro de Referência (consulta local); b) estudantes e professores da Educação Infantil a cursos superiores que participam de práticas leitoras, podendo manusear as obras indicadas e disponibilizadas no Espaço Livre do Centro; c) professores com regência de classe em escolas públicas e particulares que não possuem acervos literários variados para as práticas leitoras de sala de aula, utilizando-se do serviço de sacolas circulantes; d) professores e estudantes universitários que solicitam como empréstimo domiciliar obras literárias indicadas em projetos de leitura específicos.

Empréstimo de Sacolas Circulantes



O primeiro acervo literário foi constituído por exemplares de livros disponibilizados nas quatro etapas de distribuição, promovidas pelo Programa Nacional Salas de Leitura (PNSL), no contexto das ações da Fundação de Assistência ao Estudante (FAE/MEC), registradas em Rösing et al. (1989, p. 29-35).

O acervo consiste de livros de literatura infantil e juvenil. De acordo com Zilberman (2005), a literatura infantil surge após as transcrições dos contos de fadas – que, até então, eram destinados a um público adulto – realizadas pelos renomados escritores Charles Perrault (1628-1703) e Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859) Grimm, como João e Maria, Cinderela, Chapeuzinho Vermelho, visando ao público infantil. Mais especificamente no Brasil, a literatura infantil, baseada nos ideais europeus – principalmente portugueses –, teve como pioneiros Carl Jansen (1823 ou 1829-1889, de acordo com Zilberman), que traduziu obras clássicas, como *Robinson Crusóé* (1885), *Viagens de Gulliver* (1888) e Figueiredo Pimentel (1869-1914), autor cuja obra intitula-se *Contos da Carochinha* (1894), a qual resgata histórias de fadas europeias. Depois, Olavo Bilac (1865-1918) foi “um dos autores mais difundidos [...] cujas poesias foram recitadas e memorizadas por várias gerações” (ZILBERMAN, 2005, p. 18).

Além desses escritores, Monteiro Lobato volta-se também ao público infantil, com a publicação de *A menina do Narizinho Arrebitado*, em 1921, a qual mudou de nome após a agregação de outros episódios, como “O Marquês de Rabicó”, “O Irmão de Pinóquio”, recebendo o título de *Reinações de Narizinho*, em 1931. O diferencial de Monteiro Lobato, segundo Zilberman (2005), está no fato de que o comportamento de seus personagens, independente da história em que estão, é inalterável: no Sítio do Pica-Pau Amarelo ninguém envelhece. Mais: se alguém realiza alguma aventura fora do Sítio, a personalidade de tal personagem não muda. Sabe-se, também, que a literatura infantil define-se pelo seu destinatário, a criança.

Semelhante à infantil, a literatura juvenil, segundo Nelly Novaes Coelho, surge e desenvolve-se “*sob a tutela da escola*” (COELHO, 1995, 22, grifos do autor). Desse modo, com fins pedagógicos, no início foi utilizada como forma de moralizar os indivíduos com valores e princípios. Após um tempo, a literatura juvenil buscou, de fato, atender aos interesses dos adolescentes. Os temas mais procurados pelos jovens, de acordo

com pesquisas de Leahy-Dios (2005), são desde conhecimento do próprio corpo, relações sociais, amorosas, sexuais, dificuldades familiares, até abuso sexual, diferentes tipos de preconceito, problemas políticos.

Na tentativa de possibilitar o contato com textos de qualidade, como as obras de Monteiro Lobato, o acervo literário está a serviço das preferências de crianças e jovens leitores, entendidos como leitores literários em formação. Nesse sentido, compreende-se que, ao formar o leitor, o processo de leitura não deve ser concebido como

[...] o resultado satisfatório do processo de alfabetização e decodificação de matérias escrita, mas como atividade propiciadora de uma experiência única com o texto literário. A literatura se associa então à leitura, do que advém a validade dessa (ZILBERMAN, 1990, p. 18).

A literatura, dessa forma, decorre de uma atividade verbal, da linguagem verbal. Assim, ao ler o livro literário, há a possibilidade de se estabelecer relações com outros textos, discutir a respeito do que foi lido, alcançar o outro. Zilberman (1990) revela que a literatura concede ao indivíduo posicionamento intelectual e aciona a sua fantasia. A leitura, portanto, suscita o diálogo, a troca de experiência, embora seja em princípio solitária. Além disso, Rösing (2009), ao discorrer a respeito do interesse do jovem leitor, aponta que a literatura possibilita a reflexão acerca de questões que envolvem a sociedade e que o leitor torna-se um cidadão mais crítico, capaz de transformar o seu entorno. Isso acontece pelo fato de que, como ressaltam Aguiar e Bordini (1988, p. 86), “a literatura não se esgota no texto”, pois é por meio da leitura que o texto se completa: apenas numa relação de diálogo – entre texto e leitor – é possível perceber os variados sentidos, os quais ativam os conhecimentos de mundo do leitor.

Antonio Candido, crítico literário renomado, ao defender a literatura como um direito de todo ser humano, revela que, em sentido amplo, a literatura envolve

[...] todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (2004, p. 174).

Por isso, percebe-se a importância de haver um intercâmbio entre jovens leitores e as obras, ou seja, é preciso que haja uma mediação. Para que o livro impresso chegue ao leitor, é preciso criar uma forma de aproximá-los de leituras instigantes, provocativas. Nesse aspecto, os monitores do Mundo da Leitura são mediadores de leitura no momento em que indicam uma obra literária interessante, seja ela pertencente ao cânone, avalizado pela crítica, ou contemporânea, brasileira ou estrangeira, em diferentes gêneros, desvinculada de avaliações acadêmicas.

Os múltiplos acervos no espaço possibilitam o contato com diferentes linguagens e mídias. A seguir, pode-se visualizar, em números, os acervos disponíveis no Mundo da Leitura:

Acervo Mundo da Leitura

Acervo	No de títulos/ exemplares
Livros - títulos	11.509
- exemplares	23.445
Revistas Recreio	232
Histórias em quadrinhos	1 026
CDs	501
CD-ROM	26
Fitas de vídeo	76
Audiolivro	44
Conjunto de slides	11
Sacolas com livros	30
DVDs	387

Fonte: CRLM. PERGAMUM - Sistema Integrado de Bibliotecas – Relatório de levantamento bibliográfico por autor.

Essa quantidade de títulos de livros necessita de uma organização adequada para que cada qual seja localizado de uma forma rápida e fácil, desvinculada de burocratização, distinguindo-se do protocolo empregado em bibliotecas. Para tanto, foram utilizadas as concepções providas de Schercher, Neves e Bitencourt (1993), autoras da obra *Ativando a biblioteca escolar*, cujo objetivo é orientar o indivíduo sem formação específica na área de Biblioteconomia no que diz respeito à organização de acervos – podendo ser um professor, uma secretária –, a fim de aproximar e melhorar a relação entre usuário e materiais de leitura.

Nesse sentido, os acervos, sobretudo os de cunho literário, foram organizados entre estantes distintas de literatura infanto-juvenil e

juvenil. De um lado, tem-se as estantes de literatura infanto-juvenil, identificadas com uma etiqueta amarela; de outro, estantes de literatura juvenil, com etiquetas laranjas. As duas estantes estão organizadas por títulos, distribuído em ordem alfabética, com exceção de títulos que iniciam com artigo definido ou indefinido – por exemplo, o livro *O amor* estará localizado na estante A.

Ainda em relação à mediação, os monitores do Mundo da Leitura têm ciência de que o livro impresso é um material de consumo, considerado também como objeto cultural, e alguns, pela riqueza dos recursos gráficos, são também considerados objeto artístico. Dessa forma, o material impresso é consumido, num primeiro momento, por sua originalidade editorial, seja pela da arte capa, autor, história, tema. Durante esse processo, é importante ter a dimensão de que há uma grande quantidade de editoras, responsáveis pela produção e impressão de livros, que interferem não apenas na sua qualidade gráfica, mas também no seu conteúdo, dinâmica esta apresentada por Chartier, na obra *A mão do autor e a mente do editor* (2014).

Desde a sua criação, o Centro de Referência disponibiliza parte do acervo de livros literários em sacolas para o uso de professores em regência de classe, cujas escolas necessitavam e necessitam desses materiais. O primeiro critério de organização de sacolas constituiu-se do uso das cores azul, vermelha, verde, amarela e lilás. Cada cor estava dividida em cinco módulos (sacolas), numeradas de 1 a 5. As unidades continham 20 títulos selecionados por faixa-etária/nível de escolaridade, e cada cor, portanto, disponibilizava de 100 títulos, totalizando 500 títulos. Essas informações estão registradas no livro *Programa salas de leitura: um desafio à escola brasileira*, organizado por Rösing et al. (1989).

O segundo critério foi mais amplo, com a confecção de sacolas em cor cinza claro, sendo observadas as indicações constantes da obra *Como incentivar o hábito pela leitura*, de Bamberger (1995) sobre os interesses de leitura entre crianças – o que lhes satisfaz na leitura do texto impresso, o distanciamento do real, pela circulação na fantasia, no sonho, a originalidade no tratamento do tema, provocando um olhar mais crítico sobre o mundo. Foram seguidas, também, as orientações de Aguiar (1979), resultantes da pesquisa de campo realizada com 400 estudantes de escolas públicas estaduais de 4^a a 8^a séries do 1^o grau, em Porto Alegre. As características de leitura assinaladas foram: o meio de

comunicação, o tipo, o gênero, o assunto, a estrutura, o tempo e o espaço da narrativa, entre outros.

A grande preocupação dos professores e monitores do Mundo da Leitura é facilitar a aproximação dos distintos públicos dos materiais de que se dispõe para consulta e empréstimo.

Desde o seu surgimento, o Centro de Referência emprestou 136.666 exemplares a domicílio, 3.265 sacolas circulantes, contendo 104.529 exemplares. Além disso, o Mundo da Leitura recebeu 61.962 alunos, durante as visitas agendadas para participação em Práticas Leitoras, e 31.128 pessoas da comunidade, totalizando 93.090.

Recepção dos leitores

Em consonância com o pensamento de Antonio Candido (2004), a literatura tem um papel humanizador e, além disso, apresenta três aspectos, quanto à sua função: a obra literária tem uma construção autônoma, tanto em relação à sua estrutura quanto ao seu significado; manifesta um ponto de vista, de indivíduos ou grupos, em relação ao mundo; pode transferir conhecimento, gerar um aprendizado. Dessa forma, o leitor, consciente ou inconscientemente, procura a obra literária por esses motivos citados, uma vez que a literariedade se dá pela forma de expressão, a qual, segundo o crítico, é o ponto crucial do fazer literário.

Depoimentos de jovens leitores, acadêmicos de licenciaturas e bacharelados, comunidade em geral, professores e funcionários, apresentados oralmente, e alguns por escrito, revelam procurar o acervo do Mundo da Leitura por diversos motivos: grande quantidade de títulos; diversidade de gêneros presentes no espaço; fuga da realidade, forma de distração; indicação de amigos ou professores; busca pelo conhecimento; a partir da participação em Práticas Leitoras e em seminários, como o Livro do Mês, ambiente diferenciado, acolhedor.

O empréstimo dos livros no espaço do Mundo da Leitura é realizado pelos monitores no período de funcionamento, nos três turnos do dia – manhã, tarde e noite, de segunda à sexta e sábado pela manhã. O leitor tem o direito de permanecer com o livro durante pelo menos uma semana. Caso haja necessidade, a renovação pode ser feita pessoalmente, pela internet ou até mesmo pelo telefone. No momento da devolução, o leitor pode ou não relatar as suas impressões acerca do que foi lido. Muitas

vezes, as impressões e o relatos provêm de questionamentos dos monitores do espaço, os quais podem instigar, por meio de perguntas, breves relatos da experiência estética causada pelo livro literário selecionado.

A ampliação do número de visitas que chegam pela primeira vez ou que retornam ao espaço do Mundo da Leitura é indicativo do ambiente agradável construído por seus acervos e pela atuação de seus monitores, totalmente distinta dos profissionais que atuam em bibliotecas.

Referências

AGUIAR, V. T. *Que livro indicar: interesses do leitor jovem*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

BAMBERGER, R. *Como incentivar o hábito pela leitura*. São Paulo: Ática, 1995.

BORDINI, M. G.; AGUIAR, V. T. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: Unesp, 2014.

COELHO, N. N. *Dicionário crítico de literatura infantil e juvenil brasileira: séculos XIX e XX*. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

RÖSING, T. M. K. Do currículo por disciplina à era da educação-cultura-tecnologia sintonizadas: processo de formação de mediadores de leitura. In: SANTOS, Fabiano dos; MARQUES NETO, José Castilho, RÖSING, Tania M. K. (Orgs.). *Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores*. São Paulo: Global, 2009.

RÖSING, T. M. K. (Org.) et al. *Programa Salas de Leitura: um desafio à escola brasileira? Relato de experiência*. Passo Fundo: Ed. Gráfica UPF, 1989.

SIMÃO, M. A. R.; SCHERCHER, E. K.; NEVES, I. C. *Ativando a biblioteca escolar*. Porto Alegre: Sagra, 1993.

ZILBERMAN, R. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. *Literatura e pedagogia: ponto e contraponto*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

PARTE II

AÇÕES DESENVOLVIDAS

O livro exerce uma atração multiforme, que vai muito além da leitura, embora este seja um ponto de partida fundamental. Em primeiro lugar, existe sempre a ilusão de que se vai conseguir ler mais do que na realidade se consegue. Depois vem o desejo de ter à mão o maior número possível de obras de um autor de quem se gosta – já é o começo de uma coleção.

José Mindlin

– *Uma vida entre livros: reencontros com o tempo*

CONTADORES DE HISTÓRIAS E A ARTE DE ENCANTAR

Eliana Rodrigues Leite

Mônica Lubian Tomazoni

Paula Rios da Cunha

Contar histórias é uma tradição milenar que transpõe os limites do livro por ser inerente às manifestações da oralidade humana. A fala muito antes da escrita, consolidou primordialmente os indivíduos enquanto integrantes de um universo social, na medida em que foi propagando as narrativas de geração em geração. A arte nesse sentido, de maneira complementar à compreensão de mundo, estimula, por meio da ludicidade, seus apreciadores a apropriarem-se das mais variadas experiências. Desse modo, a literatura difundiu-se como suporte fundamental para a contação de histórias, tornando-se base para a análise do comportamento humano. Por intermédio das narrativas, os indivíduos têm a oportunidade de transitar no universo da fantasia, na pele de heróis e vilões, seres míticos ou animais, e vivenciar experiências jamais possíveis na realidade palpável, ampliando seu repertório cultural e seus conhecimentos em geral.

Os chamados contos maravilhosos preservam sabedorias eternas e fazem o leitor imergir em outras vivências que promovem a reflexão acerca dos valores humanos essenciais, atemporais, que enobrecem a natureza do homem e para os quais sempre haverá espaço entre as distintas gerações. Apresentam, assim, heróis exemplares, honrados e dignos de respeito e admiração, com personalidades cativantes e espírito forte. Transpõem barreiras e possuem alta capacidade de superar seus medos, limitações e fracassos. São personagens inspiradoras com características desejáveis a qualquer cidadão de bem, que conquistam seus objetivos honestamente, com bravura e perseverança, o que transforma a percepção de vida do espectador.

No momento em que se ouve uma história, é imediata a mudança de estado: é quase impossível para um ouvinte atento não se envolver com o enredo, os dramas e as vitórias das personagens. O processo é natural e metamórfico. Quem participa alterna o papel ora com o protagonista, com os coadjuvantes, com o contador. A imaginação não impõe limites e dessas passagens o espectador nunca sairá o mesmo. Por esse motivo, o ato de contar histórias jamais poderá ser superado. A socialização do conto fantástico, do maravilhoso, torna-se ainda mais impactante visto ser no deleite desse instante compartilhado, quando o sujeito percebe a sensibilização mútua do contador, dele próprio e dos demais envolvidos, que se cria uma atmosfera propícia para o agradável contágio. A história ganha força, energia e emoções as quais uma leitura solitária e silenciosa certamente não provocaria o mesmo efeito. As reações dos outros espectadores, as feições do contador, o tom de surpresa e expectativa estabelecida naquele momento, os comentários e percepções alheias, tratam-se de um diferencial, uma outra experiência, tanto para o leitor tradicional, quanto para aqueles que estão entrando em contato com a leitura mais recentemente.

Refletindo a pertinência do contar histórias sob uma perspectiva atual, vivemos um processo de constantes transformações, sobretudo devido ao acelerado ritmo de vida e aos avanços tecnológicos. A informação transita livremente tanto no espaço físico, nas conversas presenciais das relações cotidianas, quanto nos espaços virtuais, nas listas de contatos ilimitados com os quais interagimos o tempo todo, nessa nova configuração comunicativa que se estabeleceu por meio das redes sociais na internet. O uso de *tablets*, *notebooks* e celulares, a televisão e o acesso facilitado a canais fechados, a internet *Wifi* circulando sem barreiras nos mais variados locais, tudo isso culminou em uma necessidade de inovar no sentido de adequar-se a uma nova era e uma nova geração de leitor, o chamado leitor ubíquo. De acordo com Lúcia Santaella, esse é um moderno perfil de leitor que surge com a contemporaneidade, em um cenário no qual o sujeito é instigado a desenvolver uma capacidade interpretativa amplamente difundida no conceito de que

[...] Imagens também são lidas. Mais do que isso, [...] fora e além do livro, há uma multiplicidade de tipos de leitores, multiplicidade, que vem aumentando historicamente. Além do leitor da imagem, no desenho, pintura, gravura, fotografia, há também o leitor do jornal, revistas. Há ainda o leitor de gráficos, mapas, sistemas de notações. Há o leitor da cidade, leitor da miríade de signos, símbolos e sinais em que se converteu a cidade moderna, a floresta de signos de que já falava Baudelaire. Esse leitor só pode se movimentar no ambiente urbano das grandes metrópoles porque lê os sinais de trânsito, as luzes dos semáforos, as placas de orientação, os nomes das ruas, as placas dos estabelecimentos comerciais etc. Como se não bastasse, há ainda o leitor-espectador da imagem em movimento, no cinema, televisão e vídeo. A essa multiplicidade, veio se somar o leitor das imagens evanescentes da computação gráfica e o leitor do texto escrito que, do papel, saltou para a superfície das telas do computador. [...]. (SANTAELLA, 2012)

Não apenas com base nos estudos de Santaella, mas a partir das atividades de leitura propostas para diferentes públicos, os novos modos de ler sempre se constituíram como preocupação da equipe responsável pelas ações do Mundo da Leitura pela formação de leitores. Como espaço mediador de leitura, tem desenvolvido atividades culturais múltiplas, entre as quais a contação de histórias, realizada na perspectiva da dramatização. Segundo esse objetivo, Taquelim (2013, p. 58), afirma que:

[...] Crescemos na relação com o mundo porque crescemos como leitores: interpellando sistemas artísticos diversificados, dominando códigos e linguagens. Sem palavras, sem instrumentos de linguagem, sem capacidade para pensar e construir a sua narrativa: como sujeito, como espécie – o homem não teria textos prévios que lhe permitissem construir-se na relação com o outro. O olhar reflexão permite ao leitor conhecer a diversidade do que foi pensado, criado – e posicionar-se diante deste, construindo-se na intertextualidade emergente. Para potencializar o exercício desse olhar, compete ao mediador criar contextos facilitadores da recessão, provocando o leitor, induzindo associações, dissonâncias, desvios. Confrontando com as suas memórias e histórias pessoais, dialogando com as diferentes formas de representação do mundo, com as narrativas que lhe chegam pela literatura, (mas também pela pintura, pela música), o sujeito empreende uma busca central na sua vida: a busca da sua voz como sujeito. Essa busca faz imergir a necessidade de se expressar.

Considerando a amplitude da contação de histórias e a competência do contador de histórias, faz-se necessário apontar o ouvinte de uma história como leitor dessa escuta. Interpreta gestos, expressões faciais, sons, a entonação da voz, as imagens, deixando-se tocar pelas palavras, pelas sensações e, também, pelas emoções que o envolvimento espontâneo desperta.

Com o intuito de estimular a percepção da plateia enquanto espaço para a formação de leitores, o trabalho de contação de histórias desenvolvido coletivamente pelos diversos monitores que integraram, ao longo do tempo, a equipe do Mundo da Leitura, primou pela qualidade, buscando o aperfeiçoamento das técnicas, norteando-se a partir da orientação de profissionais da área de artes cênicas. Nasceu, então, em 1999, o Grupo de Contadores coordenado pelo ator e diretor Marcio Vinícius Bernardes e pela atriz e figurinista Betinha Mânica, que acompanharam a equipe até 2003. A partir de encontros semanais, os monitores participaram de oficinas de canto, exercícios vocais e jogos de improvisação teatral, desenvolvendo mecanismos que os preparassem para contar as histórias, buscando recursos estéticos em suas apresentações.

Assim, as contações realizadas pelo Grupo expandiam os sentidos por meio da dramatização das histórias e dos poemas que se constituíam na construção de um conjunto de movimentos, figurinos, acessórios entre outros elementos cênicos. Os contadores davam forma às personagens, enriquecendo as ações propostas pelo texto e buscando interação com o público. De acordo com Regina Machado (2004), o ritmo da história dá-se pela respiração do contador, vinculada à “respiração” da história. A pesquisadora ressalta que para acompanhar a cadência desta, faz-se necessária a entrega total do contador, expressando-se em concordância com cada momento, modulando sua interpretação conforme o clímax ou o desenrolar do enredo.

Utilizando-se desses mecanismos para criar um ambiente conconcente à proposta do trabalho, os monitores pautaram-se pela escolha de textos curtos que pudessem ir ao encontro de todas as idades, narrativas que seriam próprias para a oralização e de qualidade literária. A relação dos textos abarcava contos e fábulas com foco na cultura popular, embasando-se em autores como Luís da Câmara Cascudo, Sílvio Romero, Monteiro Lobato e João Cabral de Melo Neto.

A opção pelos contos populares foi uma alternativa especialmente pensada para voltar o olhar do público à sua essência literária. Nas pa-

lavras de Regina Machado (2004, p. 32), “A escuta e a leitura de contos tradicionais pode nutrir, despertar, valorizar e exercitar o contato com imagens internas [...]”. Ou seja: aproximar, instigar a identificação do espectador com seu espaço e cultura, e desse modo, cativá-lo, fomentando a curiosidade e o desejo de ler, dialogando diretamente com o que se propõe a alcançar os monitores integrantes do projeto. Câmara Cascudo define conto popular como “o relato produzido pelo povo e transmitido por linguagem oral”.

Estreia do Grupo de Contadores de História



Contação de histórias no Aniversário de 4 anos do Mundo da Leitura



Dessa forma, atesta-se a relevância histórica e atemporal da espécie literária conto, que contribui para o fortalecimento dos laços sociais, resgatando memórias e perpetuando conhecimentos ao longo dos tempos. Os tipos de contos contribuem para tal, pois abrem a possibilidade de serem explicitados nas vozes e personalidades dos personagens e suas múltiplas significações.

As atividades de contação de histórias do Centro de Referência de Literatura e Múltiplos – Mundo da Leitura – também resultaram na produção do CD *Conta contos* com textos de Monteiro Lobato e de Sílvio Romero como *A garça velha*, *A morte e o lenhador*, *A rã e o boi*, *O corvo e o pavão*, *A mulher dengosa entre outros*, envolvendo o leitor com a literatura a partir de outras formas de linguagem (a sessão de contadores de história pode passar por poemas, narrativas e teatro). Além disso, os contadores sentiram a necessidade de superar e diversificar o espaço físico e ampliar o repertório de textos, incluindo poemas e crônicas de autores como Mario Quintana e Luis Fernando Verissimo.

Dessa maneira, as encenações foram realizadas em diferentes locais, direcionando suas atividades à comunidade em geral e não somente aos acadêmicos da instituição e aos seus usuários. O grupo se fez presente em múltiplos espaços, como: escolas, museus, igrejas, anfiteatros, bibliotecas, *shoppings*, praças, feiras do livro de Passo Fundo e região e em outras instituições de ensino superior. Essas ações transcenderam os limites da Universidade com o objetivo de atrair um público maior e heterogêneo, sensibilizando-o com a intenção de promover o gosto pela leitura.

A visibilidade que naturalmente se deu pela trajetória do Grupo, viabilizou, em agosto de 2001, a estreia do Projeto *Longada*, que foi idealizado pelo Centro de Referência de Literatura e Múltiplos e por seus coordenadores. Os textos selecionados eram poemas de Mario Quintana, organizados pelo Prof. Dr. Paulo Becker, que foram agrupados de acordo com temas recorrentes na obra do autor como a infância, o amor, o tempo e a própria poesia. O *Longada* era apresentado semanalmente e incorporava as linguagens musical e audiovisual. A iluminação, o cenário, os objetos, figurinos e acessórios criavam uma atmosfera onírica nos espectadores que eram conduzidos aos ambientes do espetáculo pe-

los próprios personagens, que iam recitando pequenos trechos dos poemas de Quintana. O *espetáculo Longada* teve sua última exibição no final do ano de 2003, completando mais de 50 apresentações e reunindo aproximadamente duas mil pessoas de Passo Fundo e região. Integrou importantes eventos, como a 9ª Jornada Nacional de Literatura e o projeto Teatro em cena de Passo Fundo, ocorrido em 2002. Nesse percurso, as atividades desenvolvidas pelos contadores agregaram elementos lúdicos, conforme declaração feita por sua figurinista:

[...] Aprendem técnicas, dedicam tempo e disponibilidade, mergulham no escuro acolhedor da experimentação criativa. A esses, é possibilitado transbordar o conhecimento da forma, do tempo, do espaço, da palavra, do tom. É possibilitado reabilitar a sensibilidade para, através do corpo e da voz, emprestar compartilhamentos múltiplos de uma mesma história. É possibilitado abrir espaço em si, no outro e no 'entre ambos' que se cria, para a ressignificação. É possibilitada a transversalidade. É oferecido um mar de interpretações, um caleidoscópio de sentidos. É dado permitir-se e permitir ao outro, o atravessamento (MÂNICA, 2015, p. 14).

Assim, o incremento contínuo das técnicas contribuiu significativamente para manter o alto nível das apresentações, pautadas em um planejamento voltado ao estímulo dos sentidos e das emoções do espectador, reiterando o objetivo primordial de conquistar constantemente novos leitores.

Mais recentemente, a equipe desenvolveu a modalidade da leitura dramática de textos literários, que é uma técnica de modulação da voz com ênfase na expressão vocal comprometida com o texto original, a fim de transmitir as emoções do texto. Foram apresentados os textos *O Circo Cheio de Lua*, *Saci-Pererê da mata escura* de Memélia de Carvalho, *O Coronel e o Barbeiro*, de Ana Maria Machado, *Ele Expulsa um Diabo*, de Bertolt Brecht. O trabalho prossegue com a participação do grupo em eventos culturais de Passo Fundo e seu entorno.

Caixas de micro-espetáculo



Outro elemento que integra o trabalho dos contadores são as caixas de microespetáculo de bonecos, também conhecidas como “Teatro Lambe-Lambe”, que são disponibilizadas aos usuários do Mundo da Leitura. Tais caixas surgiram a partir do tema trabalhado em 2001 – *Uma Jornada na Galáxia de Gutenberg: da prensa ao e-book*. A primeira foi produzida pelo bonequeiro Paulo Balardim, especialmente para a 9ª Jornada de Nacional de Literatura com o nome de *Gutenberg e a prensa*. Os leitores se sensibilizavam ao assistirem às histórias representadas por personagens e cenários em miniaturas que ganhavam vida com os mínimos movimentos feitos pelo manipulador. Mais tarde, também foram surgindo outras caixas de microespetáculo de bonecos como *A bruxinha*, inspirada na obra de Eva Furnari e *Mestre Vitalino*, adaptação da obra de André Neves.

São várias as atividades desenvolvidas pelos contadores de histórias: a conversão de textos literários em textos orais, a leitura dramática, as apresentações com as caixas de microespetáculo. Estas ações se fazem presentes no cotidiano do trabalho desenvolvido no Centro, em suas diferentes práticas leitoras, buscando a todo momento novas for-

mas de sensibilizar o público para o texto literário, e para proporcionar o prazer estético por meio dos elementos cênicos incorporados às apresentações. As histórias continuarão sendo contadas, pois segundo Ilan Brenman (2012, p. 11):

[...] A voz do contador de histórias ressoa, para sempre, na alma dos que viveram os contos ouvidos, contos nos quais moram bruxas, soldados, heróis, monstros e outros seres fantásticos. No recôndito da memória, modulações, timbres, gestos e expressões corporais evocam alguém contando, em algum momento e em algum lugar. A voz e as palavras do contador, articulando-se em emoções e enredos, passam pelo seu corpo e ressoam nos seus ouvintes, estabelecendo ligações invisíveis.

Ainda que estejamos vivenciando uma era de inovações tecnológicas, o contato mais íntimo do leitor com o texto promove uma experiência tradicional e ao mesmo tempo sempre renovada, cada discurso se constitui pela singularidade da voz e do estilo de seu falante, observado um determinado tempo, um determinado espaço. Contar histórias criará eternamente uma atmosfera de fantasia, de sonho, que instaura deslumbramento naqueles que participam desse momento mágico.

Referências

- BENJAMIN, Walter. *O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BRENMAN, Ilan. *Através da vidraça da escola: formando novos leitores*. Belo Horizonte: Aletria, 2012.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2002.
- MACHADO, Regina. *Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias*. São Paulo: DCL, 2004.
- MÂNICA, Betinha. Histórias... *Jornal Mundo da Leitura*, Passo Fundo, número 26 e 27, p. 14, 2015.
- ROCHA, Ruth. *Histórias das mil e uma noites*. São Paulo: FTD, 1996.
- SANTAELLA, Lúcia a O leitor ubíquo e suas consequências para a educação. Disponível em: www.agrinho.com.br/site/wp-content/uploads/2014/09/2_01_O-leitor-ubiquo.pdf. Acesso em: 6 set. 2017.
- TAKUELMIM, Cristina. Carta a Bartolomeu. In: SISTO, Celso. (Org.) *A história fora do papel: a oralidade e o espetáculo*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2010.

TEATRO – A ARTE DA INCLUSÃO

Betinha Mânica
Marcio Bernardes

O Centro de Referência de Literatura e Multimeios busca, essencialmente, inspirar leitores em múltiplas linguagens. Constrói-se, dessa forma, meios vigorosos de comunicação tendo como pilar essencial a interdisciplinaridade. Sendo assim, torna-se fácil compreender por que se opta também pelo desenvolvimento de formas artísticas pois, se a grande função da arte é a comunicação, é certo que vai colaborar na fundamentação de múltiplas linguagens. Aliás, contribuirá de maneira deveras forte pois, a comunhão do entendimento é um dos mais importantes aspectos da criação artística: “A arte é uma metalinguagem com a ajuda da qual os homens tentam comunicar-se entre si, partilhar informações sobre si próprios e assimilar a experiência dos outros” (TARKOVSKI, 2010, p. 43). Dentre os diversos experimentos feitos pela equipe de funcionários do Mundo da Leitura, o teatro é um meio de catalisar experiências comunicativas. “O que está em causa no teatro é a própria realidade humana; no fundo, o teatro só faz isso: discutir o que é o homem, qual a sua condição, qual a sua situação” (BORNHEIM apud NUÑEZ, p. 277, 1994).

Se observamos a história do teatro, perceberemos que a função de absorver e transformar linguagens esteve sempre presente. O teatro dialoga com a dança, a música, a literatura, a arquitetura, a pintura e mais recentemente a linguagem do cinema e vídeo numa troca que fortalece e faz com que a linguagem cênica esteja sempre repensando seus mecanismos estruturais. O teatro sempre foi reflexo imediato do seu meio e absorveu sempre as manifestações culturais do seu tempo, parece lógico pois, como citamos acima, a luz do teatro é a realidade humana. Para fundamentarmos a experiência teatral construída no Mundo da Leitura, tracemos uma breve observação das origens históricas do teatro e de como ele se utilizou e se utiliza de outras linguagens.

O teatro sempre esteve presente no contexto das representações religiosas das mais antigas civilizações, quer ocidentais, quer orientais. Na Índia, desde o século XVI a.C., atribuía-se a paternidade do teatro litúrgico a Brama. O budismo instituiu, na China antiga, um verdadeiro teatro religioso. O Egito realizava um teatro cujos temas centrais eram a ressurreição de Osíris e a morte de Hórus. Nos tempos pré-helênicos, os cretenses já celebravam seus mitos em teatros, dos quais as escavações de Knossos dão testemunho, remontando ao século XIX a.C.

Essas são algumas observações que remetem à pré-história do teatro. Analisando a origem, observa-se que o teatro nasce do rito. Os cânticos em louvor aos deuses, as danças simbólicas e todo um meio de expressividade espontânea surge como forma de estar em contato com o transcendental. Neste momento, mesmo que ainda não se tenha consciência do que se está fazendo, o que se observa, em estado embrionário, é o nascimento de uma arte que se estabelece através da inclusão.

Por volta do século V a.C. na Grécia, o teatro surge como novidade artística, trazendo normas estéticas, temas e convenções próprias. Sai do plano mais espontâneo e se constrói tendo como panorama histórico o conflito dos Gregos ante a constante ameaça de invasão por parte dos povos Persas. Surge a distinção entre ator e espectador. É também neste momento que passa a existir a necessidade de se construir espaços para apresentações espetaculares.

O teatro grego e romano era feito em grandes espaços abertos, que dispunham de uma ótima acústica e um formato que possibilitava ao espectador uma perfeita visibilidade para acompanhar as grandes tragédias e comédias apresentadas nos períodos de festivais. Mesmo em uma época tão antiga, os engenheiros da época já possuíam um conhecimento fantástico para a construção de tal espaço. A arquitetura foi se desenvolvendo e com ela o espaço cênico. Com o passar do tempo o teatro adentrou as igrejas, saiu para as ruas e mais tarde foram sendo construídas verdadeiras caixas cênicas que possuíam em seu interior equipamentos necessários para espetáculos cênicos. Estes teatros poderiam ser em estrutura de Teatro Elisabetano, onde Shakespeare apresentou sua dramaturgia para o mundo, ou o mais tradicional espaço cênico, conhecido como palco Italiano. Hoje em dia, muitos encenadores

fogem do tradicional para a formação de espaços que possam contribuir ainda mais na relação entre ator-espectador.

O espaço teatral não é mais um dado, ele é uma proposta, onde podem ser lidas uma poética e uma estética, mas também uma crítica da representação; com isso, a leitura pelo espectador desses espaços-criações o remete a uma nova leitura do seu espaço sócio-cultural e da sua relação com o mundo. Em todo o caso, o espaço teatral desempenha um papel de mediação entre o texto e a representação, entre os diversos códigos da representação, entre os momentos da cena (como espaço-tempo unificador), enfim entre espectadores e atores (UBERSFELD, 2017).

Traçando essa linha evolutiva dos espaços teatrais em si, podemos já lembrar a relação do ator com o espaço e daí abordar outra arte que tem vínculos profundos com o teatro: a dança. “Cada era que compreendeu a importância do corpo humano, ou que, pelo menos, teve a noção sensorial de sua estrutura, de seus requisitos, de suas limitações e da combinação de genialidade e sensibilidade que lhe são inerentes, cultivou, venerou a dança” (VALÉIRY apud FARO, p. 7, 1998). Assim, tem-se que, como o teatro, a dança sempre esteve presente no mundo dos homens e, de alguma maneira, a dança sempre fez parte do teatro. O movimento expressivo pressupõe de alguns princípios que são comuns tanto à dança como ao teatro. Com isso, pode-se entender a utilização da expressão ator-bailarino para designar o intérprete que tem no movimento seu meio essencial de comunicação. O movimento, estudado e elaborado a partir de todos os seus desvios e variações, aquele que mesmo partindo da observação do cotidiano, é reelaborado e treinado para tornar-se artístico e/ou expressivo. Hoje em dia o que se percebe é um entrelaçamento tão grande entre essas duas linguagens que fica difícil definir certos espetáculos. Surge assim o teatro-dança. A dança fez o teatro repensar questões como o corpo no espaço, o estudo do movimento, a poética do corpo, o ritmo, a musicalidade, etc. E o teatro fez a dança repensar seus conteúdos, propondo a busca de uma correspondência interna ao movimento externo.

Entre os elementos compartilhados pela dança e o teatro, está a música. É verdade que houve um período em que a música foi “sucateada” no teatro. Por se constituir talvez no mais grego dos elementos

dramáticos, a melodia, na forma concebida por Aristóteles não sobreviveu à tragédia. Por mais de mil anos, passou a ser utilizada no teatro do Ocidente somente como interlúdio musical entre atos e, com exceção do melodrama, até o século XIX ela não se ligou à estrutura dramática do texto. Foi o simbolismo, no final do século XIX, que reintegrou a música ao drama. Podemos citar vários nomes do teatro moderno que serviram-se da música para acentuar momentos de suas peças: Tennessee Williams, Maurice Maeterlinck e Claude Debussy, entre outros. Mas foi Bertolt Brecht (1898-1956) quem restituiu à música sua importância orgânica. Brecht introduziu canções em suas peças para quebrar a tensão e o envolvimento do espectador e restabelecer a consciência de que tudo o que se passa num palco é ficção e não realidade. Hoje, percebe-se as mais variadas opções de utilização da música no teatro. Seja para, como Brecht, designar o espetáculo como uma criação teatral, marcando as quebras, seja para acentuar a atmosfera que emana de uma ação, de um local, etc. Qualquer que seja a escolha, a música varia desde a reprodução de uma obra pré-existente até a trilha criada a propósito do espetáculo. Ambas podem ser executadas ao vivo ou não. Há ainda a utilização de efeitos sonoros ou de pontuação de ações por meio de sonoridades alternativas descobertas em experimentos. De qualquer maneira, a sonoplastia está presente no teatro como intermediador de certos estados que queremos sublinhar e/ou acentuar: “O som musical suscita as emoções, as palavras exprimem pensamentos” (LABAN, p. 145, 1978). Vale aqui salientar que, sendo assim, há, na música, um poderoso aliado para um forte objetivo do teatro que é o de poder comunicar também aos sentidos e não somente ao intelecto. Com isso, não podemos deixar de notar a tendência na busca de musicalidades específicas de cada povo. O que tem sido feito é reconhecer e apreender as diversidades para construções espetaculares que delas utilizem-se, mesclando-as ou não, com o objetivo de resgatar vivências que comportam uma gama gigantesca de sensações e entendimentos que no mais das vezes escapam ao raciocínio direto.

A música, a dança e as outras artes também estão presentes no cinema. Com o advento da sétima arte chegou-se a temer o fim do teatro. Porém, como se viu no decorrer da história, isso não se consolidou. A

troca de experiências entre esses dois meios contribuiu muito para que o teatro assumisse suas especificidades. O teatro não pode reproduzir a realidade, e, sim, sugerir-la num jogo metafórico que aguça a imaginação do espectador. O teatro é a arte do efêmero, já o cinema eterniza as suas imagens. Atualmente, muitos espetáculos teatrais se utilizam de projeções de imagens cinematográficas como mais um elemento cênico. A própria linguagem cinematográfica emprestou ao teatro diferentes formas de se trabalhar a construção da cena. Podemos exemplificar isso quando analisamos no teatro recursos como o feedback, sequências paralelas de cena, imagens recortadas, etc. Exemplo disso é o dramaturgo Nelson Rodrigues que insere em seus textos elementos cinematográficos.

O cinema americano havia ganhado espaço nos meios de comunicação do Brasil. O teatro necessitava, portanto, de uma reciclagem estética, para não sucumbir à influência da estética hollywoodiana.

O renascimento da estética cênica brasileira coube à montagem expressionista de *Vestido de Noiva*. [...] a peça foi montada em planos que simbolizavam o passado, o presente e o inconsciente de uma personagem. A iluminação sublinhou a plasticidade do espetáculo dirigido por Ziembinski (MAGALHÃES apud NUÑEZ, p. 172, 1994).

O cinema assim como o teatro, para se efetivar depende de um texto ou no mínimo de um roteiro, que pode ser pré-concebido ou sendo construído ao longo do processo de trabalho. Considerando tal fato, podemos falar em outra fonte de entrelaçamento entre linguagens: a literatura. A literatura é elemento precioso ao teatro porém, não indispensável. É precioso porque fornece além da dramaturgia em si, muitas e valiosas fontes para adaptações de textos ou mesmo criações a partir das ideias que os textos traduzem. Pode ser dispensável porque nem sempre um espetáculo se consolida a partir da dramaturgia ou da adaptação de um romance ou de um conto, por exemplo. As ideias podem ser trabalhadas a partir da observação do cotidiano ou até mesmo de impressões causadas por outras manifestações artísticas. O que ocorre invariavelmente é uma transposição de determinada linguagem para a linguagem cênica. Logicamente não se faz uma transposição aleatória. É fundamental que se tenha clareza do que se pretende comunicar. Neste ponto é necessário ter em mente que “[...] o homem se esquece so-

mente das coisas essenciais; das coisas superficiais e momentâneas ele não esquece. A gente sabe exatamente nosso saldo no banco, o horário do programa na televisão, etc., etc... Mas das coisas mais fundamentais, é preciso que a arte, é preciso que os filósofos nos lembrem” (MALLET, 2017, sem paginação).

Enfim, com a configuração que o teatro veio adquirindo com o desenrolar da história, seria difícil realizá-lo sem esse estreito elo de ligação entre as diferentes linguagens. Atualmente, verifica-se que as estruturas espetaculares ganham muito com a inserção de múltiplas linguagens em seu conteúdo expressivo. Não só o teatro se amplia com essas inserções, mas, também as demais linguagens. Na arte, a inclusão é poder de força e qualificação. Todas as áreas se beneficiam com as constantes permutas entre si.

São muitas as experiências com projetos que contribuem com o desenvolvimento cultural e artístico, levadas a efeito pelo Mundo da Leitura da UPF. Tome-se como exemplo o extinto programa veiculado pela UPF TV e Canal Futura e as inumeráveis contações de história e saraus poéticos que são apresentadas pelos monitores do Mundo da Leitura. Cita-se em especial um projeto que muito somou a essa construção: o Projeto Longada – uma experiência que reconstruiu cenicamente a poesia de Mario Quintana.

A ideia surgiu em junho de 2000, em uma das apresentações do Grupo de Contadores de Histórias do Mundo da Leitura, grupo este formado por monitores e estagiários do Centro. Desenvolveu-se, dentro do grupo, trabalhos com poesia de diversos autores como Ferreira Gullar, João Cabral de Mello Neto, Mario Quintana, entre outros. Estas apresentações levaram a crer que existia por parte do público passifundense, um caloroso acolhimento aos trabalhos que contemplassem essa linha de experimentação. A partir deste impulso, iniciou-se o direcionamento de forças para desenvolver algo que pudesse olhar uma parte da obra do nosso querido poeta Quintana, ainda pouco conhecida. A concepção do espetáculo foi ao encontro do objetivo maior do Centro de Referência de Literatura e Multimeios: o entrelaçamento de linguagens diversas. Utilizou-se o teatro, o vídeo, a dança e a música para mostrar as diversas facetas deste tão grande poeta. O Centro modificou todo o

seu espaço. Tudo foi pensado e estruturado para que o público pudesse mergulhar no universo “Quintanístico”. Percorrendo todo o espaço interno, o público envolvia-se com luas, grilos, sapos, guarda-chuvas, sapatos e outros objetos metafóricos existentes na poética de Quintana. O espetáculo não buscava contar a história do autor e sim resgatar seu olhar sobre o mundo, suas inquietações, seus desejos, suas frustrações, enfim, o que nos identifica e nos humaniza.

Tendo como base a organização de poesias feita pelo Professor Doutor Paulo Becker, a montagem foi um conjunto de fragmentos repartidos em diferentes temáticas, recorrentes na obra do poeta, como a infância, o amor, o tempo e a própria poesia. Esses mundos poéticos, foram revistos e transportados para a linguagem teatral. O que se construiu foi uma experiência com vistas a inspirar alegorias facilitadoras de elos de comunicação com o espectador. Buscou-se despertar os sentidos para a poesia. Acordar uma percepção outra que não a puramente intelectual. Balançar um pouco o “senso cotidiano” para compartilhar a beleza Quintanística. Buscou-se deixar a poesia tomar parte de nossos olhares e mentes.

Espectáculo Longada



Espetáculo Longada 2



Os homens comunicam-se e comunicaram-se sempre, não por alguma obrigatoriedade. Surgiram e mantiveram-se as manifestações artísticas, não por alguma obrigatoriedade. As culturas se organizam e mesclam linguagens, não por nenhuma obrigatoriedade. Há, no humano, a necessidade do contato e para isso surgem as diversidades e nas diversidades surgem as empatias. E os povos e os homens e as comunidades e os grupos comunicam-se e dizem-se e dividem conhecimentos e compartilham impressões e doam pontos de vistas e visões-releituras. Aí está o teatro, assim como a dança e o canto e o vídeo e o cinema e as artes plásticas e a literatura, entre outras. Aí está a celebração do contato humano. Múltiplo e renovado e dinâmico e construído e reconstruído e legado e herdado. A inclusão fortifica, possibilita a dialética e permite o crescimento.

Na idade da memória eletrônica, do filme, da reprodução, o espetáculo teatral se dirige à memória viva, que não é museu mas sim metamorfose. Esta relação o define.

Podemos deixar de herança somente o que não consumimos totalmente. Um testamento não transmite tudo, nem transmite a todos. É inútil perguntar-se quem serão seus herdeiros. Mas é essencial não esquecer que existirão herdeiros (BARBA, 1994, p. 59).

Folder Longada



Ficha técnica Longada

Elenco:

Poeta..... Rafael da Silva
 Amigo..... Eliana Teixeira
 Anjo..... Nedi Mello
 Paísaço..... Bibiana de Paula
 Amado e Lili..... Lisandra Blanck
 Morfe..... Dafne Berbigier

Ficha Técnica

Direção..... Marcio Bernardes
 Adaptação..... Paulo Becker
 Direção musical..... Aline Nilson
 Cenário..... Betinha Mânica
 Marcio Bernardes
 Figurino e maquiagem..... Betinha Mânica
 Confeção de figurino..... Rossano Fasolo da Costa
 Beatriz Altes Pacheco
 Ângela De David
 Iluminação..... Guto Pasini
 Operação de luz..... Pablo de Sant
 Técnico de som e vídeo..... Jair Grandio Barbosa
 Criação de sonoplastia..... Marcio Bernardes
 Aline Nilson
 Operação de som e vídeo..... Itamara Danelli

Direção de vídeo..... Eduardo Wannmacher
 Arnaldo Teles Ferreira
 Marcio Bernardes
 Operação de câmera..... Dequimar Müller
 Programação visual..... Jefferson C. Lorenz
 Pintura de painéis..... Maria Lucina B. Bueno
 Mariana Shegben
 Maria Goretti Bettencourt
 Margarete Barriquel De Cesaro
 Fotografia..... Claudio Trvares
 Assessoria de imprensa..... Bibiana de Paula
 Documentário e Making off..... Rodrigo Deggerone
 Produção..... Equipe Mundo da Leitura
 Coordenação geral..... Marcio Bernardes
 Betinha Mânica
 Coordenação Mundo da Leitura... Tania Bösing

Agradecimentos: Arter Becker, Benedito Hespargha, Cristiano R. Argerich, Cleusa Maria Patrício, Dafne Berbigier, Eliângela de Mello, Evandro Oliveira, Everton Klein, Henrique Becker, Jorge Rosato, Juste La Maison, Kika Mânica, Lúrces Caselles, Maria de Lourdes Xavier, Maria Piccoli, Neleza Ribeiro, Nino R. S. Machado, Rossana Barzillo, Saira da Rocha, Vilma C. Scherer, aos setores da UPP: Almozarifado, Compras, Gráfica, Laboratório de Confeção Têxtil, Marcenaria, Núcleo de Tecnologia Mecânica, OTRAS, Veículos e Faculdade de Artes e Comunicação.

Referências

- ASLAN, Odete. *O ator no século XX*. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- BARBA, Eugênio. *A canoa de papel*. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.
- CIVITA, Victor. *Teatro vivo: introdução e história*. São Paulo: Abril Cultural, 1976.
- FARO, Antônio José. *Pequena história da dança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- FRANKL, Viktor. Sintoma ou terapia? Um psiquiatra vê a literatura moderna. In: *Um sentido para a vida*, tradução de Viktor Hugo Silveira Lapenta. Aparecida: Editora Santuário, 1989, p. 79-84.
- LABAN, Rudolf. *Domínio do movimento*. Trad. Ana Maria Barros de Vecchi e Maria Silvia Mourão Netto. São Paulo: Summus, 1978.
- MALLET, Roberto. *Excertos de uma entrevista de Roberto Mallet à Rádio Educativa UDESC*. Disponível em: <www.grupotempo.com.br/tex_udesc.html>. Acesso em: 15 ago. 2017.
- NUÑEZ, Carlinda Fragale Pate et al. *O teatro através da história: volume I – O teatro ocidental*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil; Entourage Produções Artísticas, 1994.
- _____. *O teatro através da história: volume II – O teatro brasileiro*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil; Entourage Produções Artísticas, 1994.
- ROUBINE, Jean-jacques. *A linguagem da encenação teatral*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- TARKOVSI, Andrei. *Esculpir o tempo*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- UBERSFELD, Anne. *Espaço e teatro*. Disponível em: www.grupotempo.com.br/tex_ubersfeld.html. Acesso em: 15 ago. 2017.

PROJETOS DO MUNDO DA LEITURA NAS ESCOLAS

Eliana Teixeira

Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo,
os homens se educam entre si,
mediatizados pelo mundo.

Paulo Freire

Como laboratório do curso de Letras e do programa de Pós-graduação em Letras em nível de mestrado e doutorado, o Centro de Referência objetiva, a partir de atividades de pesquisa, ensino e extensão, formar leitores em diferentes linguagens e suportes, considerando a leitura como uma atividade individual e como prática social. Ciente da importância, abrangência e atualidade das questões relacionadas à leitura, explicitadas a partir de avaliações internacionais e nacionais (Pisa; Inaf, Instituto Montenegro; Retratos da Leitura no Brasil- Ibope Inteligência), suas ações dirigem-se a alunos e professores do ensino básico de qualquer sistema de ensino, estudantes e professores universitários, leitores em geral. Tem como objetivo principal a formação de leitores em ambiente multimídia, numa perspectiva crítica e cidadã. Entre seus objetivos específicos, destaca-se o intuito de propiciar atividades de ensino, pesquisa e extensão à comunidade do Bairro São José, onde está situado o *Campus* Central da UPF, com vistas à inserção social deste público.

Pesquisas com resultados muito significativos têm sido feitas não apenas em território nacional, mas por programas internacionais de avaliação de estudantes, colocando a leitura na agenda nacional como preocupação de governo, de política pública e da sociedade civil. O Instituto Pró-Livro divulgou, em maio de 2016, os resultados da pesquisa

encomendada ao Instituto Ibope Inteligência, intitulada *Retratos da Leitura no Brasil 4*. Nessa pesquisa, constatou-se que para 67% da população, não houve uma pessoa que incentivasse a leitura em sua trajetória, mas dos 33% que tiveram alguma influência, a mãe, ou representante do sexo feminino, foi a principal responsável (11%), seguida pelo professor (7%). A média de leitura entre os estudantes, considerando tanto os livros inteiros quanto em partes, é de 4,91 livros lidos, no total (2,28 livros lidos inteiros; 2,63 livros lidos em partes). Segundo a pesquisadora e professora Marisa Lajolo (*Retratos da Leitura no Brasil 4*, 2016, p. 125), “O dado que a pesquisa registra – um grande coeficiente de leitores formados sem mediadores, sem intermediários – é pouco convincente. Muito pouco. Vai na contramão do que registram biografias, romances, depoimentos e documentos que povoam histórias de leitura”. Deve-se entender, nesse processo, o desencadeamento de ações de leitura capazes de conferir identidade leitora aos mediadores/professores.

Reforçam esses dados os resultados obtidos em pesquisa do Inaf – Indicador de Alfabetismo Funcional, realizada pelo Instituto Montenegro e a organização não governamental Ação Educativa, no período de dezembro de 2011 a abril de 2012. A maior parte dos indivíduos que ingressaram nos anos finais do ensino fundamental, ou chegaram a concluí-lo, atinge a condição de alfabetismo condizente com o grupo Elementar da escala (53%). Vale notar, no entanto, que mais de um terço das pessoas nessa faixa de escolarização (34%) ainda pode ser classificada na condição de analfabetismo funcional. Entre as pessoas que cursaram algum ano do ensino médio, ou chegaram a concluí-lo, registram-se que menos da metade (48%) atinge, no máximo, o grupo Elementar, 31% ficam no grupo Intermediário e apenas 9% não demonstram restrições para compreender e interpretar textos em situações usuais e resolvem problemas envolvendo múltiplas etapas, operações e informações (grupo Proficiente). A grande maioria de quem está cursando ou concluiu a educação superior permanece nos grupos Elementar (32%) e Intermediário (42%), enquanto apenas 22% situam-se na condição de Proficiente da escala considerada. A pesquisa envolveu 2000 pessoas, de 15 a 64 anos, em todas as regiões do país. Tal cenário pressupõe a realização de ações de leitura amplas, inovadoras, com a preocupação não

apenas de ampliar o número de leitores, mas especialmente de formar leitores numa perspectiva contemporânea, propondo uma profundidade maior no envolvimento com diferentes produtos de leitura e com diferentes suportes, circulando do impresso ao digital.

O Programa Internacional de Avaliação de Alunos – Pisa 2015 – apresenta o Brasil na 59ª posição em Leitura, 63ª em Ciências e 65ª posição em Matemática, em um ranking de 65 países. No Pisa 2015, 50,99% dos estudantes ficaram abaixo do nível 2 de proficiência. A média de desempenho foi de 407 pontos. É a segunda queda consecutiva na área de leitura desde 2009. Tal situação revela que há uma relação direta de professor não leitor com aluno não leitor, o que determina uma ação efetiva pela leitura em todo o território nacional.

O Pisa define o “letramento em leitura” como a capacidade de os estudantes entenderem e usarem os textos escritos, além de serem capazes de refletir e de desenvolver conhecimentos a partir do contato com o texto escrito, além de participar da sociedade. A prova do Pisa avalia o domínio dos alunos em três aspectos da leitura: localizar e recuperar informação, integrar e interpretar, e refletir e analisar.

A Universidade de Passo Fundo, de natureza comunitária, tem historicamente se constituído como referência no desenvolvimento regional. No processo de interlocução com a sociedade por meio do ensino, da pesquisa e da extensão, reafirma seu compromisso social e, dialeticamente, se faz e se refaz para cumprir a sua missão, a de “produzir e difundir conhecimentos que promovam a melhoria da qualidade de vida e formar cidadãos competentes, com postura crítica, ética e humanista, preparados para atuarem como agentes de transformação” (PPI 2006-2015, p. 26).

Nessa perspectiva de extensão, o Centro de Referência tem realizado ações de leitura teórico-práticas, desenvolvidas por professores, estudantes/estagiários do curso de Letras e monitores do Centro de Referência, vinculados a diferentes áreas do conhecimento, com o envolvimento da comunidade escolar, numa parceria universidade-escola, através da integração da Universidade de Passo Fundo com a 7ª Coordenadoria Regional de Ensino e a Secretaria Municipal de Educação.

Com a intenção de ampliar a participação do Centro de Referência na formação de leitores, surgiu o projeto “Mundo da Leitura na escola”, que iniciou em março de 2004. O projeto envolveu a Escola Estadual de 1º e 2º graus General Prestes Guimarães, a Escola Municipal Benoni Rosado e a Fundação Educacional do Menor - Escola do Hoje, que estão localizadas no Bairro São José, onde está situada a Universidade de Passo Fundo. Os alunos e professores dessas escolas participaram de atividades de leitura multimídiais, no espaço do Mundo da Leitura, duas vezes durante o primeiro semestre, nos meses de março e maio e a equipe do Mundo da Leitura, quinzenalmente, desenvolveu práticas de leitura multimídiais nas turmas de 1ª, 2ª e 3ª séries do ensino fundamental. Já nas 7ª e 8ª séries, trabalhou-se com a linguagem teatral, em uma parceria do Mundo da Leitura com o grupo Viramundos. Concomitantemente a essas atividades, foram realizadas reuniões entre a equipe multidisciplinar do Mundo da Leitura e os supervisores e professores envolvidos no projeto, com o intuito de, em parceria, desenvolverem um processo de recepção de textos mais duradouro, que resultasse em comportamentos de leitura em diferentes suportes e linguagens.

Monitor contando história



Monitor contando história



O projeto “Mundo da Leitura na escola” tem, também, uma interface com o projeto “Mutirão Digital”, organizado por professores e alunos do curso Ciência da Computação, que se constitui em módulos de imersão tecnológica aos alunos e professores da 4ª série do Ensino Fundamental. Tais atividades, baseadas na utilização de *software* livre, consistiram na realização de oficinas de informática e cidadania, nas quais os alunos puderam, além de conhecer e manipular as tecnologias, realizar atividades culturais através da construção de textos e do desenvolvimento de páginas na internet. O projeto foi remodelado em março de 2008, sob a nova denominação “Mundo da Leitura em comunidades”. Constitui-se, assim, numa parceria entre a Universidade e a escola através da integração da Universidade de Passo Fundo com a Secretaria Municipal de Educação de Passo Fundo. O projeto tinha como público-alvo professores e alunos de 1º a 4º anos do ensino fundamental da rede pública de ensino. O centro desse trabalho passou a ser a Escola Municipal Fundação Educacional do Menor – Escola do Hoje, localizada no bairro São José, que atende a crianças oriundas dos bairros mais pobres da cidade, em situação de vulnerabilidade social. Nessa escola, foram desenvolvidas práticas leitoras em torno do tema

“Eu e o mundo”, sendo também estabelecido, especificamente no 4º ano, o “Projeto Mutirão pela Inclusão Digital”, em parceria com o Instituto de Ciências Exatas e Geociências da Universidade de Passo Fundo, por meio do curso de Ciência da Computação. A escolha foi trabalhar com escolas do bairro São José que não possuíam acesso a esta tecnologia, e, dessa forma, contribuir com a inserção dos alunos nas tecnologias de informação e comunicação, e oferecer aos professores a possibilidade de aprimorar suas ações docentes a partir da leitura em meio eletrônico. Nas oficinas, alunos e professores tiveram a oportunidade de conhecer e utilizar o *software* livre, com o auxílio de docentes e voluntários do curso de Ciência da Computação e de monitores do Mundo da Leitura. Em 2009, foram realizados 91 encontros com os alunos do Projeto Mundo da Leitura em comunidades, envolvendo 90 alunos. O projeto evoluiu no sentido de integrar os projetos do Mutirão pela Inclusão Digital em ações de letramento e de letramento digital e hipermedial. Os trabalhos envolveram alunos do 1º ao 4º ano, bem como os alunos da 4ª ano. O letramento e o incentivo à leitura foram orientados por contações de histórias. Os alunos foram convidados a interagir com o contador de história, a manusear os diferentes materiais usados para a contação e, posteriormente, foram realizadas atividades de compreensão de texto. As oficinas do Mutirão pela Inclusão Digital, em encontros semanais, permitiram aos alunos tanto o contato com uma obra literária diferente a cada semana, como, aos alunos mais proficientes no meio digital, o envio de e-mails e a navegação em *sites* indicados e em sites de interesse individual. Em 2010, na sequência do projeto, de abril a dezembro, foram realizados 97 encontros, envolvendo 120 alunos do 1º ao 5º ano.

Na mesma linha, no projeto “Programa Mundo da Leitura nas escolas municipais”, através de convênio firmado entre a Fundação Universidade e a Prefeitura Municipal de Passo Fundo, foi distribuído um conjunto de 60 episódios do programa de televisão *Mundo da Leitura*, em fitas VHS, para escolas de educação infantil, ensino fundamental e de educação de jovens e adultos do município. Todas as escolas, de diferentes bairros e vilas, receberam esse material para realizar atividades no contexto da sala de aula, bem como os livros *Mundo da Leitura na TV: Guia para professores*, e *Mundo da Leitura na TV: Guia de atividades II*.

O projeto apresentou, aos educadores e alunos do Ensino Fundamental (1º ao 5º), ações diferenciadas de leitura por meio da linguagem audiovisual, a partir dos materiais distribuídos e pelo acompanhamento dessas atividades desenvolvidas nas escolas por alunos bolsistas do curso de Letras da UPF, orientados por professores de literatura brasileira que desenvolvem atividades de pesquisa, extensão e ensino no Centro de Referência. Em 2011, com o objetivo de dar continuidade ao projeto, foram realizados 14 encontros (um em cada escola), envolvendo diretores, coordenadores e professores, a fim de definir novas ações para o desenvolvimento das atividades a partir do programa de televisão *Mundo da Leitura*. A Secretaria Municipal de Educação esteve presente nos encontros, fortalecendo a parceria entre a Universidade de Passo Fundo e a Prefeitura Municipal. O resultado dos encontros gerou uma proximidade entre professores, Secretaria de Educação e Universidade, apontando novos caminhos para a realização do projeto. Ainda em 2011, sempre com a participação de estudantes bolsistas do curso de Letras, foi produzido o livro *Mundo da Leitura na TV: Guia de Atividades III*, que foi distribuído aos professores, juntamente com 9 DVDs com 34 episódios do programa de televisão, em 2012.

Professores da rede municipal de Educação



A partir da avaliação realizada pelos envolvidos nos projetos “Mundo da Leitura em comunidades” e “Programa Mundo da Leitura nas escolas municipais”, ocorreu a integração dos dois projetos, que passou a ser denominada “Mundo da Leitura, modos de ler o contexto das escolas municipais”. O objetivo central do novo projeto é o de oportunizar a imersão artístico-cultural e tecnológica de professores e alunos

em práticas leitoras multimídiais por meio da instrumentalização de alunos de graduação, proporcionando troca de saberes entre a Universidade e a comunidade escolar, de modo a contribuir para a formação desses sujeitos como cidadãos autônomos e críticos, ampliando sua inserção social.

Para dar continuidade à ação, são oportunizadas para 15 escolas municipais, entre outras atividades:

- Apresentação de práticas leitoras para alunos e educadores no ambiente do Centro de Referência de Literatura e Multimeios, proporcionando vivências culturais fora dos muros escolares;
- Elaboração de práticas leitoras pelos educadores participantes do projeto a partir do *kit* de DVDs e Guia de atividades distribuídos às escolas;
- Empréstimo de acervos do Centro de Referência de Literatura e Multimeios para as escolas participantes do projeto.

A articulação entre ensino, pesquisa e extensão fica evidente nesses projetos do Centro de Referência, através das atividades desenvolvidas fora dos limites físicos da Universidade, na comunidade, durante as quais docentes e estudantes precisam exercitar as relações políticas e sociais e aplicar o conhecimento científico, bem como trazer de volta para a Universidade as demandas da comunidade e novos temas para serem debatidos pelo ensino e investigados pela pesquisa. Diante disso, não causa surpresa que o projeto “Mundo da Leitura, modos de ler o contexto das escolas municipais” tenha sido um dos sete projetos de extensão da Universidade de Passo Fundo aprovados com recursos no edital do Programa de Extensão Universitária (ProExt/2016), do Ministério da Educação. Após a liberação desses recursos, será dada a devida continuidade às ações propostas.

Referências

- AÇÃO EDUCATIVA; INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. *Estudo especial sobre alfabetismo e mundo do trabalho*. Inaf – Indicador de Alfabetismo Funcional. São Paulo: 2016.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.
- LAJOLO, M. Números e letras no mundo dos livros. In: FAILLA, Zoara (Org.). *Retratos da leitura no Brasil 4*. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.
- RÖSING, T. M. K. et al. *Mundo da Leitura na TV: guia para professores I*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2006.
- RÖSING, T. M. K.; BECKER, Paulo Ricardo. (Org.) *Mundo da Leitura na TV: guia de atividades II*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2009.
- RÖSING, T. M. K., BECKER, Paulo Ricardo. (Org.) *Mundo da Leitura na TV: guia de atividades III*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2011.
- RÖSING, T. M. K. Esse Brasil que não lê. In: *Retratos da leitura no Brasil 3*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Instituto Pró-Livro, 2012.
- UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO. Projeto Pedagógico Institucional - PPI 2006-2015. Passo Fundo, 2006.

PROJETO MUTIRÃO PELA INCLUSÃO DIGITAL E SUA INSERÇÃO NO MUNDO DA LEITURA

Adriano Canabarro Teixeira

Gabriel Paludo Licks

Elisângela de Fátima Fernandes de Mello

A inclusão digital e a urgência de (re)significação

Antes de realizar reflexões acerca das iniciativas do Mutirão pela Inclusão Digital, é oportuno que se reconstrua a rede de sentidos e conceitos a partir da qual tal proposta foi delineada, principalmente por dois nós constituintes: a necessidade de ampliação do conceito de inclusão digital e de suas implicações em uma sociedade profundamente modificada pela presença das Tecnologias de Rede (TR) e a criação do Ciberespaço como o novo local de exercício e desenvolvimento da cidadania na sociedade atual, ao lado com o fenômeno do *Software Livre* como representação de um novo paradigma de construção e de difusão do conhecimento, considerando não somente a utilização desta modalidade de *software*, mas principalmente a filosofia em que se baseia.¹

As tecnologias de rede e a construção do ciberespaço

Baseadas na lógica das redes, as TR possuem características que as diferenciam das tecnologias baseadas na configuração Um para Todos, características essas que subvertem a perspectiva de passividade

¹ Este texto é um compilado de outros estudos que foram realizados sobre o mesmo tema.

e de reprodução dos *massmedia*, uma vez que instauram uma organização comunicacional do tipo Todos para Todos, possibilitando que cada indivíduo seja um nó ativo da rede de sentidos, requisito básico para que possa fazer parte daquilo que Lemos caracteriza como “o novo espaço sagrado contemporâneo” (2002, p. 142), o Ciberespaço.

Instituído a partir do anulamento das distâncias pelo Tempo Real consequente das TR, o ciberespaço constrói-se como o novo local de exercício e desenvolvimento da cidadania na sociedade atual, que, a partir da libertação dos limites geográficos e temporais, desvincula presença física de presença potencial, ampliando a área de ação dos indivíduos e aproximando de forma inédita, culturas, costumes e interesses. Referindo-se às modificações consequentes desse conceito de tempo, Santos afirma que “autoriza usar o mesmo momento a partir de múltiplos lugares; e todos os lugares a partir de um só deles” (2004, p. 28), ampliando, dessa forma, o campo de ação e de presença dos indivíduos.

Dessa forma, essa condição de potencial onipresença do homem moderno, traz em si um elemento a ser considerado seriamente: a possibilidade de estabelecimento e de ampliação de relações de dominação e imposição sociocultural. Tal perigo é destacado por Serpa quando alerta que “o novo poder hegemônico [...] utiliza a espacialização do tempo como estrutura de expansão política e ideológica e coloca-se como centro do espaço sincronizado” (2004, p. 155), o que contraria a dinâmica das redes caracterizada pela ausência de um nodo central, “ao mesmo tempo, mantém a inclusão do Outro somente como consumidor” (SERPA, 2004, p. 155).

Ampliando o conceito de Inclusão Digital

Feitas essas considerações, é preciso reconhecer a necessidade de reflexões acerca da concepção de Inclusão Digital que, a partir do paradigma das redes, é contrária à ideia amplamente difundida de que incluir digitalmente é uma questão de possibilitar o acesso às TR a determinadas camadas da sociedade, pois, uma vez assumindo este discurso, ignoram-se as potencialidades altamente revolucionárias e libertadoras destas tecnologias que “oferecem a possibilidade de superação do im-

perativo da tecnologia hegemônica e paralelamente admitem a proliferação de novos arranjos, com a retomada da criatividade” (SANTOS, 2004, p. 81).

A partir da superação da concepção de Inclusão Digital enquanto acesso, pode-se afirmar que não somente as camadas já excluídas economicamente necessitam vivenciar momentos de (re)apropriação crítica das TR, mas uma parcela muito maior da sociedade que, ainda imersa em uma utilização passiva das tecnologias contemporâneas, as utiliza em uma perspectiva linear, verticalizada e hierarquizada, em uma dinâmica de passividade e recepção, garantindo, dessa forma, a manutenção da organização social contemporânea essencialmente fundada no consumo e na reprodução.

Assim, Inclusão Digital implica reconhecer-se enquanto nó de uma rede de sentidos suportada pelas TR, a partir de uma apropriação crítica, provisória e reflexiva desses fenômenos técnicos, em uma dinâmica de (co)autoria, de partilha do conhecimento e de estabelecimento de processos colaborativos e comunicacionais, baseados no protagonismo, na valorização da própria cultura, no respeito à diversidade e na criação e manutenção de uma cultura de redes.

O *Software* Livre como manifestação de Inclusão Digital

A partir desse contexto, alguns elementos contemporâneos são extremamente significativos e não podem ser ignorados na medida em que expressam de forma profunda e extremamente contundente esta concepção de Inclusão Digital baseada na horizontalidade, na ação colaborativa e na livre construção e circulação do conhecimento, como, por exemplo, o fenômeno do *Software* Livre. Mais do que uma alternativa técnica e economicamente viável, o *Software* Livre representa uma opção pela criação, pela colaboração e pela independência tecnológica e cultural, uma vez que é “baseado no princípio do compartilhamento do conhecimento e na solidariedade praticada pela inteligência coletiva conectada na rede mundial de computadores” (SILVEIRA, 2003, p. 36).

Tal entendimento amplia a concepção de opção pelo uso de *softwares* não-proprietários, para uma dimensão de apropriação da filosofia colaborativa, libertadora e inclusiva que fundamenta o *Software Livre*, enquanto elemento base para iniciativas de Inclusão. Assim, aponta-se para a incoerência em se pensar inclusão digital feita com *software* proprietário, e se amplia a significação e a complexidade dessa ideia, afirmando que tão importante quanto à utilização de *Software Livre* nessas iniciativas de inclusão é a apropriação de sua filosofia, baseada na horizontalidade dos processos, no estabelecimento de parcerias criativas e no reconhecimento do potencial autoral de cada nó da rede.

Alunos participam da oficina de *Software Livre*



Dessa forma assumindo a responsabilidade de fomentar a Inclusão Digital em uma perspectiva diferente da tradicional reprodução e passividade inerente a processos de treinamento para a utilização de determinados programas, característica básica das aulas de informática, o Mutirão pela Inclusão Digital sustenta-se sobre as bases da experimentação, da criação, da comunicação, da construção e do exercício da cidadania.

A gênese do mutirão pela inclusão digital

É nesse contexto que, em 2004, o Projeto Mutirão pela Inclusão Digital iniciava suas atividades, aprofundando uma parceria já existente entre o Curso de Ciência da Computação (CCC) e Centro de Referência em Literatura e Multimeios (CRLM), ambos da Universidade de Passo Fundo. Salienta-se que, mais do que o estabelecimento de uma atividade adicional e conjunta, o Mutirão pela Inclusão Digital representava o necessário e natural imbricamento das concepções e propostas práticas destes dois grupos, dadas as características e demandas da sociedade contemporânea, profundamente modificada pelas TR e carente de propostas de inclusão na perspectiva deste texto. Assim, o objetivo inicial era o de criar um ambiente onde fosse possível incentivar o desenvolvimento de sujeitos habilitados a ser e estar no Ciberespaço.

Tendo como público-alvo alunos de escolas públicas de bairros da cidade de Passo Fundo, em parceria com as diretorias das escolas e a coordenação da Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Passo Fundo, desenvolviam-se atividades de suporte aos projetos escolares nos quais os alunos estavam envolvidos em suas escolas. Com isso, realizavam-se oficinas, buscando possibilitar uma apropriação crítica e contextualizada das TR e de suas potencialidades, em um processo de crescente domínio das ferramentas de informática.

Tais oficinas, em uma lógica contrária à ideia de aulas de informática e fazendo o uso de *Software* Livre nas atividades, contemplavam: conhecimento da tecnologia, constituindo o primeiro contato com computadores para a maioria dos alunos; produção textual, aprendendo a utilizar editores de texto e programas de construção de apresentações eletrônicas; comunicação na internet, visando propiciar a utilização de ferramentas de busca, criação e utilização de correio eletrônico, bem como de participação em salas de bate-papo e fóruns; e construção de páginas na internet, buscando possibilitar aos alunos a construção de suas próprias páginas, em um processo de valorização da própria cultura e de respeito à identidade.

Um elemento a ser destacado e que reforça a urgência e a coerência do conceito de inclusão assumido no que se propõe, foi a constatação

de que a camada social à qual os alunos pertenciam não influenciou no processo do desenvolvimento das habilidades técnicas necessárias para a utilização e manipulação das TR, sendo que o grande diferencial da experiência foi a vivência de um processo horizontal e reticular de autoria e comunicação suportado pelas TR. Em outras palavras, vincular Inclusão Digital simplesmente ao acesso às TR é aprofundar a exclusão social.

Dessa forma, com elementos nascidos dessas experiências, aponta-se a urgência de se implementar e assumir esse novo paradigma de inclusão digital nas escolas como forma de (re)significar a presença crescente das TR, construindo uma informática educativa que, considerando as características das redes, propicie o desenvolvimento de processos colaborativos de construção do conhecimento e de apropriação crítica e criativa dos recursos tecnológicos em uma perspectiva de exercício da cidadania.

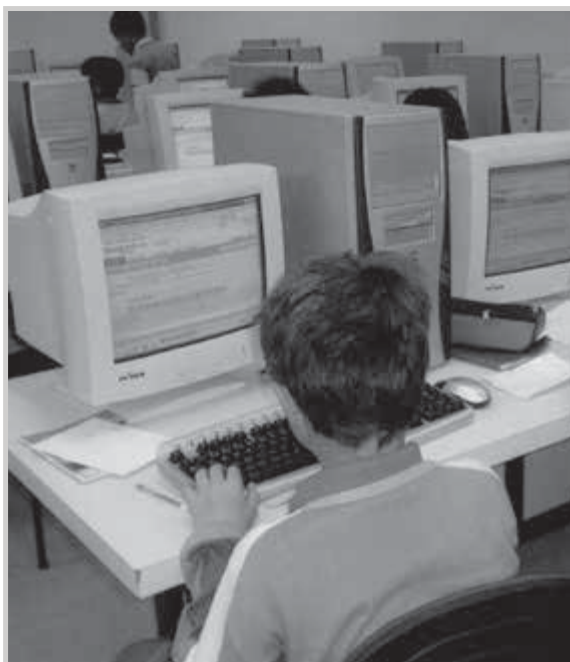
A condição do leitor-autor com as tecnologias em rede

Não se pode pensar a inclusão como oportunidade de acesso ou manipulação das ferramentas somente com um fim específico, como por exemplo, o mercado de trabalho. Ao delimitar as ações de um indivíduo no uso das tecnologias de rede, dificulta-se a apropriação dessas. Empregar uma sequência de comandos ou acessar uma mesma série de *sites* todos os dias não é ter autonomia e é essa a lógica de dependência que a inclusão digital deve quebrar. Afinal, “uma pessoa condicionada passa de um pensamento para outro porque suas representações, suas emoções e suas ações foram associadas de maneira rígida no decorrer de uma aprendizagem precoce” (LÉVY, 2001, p. 107).

Antes das tecnologias de rede, tinha-se um perfil de leitor habituado com a leitura linear. Em textos literários, normalmente, a leitura acontece conforme a disposição do texto determinado pelo autor. No texto impresso os papéis estão bem definidos, o autor cria a obra e cabe ao leitor ler. Porém, ser leitor vai além de decodificar textos. Para ser lei-

tor é necessário entender a mensagem emitida pelo autor e estabelecer novas relações. Lajolo caracteriza o perfil de um leitor quando diz que “leitor maduro é aquele para quem cada nova leitura se desloca e altera o significado de tudo o que já leu, tornando mais profunda sua compreensão dos livros, das gentes e da vida” (2009, p. 100).

Aluno participa de oficina



Quando se força a trajetória de uma pessoa no ciberespaço, delimita-se, também, um centro de interesse que nem sempre vai condizer com as preferências do indivíduo. Essas atitudes fragmentam o processo de inclusão e não contribuem para a autonomia. As pessoas, de certa maneira, estão acostumadas com o sistema instalado na sociedade, em que a informação e o conhecimento são transmitidos por outro. Contudo, a inclusão digital precisa desafiar os indivíduos a buscarem suas dúvidas, os interesses pessoais e coletivos para que essa apropriação da tecnologia tenha sentido. Para Venn, “criamos conhecimento a partir de informações que nós, como indivíduos, consideramos importantes e significativas, o uso de habilidades e o que julgamos importante, isto

é, nossos valores, baseiam-se em nossa interação com o que nos cerca” (2009, p. 81).

Incluir é se fazer presente com sua identidade como um ser social. Participar do ciberespaço exige uma postura diferenciada: ao mesmo tempo em que o indivíduo mantém sua identidade cultural, ele precisa ser leitor-autor, aquele navegador que lê, mas também expressa suas ideias. Propostas de inclusão digital devem incentivar o indivíduo a ser autor no ciberespaço para que, futuramente, consiga participar de um coletivo inteligente. Então, as ações para que a apropriação da tecnologia aconteça não podem ser limitantes. Estabelecer um único roteiro de navegação vai contra a lógica das redes, seria como realizar uma leitura linear num labirinto.

Nesse sentido, é importante desafiar as crianças a refletirem sobre as obras com intuito de encontrar significado nas leituras que realizam. Afinal, não são os adultos que mostram os significados de um texto para uma criança, pois é ela com o conhecimento que possui, que irá fazer as suas associações. Petit critica a maneira como são esmiuçados os textos: “os poderes autoritários preferem difundir vídeos, fichas ou trechos escolhidos, acompanhados de sua interpretação e contendo a menor possibilidade de ‘jogo’, deixando ao leitor a mínima liberdade” (2008, p. 26). Ler envolve interesse e disposição. Quando o indivíduo está lendo, ele visita emoções e situações vivenciadas, e essa prática ninguém pode realizar pelo indivíduo, só ele mesmo; se o leitor recebe toda a interpretação do texto, a leitura não fará sentido ao leitor.

Para Kleiman a leitura “é uma atividade de interação entre dois atores sociais – autor e leitor –, que por estarem distante podem ter problemas de comunicação” (2005, p. 22). Esse diálogo do autor com o leitor, geralmente é vertical, pois o leitor recebe a informação, mas a mensagem não poderia ser discutida com o autor. Até então o autor era “reconhecido como detentor de uma propriedade imprescritível sobre as obras que exprimem seu próprio gênio” (CHARTIER, 1999, p. 49), ser autor significava ter autoridade sobre a sua obra, ao leitor cabia a leitura e as interpretações que conseguia realizar. Ele não tinha possibilidades de interferir na obra e nem expressar sua opinião em espaços de grande alcance, como é o caso da internet.

Essa postura de afastamento entre o autor e o leitor já está se modificando, alguns autores, principalmente os mais jovens, estão mantendo *sites* e *blogs* que permitem a aproximação do autor com o leitor. Há também uma perspectiva de que a situação de leitor se modifique, uma vez que a internet fornece condições de escrever, de criar, de se expressar e que essa possibilidade para uma criança e ou adolescente é muito importante, pois pode despertar o interesse por várias coisas, entre elas, a leitura.

Nesse estudo, onde a proposta de inclusão digital busca desafiar os participantes das oficinas a serem leitores-autores no ciberespaço, considera-se leitor-autor os participantes que tenham autonomia de interagir, que estabeleçam seus hipertextos sem estarem condicionados a um ambiente ou pessoa, que encontrem sentido em leituras que realizam, manifestem vontade de participar, se comuniquem e compartilhem suas produções.

Contexto da pesquisa

As oficinas do Projeto Mutirão pela Inclusão Digital acontecem semanalmente e têm como objetivo: “Implementar ações de Inclusão Digital, que possam iniciar um processo de apropriação das tecnologias de rede por parte das camadas excluídas da sociedade, em uma perspectiva de ambiente comunicacional e de exercício da cidadania.” (TEIXEIRA, 2010, p. 39). Para tanto, procura, a partir de um tema gerador anual, aproximar as atividades propostas da vivência dos alunos desafiando-os à participação, à autonomia e à emissão de opiniões.

O público da oficina na qual aconteceu a pesquisa, era constituído de crianças entre 9 e 12 anos que frequentavam o 4º ano do ensino fundamental de uma escola de periferia do município de Passo Fundo. Em função do caráter filantrópico do projeto, o serviço somente é oferecido a pessoas em vulnerabilidade, neste caso, social e econômica. As crianças, apesar de terem acesso ao laboratório da escola, chegaram à oficina sem conhecimento para ligar as máquinas, acessar programas que utilizavam e navegar pela internet. Em face dessa realidade, as

oficinas buscariam o seu objetivo como projeto, enquanto se realizaria o estudo, verificando a postura dessas crianças durante a utilização das tecnologias em rede.

O contato das crianças com a tecnologia ocorreu na escola durante 1h semanal e na oficina durante 2h30min. As atividades na escola estavam relacionadas especificamente ao conteúdo de sala de aula e foram propostas pelo laboratorista da escola. A oficina do projeto aqui pesquisado tem como base a leitura e a literatura, sendo que a metodologia dos encontros consistiu em dois momentos com o mesmo tempo de duração. Uma parte direcionada envolvendo uma prática leitora e o segundo momento de navegação livre onde as crianças decidiam a atividade que iriam realizar no computador.

As análises que serão posteriormente apresentadas, referem-se a um período de dez semanas, nas quais as crianças vinham semanalmente até a Universidade de Passo Fundo para participarem das oficinas em turno inverso ao período escolar. As oficinas não são aulas de informática, existe um planejamento dos encontros e os monitores do Curso da Ciência da Computação, a partir das propostas semanais auxiliam as crianças em suas dificuldades com a tecnologia. O auxílio é realizado individualmente, respeitando as habilidades e limitações de cada um. As crianças tinham a liberdade de questionar as atividades propostas, bem como negociá-las com o colaborador.

O planejamento contempla o contato com diversos gêneros textuais que são apresentados, utilizando diferentes suportes e linguagens e também a apropriação do uso das ferramentas, principalmente ambientes e recursos na internet que permitem a construção coletiva e que facilitem disponibilizar as produções na rede. Nesse sentido, acredita-se que se esse contato na rede for significativo a criança tem condições de se posicionar diferentemente no uso das tecnologias. Como lembra Lipovetsky e Charles, “a hipermodernidade não se reduz ao consumismo, ao entretenimento nem ao *zapping* generalizados. Na realidade, ela não aboliu a vontade de superar-se, de criar, de inventar, de procurar, de desafiar as dificuldades de vida e do pensamento” (2004, p. 123).

O interessante seria se os indivíduos se apropriassem de tal forma da tecnologia sendo capazes de ter independência e autonomia na cons-

trução do conhecimento. A postura do grupo em estudo era diferente. As crianças estavam acostumadas a realizarem atividades específicas e condicionadas ao uso limitado da rede. Entretanto, incentivávamos a buscarem o que lhes interessava e a colaborarem com os demais que participam do ciberespaço. Ter essa iniciativa é o essencial para a criação de coletivos inteligentes.

Oficinas do Projeto Mutirão pela Inclusão Digital e o leitor-autor

As oficinas do projeto Mutirão pela Inclusão Digital da Universidade de Passo Fundo que acontecem desde 2004, já beneficiaram mais de 900 pessoas de diferentes idades. Uma das oficinas oferecidas, entre seis existentes em 2010, era especificamente para crianças em processo de alfabetização e com histórias de vida marcadas por situações de exclusão. Os encontros semanais das oficinas visavam à aproximação desses alunos da leitura e da escrita por meio dos diferentes recursos e mídias disponíveis na internet. Para tanto, procurou-se, a partir de um tema gerador anual, aproximar as propostas da vivência dos alunos, desafiando-os à participação, à autonomia e à emissão de opiniões.

A coleta de dados da pesquisa foi realizada por meio de protocolos de observação. Um dos protocolos era respondido por um assistente que observava as crianças, o colaborador, as interações e colaborações existentes no encontro. Anotava as expressões e falas das crianças. O outro protocolo era feito pelos monitores das oficinas que observavam a apropriação do uso das tecnologias e a postura das crianças durante a utilização da rede. Posteriormente, os protocolos foram analisados e constataram-se algumas situações significativas na mudança de postura dessas crianças.

Nos três primeiros encontros, elas estavam retraídas, dependentes, tinham receio de expressar opiniões na frente dos colegas, realizavam as atividades individualmente e na rede utilizavam somente ambientes indicados pelo colaborador e monitores. Quando as propostas foram sendo desenvolvidas, as crianças sentiram-se motivadas a reali-

zar os desafios apresentados. O acesso da rede na escola estava limitado a *sites* de busca e *sites* determinados, elas não tinham liberdade para explorar a rede.

Na oficina, era o contrário. A navegação dependia basicamente do interesse das crianças. A cada encontro apresentavam-se textos, músicas ou filmes e era proposta a realização de uma atividade no ciberespaço, a qual permitisse que as crianças aprofundassem a leitura e opinassem sobre a obra. Observou-se o crescimento das crianças: de tímidas e com receio de expressar suas opiniões, passaram a contribuir falando sobre suas impressões após conhecerem uma obra, inclusive apontando o que não gostavam. O fato de o leitor, após a leitura, criar um argumento contrário ao do autor demonstra que a criticidade do leitor está se desenvolvendo, pois, além de compreender o que foi lido ele tem condições de exprimir suas ideias sem reproduzir mecanicamente as informações lidas.

No final dos dez encontros, elas tinham *e-mail* e *blog*. Havia produzido histórias em quadrinhos on-line, textos colaborativos e desenhos em meio digital. Interagiam em bate papos, opinavam em *blogs* e trocavam *e-mails* espontaneamente para marcar atividades após a escola ou para expressar sentimentos em relação ao colega.

Com os protocolos identificou-se que as crianças estavam dispostas para utilizarem as tecnologias e se apropriarem rapidamente das ferramentas. As dificuldades, no decorrer das oficinas não estavam ligadas ao uso das tecnologias, pois conforme conheciam os recursos, foram adaptando o conhecimento para os outros ambientes. As maiores dificuldades eram de leitura, escrita e de comunicação.

As crianças tinham desenvoltura no manuseio das ferramentas e só precisavam de motivação para colaborar no ciberespaço, e para que isso se efetivasse, as atividades foram mediadas. Quando estavam conhecendo as possibilidades de um ambiente, era proposto que conhecessem maneiras de contribuir e também de se locomover.

Outro resultado significativo na oficina foi a interação sem o uso das tecnologias de rede. O diálogo e o interesse pela opinião do colega

passou a ser importante, também, nas atividades individuais. Havia a necessidade de conversarem para saberem como o colega iria proceder na execução de uma atividade, existia a troca constante de conhecimentos, de dicas na manipulação da tecnologia e de respeito e curiosidade pelo trabalho do outro.

A postura das crianças foi se modificando ao mesmo tempo em que o convívio entre elas ganhou uma nova proporção, pois o modo de realizarem as atividades foi estipulando a posição e a valorização de cada membro no grupo, suas habilidades e conhecimento. As rivalidades existentes na escola desapareciam quando estavam nas oficinas, propiciando o estabelecimento de uma rede colaborativa.

Acredita-se que a maneira como se apropriaram das ferramentas e interagiram com os colegas, monitores e os recursos foram fundamentais para adquirem competências, conhecimentos e se posicionarem no ciberespaço.

Quando um sujeito não tem espaço para falar de suas dificuldades ou habilidades e consegue fazer isso na rede, ele se sente participante, deixa de ser um consumidor de informações e passa a ser um autor. Para essas crianças em situação de vulnerabilidade, o ciberespaço pode ser o único lugar de expressão.

A dinâmica das oficinas as fez compreender que podiam procurar o que lhes interessava, com isso ganharam autonomia para escolher como navegar e quais informações queriam buscar. Na ocasião, perceberam que os monitores e professores não precisavam dizer o que eles deveriam conhecer, isso dependia da vontade pessoal e, a partir disso, começaram a se posicionar como leitor-autor, pois tinham autonomia para interagir, decidiam suas leituras e espaços para acessar na rede, buscavam informações que tinham sentido para elas, participavam e opinavam sobre o que conheciam durante a oficina. Comunicavam-se, tinham vontade de compartilhar suas informações e colaborar com o colega criando coletivamente.

Literatura e tecnologia: interface do Mundo da Leitura com as ações pela inclusão digital

O objetivo consistente do projeto Mutirão pela Inclusão Digital atraiu a equipe de monitores do Mundo da Leitura para participar do processo de letramento digital especialmente de alunos do 4º ano do Ensino Fundamental.

Monitores do Mundo da Leitura participaram, semanalmente, no espaço do Laboratório Central de Informática do Instituto de Ciências Exatas e Geociências, durante um ano, dos encontros com os estudantes das escolas públicas, contribuindo com o esforço coletivo dos demais monitores do projeto, sob orientação de seu coordenador, Prof. Dr. Adriano Canabarro Teixeira. Objetivava-se estimular crianças e pré-adolescentes a usarem os recursos da web, da Internet, do computador e de distintos programas. As ações de práticas de leitura e de escrita em meio digital foram registradas no Roteiro de Práticas Leitoras para a Escola – Literatura e Tecnologia – destinado a docentes e discentes do 1º ao 4º ano do Ensino Fundamental, publicado em 2010 pela Editora da UPF, com apoio do Curso de Graduação em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado e Doutorado do Conselho Nacional de Pesquisa - CNPq. Estão incluídas práticas leitoras em meio digital, abrangendo textos literários impressos e outras linguagens como: Criando um endereço na rede, *Emoticons* e a possibilidade de ilustrar sentimentos, Resgatando e contando a história familiar, Criando *slides* com desenhos sobre família, Resgatando histórias da família e da comunidade, Com qual amigo estou teclando, Como eu vejo a minha escola – quadrinhos, Como eu quero a minha escola, Criando e compartilhando textos, O que é moda?, Conhecendo o braile, Ilustrando canções populares.

Essa interface do Mundo da Leitura com o Projeto Mutirão pela Inclusão Digital ampliou a necessidade, no Centro de Referência de Literatura e Multimeios, de serem planejadas mais e mais ações de leitura em meio digital, em meio a práticas leitoras desencadeadas por textos literários, ainda mais consistentes para viabilizar a leitura em meio digital em práticas leitoras com experiências de leitura na abrangência do impresso ao digital, passando por distintas linguagens.

Roteiro Práticas Leitoras - 1ª ao 4ª anos



Considerações

As tecnologias de rede contribuíram para a mudança de comportamento dos indivíduos que pertencem à sociedade hipermoderna e sofrem consequências dessa realidade por estarem vivenciando condições econômicas e sociais desfavoráveis. Além disso, são excluídos digitais que, apesar de saberem da existência das tecnologias em rede, não tinham perspectivas em utilizá-las como ambiente comunicacional, ficando novamente à margem da comunicação e condicionados ao conhecimento e a decisões de outras pessoas.

Na cibercultura, a riqueza não está nos iguais e, sim, no diferente, então as características e os conhecimentos individuais são fundamentais para termos um ciberespaço ainda mais diverso. É necessário que as pessoas sintam-se responsáveis por suas ações, reflitam sobre o que é veiculado nas mídias, não sejam passivas diante das informações, respeitem o interesse dos outros e contribuam na formação do ciberespaço. Com autonomia, o leitor, através de sua navegação, cria um novo texto podendo opinar no mesmo espaço do autor ou contribuindo com outros autores. E

mais, como o ciberespaço é um lugar aberto, não existe uma restrição para os novos autores e todos podem disponibilizar na rede as suas produções.

Por isso, as propostas de inclusão digital, mais do que fornecerem acesso à tecnologia, precisam desenvolver ações que desafiem os participantes e que contribuam na formação do leitor-autor. Foi essa dinâmica que se buscou nessas oficinas que foram analisadas e se concluiu que apesar da idade das crianças e de não estarem alfabetizadas elas se apropriaram das tecnologias em rede com facilidade e assumiram uma condição de leitor-autor com as possibilidades e limitações que tinham no momento. Esse foi o primeiro passo, considerado essencial, pois ao apropriarem-se das tecnologias em rede, as crianças vivenciaram, entenderam a dinâmica do ciberespaço e começaram a produzir textos colaborativamente, elemento importante para a formação de coletivos inteligentes.

Referências

- CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Unesp, 1999.
- KLEIMAN, A. B. Contribuições teóricas para o desenvolvimento do leitor – teorias de leitura e ensino, In: RÖSING, T. M. K.; BECKER, P. (Coord.). *Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca*. 2. ed. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005.
- LAJOLO, M. *O texto não é pretexto*. Será que não é mesmo? Porto Alegre: Mercado aberto, 2009.
- LEMOS, A. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- LÉVY, P. *A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência*. São Paulo: Ed. 34, 2001.
- LIPOVETSKY, G.; CHARLES, S. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Bacarolla, 2004.
- PETIT, M. *Os jovens e a leitura*. São Paulo: Ed. 34, 2008.
- RÖSING, Tania M. K.; MELLO, Elisângela de F. F. *Literatura e tecnologia: 1º ao 4º anos do Ensino Fundamental*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2010.
- SANTOS, M. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. São Paulo, Record, 2004.
- SERPA, F. *Rascunho digital: diálogos com Felipe Serpa*. Salvador: Udufba, 2004.
- SILVEIRA, S.; C, J. *Software Livre e Inclusão Digital*. Porto Alegre: Conrad, 2003.
- TEIXEIRA, A. C. *Inclusão digital: novas perspectivas para a informática educativa*. Ijuí/RS: Editora Unijuí, 2010.
- VEEN, W.; VRAKKing, B. *Homo zappiens: educando na era digital*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

JORNADINHA NACIONAL DE LITERATURA

*Paulo Becker
Eliana Teixeira*

A experiência de sucesso com as Jornadas de Literatura de Passo Fundo, especialmente a metodologia inaugurada desde o início, em 1981, com a Pré-Jornada – leitura antecipada das obras dos escritores que se fazem presentes a cada nova edição do evento –, deu origem a uma movimentação cultural permanente.

Assim, em 2001, ano de comemoração dos 20 anos das Jornadas de Literatura, acontecia, simultaneamente, no Circo da Cultura, a 1ª Jornadinha Nacional de Literatura, direcionada ao público infanto-juvenil. Crianças, pré-adolescentes e adolescentes obtiveram, com a sua criação, um evento dirigido para a sua faixa etária e sintonizado com os interesses desse segmento, com a mesma organização e seriedade que pautaram as Jornadas desde o seu surgimento.

Cartaz 1ª Jornadinha



A Jornadinha e o binômio educação e cultura

Os índices governamentais e não governamentais deixam perplexos autoridades, educadores, pais e a sociedade civil com os dados sobre o desempenho escolar dos jovens brasileiros e, também, sobre o número de livros lidos, anualmente, por pessoa, no país.

Infelizmente, nas últimas décadas, como é sabido, a educação e a cultura têm mantido uma relação distanciada, não apenas no Brasil, como em boa parte do Ocidente. Em contraposição, a formação técnica e especializada se instalou fortemente nos currículos escolares, nos diferentes níveis de ensino.

Conforme constata Leyla Perrone-Moisés, desde meados do século passado “vem se evidenciando a tendência, por parte dos dirigentes universitários, a ver as humanidades como ‘improdutivas’ e o ensino literário como ‘perfumaria’. Também se nota a tendência à sujeição do ensino literário ao ensino de línguas estrangeiras, estas inegavelmente úteis para a globalização econômica”.

Abordando o mesmo fenômeno, Alfredo Bosi acusa que os projetos governamentais voltados à educação, no Brasil, são pautados desde os anos de 1960 pela “tecnoburocracia”. Evidências disso, segundo o autor, podem ser assim resumidas:

- a) A implantação, em todos os graus de ensino, de um corpo de doutrina sociopolítica forrado de ideais neocapitalistas, como Organização Social e Política do Brasil e Estudos de Problemas Brasileiros (ambas abolidas, felizmente, nos dias atuais);
- b) A substituição das matérias de História Geral, Geografia Geral, História do Brasil e Geografia do Brasil, constantes dos currículos do ensino médio, por uma disciplina híbrida chamada Estudos Sociais, de teor vasto e indiferenciado, que borrava a especificidade de cada uma dessas áreas;
- c) A exclusão da disciplina de Filosofia dos cursos médios, e até dos superiores, alijando os estudantes, num período crucial de sua formação, da reflexão teórica e crítica por excelência, “capaz de perscrutar a significação das ciências da Natureza, das ciências do Homem, o andamento da cultura e suas implicações ideológicas”;
- d) A exclusão do Francês, como língua opcional, nos cursos médios e, mesmo, superiores, motivada pela predominância econômica

dos Estados Unidos. Além disso, o que sobrou do ensino das línguas modernas, especialmente do Inglês, “se tem feito, em geral, por técnicas pragmáticas de domínio da conversação básica, tipo *Yázigi* ou *Ensino Programado*, mediante esquemas behavioristas. [...] O instrumento torna-se fim em si, o que é a definição da tecnocracia”;

- e) A criação do vestibular unificado, que se estrutura mediante alternativas e sem redação (esta veio em 77, parcialmente), o que veio a orientar o ensino médio e os cursinhos pré-universitários a investirem numa linha maciçamente informativa, com prejuízo da finalidade formativa do curso médio;
- f) O fortalecimento programado do ensino superior privado, em detrimento do ensino superior público, fato que estimulou a mercantilização do ensino e o esvaziamento do pensamento crítico.

Na contracorrente dessa tendência tecnicista do ensino, observa-se, nas últimas décadas, em vários países, e também no Brasil, a implementação de ações, por parte do governo ou de instituições privadas, que visam à formação do leitor literário, especialmente entre o público mais jovem. Como destaca Michèle Petit, a leitura é uma atividade essencial para a integração do jovem na sociedade, pois, ao mesmo tempo que ajuda a afastá-lo da drogadição, da violência e de outras armadilhas da civilização contemporânea, a leitura lhe proporciona vários instrumentos para a sua formação: o acesso ao conhecimento, a apropriação da língua, a construção da própria identidade, a extensão do horizonte de referências e o desenvolvimento de novas formas de sociabilidade. A prática da leitura contribui, portanto, de forma decisiva, para estimular o exercício de uma cidadania ativa entre as novas gerações.

Partindo desse pressuposto, a Universidade de Passo Fundo, em parceria com a Prefeitura Municipal, promove a Jornada e a Jornadainha, investindo na formação de leitores do texto literário. Essas ações se fundamentam na crença de que o envolvimento de crianças, adolescentes e adultos com o livro e diferentes manifestações artísticas e culturais é essencial para a formação de um cidadão pleno, capaz de interagir crítica e criativamente nas várias esferas da convivência social.

A comissão organizadora das Jornadas entende, ainda, a leitura como um ato prazeroso que deve ser estimulado continuamente, desde a infância, pelos pais, pela escola, pelas bibliotecas públicas e demais

instituições vinculadas ao livro e à leitura, para consolidar o hábito de ler como um comportamento perene na vida dos indivíduos.

A Pré-Jornadinha: uma metodologia inovadora

O grande diferencial da Jornadinha em relação a outros eventos relacionados aos livros e à leitura, como feiras do livro, encontros com autores, etc., aos quais as escolas, no Estado e no País, levam turmas de crianças e jovens para participarem, é a metodologia empregada na preparação dos alunos. Esses leem e discutem em sala de aula, junto aos professores, as obras dos autores que participarão da Jornadinha e, a partir disso, criam diferentes produções literárias ou artísticas: poemas, narrativas, cartazes, desenhos, pinturas, esculturas, músicas, encenações teatrais, vídeos, etc. Dessa forma, eles não apenas adquirem familiaridade com as obras dos autores que encontrarão no Circo da Cultura, mas se tornam, eles próprios, autores.

Para estimular esse processo educativo, os monitores e professores ligados ao Centro de Referência de Literatura e Multimeios da UPF elaboram dois importantes subsídios: as práticas leitoras e os *Cadernos de Atividades*.

As práticas leitoras são atividades de leitura desenvolvidas e aplicadas para grupos de alunos de diferentes níveis de ensino, no ambiente do Centro de Referência. Estas práticas leitoras envolvem as obras indicadas dos autores presentes na Jornadinha.

A leitura do texto literário exige do leitor a compreensão da estrutura da obra ficcional, não apenas a leitura objetiva situando as ações e as situações representadas no texto. O caráter subjetivo da leitura faz com que os conhecimentos prévios do leitor sejam acionados para que haja uma interação texto-leitor.

Nesse sentido, as práticas leitoras procuram situar o leitor no contexto da obra, levando em consideração as suas experiências e vivências de mundo e os seus interesses de leitura. Além disso, extrapola-se a leitura da obra, relacionando-a a outras manifestações artístico-culturais, num processo de comunicação e de diálogo com as diferentes formas de representação das artes. Apresentam-se, ainda, os variados suportes utilizados para a veiculação do texto.

Prática Leitora no Mundo da Leitura - 4ª Jornadinha



Já os *Cadernos de Atividades*, elaborados a partir da 2ª Jornadinha, são distribuídos para os professores como um instrumento de trabalho a ser utilizado em sala de aula. Neles, são propostas atividades de leitura com as obras dos autores participantes da Jornadinha, procurando-se incentivar o professor a realizar a leitura das obras de forma criativa, envolvendo os alunos numa dinâmica participativa, colaborativa e crítica. A formação de jovens leitores exige dos professores o conhecimento dos meios pelos quais esses jovens estão se comunicando, como as redes sociais e os *blogs*.

A Jornadinha: festa da cultura para crianças e jovens

Para fomentar o hábito de ler entre o público infanto-juvenil e, ao mesmo tempo, proporcionar-lhe uma verdadeira “imersão cultural”, as Jornadinhas contemplam uma programação diversificada: conversa com escritores, espetáculos teatrais, contação de histórias, shows mu-

sicais, atividades no ambiente com computadores, visita a exposições e sessão de autógrafos. É oferecida, ainda, às escolas que não se inscreveram na Jornadinha, uma programação paralela, constituída por atividades como espetáculos teatrais e conversas com escritores em horários e espaços alternativos.

A cada nova edição do evento, em bandos coloridos, as crianças chegam de manhã cedo ao Circo da Cultura. O entusiasmo delas se percebe nas fisionomias, que expressam alegria e espanto ao entrarem na enorme lona do Circo, que tem capacidade de abrigar mais de quatro mil pessoas. O espetáculo das letras inicia com o *show* de abertura e, na sequência, o apresentador oficial da Jornadinha, o gato Gali-Leu, interage com o público e chama os escritores e artistas para subirem ao palco. Durante toda manhã, alternam-se momentos de silêncio total, quando as crianças escutam a fala dos escritores, com momentos de euforia, quando, por exemplo, todos cantam juntos a música de algum cantor ou grupo que está se apresentando. No período da tarde, as crianças são distribuídas em lonas menores, nas quais podem estabelecer um diálogo mais próximo com os escritores, num sistema de rodízio (os escritores vão passando de lona em lona).

Público com mascotes Gali-Leu e Reco-Reco



A Jornadinha ocorre durante quatro dias. Os alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental participam nos dois primeiros dias, os alunos do 6º ao 9º ano no terceiro dia, e os alunos de ensino médio, no último dia. No intervalo do meio-dia, crianças e adolescentes frequentam a praça de alimentação, visitam exposições, participam de oficinas ou visitam estandes de livrarias. E, no final da tarde, todos têm a oportunidade de buscar um autógrafo do(s) seu(s) escritor(es) predileto(s).

A preocupação em oportunizar o contato dos jovens leitores com o meio eletrônico, no contexto da Jornadinha, prevê a utilização do computador em atividades dirigidas aos alunos. Em 2001, o escritor e poeta Sérgio Capparelli propôs a interação do grupo com poesias virtuais. Já em 2003, Capparelli coordenou também outra atividade com poesias, num ambiente criado em conjunto com a professora Diana Domingues.

Na 3ª Jornadinha, em 2005, os alunos puderam criar animações na oficina de desenho animado, com o auxílio de um grupo de animadores de Campinas – São Paulo, coordenado pelo professor Wilson Lazaretti. A oficina consistiu em elaborar, a partir da música tema da Jornadinha, “Caminhos cruzados”, desenhos para serem posteriormente animados.

Ainda no âmbito da 3ª Jornadinha, a artista plástica Maria Tomaselli ministrou a oficina “Ilustração do livro infantil através da pintura” para um grupo de crianças de diferentes escolas de Passo Fundo e Marau. Os encontros aconteceram na Faculdade de Artes e Comunicação, na modalidade presencial, e também houve contato dos envolvidos à distância, através do MSN e da realização de videoconferências com a artista, que estava em Porto Alegre. A proposta da artista Maria Tomaselli era de escrever e ilustrar um livro infantil, de forma coletiva, utilizando os recursos tecnológicos e o conteúdo sintonizado com o tema da Jornada, naquele ano: “Diversidade cultural: o diálogo das diferenças”. O livro resultante desse trabalho intitula-se *Diferente é divertido*, e foi lançado pela UPF Editora durante a realização do evento.

Já na 4ª e 5ª Jornadinhas, crianças e adolescentes voltaram a ser estimulados a exercitarem a autoria colaborativamente. Sob a coordenação do professor da UPF, Adriano Teixeira, e com o apoio de alunos do curso de Ciência da Computação, os participantes criaram textos e desenhos com *softwares* específicos para este fim.

Viagem ao ciberespaço - 6ª Jornadinha



Na 6ª Jornadinha, além de acompanhar a exibição do show musical “O elefante e a joaninha”, de Hélio Ziskind e Banda, e do espetáculo teatral “Criança pensa”, da Cia. Teatro Novo, entre outras atividades, as crianças foram estimuladas a realizar uma viagem guiada pelo ciberespaço, em espaço aparelhado com computadores.

Na 7ª Jornadinha, o público teve a oportunidade de assistir ao show musical “Par ou Ímpar”, de Kleiton & Kledir, em parceria com o grupo Tholl, e ao espetáculo “Encantares”, de Emmanuel Marinho, entre diversas outras atividades artísticas. Como fecho da programação, no último dia do evento, houve a apresentação do Universo Casuo, que trouxe a magia da arte circense para o palco das Jornadas Literárias, por meio de um espetáculo dirigido às pessoas de todas as faixas etárias.

A conversa com os escritores

A 1ª Jornadinha, realizada no ano de 2001, foi construída a partir do tema geral “2001: uma jornada na galáxia de Gutenberg”. Estiveram presentes escritores e artistas como Ziraldo, Ruth Rocha, Júlio Emilio Braz, Carlos Urbim, Renato Tapajós, Liliana Iacocca, Eloar Guazzelli Filho, Gustavo Finkler e José Mauro Brant, entre outros.

Ziraldo e Ruth Rocha



A 2ª Jornadinha teve por tema as “Vozes do terceiro milênio: a arte da inclusão”. Participaram escritores e artistas como Mauricio de Sousa, Eva Furnari, Ricardo Azevedo, Sérgio Capparelli, Ângela Lago, Bartolomeu Campos Queirós, Marcelino Freire, Adriana Falcão, Jorge Furtado, Joel Rufino dos Santos e Grupo Zé Vagão, entre outros.

Bartolomeu Campos Queirós



A 3ª Jornadinha abordou a “Diversidade cultural: o diálogo das diferenças”. Participaram do evento Ana Maria Machado, Antonio Prata, Valéria Polizzi, Ludmila Zeman, Daniel Munduruku, Elias José, Ricardo Silvestrin, Luiz Vilela, Walcyr Carrasco, Luiz Puntel, Reginaldo Prandi, Paulo Tatit e Sandra Peres, entre outros.

Ana Maria Machado



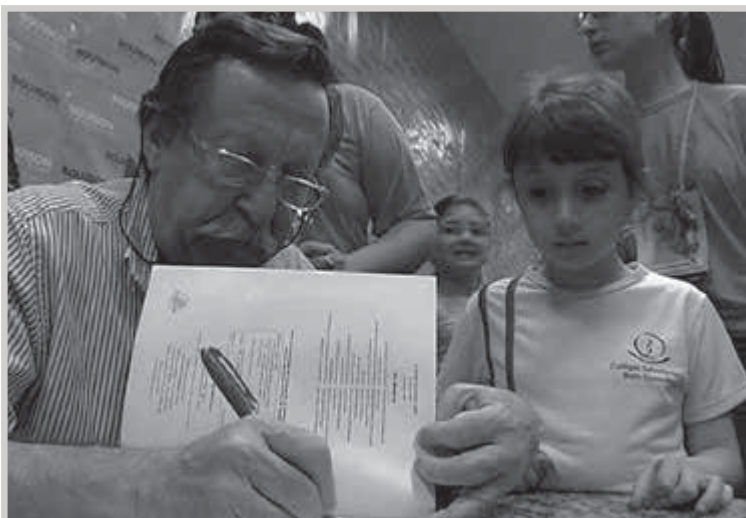
Na 4ª Jornadinha, o ilustrador Rui de Oliveira foi o homenageado especial, e também o criador da arte do Bufão, que sintetizou o tema daquela Jornada, “Leitura da arte & Arte da leitura”. Participaram da 4ª Jornadinha, entre outros, Marina Colasanti, Lia Zatz, André Neves, Elizete Lisboa, Heloisa Prieto, José Roberto Torero, Santiago Nazarian, Spacca, Ferréz, Luciana Savaget, Domingos Pellegrini, Grupo AfroReggae – Afro Lata e Makala, e os cantadores de história Celso Sisto e Mario Pirata.

Marina Colasanti



A 5ª Jornadinha, concebida a partir do tema “Arte e tecnologia: novas interfaces”, realizou uma homenagem especial a Pedro Bandeira, o escritor de literatura infantil e juvenil cujas obras são as mais vendidas no Brasil. Além do autor homenageado, estiveram presentes Ignácio de Loyola Brandão, Gian Calvi, Fernando Vilela, Marilda Castanha, Carlo Frabetti, Lúcia Hiratsuka, Guilherme Fiuza, Rosana Rios, Paulo Bi, Os PoETs e as contadoras de histórias Lúcia Fidalgo e Fátima Café, entre outros.

Pedro Bandeira - escritor homenageado

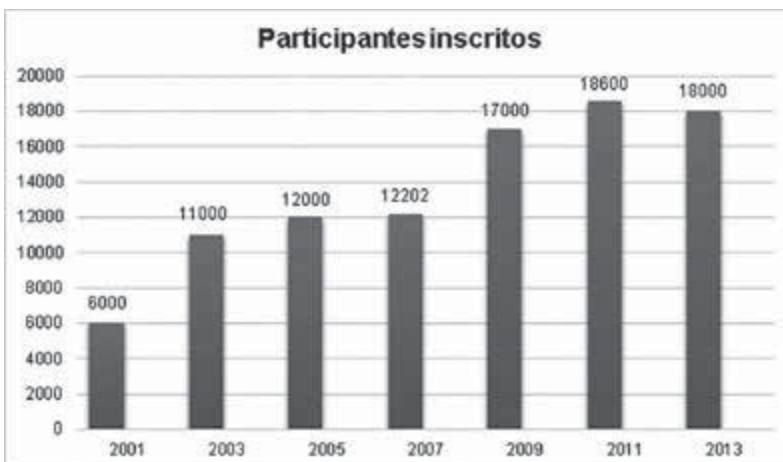
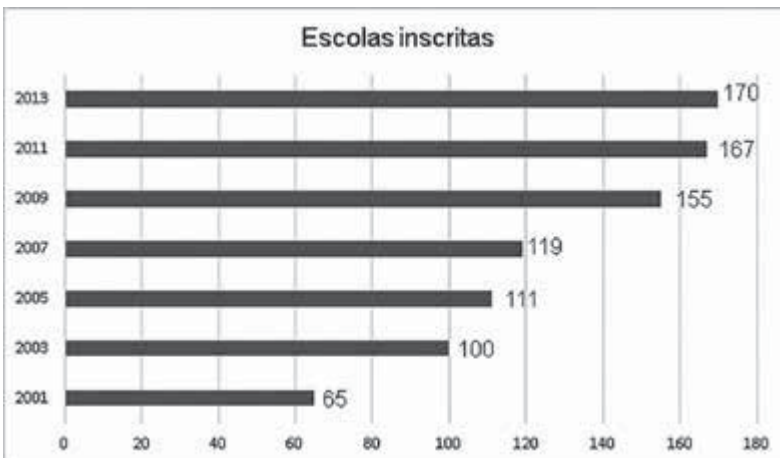


Referências

- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: Editora 34, 2009.
- RÖSING, Tania M. K.; CANELLES, Lurdes (Org.). *Jornadas literárias de Passo Fundo: 25 anos*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2006.

Anexos

A Jornadinha em números



Em 2001, dezoito municípios dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina participaram da 1ª Jornadinha.

Municípios participantes da 1ª Jornadinha



Em 2013, sessenta e seis municípios dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina participaram da 7ª Jornadinha.

Municípios participantes da 7ª Jornadinha



PROGRAMA MUNDO DA LEITURA: 12 ANOS FORMANDO CRIANÇAS LEITORAS

*Paulo Becker
Lisandra Blanck*

O Mundo da Leitura é um programa televisivo infantil produzido pela UPFTV, canal de televisão da Universidade de Passo Fundo, em parceria com o Centro de Referência de Literatura e Multimídias – Mundo da Leitura, de julho de 2003 a dezembro de 2015. Entre 2003 e 2005, o programa foi retransmitido para todo o estado do Rio Grande do Sul, em canal aberto, pela TVE; e de outubro de 2005 a dezembro de 2015, integrou a grade de programação nacional do Canal Futura, motivo pelo qual o Canal Futura, nesse período, também se tornou parceiro na produção do programa.

As novas mídias e a educação

A televisão, desde seu surgimento, foi incorporada pelas sociedades, tornando-se o fenômeno de comunicação de massa de maior audiência dos últimos tempos. Mesmo com a chegada do computador, da internet e dos *games*, ela é ainda a mídia mais consumida. Especialmente no Brasil, atinge um número significativo de telespectadores com grande ênfase para o público infantil. Segundo pesquisas realizadas pelo IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística), em 2011, crianças e pré-adolescentes com até 11 anos passam em torno de 5 horas diárias em frente ao aparelho televisivo. Esse comportamento tem suscitado opiniões contrárias e favoráveis, no entanto, a presença da televisão nos lares brasileiros é definitiva e indiscutível.

Os alunos, antes mesmo de chegarem à escola, já estão familiarizados com a linguagem audiovisual, desafiando os educadores a pensarem outras estratégias para desenvolverem suas atividades pedagógicas. Em entrevista à revista *Nova Escola*, edição de março de 2007, Rivoltella ressalta que “Uma das maiores características desse público é o que chamamos de uma disposição multitarefa. Ele responde às mensagens do celular, ouve música no *iPod*, vê TV e fala com os amigos no *Messenger* – tudo ao mesmo tempo”. As evidências comportamentais de crianças e jovens demonstram a complexidade das ações que praticam com a maior naturalidade. Nesse contexto, a escola deve proporcionar um espaço para que alunos e professores utilizem as mídias e reflitam sobre seus conteúdos, entendendo a necessidade de educar com e para os meios de comunicação. A televisão apresenta um vasto repertório de imagens e informações que interferem diretamente em nosso modo de pensar e agir, e os alunos precisam estar preparados para interpretar os símbolos da sua cultura recebendo o auxílio de seus professores. Ferrés aborda essa questão tecendo alguns questionamentos:

Quais os símbolos que a escola ajuda a interpretar hoje? Os símbolos de que cultura? Se educar exige a preparação dos cidadãos para uma integração reflexiva e crítica na sociedade, como serão integrados cidadãos que não estiverem preparados para realizar de forma crítica aquela atividade à qual dedicam a maioria de seu tempo? [...] Dedicar-se muito mais tempo a ensinar a ler do que será depois dedicado à leitura. Dedicar-se muito mais tempo a ensinar arte do que será dedicado depois a contemplar a arte. No entanto, a televisão, que se tornou o fenômeno cultural mais impressionante da história da humanidade, é a prática para a qual os cidadãos estão menos preparados (FERRÉS, 1996, p. 9).

A televisão ocasionou a aparição de novas formas de aprendizagem na vida dos alunos e descentralizou os meios de aquisição da informação, oferecendo-lhes outros modos de ver o mundo, de pensar as relações advindas da avalanche de informações a que estão submetidos e de apropriarem-se dos conteúdos que lhes interessam no processo de construção de sua cidadania. Mesmo com a proliferação de sons e imagens, formas e cores que seduzem os sentidos, cativando o telespectador, a mediação da família e da escola é fundamental para que a criança

perceba e assimile seus conteúdos de maneira ativa. Para Lazar (1999, p. 103) “[...] o jovem telespectador tem na televisão uma fonte de prazer e diversão, também é verdade que procura ali respostas para as questões que faz sobre o mundo que o rodeia”. Nesse sentido, a produção cultural para o público infanto-juvenil, nos meios midiáticos, requer uma compreensão sobre o repertório infantil de brincadeiras, de espaços de lazer, a forma como crianças pensam, agem e se relacionam com seu meio. Esse público específico tem uma enorme capacidade de absorver e incorporar as novas mídias em suas práticas sociais, seja pela linguagem informatizada, televisiva ou pelos *games* que dialogam com seu ritmo, seu idioma, e sua sonoridade.

Desta forma, ainda que o livro (didático ou ficcional) por si só ocupe uma posição respeitável e insubstituível na produção de conhecimento, é imprescindível que o professor o utilize estabelecendo pontes com as novas tecnologias audiovisuais, abrindo novos caminhos para a aprendizagem: “Os meios de comunicação, quando usados para a educação podem propor, provocar e mesmo exigir movimentos de alunos e professores” (SADEK, 1999, p. 14). Esses meios podem ser (e cada vez mais são) iniciadores de movimentos. São pontos de partida no processo de educação. Em relação ao conteúdo apresentado pelos meios de comunicação, o autor salienta que as mensagens veiculadas não são recebidas igualmente por todos os alunos. A recepção depende da experiência anterior de cada um e de sua bagagem social e cultural. Assim, pode-se dizer que a mensagem depende muito mais do receptor, que deve estar preparado para receber e decodificar de forma crítica e seletiva o que lhe é apresentado na tela, do que do emissor. Nesse sentido, devemos entender que a comunicação não acontece no vazio. Ela ocorre dentro de um contexto social, dentro de uma realidade cultural que confere significado e valor no processo como um todo. O professor, sendo um mediador dos meios de comunicação e também um ser cultural, realiza suas ações mediadoras a partir de seus próprios referenciais. Sadek fundamenta essa questão ao afirmar que:

O professor-emissor, possuidor de alguns conhecimentos, aptidões [...] organiza e codifica alguns conteúdos, de acordo com uma tradição cultural correspondente ao seu meio, levando em consideração as características do meio de comunicação que utilizará na apresentação (no espaço e/ou no tempo) desses conhecimentos: uma vez emitidos e transmitidos pelo canal escolhido, esses conteúdos serão percebidos e decodificados – também a partir de sua cultura – pelo aluno receptor, que os avalia e os incorpora ou não a seu repertório (SADEK, 1999, p. 62).

Dessa maneira, ao desenvolver os conteúdos pedagógicos, o professor escolhe os programas que serão veiculados em sala de aula levando em consideração seus referenciais culturais, os quais, juntamente com o material selecionado, irão ao encontro do “aluno-receptor”, que, por sua vez, produzirá significados de acordo com sua bagagem cultural. Segundo Penteado (1991), a TV desafia a escola a explorar o potencial dos programas selecionados para serem apresentados aos alunos, valorizando o prazer na aprendizagem do aluno.

Muitos educadores, pais e críticos da mídia culpam a televisão por moldar e influenciar negativamente o comportamento do público infantil, suscitando o consumo e a violência. É sabido que a programação televisiva, em sua maioria, carece de uma proposta que dialogue com a cultura nacional, difundindo valores que respeitem o cidadão em toda a sua complexidade social. Ao observamos os conteúdos transmitidos por alguns programas, é possível perceber a falta de comprometimento ético, cultural e educacional. Segundo Duarte (2008), a busca constante e desmedida pela audiência está levando as emissoras de TV à repetição de fórmulas que se perpetuam independentemente da qualidade de suas produções. Por outro lado, a concepção dos programas ditos “educativos”, que deveriam ser divertidos e interessantes para garantir o encantamento, não cumpre seu objetivo.

Diante da importância que as produções culturais infantis e as atividades lúdicas, narrativas e estéticas assumem na educação de crianças, por envolverem uma forma de pensamento simbólico e intuitivo que expressa a intensidade do ser criança, é preciso identificar como os elementos relacionados à cultura e à fantasia estão presentes na mídia voltada para o público infantil. Para Belinky (1990), o intelec-

to e as emoções da criança devem ser desenvolvidos por intermédio de experiências vividas ou imaginadas. Portanto, é possível pensar que a televisão pode proporcionar um espaço para o lúdico, fazendo com que a criança exercite e desenvolva suas emoções, desde que os conteúdos e a forma com que os programas são produzidos estejam a serviço de seu desenvolvimento cognitivo. A definição de Belinky (1990, p. 34) para o ato de educar pode assumir a seguinte forma:

Educar é fornecer os instrumentos intelectuais, morais e éticos necessários às crianças (e ao ser humano em geral) visando a sua integração individual, familiar e social, consciente e responsável [...], é integrar a sua personalidade dentro da sociedade, sem prejuízo do senso crítico; é iniciar o processo de maturação que se prolongará por toda a existência do indivíduo.

O ensino que instrumentaliza os alunos para as mídias deve capacitar o sujeito a analisar a cultura oferecida pelos meios e a elaborar a sua cultura. Para Beth Carmona, da MídiaTiva (Centro Brasileiro de Mídia para Crianças e Adolescentes), a TV pode ser uma janela e uma ponte para vários campos da vida, não só transmitindo conteúdos de qualidade e valores éticos, mas também estimulando a criança a buscar novas formas de conhecimento. Ela deve ser instigante, despertar a curiosidade da criança, evitar que ela se torne uma espectadora passiva dos acontecimentos. Neste sentido, com a preocupação de incentivar e valorizar a produção de programas infantis de qualidade, o MídiaTiva e o Prêmio MídiaQ encomendaram uma pesquisa de mercado em 2004 para o Instituto MultiFocus. A pesquisa realizada com 60 pais de diferentes classes sociais, solicitando suas opiniões sobre as características de um programa infantil de qualidade, demonstrou que os pais têm consciência da influência que a televisão exerce na formação de seus filhos, seja de maneira positiva ou negativa. Os entrevistados também apresentaram interesse em programas de qualidade que possam ampliar o repertório cultural, gerar valores éticos, curiosidade, senso crítico, entretenimento e informação, contribuindo no processo educativo de seus filhos. Os dados da pesquisa foram sistematizados e amplamente debatidos por profissionais da mídia e da educação, resultando nos 10 mandamentos de um programa de qualidade: ser atraente; gerar curio-

sidade; confirmar valores; ter fantasia; não ser apelativo; gerar identificação; mostrar a realidade; despertar o senso crítico; incentivar a autoestima; preparar para a vida.

A pesquisa referida está repleta de significados relativos às características do que se pensava e, ainda hoje, se pensa de um bom programa televisivo para crianças. Dessa maneira, continua sendo uma referência no processo de criação de programas televisivos infantis e provoca reflexões cada vez mais profundas sobre o que está disponível na televisão para o público infantil, convidando professores e pais a participarem do processo de apreciação e da crítica sobre essa produção.

Programa Mundo da Leitura

Criado em 2003, o programa Mundo da Leitura foi veiculado primeiramente na UPFTV em canal por assinatura, e, logo após, no mesmo ano, passou a ser retransmitido simultaneamente pela TVE-RS, para todo o Rio Grande do Sul, em canal aberto. Em outubro de 2005, esse programa estreou episódios inéditos no canal Futura, da Fundação Roberto Marinho, em rede nacional. Esta parceria levou o programa, em 2008, para a Globo Internacional, atingindo mais de 100 países de língua portuguesa em canal por assinatura.

Apresentando as características de um programa educativo voltado para público infanto-juvenil, o programa Mundo da Leitura também instiga a curiosidade dos adultos, estimulando pais e professores a se envolverem com seu conteúdo. Aborda a literatura de forma lúdica e faz com que o texto literário dialogue com a linguagem da música, teatro, cinema, dança, artes plásticas, entre outras.

A equipe responsável pela realização da pesquisa e produção do Mundo da Leitura é interdisciplinar, proveniente de diferentes áreas do conhecimento, fato que contribui para a qualificação e diversificação das pautas e quadros do programa. O roteiro é elaborado pelo prof. Paulo Becker, também responsável pela concepção dos personagens e consultoria de textos.

O programa Mundo da Leitura conquistou muitos prêmios, entre eles: Programa Educativo na Mostra de Televisão Universitária de Salvador (BA), em 2004; três premiações (2004, 2006, 2007) no Gramado Cine Vídeo; e também o prêmio Açorianos de Literatura de Porto-Alegre, em 2004, na categoria de Mídia – Televisão. No ano de 2014, O Programa de TV Mundo da Leitura foi agraciado com o Prêmio Parceiros da Escrita – Mídia, Associação Gaúcha de Escritores – (AGES).

Galgo de Ouro



Estrutura, personagens e quadros

O programa Mundo da Leitura possui o formato de uma revista eletrônica. Cada episódio do programa tem a duração aproximada de 24 minutos, divididos em três blocos de, aproximadamente, 8 minutos.

Os personagens que integram o programa Mundo da Leitura apresentam diferentes traços de personalidade, permitindo que cada criança se identifique

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO – RS

Elenco

GIANCARLO CAMARGO - Mil-Faces

NATHALIA BRASIL - Nati

Voz e Manipulação de Bonecos

CACÁ SENA - Gali-Leu

ANICEIA DALTOÉ - Borrallheira

GIANCARLO CAMARGO - Reco-Reco

ELIANA RODRIGUES LEITE - Ratazana

GIANCARLO CAMARGO - Alberto

NATHALIA BRASIL - Alice

Roteiro e Consultoria

PAULO BECKER

Pesquisa

ELIANA TEIXEIRA

ELISÂNGELA DE MELLO

LISANDRA BLANCK

Direção

CARLOS TESTON

Cenários

PAULO BALARDIM

Criação e Confeccção dos Bonecos

PAULO BALARDIM

MARIA GORETI BETENCOURT

Videografismo

ALESSANDRO LORENZ

Produção

NATHALIA BRASIL

RAQUEL TRAMONTINI

Produção de Arte

ELIANA RODRIGUES LEITE

ANICEIA DALTOÉ

Direção de Fotografia e Câmera

LEONARDO GOBBI

Equipe Técnica

ANDERSON LEIRIA

LUÍS EDUARDO DE QUADROS

JÚLIO MEIRA

SÉRGIO TOSCAN

Edição

ALESSANDRO LORENZ

Trilha Sonora

SANDRO CARTIER

HUMBERTO GESSINGER

Letras das Canções

PAULO BECKER

Supervisão

UPFTV TAIS RIZZOTTO

Gerente Executivo de Comunicação

UPF CRISTIANO MIELCZARSKI SILVA

Coordenação do Centro de Referência de

Literatura e Multimeios - Mundo da Leitura

TANIA M. K. RÖSING

CANAL FUTURA

Coordenador de Núcleo

CLARICE SALIBY

com suas características. O gato Gali-Leu é o âncora do programa, gosta de ler livros e escrever poesias. A gata Borracheira é uma gata de rua que gosta de capoeira e das manifestações da cultura popular. Os gatinhos Alice e Alberto, nascidos em 2010, são os filhotes de Gali-Leu e Borracheira. Alberto tem um ar de cientista e está sempre experimentando novas invenções. Alice envolve o espectador com seu espírito aventureiro e é uma defensora das questões ecológicas.

A Natália e o Mil-Faces são os personagens humanos do programa. A Nati, como é chamada carinhosamente por seus companheiros, é muito inteligente, dedicada aos estudos e gosta de passar informações importantes com suas reportagens que abrangem diferentes áreas do conhecimento. O Mil-Faces representa um artista saltimbanco que, na figura de um palhaço bufão, comanda a oficina e muitas brincadeiras. Os vilões, Reco-reco e Ratazana, representam o eixo do mal. A Ratazana é uma rata malvada, vaidosa e arrogante. Odeia livros e leitores e está sempre tramando planos mirabolantes para destruir o Mundo da Leitura. O Reco-reco é o fiel escudeiro da Ratazana. Ele ainda não sabe ler e apresenta uma gagueira na fala.

Entre os quadros que compõem o programa, estão: “Contando histórias”, “Oficina”, “Fique – Esperto” “Pulga atrás da orelha”, “Jogo Mundo da Leitura”, “Dia de gato”, “Parlenda”, “Trava-língua”, “Poesia”, “Cantiga de roda”, “Dicas de leitura”, “Correspondência” e “Labirinto”.

O quadro “Contando histórias” traz narrativas que são apresentadas por meio de diferentes técnicas, como teatro de animação, teatro de imagens, teatro de sombras, entre outras linguagens que se utilizam de elementos cênicos como forma de representação das histórias. Com o objetivo de aproximar o espectador da leitura do texto literário, este quadro envolve lendas, fábulas e contos que resgatam a literatura clássica e a cultura popular. A diversidade de cores, formas, texturas e efeitos visuais, utilizados na produção dos cenários e personagens, ampliam o olhar do espectador, desenvolvendo o seu senso estético e a imaginação.

O quadro “Oficina” permite que a criança experimente atividades lúdicas por meio da produção criativa de elementos e objetos voltados para a arte, ciência, música, teatro, cinema, entre outras linguagens que dialogam com o perfil do programa. Apresentado pelo Mil-Faces e

por uma criança convidada, essas experiências estimulam a criatividade do espectador a partir de materiais plásticos de diferentes naturezas.

O “Fique Esperto” é um quadro em formato de reportagem. É apresentado pela Natália, que aparece como uma repórter investigadora trazendo para a telinha assuntos curiosos sobre diferentes áreas do conhecimento como: saúde, esporte, arte, história, ciências e muitos outros. Algumas vezes, outros personagens do programa, como o Gali-Leu, O Mil-Faces e o Reco-reco participam das reportagens, tornando-as ainda mais interessantes.

O quadro “Jogo Mundo da Leitura” é um jogo de perguntas e respostas que é gravado a partir da leitura prévia de uma obra literária. É apresentado pelo gato Gali-Leu e pela Natália, que recebem quatro estudantes convidados, sendo que cada dupla representa uma escola. O objetivo do quadro é divertir estimulando a curiosidade dos telespectadores em relação aos livros referenciados, envolvendo o ambiente escolar, onde alunos e professores são convidados a participarem ativamente do processo da leitura e da discussão das obras.

O quadro “Dia de gato” oportuniza ao telespectador conhecer um pouco mais sobre o universo dos personagens e suas características, por meio de tramas inteligentes e bem humoradas. Os diálogos são divertidos e, ao mesmo tempo, estabelecem um elo com os acontecimentos da vida real, ao abordar valores éticos e conflitos humanos sem ser maniqueísta, moralista ou dogmático. Este quadro gera a identificação do telespectador, que se familiariza com os personagens e com as situações vivenciadas pelos mesmos. A trilha sonora dos personagens é apresentada entre os diálogos, envolvendo o público e sensibilizando-o com a linguagem musical.

O “Labirinto” envolve enigmas matemáticos e adivinhas que são apresentados pelo Mil-Faces e pelo Gali-Leu. O quadro consiste em apresentar enigmas e charadas utilizando o recurso de objetos e imagens gráficas, instigando o raciocínio e o pensamento lógico do telespectador ao tentar descobrir as respostas. O público ainda tem a possibilidade de enviar *e-mails* com as possíveis respostas, ampliando a sua participação no programa.

O programete “Com a pulga atrás da orelha” aborda diferentes assuntos que dialogam com os outros quadros do programa por meio de perguntas e alternativas de respostas. As respostas são exibidas após o intervalo do primeiro e do segundo bloco, e são acompanhadas de um pequeno vídeo com informações abrangentes sobre o assunto referido.

Os programetes “Parlendas”, “Poesias”, “Trava-línguas” e “Cantigas de roda”, de maneira lúdica, buscam aproximar as crianças do folclore e da poesia, resgatando a cultura popular por meio de brincadeiras.

Com o programete “Dicas de leitura”, o espectador tem a oportunidade de conhecer e diversificar seu repertório cultural a partir das sugestões de leitura em diferentes suportes como livros, CDs, DVDs, *sites*, entre outras possibilidades que possam contribuir com o enriquecimento do seu acervo de leitura.

O programete “Correspondência” é apresentado pelo Mil-Faces, Gali-Leu, e em outros momentos pela Natália e Borracheira. É o momento em que os *e-mails* enviados pelos espectadores são lidos, estabelecendo um canal de comunicação entre o programa e o público.

Observando o conteúdo dos 10 mandamentos de um programa infantil de qualidade, e com base nos autores citados neste texto, podemos reconhecer o programa Mundo da Leitura como um fomentador de cultura e educação para seus telespectadores.

Turma do Gali-Leu



Recepção do Mundo da Leitura pelos telespectadores

Em pesquisa realizada a partir de 1035 mensagens enviadas por telespectadores ao programa Mundo da Leitura, durante o mês de maio de 2012, chegou-se a definir um perfil do público que efetivamente acompanha o programa. Importa salientar que não houve um questionário padrão preenchido pelos pesquisados. Pelo contrário, foi elaborado um instrumento para recolher dados pré-definidos nas mensagens, enviadas espontaneamente pelos telespectadores, mesmo sabendo-se que praticamente nenhuma mensagem traria todos os dados pesquisados.

Quanto à idade dos telespectadores, verificou-se que, entre as crianças que a informam, a maioria (128) encontra-se na faixa etária que o programa pretende preferencialmente atingir, que se situa entre os 5 e 9 anos. Chama a atenção, porém, o número significativo de crianças entre 0 e 5 anos (33 crianças) e acima de 9 anos (74) que também assistem ao programa, o que demonstra que o programa desperta o interesse de uma faixa etária bem mais ampla do que a pretendida ou estabelecida como público-alvo.

Na grande maioria dos casos, são as próprias crianças que escrevem as mensagens. Entretanto, em 43 casos, são familiares das crianças, em função de essas ainda não estarem alfabetizadas. Esse último dado demonstra que há um comprometimento da família em relação ao que a criança dessa idade acompanha na televisão.

Em relação ao sexo, 72% dos telespectadores pesquisados pertencem ao sexo feminino, contra 28% pertencentes ao sexo masculino. Esse resultado é, de certa forma, surpreendente, já que o programa não visa um público de sexo definido. Entretanto, esta preponderância do público feminino pode estar vinculada à grade de programação infantil do Canal Futura, que focaliza esse mesmo público em programas como Teca na TV e Madeline, entre outros.

A distribuição do público pelos estados brasileiros demonstra um dado importante: dos 27 estados que compõem a nação, apenas 3 não possuem mensagens enviadas por telespectadores no período pesquisa-

do, o que demonstra que o programa possui, efetivamente, uma projeção e uma difusão nacionais. Já os números de Minas Gerais e São Paulo se destacam, naturalmente, por serem estes, também, os estados mais populosos do Brasil.

A distribuição do público por regiões do país indica que quase metade dos telespectadores (47%) habitam na região Sudeste. Curiosamente, a participação da região Nordeste é muito significativa (27%), bem superior à participação da região Sul (18%). Isso demonstra que o fato de o programa ser inteiramente produzido em Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, com elementos linguísticos e culturais próprios de nossa região, não impede que ele tenha boa aceitação nas demais regiões do país.

Apesar de 93% dos telespectadores não informarem se assistem ao programa na companhia de outros, entre aqueles que informam esse dado é visível que há um compartilhamento da assistência com os pais e irmãos. O compartilhamento com os irmãos, levando-se em conta que a maioria das famílias não possuem um filho único, é absolutamente natural e esperável. Já o compartilhamento com os pais é significativo, pois demonstra que os pais, responsáveis diretos pela formação das crianças telespectadoras, aprovam os conteúdos e a proposta do programa.

Tratando-se de uma informação fornecida espontaneamente pelas crianças telespectadoras, é muito significativo que 22% das crianças manifestem que acompanham o programa sempre, assistindo a todos os episódios veiculados pela televisão. Isso demonstra o alto grau de fidelização do público atingido pelo programa.

Em apenas 21% dos casos, a criança não especifica a quem está dirigindo a sua mensagem. Na grande maioria dos casos (48%), ela se dirige à equipe do programa, o que permite perceber que ela distingue que o programa é feito por um coletivo. Já outros 15% dirigem-se ao Gali-Leu, o gato leitor, mesmo este sendo um boneco, e muitos informam que se identificam com ele porque também gostam de ler; 5% dirigem-se à Natália, personagem humana que tem participação especialmente nos quadros do Jogo, Dia de Gato e Fique Esperto; 4% dirigem-se à Borracheira (também um boneco), casada com o Gali-Leu; 4% dirigem-

-se ao Mil-Faces, personagem humano com participação especialmente nos quadros da Oficina, Dia de Gato e do Labirinto. Fica evidente que as crianças que se dirigem a um personagem em particular o fazem por terem uma identificação maior com esse personagem, ou porque o assunto da mensagem induz a isso (por exemplo, dirigir-se ao Mil-Faces para enviar uma sugestão de enigma para o Labirinto).

A maioria das crianças (59%) não cita seus quadros preferidos. Entretanto, entre aquelas que se referem aos seus quadros preferidos, o quadro da Oficina, que ensina a fabricar brinquedos e objetos variados, apresenta um índice destacado de preferência (22%), o que demonstra o interesse dos telespectadores em aprender a fabricar, eles próprios, diferentes coisas. O Labirinto, que estimula a resolver adivinhas, problemas lógicos e enigmas, desperta o interesse especial de 7% dos telespectadores, o que demonstra que o público sente-se estimulado diante de desafios que exigem o uso do raciocínio. Já 5% dos telespectadores dizem preferir a narração/dramatização de histórias, demonstrando que as narrativas continuam a cativar o público; e 5% prefere outros quadros que integram o programa.

Mesmo não sendo estimulados a informarem quais são os seus personagens preferidos no programa, apenas 24% dos telespectadores não apresentam esse dado. Como era previsível, pelo lugar central que ocupam no programa, o casal de gatos Gali-Leu e Borracheira contam com a preferência maior, respectivamente de 16% e de 15% do público – o Gali-Leu por ser um gato leitor, e a Borracheira por ser uma gata que pratica esportes e demonstra muita coragem. Já as personagens humanas Natália e Mil-Faces vêm logo a seguir, tendo a preferência de 14% e de 12%, respectivamente – a Natália frequentemente associada pelas crianças ao quadro da História, e o Mil-Faces ao quadro da Oficina. Os filhotes Alberto e Alice possuem, igualmente, a preferência de 4% do público, sendo esse número relativamente baixo explicável pela entrada recente desses personagens no programa. Reco-Reco, que é um rato de boa índole, apesar de ficar ao lado da malvada Ratazana, detém também 4% da preferência. Já a vilã Ratazana, compreensivelmente, é a personagem preferida de apenas 1% do público, que deve se interessar por ela, provavelmente, não por sua má índole, mas pelos planos mi-

rabolantes que monta para dominar o Mundo da Leitura. Finalmente, 6% das crianças dizem preferir todos os personagens, indiferentemente, num sinal de que aprovam a proposta do programa como um todo, e entendem o caráter fictício das personagens, sejam elas de boa ou má índole.

Significativamente, 11% das crianças que enviaram mensagens para o programa no período pesquisado apresentam sugestões para o quadro Labirinto. Esse resultado demonstra o interesse dos telespectadores em participar ativamente da elaboração do programa Mundo da Leitura.

O envolvimento das crianças com o quadro Dia de Gato fica claro através dos avisos que elas enviam ao Gali-Leu e demais personagens sobre as maquinações maléficas da Ratazana, em 21% das mensagens pesquisadas. As crianças buscam auxiliar os personagens do eixo do bem a se protegerem contra os planos da vilã, com a qual, naturalmente, elas não se identificam.

Um dos principais motivos para as crianças escreverem para o programa é a vontade de enviar beijos, abraços e saudações para os personagens, pelos quais demonstram muito afeto, e isso acontece na metade das mensagens pesquisadas. Também há algumas crianças que enviam beijos, abraços e saudações para seus pais, irmãos, amigos e professores, entre outros, na esperança de verem sua mensagem lida no programa e assistida pelos destinatários das saudações.

Levando-se em conta o caráter espontâneo dessa manifestação dos telespectadores em suas mensagens, é extremamente significativo esse reconhecimento, por parte de 13% dos pesquisados, de que o programa Mundo da Leitura fornece um estímulo a mais para a leitura, além dos que a criança recebe em casa e na escola. Esse dado revela que o principal objetivo do programa está sendo alcançado, e que as próprias crianças que acompanham o programa conseguem identificá-lo e o valorizam de modo indiscutível.

Finalizando, destacamos que as linguagens literária, musical e plástica permeiam todo o programa Mundo da Leitura, desde a produção da trilha musical, a produção do roteiro, das histórias e dos cená-

rios. Todos os elementos presentes nos sons e nas imagens demonstram um cuidado estético em seu conteúdo e sua forma, procurando, acima de tudo, desenvolver em seus espectadores a fruição, a sensibilidade e o pensamento reflexivo sem cair no didatismo ou na carência de conteúdo.

O quadro “Oficina” estimula a criatividade na confecção de brinquedos. As reportagens do quadro “Fique Esperto” envolvem os telespectadores com diferentes áreas, como história, geografia, artes, ciências, esporte, saúde, etc, ampliando seu conhecimento de mundo e preparando-os para o futuro. Os quadros “Contando histórias” e “Dia de gato” geram a identificação do público por apresentarem narrativas e conflitos que fazem parte das suas vivências, estabelecendo uma ponte com a realidade. Numa dinâmica de jogos, brincadeiras e histórias, o programa procura envolver seus telespectadores de uma maneira atraente e divertida, firmando valores éticos e estimulando a fantasia, ao mesmo tempo em que transmite saberes e estimula a formação do pensamento reflexivo e crítico.

Oficina com Mil-Faces



Referências

- BELINKY, Tatina; GOUVEIA, Julio. Teatro para crianças e adolescentes. A experiência do TESP. In: ZILBERMAN, Regina. *A produção cultural para a criança*. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1990.
- DUARTE, Rosália et al. Escola e mídia: quem tem medo de quê? In: GARCIA, Débora; BRANDÃO, Ana Paula (Orgs.). *Comunicação e transformação social: a trajetória do Canal Futura*. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos - Canal Futura, 2008.
- FERRÉS, Joan. *Televisão e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- LAZAR, Judith. Mídia e aprendizagem. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Mediatamente! Televisão, cultura e educação*. Brasília: Ministério da educação, SEED, 1999.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Heredando el futuro*. Pensar la Educación desde la Comunicación. In: Nómadas. Bogotá, septiembre de 1996.
- Midiativa*. Disponível: <<http://www.midiativa.tv/blog/?p=216>>. Acesso em: 24 ago. 2017.
- NOVA ESCOLA. São Paulo: Março, nº. 200, 2007. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/pier-cesare-rivoltella-falta-cultura-digital-sala-aula-609981.shtml>>. Acesso em: 24 ago. 2017.
- PACHECO, Elza Dias. Infância, cotidiano e imaginário no terceiro milênio: dos folguedos infantis à diversão digitalizada. In: PACHECO, E. D. (Org.). *Televisão, criança, imaginário e educação*. Campinas: Papyrus, 1998.
- PENTEADO, Heloísa Dupas. *Televisão e escola, conflito ou cooperação?* São Paulo: Cortez, 1991.
- TV FOCO*. Disponível em: <<http://www.otvfoco.com.br/o-brasileiro-nunca-viu-tanta-televisao-ibope-aponta-que-em-2011-passamos-mais-tempo-vendo-tv/>>. Acesso em: 24 ago. 2017.
- SADEK, José Roberto. Educação, movimento e escolha. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Mediatamente! – Televisão, Cultura e Educação*. Brasília: Ministério da educação, SEED, 1999.
- SÁNCHEZ, Francisco Martínez. Os meios de comunicação e a sociedade. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Mediatamente! Televisão, cultura e educação*. Brasília: Ministério da educação, SEED, 1999.

PROJETO ARTE & LITERATURA AOS SÁBADOS

Lisandra Blanck

William Dahmer Silva Rodrigues

No contexto das atividades realizadas no Mundo da Leitura ao longo dos seus 20 anos, a literatura e as diferentes expressões artísticas fizeram parte dos projetos de leitura desde o seu surgimento. Inicialmente, a participação de grupos artísticos de teatro e dança da Universidade já era constante em apresentações semanais para alunos e professores de escolas agendadas que, certamente, tiveram uma importante contribuição na formação leitora desse público.

Paralelamente a essas atividades, a pintura, a música, os filmes, a fotografia, entre outras manifestações artísticas, permearam a ambientação do espaço e o desenvolvimento das Práticas Leitoras. As apresentações de dança, música e teatro também tiveram lugar cativo em comemorações especiais compartilhadas com o público em geral.

Essa relação estreita com a arte e com a literatura parte do objetivo do Centro de Referência: formar leitores críticos em múltiplas linguagens, a partir do texto literário. No decorrer dos anos, imbuídos desse objetivo, a equipe percebeu a necessidade de envolver não somente alunos e professores com atividades artísticas e de leitura, mas também o público da comunidade em geral, especialmente os moradores do bairro São José, localizado no entorno da Universidade que, pela proximidade geográfica, sempre foi um público importante a ser envolvido com atividades artístico-culturais.

Foi com este intuito que, em 2009, iniciaram-se alguns encontros para atividades de contação de histórias e oficinas realizadas aos sábados à tarde, além do acervo de livros, músicas, filmes, quadrinhos, computadores oferecidos no espaço.

Em 2012, quando se comemorou 15 anos do Mundo da Leitura, as atividades passaram por uma reformulação, intensificaram-se e institucionalizaram-se. Batizado com o nome de “Arte & Literatura aos sábados”, o projeto passou a ser realizado no último sábado de cada mês e a se consolidar como uma movimentação cultural. Para registro e divulgação das ações, criou-se uma identidade visual por meio de cartazes, convites impressos e digitais. As atividades, que até hoje são oferecidas gratuitamente para um público de diferentes idades, colocaram o sábado do Arte & Literatura no calendário da comunidade em geral, atraindo crianças, jovens e adultos.

A ideia do nome – Arte & Literatura –, embora pareça redundante pela semelhança de sentidos e significados entre as palavras, no que tange sua dimensão estética, compreende a palavra “arte” como representante das manifestações artísticas: (sonoras, visuais e corporais) e a “literatura” como representação do texto escrito propriamente dito. Sem nos afastarmos da ideia de que o entendimento de “arte” também abarca a “literatura”, trazemos nas palavras de Coutinho (1978), uma reflexão sobre o assunto:

A Literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio (p. 9-10).

O conceito de arte, num sentido mais amplo, engloba, além de diferentes linguagens (literatura, artes plásticas, cinema, música, dança, teatro, entre outras), diversas áreas do conhecimento (filosofia, psicologia, história, sociologia). Trazendo um entendimento no contexto do projeto Arte & Literatura, chamamos a atenção para o potencial estético em que a arte se constitui, e sua capacidade de sensibilizar, provocar a reflexão, desenvolver o senso crítico por meio de expressões artísticas. Cabe aqui salientar que a arte não se configura na linguagem em si. Sempre estará representando um sentimento de mundo que busca uma interface para se expressar. Nas palavras de Duarte Júnior podemos entender que:

A arte, em todas as suas manifestações, é, por conseguinte, uma tentativa de nos colocar diante de formas que concretizam aspectos do sentir humano. Uma tentativa de nos mostrar aquilo que é inefável, ou seja, aquilo que permanece inacessível a redes conceituais de nossa linguagem. As malhas dessa rede são por demais largas para capturar a vida que habita os profundos oceanos de nossos sentimentos. Ali, quem se põem a pescar são os artistas (1991, p. 49).

A partir dessa reflexão de Duarte Júnior, podemos conceber que a arte é tão antiga quanto o homem e representa o elo entre a complexidade de seu pensamento e de suas emoções. Por meio de cores, formas, sons e movimento materializou suas crenças, suas histórias, sua maneira de ser e estar no mundo. Nesta direção, tentando trazer uma definição sobre a arte, Herbert Read (1982) afirma que

[...] o facto de ser tão difícil justifica-se por ter sido sempre tratada como um conceito metafísico, quando se trata fundamentalmente de um fenómeno orgânico e mensurável. Como a respiração, possui elementos rítmicos; como a fala, elementos expressivos; mas “como”, neste caso, não exprime uma analogia, a arte está profundamente envolvida no processo real da percepção, pensamento e ação corporal (p. 27).

Ao se referir a elementos expressivos e orgânicos inerentes ao ser humano, o autor nos conduz à valorização das diferentes culturas desse e de outros tempos: às tradições orais, aos mitos, às lendas, à culinária, às crenças e aos costumes, num sincretismo de saberes que se atualizam nas modernas práticas sociais. Estas práticas retomam as tradições e se manifestam nas festas populares que se mantêm ativas e atuantes, na difusão de contos, lendas e mitos incorporados pela literatura contemporânea, por filmes, séries, quadrinhos e *games*.

Num momento em que o celular, os *games* e a internet dominam os espaços e ambientes culturais e sociais, o Projeto chama para um momento de experiência estética que, ao mesmo tempo que dialoga e incorpora a tecnologia, se diferencia de outras vivências, por retomar experiências com a arte e com manifestações da cultura agregando variados públicos num espaço democrático. A possibilidade de se verem representados nas narrativas e em manifestações artístico-culturais gera um processo de trocas, projeções e identificações. A arte vive, hoje,

um momento de forte integração de elementos híbridos, o mundo é permeado por cores, odores, formas, texturas, gostos que se interligam na subjetividade emocional dos sujeitos. Estar recluso para o conhecimento sensível é estar recluso para as artes e para si mesmo. Nesse sentido, Duarte Júnior (2001) comenta sobre o afastamento dos sujeitos de certas práticas humanas importantes defendendo que “nossa civilização ocidental precisa hoje recuperar uma determinada forma de aproximação às coisas do mundo, certa atenção para com a dimensão sensível, fundamento de nossa relação primeira com os fatos da vida” (p. 164).

É nesse contexto que as artes passam a ser um agente socializador. A música, o teatro, a dança, a literatura e o cinema estabelecem uma ponte com a contemporaneidade ao mesmo tempo que reconstituíram e nos aproximaram dos sentimentos e pensamentos de povos e culturas mais remotos que se têm conhecimento. Ao citar os diferentes elementos míticos em que a cultura se constitui, Morin (1990) explica que:

[...] uma cultura constitui um corpo complexo de normas, símbolos, mitos e imagens que penetram o indivíduo em sua intimidade, estruturam os instintos, orientam as emoções. Esta penetração se efetua segundo trocas mentais de projeção e de identificação polarizadas nos símbolos, mitos e imagens da cultura como nas personalidades míticas ou reais que encarnam os valores (os ancestrais, os heróis, os deuses). Uma cultura fornece pontos de apoio imaginários à vida prática, pontos de apoio práticos à vida imaginária, ela alimenta o ser semi-real, semi-imaginário, que cada um secreta no interior de si (sua alma), o ser semi-real, semi-imaginário que cada um secreta no exterior de si e no qual se envolve (sua personalidade) (p. 15).

A dimensão simbólica em que as culturas se constituem, passam pela tradição das artes e das narrativas. Todas as formas de representações modernas e tradicionais, sejam elas sonoras ou imagéticas, estão carregadas de significados e nos colocam em acordo com a materialidade de nossas vivências. Na condição de mediadores, foram desenvolvidas diferentes atividades a partir de uma seleção criteriosa de materiais de leitura que pudessem contextualizar esses elementos culturais e artísticos a fim de contribuir na formação leitora dos diferentes públicos, dando-lhes condições para se reconhecerem como sujeitos críticos e atuantes, agentes de sua própria cultura.

A partir dessas reflexões, foram se constituindo as propostas de atividades que, mesmo abarcando públicos de diferentes idades, teve a criança como referência norteadora na escolha de textos, linguagens e estéticas a serem contempladas. A composição das apresentações seguiu um viés lúdico, atingindo, assim, de maneira natural um público variado.

Ao longo dos encontros, já foram realizadas apresentações de teatro, contação de histórias, rodas cantadas, leituras dramáticas, exibição de filmes, exposições e instalações artísticas, xilogravuras e pinturas, dança, música, arte circense, poesia, quadrinhos, curtas e longas de animação, brincadeiras musicais além de oficinas que dialogam com essas linguagens.

Edição “A princesa e o sapo”



A criação e a recepção desses materiais de leitura implicam a sensibilização e apreciação estética dos diferentes públicos que devem ser mediados. Para Meira “A cultura visual depende de filtros críticos, sensíveis e operativos para ser motivo de trabalho criador” (2003, p. 78). É dessa maneira que o produtor cultural, mediador destas experiências artístico-culturais (sonoras, visuais, corporais e tecnológicas), se

conecta com o espectador. O processo de desenvolvimento das atividades do Arte & Literatura passam por esses critérios, entrelaçam a arte, a cultura e a educação sem perder de vista a formação multimídia do leitor. Nesse sentido, o cuidado estético dos produtos culturais foi um dos principais elementos para selecionar histórias, compor cenários, personagens e ambientar os espaços. Buscando um entendimento sobre a palavra “estética”, Lowenfeld, (1977) nos elucida que “o desenvolvimento estético é frequentemente considerado um ingrediente básico de qualquer experiência artística. A estética pode ser definida como sendo o meio de organizar o pensamento, a sensibilidade e a percepção, numa expressão que comunica a outrem esses pensamentos e sentimentos” (p. 47).

Seguindo nessa direção, ao elencarmos as atividades pensadas para o Arte & Literatura, a cultura popular permeou a maioria das edições do projeto merecendo uma composição estética que dialogasse com este tema. Numa das festas juninas, o projeto contemplou a arte do modernista Alfredo Volpi, que se apropriou das bandeirinhas da festa popular para criar algumas de suas obras. Além dessa exposição, a contação de histórias, as cantigas de roda, brincadeiras juninas tradicionais e a presença do Grupo de Dança Folclórica da UPF, também fizeram parte dessa tarde festiva.

Danças Juninas no Arte & Literatura



Muitas histórias oriundas das tradições orais como contos e lendas, foram apresentadas em diferentes edições. Entre elas: “O macaco e a banana”, de Mary e Eliardo França, contada por meio da técnica do teatro de sombra, “Melancia e Coco mole”, escrita por Sílvio Romero e a “A risada do Saci” de Regina Chamlian, ambas contadas por meio do teatro de bonecos, a história “Dois cegos briguentos” de Ricardo Azevedo, na técnica da oralização. E ainda, os curtas de animação “O curupira”, “Saci-Pererê”, “Matinta Pereira”, dirigidos por Humberto Avelar, ofereceram ao público momentos singulares com a arte e com a cultura. Estes textos tradicionais são carregados de significados e aprofundam a relação do público com a literatura. Nas palavras de Regina Machado (2004), podemos refletir sobre sua importância:

É preciso perceber a realidade do conto, do mundo encantado do pode ser, para se compreender o efeito que as histórias milenares produzem até hoje no ser humano que somos. Longe de ser ilusão, o maravilhoso nos fala de valores humanos fundamentais que se atualizam e ganham significado para cada momento da história das sociedades humanas, no instante em que um conto é relatado. Assim como o mito, a lenda e a saga, o conto maravilhoso não é só um relato circunscrito a um determinado tempo histórico, mas traz na sua própria natureza a possibilidade atemporal de falar da experiência humana como uma aventura que todos os seres humanos compartilham, vivida em cada circunstância histórica de acordo com as características específicas de cada lugar e de cada povo. Todas essas formas narrativas falam de trabalho criador da imaginação, inspirada, como disse Gilbert Durand, pela necessidade fundamental de transcender o tempo e a morte (p. 24).

A experiência com as histórias da tradição oral nos aproxima da complexidade humana e nos faz participar de pensamentos, ideias, mentalidades, costumes e acontecimentos de épocas remotas. Ao lermos ou ouvirmos histórias desta natureza nos projetamos para outros tempos e espaços e estabelecemos uma relação com nossas vivências – modos de sentir, pensar e agir.

A obra “Esmeralda” de Rosinha Campos também resgatou a cultura popular. A lenda da Alamoia, ligada ao mito da sereia, foi contada por meio da técnica do “teatro negro”. Produzido a partir de materiais fosforescentes, sensíveis à luz ultravioleta, também chamada de “luz negra” criou-se uma estética sensorial na composição dos cenários e dos

personagens. Em relação ao potencial de atividades desta natureza voltadas para o público, Lowenfeld (1977), afirma que

[...] o cultivo e o desenvolvimento dos nossos sentidos são uma parte importantes da experiência artística. Isto é de consequência vital, pois a fruição da existência e a capacidade de aprendizagem talvez dependam do significado e da qualidade das experiências sensoriais (p. 42).

Crianças, jovens e adultos se envolveram com as ambientações luminosas e ampliaram suas experiências estéticas produzindo materiais sensíveis à luz.

Ainda em relação às narrativas tradicionais, o público foi envolvido com a arte das xilogravuras do artista J. Borges. Por meio da reprodução de imagens coloridas suspensas como móveis no espaço, a exposição estimulou o público a criar isogravuras (uma adaptação da xilogravura). Além dessa experiência, participaram de rodas cantadas, amarelinha, quadrinhas, adivinhas, parlendas, trava-línguas, oficinas de brinquedos e instrumentos musicais relacionados cultura popular.

Rodas cantadas na Festa do Saci



Vivências com brinquedos e brincadeiras são importantes e encontram respaldo em estudos de Machado (1995). “Ao brincar a criança pensa, reflete e organiza-se internamente para aprender aquilo que ela quer, precisa e necessita. [...] A brincadeira é verdadeiramente espontânea, que traz consigo a energia criativa, a possibilidade do novo e do original [...]. Ao cantarolar, recitar e brincar com a poesia folclórica, a criança estabelece um elo com a sua cultura, explorando seu caráter linguístico” (p. 37). Compreendendo sua importância estética e cultural no contexto da aprendizagem infantil, torna-se fundamental incorporar essas práticas em seu cotidiano. De acordo com Pondé, os versos rimados exploram a musicalidade e contribuem para o desenvolvimento linguístico das crianças, “têm uma lógica metafórica que privilegia a imagem, atribuindo uma força maior à palavra, que se torna concreta e mágica, pois retoma o sentido originário da coisa que representa” (1986, p. 124).

O texto teatral também mereceu espaço no projeto. A ideia de apresentar leituras dramáticas de histórias da Coleção Taba que envolviam músicas brasileiras e a cultura popular, como “O coronel e o barbeiro” de Ana Maria Machado, “Saci-Pererê da mata escura”, de Memélia de Carvalho, buscaram sensibilizar o público e estimular ainda mais a imaginação dos espectadores. Alguns textos teatrais também foram apresentados em edições especiais de Natal a partir das obras “O Auto das várias gentes no dia de Natal”, de Ivo Bender. e “O primeiro sorriso do Menino Jesus”, de Cândido de Alencar Machado.

Na edição “Obax: uma história africana”, outra narrativa resgata culturas. Obax, na África, significa flor, e também é esse o nome da personagem e do livro escrito e ilustrado por André Neves. A história, ambientada na savana africana, desenrola-se a partir da criatividade e imaginação de uma menina que recria a realidade onde vive, inventando histórias e brincadeiras para se distrair. Durante a contação, apresentada com bonecos, os leitores foram convidados a fazer uma leitura das ilustrações de André Neves que enriqueceram ainda mais a atividade. Após a contação de histórias, o público participou de oficinas que contextualizam a cultura africana, resgatando suas cores e seus ritmos. Essa diversidade cultural, que se apresenta a cada edição, estimula a criança a produzir novos conhecimentos, desenvolver a percepção de sentidos e o gosto pela leitura.

Nesta perspectiva, a pesquisadora Sandra Richter (2003) afirma que:

Os diferentes saberes e fazeres com meios artísticos visuais permitem à criança ampliar repertórios, simultaneamente corporais e culturais, para narrar e fabular o vivido através do ato de configurar, produzir e interpretar imagens – visíveis e invisíveis - no encontro transformador entre “corporeamente e materialidade”. Encontro poético que produz significados em ambos (p. 34).

A experiência do “narrar e fabular”, citada por Richter, estabelece uma relação estreita com os contos de fadas que complementam o repertório de narrativas tradicionais no Arte & Literatura. Na edição “Era uma vez... Brincando com os contos de fadas”, o público foi convidado a apreciar uma instalação constituída por personagens dos contos, clássicos infantis e assistir ao vídeo da história “Rapunzel”, dos irmãos Grimm, produzido a partir da linguagem do teatro de bonecos. Em seguida, os leitores fizeram uma releitura dos contos de fadas criando outras versões para as histórias por meio de textos e desenhos. Entre outros contos apresentados está *A princesa e o sapo*, dos irmãos Grimm, também produzida na linguagem do teatro de bonecos.

Um dos momentos de grande interação que atraiu as crianças foi a edição “Uma história de bruxa”. A partir do conto “Vassilissa, a formosa”, recontada por Tatiana Belinky os leitores conheceram a bruxa Baba Yaga, importante personagem do folclore russo, que reúne as características de outras bruxas dos contos de fadas. O público assistiu à história contada por meio do teatro de sombras e, na sequência, foi convidado a interagir com jogos eletrônicos sobre o mesmo tema. Durante a apreciação de uma exposição de imagens de bruxas, também foram desafiados a utilizar o *tablet* para a leitura de *QRcode* que, ao ser decifrado, ampliava o conhecimento dos leitores sobre bruxas de diferentes culturas. A ideia de apresentar a história por meio do teatro de sombras agregou outros elementos lúdicos à apresentação. Nas palavras de Amaral:

O teatro é esse encontro entre realidade e irreabilidade. Irreabilidade se intui. Realidade é o que se vê em cena, é tudo que ali está, e o que se vê e está em cena são elementos materiais. A matéria em si, em toda a sua realidade, ao mesmo tempo em que toca o nosso consciente racional, provoca apelos ao nosso inconsciente e desperta em nós outros níveis, anímicos. Em cena, é magia (1997, p. 24).

Edição “Uma história de bruxa”



Nessas reflexões podemos compreender a dimensão artística-cultural do teatro e a importância de envolvê-lo nas atividades do Projeto.

Nas diferentes edições do Arte & Literatura, a linguagem das artes plásticas foi muito presente. Além da reprodução das obras de Alfredo Volpi e J. Borges já mencionadas, na edição “Brincando com as frutas: formas e cores” foram projetadas imagens de pinturas de Tarsila do Amaral. O público foi convidado a perceber cores, formas, volumes e texturas, num espaço cênico ambientado com jogo de luzes e frutas produzidas com panos coloridos. A partir da obra “Mamão, melancia, tecido e poesia”, de Fábio Sombra, as pessoas participaram de brincadeiras com adivinhas. Foram desafiadas a desenvolver a criatividade por meio da oficina de colagem, produzindo pequenos quadros a partir de recortes de figuras geométricas de diferentes formas, cores e tamanhos, inspirados nas obras de Tarsila. As artes plásticas, as brincadeiras e os textos do

folclore linguístico infantil também ganharam ênfase nessa edição. Entendendo a importância de instigar o olhar para cores e formas que fujam do padrão estereotipado comumente assimilado pela mídia, Lowenfeld salienta que “a observação visual é, normalmente aquela a que se atribui maior ênfase na experiência artística. Com ela se desenvolve uma crescente sensibilidade à cor, à forma e ao espaço” (1977, p. 42).

Outros materiais de leitura como a música e o audiovisual foram selecionados para serem apresentados. No caso do audiovisual, o cinema de animação fez parte de muitas edições. No sábado das “Brincadeiras musicais”, o Arte & Literatura exibiu aos leitores o premiado longa de animação *O menino e o mundo*, do diretor Alê Abreu (filme indicado para o Oscar de melhor filme de animação em 2016), cuja trilha sonora foi composta, entre outros músicos, pelo Grupo Experimental de Música (GEM) e pelo grupo de percussão corporal Barbatuques. A narrativa, o colorido vibrante, e a sutileza dos desenhos proporcionaram aos leitores uma experiência sensorial por meio de sons, formas, texturas e cores de maneira poética. Após a exibição, as crianças exploraram diferentes sons por meio da percussão corporal que permeou a trilha sonora do filme e se divertiram com as brincadeiras musicais do grupo Palavra Cantada.

Filme *O menino e o mundo* na edição “Brincadeiras musicais”



Sobre o filme *O Menino e o mundo*

O filme conta a história de um menino que deixa a sua aldeia em busca de seu pai e descobre um mundo fantástico, dominado por seres estranhos e máquinas-bichos. A narrativa aborda questões do mundo moderno pelo olhar de uma criança que precisa enfrentar os perigos da vida urbana. O colorido vibrante e a sutileza dos desenhos, convidam os leitores a uma experiência sensorial por meio de sons, formas, texturas e cores de maneira sensível e poética. *O Menino e o mundo* é um dos longas de animação brasileiro mais premiado em festivais de cinema. Conquistou 34 prêmios entre nacionais e internacionais, em países como Havana, Buenos Aires e Lisboa. Um dos mais importantes é o Prêmio Cristal de melhor longa-metragem de cinema de animação de Annecy, na França, considerado o maior prêmio da animação mundial. Em 2016, foi indicado ao Oscar de Melhor Filme de Animação.

O cinema, nesse caso de animação, também é uma experiência sensorial e pode ser comparado a uma pintura. Para Jacques Aumont, (2004), a “Arte do real, arte das imagens, indissociavelmente, a pintura como o cinema, ou vice-versa. Não se escapa disso: o olho, o olhar mobilizado, entregue ao tempo, explora o espaço, o investe, o enquadra, instala nele uma profundidade ficcional, faz dele uma cena, e a deposita sobre uma tela, a do cinema ou do quadro” (p. 193).

Ao se envolver com sons, cores, formas e texturas de animações que fogem dos padrões da mídia, a criança assimila outras formas de ver as imagens e reconstruí-las em seu imaginário. “A ampliação da consciência visual possibilita a construção de um repertório de imagens significativas para o sujeito capacitando-o a imaginar, criar, compreender, ressignificar, criticar, escolher entre uma infinidade de ações possíveis” (BUORO, 2003, p. 46).

Nessa oportunidade de leituras do audiovisual os monitores apresentaram o princípio do desenho animado por meio de “brinquedos ópticos”, como o taumatrópio e o *flipbook* que dão a ilusão do movimento e mostram o princípio do cinema. Nas diferentes edições que envolveram as animações, os leitores assistiram aos vídeos *O passarinho vermelho*, da obra de Milton Camargo e a série suíça *Pingu*, ambas produzidas a partir da técnica do *stop motion* e da animação digital *A maior flor do mundo*, da obra de José Saramago. Após, foram desafiados a produzir um desses brinquedos, criando seus próprios desenhos que, ao serem movimentados manualmente, transformavam-se em desenhos animados.

A arte e suas linguagens nos fazem participar dos acontecimentos do mundo e nos conduzem à prática da liberdade e do exercício pleno do conhecimento sensível. A produção cultural, que envolve a literatura em todas as suas manifestações artísticas, podem desencadear processos emancipatórios conectando-nos com nossa própria cultura.

Foi seguindo esses princípios que o Projeto Arte & Literatura aos sábados tem envolvido diferentes públicos. Proporciona momentos singulares com a arte e com cultura, apresentando obras de autores importantes do cenário literário, por meio das mais variadas linguagens, (teatro, cinema, contação de histórias), além de exposições artísticas,

oficinas e brincadeiras. São produzidas por uma equipe interdisciplinar que, na condição de mediadores de leitura, buscou ampliar o repertório cultural, estimulando a capacidade criativa, reflexiva e autônoma dos leitores. É dessa forma que o Projeto Arte & Literatura se consolida em mais de 30 edições realizadas em 8 anos na trajetória dos 20 anos do Mundo da Leitura.

Referências

- AMARAL, Ana Maria. *Teatro de animação: da teoria à prática*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1997.
- AUMONT, Jacques. *O olho interminável: cinema e pintura*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- BUORO, A. B. *Olhos que pintam: a leitura da imagem e o ensino da arte*. São Paulo: Educ/Fapesp/Cortez, 2003.
- COUTINHO, Afrânio. *Notas de teoria literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- DUARTE, Jr., João Francisco. *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível*. Curitiba: Criar, 2001.
- LOWENFELD, V.; BRITAIN, W. L. *Desenvolvimento da capacidade criadora*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- MACHADO, Marina Marcondes. *O brinquedo-sucata e a criança: a importância do brincar: atividades e materiais*. São Paulo: Loyola, 1995.
- MACHADO, Regina. *Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias*. São Paulo: DCL, 2004.
- MEIRA, Marly Ribeiro. *Filosofia da criação: reflexões sobre o sentido do sensível*. Porto Alegre: Mediação, 2003.
- MORIN, Edgar. *Cultura e massas no século XX: o espírito do tempo II: neurose*. Tradução de Agenor Soares Santos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
- PONDÉ, Glória M. F. Poesia e folclore para a criança. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). *A produção cultural para a criança*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.
- READ, Herbert. *A educação pela arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- RICHTER, Sandra. *Criança e pintura: ação e paixão conhecer*. Porto Alegre: Mediação, 2003.

TROCANDO IDEIAS NO MUNDO DA LEITURA: DIÁLOGOS A PARTIR DOS CLÁSSICOS DA LITERATURA

Fernanda Lopes Bortolini

Lucas Antônio de Carvalho Cyrino

Luís Fernando Portela

O projeto Trocando Ideias no Mundo da Leitura surge da efervescência de ideias que o espaço do Centro de Referência de Literatura e Multimeios sempre propôs a seus frequentadores e monitores, como um ambiente de diálogo, construção de conhecimento, elaboração e realização de práticas de formação leitora. Foi a necessidade de falar sobre literatura e, mais especificamente, sobre os clássicos literários, que moveu a elaboração da proposta de criar um espaço contínuo de diálogo para o público interessado em compartilhar suas leituras numa conversa aberta, igualitária e intimista sobre uma determinada obra literária. Construiu-se um espaço de debate sem academicismos ou distinção por conta de formação, atuação profissional, ou grau de erudição: a preocupação sempre foi contar com a opinião de experientes leitores das obras selecionadas, do público que as estivesse ainda lendo ou interessado, bem como dos não-leitores, mas curiosos e motivados a conhecê-las.

E a partir de uma vontade genuína de socializar e debater leituras realizadas de obras clássicas, o projeto tomou a seguinte dimensão: um encontro mensal, com duração aproximadamente de uma hora – entre os intervalos de turnos de aulas na universidade –, com possibilidade de ampliação, dependendo dos participantes e da discussão fomentada a cada encontro. Aberto ao público acadêmico, à comunidade em geral, e ao que se chamou, apropriando-se dos termos de Calvino (2007), leitores,

não-leitores, e leitores da obra elegida previamente para tal encontro. A dinâmica do projeto se deu por meio de uma discussão intimista, mediada por monitores-mediadores de leitura do espaço, responsáveis por nortear a conversa e ampliar a discussão, estimulando que leitores se sentissem à vontade para falar e não-leitores para escutar e também participar. Nesse tom mais intimista, a configuração do projeto propunha discussões em roda no espaço aberto, o que aconteceu em quase todos os dezesseis encontros, salve dois, em que ocorreu no espaço da arena, pois foi proposto a exibição de curtas-metragens e instalações artísticas.

A respeito da delimitação proposta para a seleção das obras: clássicos da literatura brasileira e universal. Pode-se dizer, inicialmente, que a busca por obras que rendessem uma discussão profícua, estivessem no imaginário coletivo de algum modo, pudessem atrair leitores apaixonados, do mesmo modo que curiosos e não-leitores, levaria automaticamente ao apelo aos clássicos. Muito poderia ser feito também de outro modo, abordando-se obras contemporâneas, ou mesmo não muito contemporâneas, extremamente ricas, ainda não carimbadas com essa marca. Livros de qualidade inquestionável, mas pouco conhecidos e comentados, ou os lançamentos e líderes de vendas no mercado editorial poderiam preencher alguns dos requisitos citados anteriormente, porém somente um clássico poderia dar conta de todos eles. Recorreu-se, então, ao que coloca Italo Calvino em *Por que ler os clássicos* como uma base de validação e reflexão sobre a proposta:

3. Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual. [...]
4. Toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta como a primeira.
5. Toda primeira leitura de um clássico é na realidade uma releitura. [...]
6. Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer. [...]
7. Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes) (2007, p. 10-11).

A intenção, até certo ponto quixotesca, de estabelecer um projeto de troca de ideias sobre obras literárias clássicas se justificou e impôs ao ler e refletir sobre pensamentos como os de Calvino. Há clássicos dos quais muito se fala, e pouco se lê. Outros muito lidos por leitores anônimos, que não se encontram ou conhecem uns aos outros, e há leitores (mesmo que inconscientemente) em busca da obra que pode dar um sentido novo a tudo que já estava imposto. Para criar um espaço em que todas essas questões fossem contempladas, que fomentasse a leitura e formasse leitores, falando daquelas obras que nunca terminaram de dizer o que tinham para dizer, é que o *Trocando Ideias* nasceu.

O projeto teve por objetivos essenciais fomentar a leitura literária por meio da leitura prévia e releitura de obras clássicas, contribuindo para o processo de formação de sujeitos leitores, proposta vital para o Mundo da Leitura, e propiciar um espaço ao debate contínuo sobre leitura, leitor e literatura – a tríade que deu forma a esse projeto.

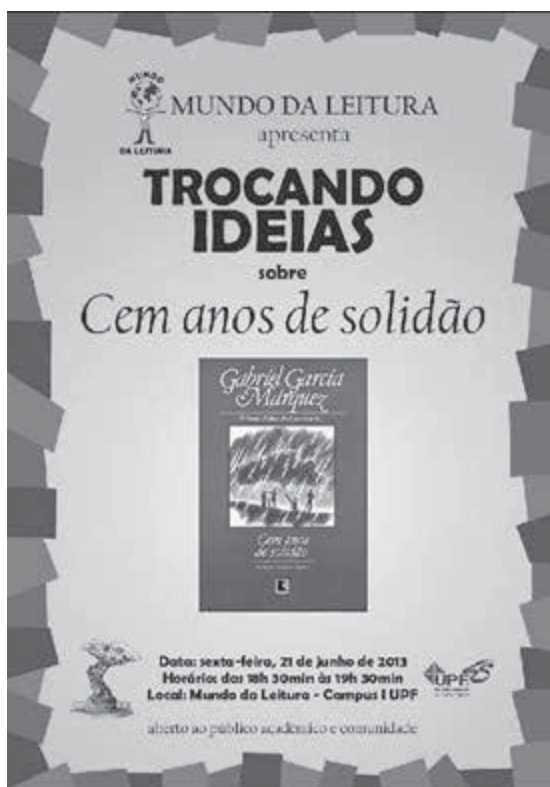
Sobre o primeiro elemento da tríade – leitura – é importante destacar como ocorreram as seleções das dezesseis obras, que foram debatidas ao longo de 3 anos. Em 2013, quando a ideia surgiu, a obra inspiradora de tal ideia foi nada menos que *Cem anos de solidão* do grande escritor latino-americano e Nobel Gabriel García Márquez, logo, quando se estruturou o projeto, a obra selecionada para estreitar foi a fonte inspiradora. Porém, foi preciso antecipadamente pensar e selecionar mais quatro obras a serem debatidas ao longo do ano.

Buscaram-se obras que, preferencialmente, os monitores do projeto já haviam lido; que eram consideradas clássicas conforme inspirou e propôs Calvino (2007) e que estivessem disponíveis para empréstimo no acervo do Centro de Referência e/ou da Biblioteca Central da Universidade. Era de suma importância que não-leitores e leitores tivessem a oportunidade de ter contato antecipadamente com a obra, estimulando-os a realizar a leitura prévia para o debate.

Dentro dessas características, e acrescentando que o projeto iniciou-se no segundo semestre do ano de 2013, fez-se uma seleção entre os monitores, com a intermediação da coordenação do Centro de Referência, e chegou-se à seguinte proposta de obras a serem discutidas: para a estreia, em junho, *Cem anos de solidão* de Gabriel García Márquez e

seu realismo mágico; para agosto, a novela *Metamorfose*, de Franz Kafka, obra essa, bastante retirada entre os leitores do acervo do Mundo da leitura, uma representante do produção literária do século XX; em setembro, o romance-filosófico, do século XIX, *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde; em outubro o romance da dúvida *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, o representante máximo da literatura clássica nacional; e, em novembro, considerada uma das mais célebres histórias de amor de todos os tempos, *Romeu e Julieta*, texto dramático de William Shakespeare.

Primeira obra a ser discutida



E sobre esse ano, destaca-se o primeiro encontro, que, por ser um projeto aberto à comunidade, aos estudantes, aos leitores, releitores e não-leitores, de forma ampla ao público em geral, e sem a necessidade de inscrição prévia, ficou uma expectativa até o horário do encontro. O grupo foi surpreendido com a presença de leitores apaixonados pela

obra, que socializaram suas impressões sobre a obra de forma muito interessante, foi um momento bastante emocionante. Os mediadores usaram como recurso ampliador de discussão, primeiramente, uma roda de perguntas – você leu obra? Se sim, faça um comentário inicial, se não, o que você sabe sobre? – e após a rodada de comentários, apresentamos uma árvore genealógica da estirpe Buendía e o nome dos personagens de todas as gerações, em que cada leitor pegou um personagem por sorteio, e poderia ou não falar sobre ele, comentando uma passagem do livro e situando os não-leitores. A dinâmica deu muito certo, rendeu bastante assunto, a ponto de serem inseridos poucos nomes na tal árvore.

Ao fim do encontro, foi realizado o convite para as próximas edições, fixando as datas e apresentando as demais obras. Faz-se necessário ressaltar que esse momento suscitou um grande *frisson*, inúmeras eram as sugestões de obras clássicas que os participantes gostariam que fossem debatidas. Após o encontro, durante o processo de avaliação com toda a equipe do Mundo da Leitura, sentiu-se a necessidade de produzir um questionário para ser respondido pelos novos participantes, em que eles pudessem nos dizer quais eram as suas percepções sobre obras clássicas e ainda pudessem sugerir obras que gostariam que fossem debatidas. Assim, no decorrer dos três outros encontros em 2013, obtiveram-se respostas importantes e interessantes para fomentar o projeto com sugestões de obras especiais.

Discussão do grupo



No segundo ano, em 2014, optou-se por selecionar cinco obras literárias com esse caráter clássico que Calvino (2007) tão bem argumentou, que foram sugeridas pelos participantes das edições anteriores. Dentre as muitas sugestões, elencaram-se as mais citadas, que correspondessem a gêneros literários diferentes a cada mês e que contemplassem diferentes países e ainda, que estivessem disponíveis para empréstimo no acervo. E a lista ficou com o seguinte formato: para o mês de abril, a tragédia grega *Édipo Rei*, de Sófocles; para maio, a narrativa moderna de José Saramago, *Ensaio sobre a cegueira*; para junho, a narrativa distópica *1984*, de George Orwell, sendo essa a obra mais citada no ano anterior pelos participantes; em agosto, um romance russo que fez pensar sobre moral e leis de maneira profunda, *Crime e castigo* de Fiódor Dostoiévski; em setembro, a obra de Clarice Lispector *A hora da Estrela* e, encerrando o ano, em outubro com Edgar Allan Poe e seus *Contos de imaginação e mistério*.

Esse ano rendeu ótimos encontros, com debates enriquecedores, com a presença de um número maior de participantes, e, de certa forma, evidenciou-se que alguns participantes se envolveram em outros encontros, demonstrando que, além da obra, o debate também era importante no processo de leituras de textos clássicos. Dentre os encontros vivenciados, destaca-se a profundidade do encontro do mês de maio, em que foi debatido *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago. O número de participantes foi grande, havia mais de 20 pessoas sentadas na roda, falando, escutando e sentindo. Em um determinado momento do encontro, um dos participantes convidou a todos os demais para que fechassem os olhos, imaginando e vivenciando a cegueira por um minuto e após com os olhos fechados, sugeriu que cada um falasse uma palavra que viesse à cabeça naquele momento de cegueira. E assim todos fizeram. Foi um encontro diferenciado pela emoção que provocou nos participantes pela literatura, leitura e leitores.

No terceiro ano, em 2015, seguiu-se a mesma ideia de ouvir os participantes e atender às suas sugestões de leituras. E após análise dos questionários respondidos ao longo dos dois anos, as obras escolhidas foram: em abril, iniciou-se com os clássicos contos de fadas, compilados pelos irmãos Grimm, a partir da obra *Contos maravilhosos, infantis e domésticos*; no mês de maio, a obra mais sugerida e solicitada durante o projeto *Orgulho e Preconceito* de Jane Austen; em setembro, a gran-

de narrativa épica de Ulisses, *Odisseia* de Homero; em outubro a obra *Mensagem* do poeta português multifacetado Fernando Pessoa; e em novembro, encerrando com um clássico da literatura fantástica do século XX, *O Senhor dos anéis* de J. R. R. Tolkien.

Foi um ano bastante diversificado, com leituras consistentes. Dentre os encontros, ressalva-se o encerramento do ano e do projeto, com o debate apaixonado d'*O Senhor dos anéis* de J. R. R. Tolkien. Os participantes eram leitores vorazes, fãs de toda a obra de Tolkien e a discussão foi do livro sugerido, mas também extrapolou alcançando outros publicados pelo autor. Foi uma grande aula sobre narrativa fantástica e processo criativo do escritor inglês, certamente o tempo foi curto para tanto assunto suscitado.

Após esse percurso percorrido, apresentando e expondo detalhes sobre as leituras debatidas ao longo do projeto, abordar-se-á sobre o segundo elemento da tríade – leitores. Conforme a proposta do projeto, buscou-se debater obras literárias clássicas com um público não específico, mas que fossem leitores, talvez releitores, talvez não leitores de alguma obra e foi o que ocorreu.

Ao longo do projeto, aproximadamente duzentas pessoas foram recebidas nos debates, sendo que algumas foram somente a um encontro; outros participaram de dois a quatro encontros; e um número menor que participou cerca cinquenta por cento dos encontros. Dentre o público, o destaque para acadêmicos do curso de Letras, Filosofia História, Direito, Psicologia, Medicina Veterinária; também professores da universidade e de escolas públicas municipais e estaduais, professoras aposentadas; ainda leitores da comunidade em geral que vinham conhecer o espaço e o projeto ofertado. Evidenciou-se que o público era rotativo e estava diretamente ligado à obra que seria discutida.

Pensando em público acadêmico, além da obra, o fator mês também influenciou, pois nos meses de maiores demandas de atividades acadêmicas, eles não conseguiam participar, assim como, o horário interferiu em algumas presenças, conforme relatado nas respostas dos questionários, pois alguns leitores não eram da cidade, e acabavam por chegar na universidade nos minutos finais do debate. Para o público acadêmico, e para os demais interessados, no ano de 2015, institucionalizou-se o Projeto na vice-reitoria de extensão e foi possível conceder aos participantes certificados com horas complementares. Ao participarem,

as pessoas assinavam uma lista de presença. Ao final do ano, podiam retirar seus certificados impressos no espaço do Mundo da Leitura, sendo concedido entre 10h e 20h de participação, a depender da participação de cada um.

Ainda foram recebidos participantes releitores, que haviam lido a obra há vinte anos atrás, durante seu período de graduação e, por saberem do debate, participavam e resgatavam suas experiências de leituras, socializando passado e presente.

Dentre os diferentes perfis de participantes do projeto, o que ficou evidente é que eles eram leitores, muitos já frequentavam o espaço do Mundo da Leitura, outros passaram a usufruir o acervo e todos liam por fruição, uns por relação com estudo e trabalho, porém todos sentiam prazer em falar de literatura – terceiro elemento da tríade.

Pensar e executar um projeto com enfoque na leitura literária é muito prazeroso, pois é um momento em que o leitor se desvela e se torna um contador de histórias, e cada um conta a sua experiência de leitura da história debatida. É um momento de comunhão da arte literária entre diferente sujeitos com diferentes performances de leitura.

Referências

- ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Ática, 1999.
- AUSTEN, Jane. *Orgulho e preconceito*. São Paulo: Martin Claret, 2013.
- CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- DOSTOIEVSKI, Fiódor. *Crime e castigo*. Porto Alegre: L&PM, 2016.
- GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. *Contos maravilhosos infantis e domésticos*. São Paulo: Cosac Naify, 2012
- HOMERO. *Odisséia*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.
- KAFKA, Franz. *A metamorfose*. Rio de Janeiro: Martin Claret, 2004.
- LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MÁRQUEZ, Gabriel García. *Cem anos de solidão*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- ORWELL, George. 1984. 11. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.
- PESSOA, Fernando. *Mensagem*. São Paulo: FTD, 2013.
- POE, Edgar Allan. *Contos de imaginação e mistério*. São Paulo: Tordesilhas, 2012.
- SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SHAKESPEARE, William. *Romeu e Julieta*. Porto Alegre: L&PM, 2006.
- SÓFOCLES. *Édipo Rei*. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- TOLKIEN, J. R. R. *O senhor dos anéis: a sociedade do anel*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- WILDE, Oscar. *O retrato de Dorian Gray*. São Paulo: Scipione, 1994.

PESQUISAS, PUBLICAÇÕES E PRÊMIOS

Eliana Teixeira

Desde 1997, o Centro de Referência de Literatura e Multimeios edita jornais, livros, cadernos, boletins, folders destinados aos professores e alunos das redes pública e particular de ensino de todo o estado do Rio Grande do Sul, do oeste catarinense a estudantes universitários em geral e ao público beneficiado pelos projetos desenvolvidos pelo Centro.

Pesquisas desenvolvidas

O Professor de Séries Iniciais: a literatura levada a sério – Luciana Lhullier Rosa (2000) Dissertação (Mestrado em Educação)

Rodas de poesia – Hercílio Fraga de Quevedo (2002)

Perfil do leitor atual – Tania M. K. Rösing (2001)

A formação do professor leitor – Tania M. K. Rösing (2002)

Espaços de leitura interativos – Eliana Teixeira (2003)

Análise, formulação e investigação de critérios para avaliação de obras literárias infanto-juvenis – Paulo Becker (2001)

A leitura das obras literárias infantis induzida pelos suplementos didáticos – Paulo Becker (2002)

A representação do gênero na literatura infanto-juvenil brasileira – Paulo Becker (2002)

Imersão Tecnológica – Adriano C. Teixeira (2002)

A linguagem audiovisual no processo educativo e no incentivo à leitura: o caso do programa Mundo da Leitura – Denise Jorge Serafini (2009).
Dissertação (Mestrado em Educação).

RÖHRIG, Adriana. Lendo (n)a Jornadinha: experiências significativas a partir da 4ª Jornadinha Nacional de Literatura de Passo Fundo. (2010). Dissertação (Mestrado em Letras)

O programa Mundo da Leitura e a formação do telespectador infantil e juvenil - Paulo Becker (2015)

Publicações

Série Mundo da Leitura

Livros

Da violência ao conto de fadas: o imaginário, meninos de rua, meninos de escola e adultos escolarizados. Passo Fundo: UPF Editora, 1999.

Autores: Tania M. K. Rösing (Org.), Ana Carolina Martins da Silva, Maria Lêda Lóss da Silva e Sonia Salete Morais.

Do livro ao CD-ROM: novas navegações. Passo Fundo: UPF Editora, 1999.

Autores: Tania M. K. Rösing (Org.), Ângela M. Grolli Hein, Edemilson Jorge Ramos Brandão, Eliana Teixeira, Elisa Maria Klajn, Fabiane Verardi Burlamaque, Hercílio Fraga de Quevedo, Ivânia Campigotto Aquino, Luciana Lhullier Rosa, Maria Fátima Betencourt, Sandra Munaro Predebon e Valdocir Antonio Esquisani.

Práticas Leitoras para uma cibercivilização. Passo Fundo: UPF Editora, 2000.

Autores: Tania M. K. Rösing; Ana Carolina Martins da Silva.

Práticas Leitoras para uma cibercivilização II: 500 anos de Brasil: memórias que nossa consciência não escolheu. Passo Fundo: UPF Editora, 2001.

Autores: Tania M. K. Rösing; Ana Carolina Martins da Silva.

Práticas Leitoras para uma cibercivilização III: Brasil 500 anos: da carta de Caminha ao e-mail. Passo Fundo: UPF Editora, 2001.

Autores: Tania M. K. Rösing (Org.), Bibiana de Paula, Eliana Teixeira, Elisângela F. F. de Mello, Lisandra Blanck, Nedi Mello dos Santos e Rafael da Silva.

Práticas Leitoras para uma cibercivilização IV: vivências interdisciplinares e multimídiais de leitura. Passo Fundo: UPF Editora, 2003.

Autores: Tania M. K. Rösing, Eládio Vilmar Weschenfelder, Miguel Rettenmaier da Silva (Org.), Bibiana de Paula Friderichs, Bili Joe Balejos, Dafne Berbigier Dino, Eliana Teixeira, Elisângela F. F. de Mello, Juliana Kuns, Lisandra Blanck, Nedi Mello dos Santos e Rafael da Silva e Wagner Moraes.

Práticas Leitoras para uma cibercivilização V: ressignificando identidades. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005.

Autores: Tania M. K. Rösing (Org.), Adriano Canabarro Teixeira, Eliana Rodrigues Leite, Eliana Teixeira, Elisângela F. F. de Mello, Fabiane Verardi Burlamaque, Gabriela Fernanda Cê Luft, Lisandra Blanck, Miguel Rettenmaier da Silva, Nedi Mello dos Santos e Rafael da Silva. Colaboradores: Cinara C. Costa, Cristieli I. Schneider, Edyana S. Ribeiro, Maristela M. Hoffmann e Tarsila R. Battistella.

Práticas Leitoras para uma cibercivilização VI: diversidade cultural em tempos de globalização. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2007.

Autores: Tania M. K. Rösing, Miguel Rettenmaier da Silva (Org.), Amanda Schneider de Arruda, Antônio Carlos Brezolin Filho, Bruno Philipsen, Cláudia Mentz Martins, Eládio Vilmar Weschenfelder, Eliana Rodrigues Leite Eliana Teixeira, Elisângela F. F. de Mello, Gabriela Fernanda Cê Luft, Lisandra Blanck, Lisiane Vieira, Marcos Deon, Nedi Mello dos Santos e Solange Lopes Brezolin. Colaboradores: Danielly Battistella e Edson Gregory Trescastro.

Práticas Leitoras para uma cibercivilização VII: leitura da arte & arte da leitura para a compreensão do mundo. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2009.

Autores: Tania M. K. Rösing, Miguel Rettenmaier da Silva (Org.), Amanda Schneider de Arruda, Bruno Philipsen, Diogo Costa Rufatto, Eládio Vilmar Weschenfelder, Eliana Rodrigues Leite Eliana Teixeira, Elisângela F. F. de Mello, Gabriela Fernanda Cê Luft, Giancarlo Rizzi, Jonas Machado Brunetto, Lisandra Blanck, Lisiane Vieira, Solange Lopes Brezolin, Valéria Sumye Milani.

Cadernos

Em 2003, a equipe responsável pela programação e pela execução das práticas leitoras desenvolvidas no Centro de Referência de Literatura e Multimeios organizou um Caderno de Atividades com sugestões aos professores de atividades de leitura a serem desenvolvidas pelos alunos, envolvendo obras dos autores convidados para a 2ª Jornadinha. A partir daí a equipe de monitores do Centro passou a responsabilizar-se pela elaboração do Caderno de Atividades nos anos de 2005, 2007, 2009, 2011 e 2013. O Caderno de Atividades foi disponibilizado on-line e impresso.

Caderno de Atividades: Vozes do terceiro milênio: a arte da inclusão. Passo Fundo: UPF Editora, 2003.

Autores: Bibiana de Paula, Dafne Berbigier, Eliana Teixeira, Elisângela F. F. de Mello, Lisandra Blanck, Nedi Mello dos Santos e Rafael Silva.

Caderno de Atividades II: diversidade cultural: o diálogo das diferenças. Passo Fundo: UPF Editora, 2005.

Autores: Tania M. K. Rösing (Org.), Alisson Gampert Spannenberg, Eliana Rodrigues Leite Eliana Teixeira, Elisângela F. F. de Mello, Fabiane Verardi Burlamaque, Gabriela Fernanda Cê Luft, Lisandra Blanck, Miguel Rettenmaier da Silva, Nedi Mello dos Santos, Paulo Becker, Rafael da Silva e Ricardo Sampaio.

Caderno de Atividades III: Leitura da Arte & Arte da Leitura. Passo Fundo: UPF Editora, 2007.

Autores: Tania M. K. Rösing (Org.), Amanda Schneider de Arruda, Diego da Silva Régio, Eládio Vilmar Weschenfelder, Eliana Rodrigues Leite, Eliana Teixeira, Elisângela F. F. de Mello, Fabiane Verardi Burlamaque, Gabriela Fernanda Cê Luft, Lisandra Blanck, Lisiane Vieira, Miguel Rettenmaier da Silva, Solange Lopes Brezolin, Paulo Becker.

Caderno de Atividades IV: arte e tecnologia: novas interfaces. Passo Fundo: UPF Editora, 2009.

Autores: Tania M. K. Rösing (Org.), Bruno Philipsen, Diogo Costa Ruffatto, Eládio Vilmar Weschenfelder, Eliana Rodrigues Leite Eliana Teixeira, Elisângela F. F. de Mello, Fabiane Verardi Burlamaque, Giancarlo Rizzi, Ivânia Campigotto, Lisandra Blanck, Lisiane Vieira, Miguel Rettenmaier da Silva, Solange Lopes Brezolin, Paulo Becker, Valéria Sumye Milani. Colaboração: Gabriela Fernanda Cê Luft.

Caderno de Atividades V: leitura entre nós: redes linguagens e mídias. Passo Fundo: UPF Editora, 2011.

Autores: Tania M. K. Rösing (Org.), Beatriz Calegari Segal, Elenice Deon, Eliana Rodrigues Leite Eliana Teixeira, Elisângela F. F. de Mello, Lisandra Blanck, Lisiane Vieira, Lucas Werschedet Rodrigues, Mateus Mattiello Nickhorn, Paulo Becker, Renato Britto.

Caderno de Atividades VI: leituras jovens do mundo. Passo Fundo: UPF Editora, 2013.

Autores: Tania M. K. Rösing; Paulo Becker (Org.), Beatriz Calegari Segal, Eliana Rodrigues Leite, Eliana Teixeira, Elis Parizotto Seidler, Elisângela F. F. de Mello, Fernanda Lopes, Gisele Risson, Lisandra Blanck, Lisiane Vieira, Luis Fernando Portela, Lucas Cyrino, Maria Augusta D'Arienzo, Mateus Mattiello Nickhorn, Milena Dlugokenski e Renato Britto.

Coleção Mundo da Leitura

A Coleção *Roteiros de práticas leitoras para a escola* foi iniciada e publicada em meio impresso no ano de 2010, alcançando hoje a sua quinta edição. Confira os títulos das edições já publicadas:

Roteiros de práticas leitoras para a escola. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2010.

Educação infantil – *Quem conta encanta*

Autores: Tania M. K. Rösing, Eliana Rodrigues Leite, Mateus Mattiello Nickhorn

1º e 2º anos do Ensino Fundamental – *Leitura audiovisual*

Autores: Tania M. K. Rösing, Lisandra Blanck

3º e 4º anos do Ensino Fundamental – *Quando os objetos ganham vida*

Autores: Tania M. K. Rösing, Lisiane Vieira

1º ao 4º ano do Ensino Fundamental – *Literatura e tecnologia*

Autores: Tania M. K. Rösing, Elisângela de F. F. de Mello

5º e 6º anos do Ensino Fundamental – *Linguagem quadrinizada*

Autores: Tania M. K. Rösing, Eliana Teixeira

7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental – *Agregar mídias e criar colaborativamente*

Autores: Tania M. K. Rösing, Elisângela de F. F. de Mello

Ensino Médio – *Miniconto: a literatura em cápsulas*

Autores: Tania M. K. Rösing, Bruno Philippsen

Roteiros de práticas leitoras para a escola II. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2011.

Educação Infantil – *Artes visuais: explorando os sentidos*

Autores: Tania M. K. Rösing, Eliana Rodrigues Leite, Lisandra Blanck

1º e 2º anos do Ensino Fundamental – *Quadrinhos: da leitura da imagem ao texto escrito*

Autores: Tania M. K. Rösing, Eliana Teixeira, Lucas Werschedet Rodrigues

3º e 4º anos do Ensino Fundamental – *Folclore: resgatando a cultura*

Autores: Tania M. K. Rösing, Lisiane Vieira

5º e 6º anos do Ensino Fundamental – *Redes sociais: o processo de socialização na cultura digital*

Autores: Tania M. K. Rösing, Mateus Mattiello Nickhorn

7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental – *Poesia visual: do impresso ao digital*

Autores: Tania M. K. Rösing, Elisângela de F. F. de Mello

Ensino Médio – *Literatura fantástica: uma viagem ao mundo da imaginação*

Autores: Tania M. K. Rösing, Beatriz Calegari Segal, Elenice Deon, Renato Britto

Ensino Superior – *Texto teatral: na leitura entre nós*

Autores: Tania M. K. Rösing, Lisiane Vieira, Renato Britto

Roteiros de práticas leitoras para a escola III. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2015.

Educação Infantil – *Fala, bicho. Bicho fala.*

Autores: Tania M. K. Rösing, Eliana Rodrigues Leite, Luis Fernando Portela, Renato Britto

1º e 2º anos do Ensino Fundamental – *Histórias de enganação e assombração: brincando com a morte*

Autores: Tania M. K. Rösing, Fernanda Lopes da Silva, Loreci Alves Marins, Mateus Mattiello Nickhorn

3º e 4º anos do Ensino Fundamental – *Mitologia: deuses, monstros e heróis*

Autores: Tania M. K. Rösing, Elisângela de F. F. de Mello, Gisele Risson, Lisandra Blanck

5º e 6º anos do Ensino Fundamental – *Narrativa de aventura: do coração à espada*

Autores: Tania M. K. Rösing, Fernanda Lopes da Silva, Lisiane Vieira

7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental – *Terror: páginas macabras*

Autores: Tania M. K. Rösing, Beatriz Calegari Segal

Ensino Médio – *Crônicas: o cotidiano em cena*

Autores: Tania M. K. Rösing, Eliana Teixeira, Fernanda Lopes da Silva

Ensino Superior – *Ficção científica: mundos imaginados*

Autores: Tania M. K. Rösing, Fernanda Lopes da Silva, Lucas A. de C. Cyrino, Renato Britto

Roteiros de práticas leitoras para a escola IV. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2016.

Educação Infantil – *Contos, rimas e adivinhas*: brincando com a cultura popular

Autores: Tania M. K. Rösing, Eliana Rodrigues Leite, Fernanda Lopes da Silva

1º e 2º anos do Ensino Fundamental – *Um nó na cabeça*: convivendo com as diferenças

Autores: Tania M. K. Rösing, Lisandra Blanck

3º e 4º anos do Ensino Fundamental – *Cunhantã*: a mulher nas tribos indígenas

Autores: Tania M. K. Rösing, Elisângela de F. F. de Mello, Lisandra Blanck

5º e 6º anos do Ensino Fundamental – *Narrativas de detetives*

Autores: Tania M. K. Rösing, Elisângela de F. F. de Mello

7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental e Ensino Médio – *Era uma vez... revisitando os contos de fadas*

Autores: Tania M. K. Rösing, Fernanda Lopes da Silva, Mayara Corrêa Tavares

Ensino Superior – *Biografia*: uma história da vida real

Autores: Tania M. K. Rösing, Luis Fernando Portela

Roteiros de práticas leitoras para a escola V. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2016.

Educação Infantil – *Medo de quê? Diferentes faces do medo infantil*

Autores: Tania M. K. Rösing, Eliana Teixeira, William Dahmer S. Rodrigues

1º e 2º anos do Ensino Fundamental – *No covil dos vilões*: a representação do mal nas histórias

Autores: Tania M. K. Rösing, Eliana Rodrigues Leite, Luis Fernando Portela

3º e 4º anos do Ensino Fundamental – *Sítio do Picapau Amarelo*: entre leituras e aventuras

Autores: Tania M. K. Rösing, Fernanda Lopes da Silva, Marina de Oliveira

5º e 6º anos do Ensino Fundamental – *Narrativas confessionais*: as multifaces dos diários

Autores: Tania M. K. Rösing, Elisângela de F. F. de Mello, Mayara Corrêa Tavares

7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental – *Narrativas visuais*: a leitura da imagem na contemporaneidade

Autores: Tania M. K. Rösing, Aléxia Lang Monteiro, Lisandra Blanck
Ensino Médio – *Narrativas distópicas*: jovens em confronto com a sociedade

Autores: Tania M. K. Rösing, Elisângela de F. F. de Mello, Mayara Corrêa Tavares

Ensino Superior – *Corações descontrolados*: ciúme, paixão e crime passionais

Autores: Tania M. K. Rösing, Fernanda Lopes da Silva

A Coleção *Livro do mês* foi iniciada em 2006 e publicada em meio impresso a partir de 2010, alcançando hoje a sua 8ª edição. Confira os títulos das edições já publicadas:

Projeto Livro do Mês 2006: construindo o diálogo entre leitor-autor. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2010.

Autores: Tania M. K. Rösing (Org.), Cristina Azevedo da Silva, Elisângela F. F. de Mello, Lisandra Blanck, Lisiane Vieira, Lucas Werschedet Rodrigues e Natane Emanuele Rangel e Renato Britto.

Projeto Livro do Mês 2007: formando leitores críticos. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2010.

Autores: Tania M. K. Rösing (Org.), Bruno Philippsen, Cristina Azevedo da Silva, Elenice Deon, Eliana Teixeira, Gabriela Fernanda Cê Luft e Mateus Mattiello Nickhorn.

Projeto Livro do Mês 2008: leitura prévia de textos literários. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2010.

Autores: Tania M. K. Rösing (Org.), Bruno Philippsen, Eliana Teixeira, Lisandra Blanck, Lisiane Vieira e Natane Emanuele Rangel.

Projeto Livro do Mês 2009: estimulando a leitura entre jovens leitores. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2010.

Autores: Tania M. K. Rösing (Org.), Bruno Philippsen, Diogo da Costa Rufatto e Valéria Sumye Milani.

Projeto Livro do Mês 2010: leitura e dialogismo. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2011.

Autores: Tania M. K. Rösing (Org.), Eliana Teixeira, Elisângela F. F. de Mello, Lauro Gomes, Lisandra Blanck, Lucas Werschedet Rodrigues e Renato Britto.

Projeto Livro do Mês 2011: a leitura e as mídias. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2011.

Autores: Tania M. K. Rösing (Org.), Elenice Deon, Lauro Gomes, Lucas Werschedet Rodrigues, Natane Emanuele Rangel e Renato Britto.

Projeto Livro do Mês 2012: leitura e diversidade. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2014.

Autores: Tania M. K. Rösing (Org.), Daniela Lorenzatto, Eliana Rodrigues Leite, Elisângela F. F. de Mello, Lisandra Blanck, Lucas Cyrino, Marina Garbin, Mateus Mattiello Nickhorn e Renato Britto.

Projeto Livro do Mês 2013: a formação de jovens leitores literários. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2016.

Autores: Tania M. K. Rösing (Org.), Elisângela F. F. de Mello, Lisandra Blanck, Lucas Cyrino, Fernanda Lopes da Silva.

Guias

Mundo da Leitura na TV: guia para professores I. Passo Fundo: Ed. da Universidade de Passo Fundo, 2006.

Autores: Tania M. K. Rösing, Paulo Becker, Daniela Maronesi da Silva, Eliana Teixeira, Elisângela F. F. de Mello, Elíria Maroní Pires Supptitz Gabriela Fernanda Cê Luft e Nedi Mello dos Santos.

Mundo da Leitura na TV: guia de atividades II. Passo Fundo: Ed. da Universidade de Passo Fundo, 2009.

Autores: Tania M. K. Rösing, Paulo Becker (Org.), Bruno Philippsen, Daniela Maronesi da Silva, Eliana Rodrigues Leite, Eliana Teixeira, Elisângela F. F. de Mello, Gabriela Fernanda Cê Luft, Lisandra Blanck, Nathalia Brasil, Raquel Aparecida Cesar da Silva e Roselei Fistarol.

Mundo da Leitura na TV: guia de atividades III. Passo Fundo: Ed. da Universidade de Passo Fundo, 2011.

Autores: Tania M. K. Rösing, Paulo Becker (Org.), Beatriz Calegari Segal, Cristina Azevedo da Silva, Daniela Lorenzato, Elisângela F. F. de Mello e Natane Emanuele Rangel.

Série *Jornadinha*

A galera tagarela. Passo Fundo: UPF Editora, 2003.

Autor: Dilan Camargo.

Aventuras e desventuras de Gali-Leu, o gato. Passo Fundo: UPF Editora, 2003.

Autor: Paulo Becker

Ilustradora: Maria Goreti Betencourt

Lendas afro-brasileiras. Passo Fundo: UPF Editora, 2003.

Autores: Paulo Becker; Maria Beatriz Pucci

Ilustradora: Maria Goreti Betencourt

Dia de gato. Passo Fundo: UPF Editora, 2005.

Autor: Paulo Becker

Ilustradora: Maria Goreti Betencourt

Diferente é divertido: uma tentativa de entender a diversidade. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005.

Autores: Maria Tomaselli (Org.), Artur Becker, Camila Ávila da Fonseca, Cássia Maria da Fonseca, Estevan Barriquel De Cesaro, Henrique Loch Sbeghen, Isadora Loch Sbeghen, Lucca Ronchetti, Maurício Vaccari Aliprandini, Pedro Stramari de Vargas e Victor Arthur Mezzomo.

A turma do Gali-Leu trilha sonora (CD)

Jornal Mundo da Leitura

O Centro de Referência de Literatura e Multimeios mantém, desde 1997, o “Jornal Mundo da Leitura” que é publicado duas vezes por ano e tem uma tiragem de 5000 exemplares. Destina-se a alunos das licenciaturas, a professores cadastrados no Centro e a Cursos de Letras do Brasil que mantêm intercâmbio com a Universidade de Passo Fundo. É produzido pelos próprios monitores e conta com a colaboração de professores do Curso de Letras, dentre os quais alguns constituem, também, o seu Conselho Editorial. Alguns exemplares destinam-se ao público infanto-juvenil, como foi o caso de dois exemplares especiais publicados em 2001, 2003, 2005, 2007, 2009, 2011 e 2013 para os participantes da Jornadinha Nacional de Literatura. Em 20 anos foram publicados 49 edições impressas do Jornal Mundo da Leitura.

Premiações

Em novembro de 2003, o Centro de Referência de Literatura e Multimeios – Mundo da Leitura – foi premiado com um troféu da Exporcriança, realizada no Parque de Exposições Wolmar Salton, por desenvolver um trabalho em prol da criança passo-fundense numa perspectiva educacional, cultural e de assistência social.

No ano de 2004, o programa Mundo da Leitura na TV foi o primeiro colocado em dois prêmios nacionais, na categoria de programa educativo: 1) Mostra de Televisão Universitária de Salvador; 2) Festival do Vídeo Brasileiro Universitário e Independente, no XII Gramado Cine Vídeo (Prêmio Galgo de Ouro). Conquistou também o prêmio de Melhor Programa de TV, no XII Gramado Cine Vídeo e no XIV Gramado Cine Vídeo, respectivamente, em 2005 e em 2007. Além disso, recebeu o Prêmio Açorianos de Literatura, na categoria de Mídia-Televisão. Já em novembro de 2005, o Centro de Referência de Literatura e Multimeios – Mundo da Leitura foi reconhecido pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), recebendo o prêmio de terceiro melhor projeto de incentivo à leitura com crianças e jovens.

Em outubro de 2011, a Jornadinha Nacional de Literatura recebeu o Prêmio Educação/RS 2011 – Troféu Pena Libertária, concedido pelo Sindicato dos Professores do Ensino Médio Privado do RS (Sinpro).

No ano de 2014, O Programa de TV Mundo da Leitura foi agraciado com o Prêmio Parceiros da Escrita – Mídia, Associação Gaúcha de Escritores – (Ages).

Com o objetivo de identificar projetos voltados para a formação de leitores e acesso ao livro e à leitura, a Fundação Biblioteca Nacional (FBN), vinculada ao Ministério da Cultura (MinC), por intermédio da Diretoria do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas (DLLLLB), concedeu o “Prêmio Leitura para Todos: projetos sociais de leitura” ao Centro de Referência de Literatura e Multimeios/Mundo da Leitura. Mais de 200 projetos de todo o Brasil se inscreveram à premiação em dinheiro de R\$50 mil reais, e somente 30 foram selecionados.

2003 – Troféu Nosso Amigão – Expocriança



2004 – Prêmio Galgo de Ouro



Prêmio SINPRO - RS



PARTE III

RECONHECIMENTO OFICIAL

Li bastante no correr da vida, mas o que pode parecer muito, é uma gota d'água diante do que existe e merece ser lido. É por isso que eu gostaria de viver trezentos anos, o que me permitiria ler de vinte cinco a trinta mil livros. Mas como nesse período surgiriam certamente muitos milhares de novos livros, o impasse continuaria. Cheguei à conclusão de que deveria desistir da ideia (como de fato desisti...) contentando-me com a leitura possível.

José Mindlin

– *Uma vida entre livros: reencontros com o tempo*

As ações realizadas pela formação de leitores em Passo Fundo, por mais de três décadas, numa promoção conjunta entre a Universidade de Passo Fundo e a Prefeitura Municipal, a partir da movimentação cultural em que se constituíram as Jornadas Literárias e seus desdobramentos, propiciaram a concessão à cidade de dois importantes títulos e a criação de estruturas arquitetônicas comemorativas, de autoria de Jeferson Lorenz e Luis Hofman, que a distinguem no contexto brasileiro e latino-americano.

Capital Nacional da Literatura

Proposição do Deputado Federal Beto Albuquerque no Congresso Nacional.

Lei Federal nº 11.264, de 02/01/2006, sancionada pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva.

Capital Estadual da Literatura

Proposição do Deputado Estadual Luciano Palma de Azevedo à Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, por meio da Lei nº 12.838, de 13/11/2007.

Largo da Capital Nacional da Literatura

Árvore das Letras – escultura de Gustavo Nackle.

Túnel das Letras para divulgar escritores locais.

Av. Brasil, próximo à ponte sobre o Rio Passo Fundo.

Quiosque de leitura – Ponto de Leitura do Ministério da Cultura.

Largo da Literatura Universal

Praça Capitão Jovino.
Letra U.

Quiosque de Leitura Roberto Pirovano Zanatta

Túneis para textos de Literatura Brasileira.

Praça Antonino Xavier e Oliveira.

Letra B.

Largo da Literatura Cômica

Av. Brasil em frente ao Espaço Cultural Roseli Doleski Pretto.

Letra C

Largo da Literatura Gauchesca

Av. Brasil, espaço contíguo ao monumento ao Teixeira.

Letra G

Inauguração Largo da Literatura – Marco da Capital Nacional da Literatura – Praça Armando Sbeghen



Inauguração - Largo da Literatura Brasileira- Praça Antonino Xavier e Oliveira



Inauguração - Largo da Literatura Brasileira – Praça Antonino Xavier e Oliveira.
Prefeito Airton Lângaro Dipp



Inauguração – Largo da Literatura Brasileira – Praça Antonino Xavier e Oliveira.
Vereador João Pedro Nunes, Prefeito Airton Lângaro Dipp



Inauguração – Largo da Literatura Universal



Largo da Literatura Cômica



PASSO FUNDO CAPITAL NACIONAL DA LITERATURA: OS LARGOS DA LITERATURA E O PROJETO LIVRO DO MÊS

Maria Augusta D'Arienzo

Há mais de três décadas, Passo Fundo vive uma movimentação cultural permanente em prol da formação de leitores. Como consequência desse trabalho, o município de Passo Fundo, no ano de 2006, recebeu o título de Capital Nacional da Literatura, após o presidente Luís Inácio Lula da Silva, sancionar a Lei Federal 11.264, de 02/01/2006, oriunda de projeto apresentado à Câmara Federal pelo deputado Beto Albuquerque. A referida Lei diz, no seu Art. 1º, que “O município de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, sede da Jornada Nacional de Literatura, fica declarado ‘Capital Nacional da Literatura’.” (BRASIL, 2006). Da mesma forma, por indicação do então deputado estadual Luciano Azevedo, Passo Fundo também é Capital Estadual da Literatura, por meio da Lei nº 12.838, de 13/11/2007, da Assembleia Legislativa/RS.

Na sequência, a Universidade de Passo Fundo, como instituição proponente, juntamente com a Prefeitura de Passo Fundo, a Câmara de Vereadores, representantes de diversos segmentos da sociedade passo-fundense, os sistemas de ensino municipal, estadual e particular, os representantes da imprensa e os cidadãos e cidadãs que vivem em Passo Fundo, como instituições e pessoas participantes, construíram o Projeto Passo Fundo – Capital Nacional da Literatura. Esse projeto objetiva apresentar ações periódicas e permanentes que contribuam para consolidar a cidade de Passo Fundo como Capital Nacional da Literatura e propor a restauração de pontos históricos da cidade com obras arqui-

tetônicas que acolherão textos literários, concedendo uma identidade visual a esses espaços como forma de estimular a leitura entre os passo-fundenses e fomentar o turismo cultural.

Considerando as premissas apresentadas pelo projeto, foi proposta a criação de Largos da Literatura em diferentes praças e pontos estratégicos de Passo Fundo. Foram observados os seguintes critérios para a criação dos diversos Largos da Literatura: revitalização de espaços históricos e estratégicos do município; atendimento às expectativas e aos interesses diversificados do público; e o envolvimento com distintas manifestações artístico-culturais.

Compõe as intervenções arquitetônicas cinco Largos da Literatura, são eles: Largo da Literatura – Marco da Capital Nacional da Literatura; Largos da Literatura Cômica; Largo da Literatura Brasileira; Largos da Literatura Gauchesca e Largo da Literatura Universal.

Localizado na Praça Armando Sbeghen o Largo da Literatura – Marco da Capital Nacional da Literatura tem como destaques: a Árvore das Letras – obra-marco com caráter artístico que representa o conceito de uma árvore, cujos frutos são letras penduradas em sua copa, simbolizando o ato de semear em que se configura a leitura em Passo Fundo, ou seja, o Marco da Capital Nacional de Literatura. Monumento em homenagem aos Tropeiros. Dois Túneis da Leitura, os quais são adesivados um com textos literários de autores passo-fundenses e o outro com textos de autores das jornadas. Há, também, no espaço um quiosque multimídia com livros, revistas, jornais e computadores com acesso à internet.

Os Largos da Literatura Cômica, no canteiro Guilherme Luiz Sperry, caracterizado pelo Monumento Letra Gigante “C”, representando as sementes dos frutos gerados pelo marco citado anteriormente, e da Literatura Gauchesca, caracterizado pela letra “G”, no canteiro Abrahão Madalosso, com dois túneis com fragmentos de obras correspondentes a literatura representada.

Largo da Literatura Brasileira caracterizado pela letra “B”. Com quatro túneis de leitura e o Quiosque de Leitura Roberto Pirovano Zanatta, com livros, revistas e jornais, onde a comunidade também pode

fazer o empréstimo de livros. Localizado na Praça Antonino Xavier e Oliveira.

O quinto é o Largo da Literatura Universal caracterizado pela letra “U”, com dois túneis de leitura na Praça Capitão Jovino. Os textos literários adesivados nos túneis são trocados mensalmente pela Prefeitura de Passo Fundo. A seleção dos textos fica sob a responsabilidade dos professores e monitores do Centro de Referência de Literatura e Multimeios da UPF.

Outra proposição foi o Projeto Livro do Mês, como ação periódica e permanente nessa movimentação cultural com a finalidade de “formar leitores que priorizem o texto literário e se disponham a compreender e interpretar as linguagens peculiares a distintas manifestações artístico-culturais” (RÖSING, 2009, p. 224), contribuindo para consolidar um processo continuado de formação de leitores e de plateias apreciadoras da literatura e das artes em geral.

O Projeto Livro do Mês aproxima crianças, jovens e adultos do texto literário, com a pretensão de que, ao se envolverem com a ficção, essa os levará a se fascinarem com o universo da leitura com linguagem pertencente ao universo contemporâneo. Rösing afirma que “os textos literários passam a constituir cenários com os quais se pode refletir sobre o que somos, sobre o que são os outros, como podemos transformar o mundo a partir de mudanças em nosso entorno.” (2009, p. 136) Por meio de sua metodologia, oferece a oportunidade aos alunos de lerem um livro, debatê-lo com o autor presente, apropriarem-se das ideias emergentes das discussões, desenvolvendo atitudes positivas frente à leitura.

A Prefeitura de Passo Fundo e a Universidade de Passo Fundo promovem o Projeto Livro do Mês, e defendem que a periodicidade de ações de leitura não apenas do texto impresso, mas também de textos apresentados em diferentes suportes, paralelamente ao envolvimento com outras linguagens, propiciam o desenvolvimento do gosto pela leitura, ampliam o conhecimento e a sensibilidade dos leitores, resultando na aquisição de uma cultura de leitura pelo viés da sintonia entre educação, cultura e tecnologia, efetivando o crescimento cultural da comunidade passo-fundense como um todo.

Nesses mais de dez anos de realização do projeto, a organização inicia por volta do mês de novembro do ano anterior com a escolha de oito obras e dos respectivos escritores, como também das editoras participantes. A seleção das obras observa alguns critérios, entre eles: ser obra de literatura nacional contemporânea voltada para jovens, compor catálogos de editoras, *sites* e *blogs*, ser avaliada mediante parecer de professores universitários e constar, de preferência, em listas de autores premiados no Brasil e no exterior, em prêmios literários reconhecidos nacionalmente e internacionalmente. Observa-se que não há repetição de editoras ao longo do ano de execução e procura-se diversificar os gêneros literários e a editoração das obras escolhidas. A seguir é realizado o contato com as editoras e, após o aceite, a lista com a programação do ano é encaminhada à Secretaria Municipal de Educação, à 7ª Coordenadoria Regional de Educação e ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Curso de Letras/UPF, para a divulgação e convite às escolas, professores e alunos com o objetivo de motivá-los a participar, bem como a realizar a aquisição da obra e realizar a sua leitura prévia.

O Projeto Livro do Mês, ao trabalhar com obras de autores contemporâneos, buscando atrair os jovens para a leitura, dialoga com a ideia do pesquisador e historiador francês Roger Chartier:

Se concordamos implicitamente sobre o que deve ser a leitura. Aqueles que são considerados não-leitores leem, mas leem coisa diferente daquilo que o cânone escolar define como uma leitura legítima. O problema não é tanto o de considerar não-leituras estas leituras selvagens que se ligam a objetos escritos de fraca legitimidade cultural, mas é o de tentar apoiar-se sobre essas práticas incontroladas e disseminadas para conduzir esses leitores, pela escola mas também sem dúvida por múltiplas outras vias, a encontrar outras leituras. É preciso utilizar aquilo que a norma escolar rejeita como um suporte para dar acesso à leitura na sua plenitude, isto é, ao encontro de textos densos e mais capazes de transformar a visão do mundo, as maneiras de sentir e de pensar (1998, p. 103-104).

Nessa perspectiva, o Projeto Livro do Mês adentra a escola com obras contemporâneas, muitas vezes, sem o aval da crítica tradicional, e normalmente de autoria de jovens escritores. Todavia, pactua-se com a ideia de Ana Maria Machado:

[...] cada um de nós tem direito a conhecer – ou ao menos a saber que existem – as grandes obras literárias do patrimônio universal [...]. Vários desses contatos se estabelecem pela primeira vez na infância e juventude, abrindo caminhos que se podem percorrer depois novamente ou não, mas já funcionam como uma sinalização e um aviso: “Esta história existe... Está ao meu alcance. Se quiser, sei onde encontrá-la” (2002, p. 38, tradução nossa).

É importante salientar a parceria entre: as editoras responsáveis pela publicação do livro do mês, às quais cabe viabilizar o deslocamento dos (as) autores (as); a Prefeitura Municipal, que adquire duzentos e cinquenta exemplares de cada obra, produz o material de divulgação e financia o transporte dos alunos da rede pública municipal de ensino para o seminário; a Universidade de Passo Fundo, responsável pela hospedagem dos convidados; o Serviço Social do Comércio de Passo Fundo/Sesc, que cede o seu teatro para a realização dos seminários do projeto; e a 7ª Coordenadoria Regional de Educação que mobiliza, divulga e assume o projeto como parte integrante do currículo das escolas da rede pública estadual de ensino.

O acervo de duzentos e cinquenta livros, primeiramente, é distribuído entre as seis ou mais escolas participantes da edição do mês, de acordo com o número de alunos envolvidos de cada instituição. Posteriormente, a escola inclui cinco exemplares na sua biblioteca e os demais são distribuídos pela Secretaria Municipal de Educação entre as demais escolas da rede municipal. Dessa forma, cada escola recebe por ano cerca de 40 exemplares ou 8 títulos de livros literários para inclusão no acervo da biblioteca escolar. As demais instituições de ensino envolvidas e os participantes por adesão, também, adquirem as obras nas livrarias locais, apoiadoras do projeto.

A Biblioteca Pública Municipal Arno Viuniski, criada por meio do decreto de Lei Federal nº 1.939, pelo então prefeito Arthur Ferreira Filho, em 02 de abril de 1940, o Largo da Literatura e o Quiosque de Leitura Roberto Pirovano Zanatta, também recebem exemplares de cada título, para o empréstimo à comunidade em geral. A Universidade de Passo Fundo disponibiliza os livros para o Centro de Referência de Literatura e Multimeios/Mundo da Leitura e para as bibliotecas da estrutura multicampi onde houver turmas de graduação em Letras.

O público-alvo do Livro do Mês são alunos do ensino fundamental e médio, das modalidades de educação de jovens e adultos, universitários, professores universitários e da rede pública e privada de ensino. Também visa atender à comunidade em geral interessada em literatura. Na rede municipal, a Secretaria Municipal de Educação organiza um rodízio entre as trinta e cinco escolas para que todas participem ao menos de um seminário no ano, sendo que normalmente participam cerca de seis escolas municipais por mês. As escolas estaduais e particulares participam por adesão. Há escolas que participam de todos os seminários do ano.

O público universitário é convidado a participar de todas as edições, sendo que os alunos que fazem parte dos cursos oferecidos na estrutura multicampi participam quando há edição no seu respectivo *campus*. A comunidade em geral é convidada a participar em todas as edições e seminários e sua participação é efetivada por adesão.

O projeto reitera a metodologia adotada nas ações de leitura na Capital Nacional da Literatura incentivando a leitura prévia da obra e posterior contato com o escritor, no sentido de “preparar os leitores com leituras prévias das obras dos autores convidados, ampliando o diálogo entre leitores e autores” (RÖSING, 2010, p. 5). Compõem a metodologia do Projeto Livro do Mês, as seguintes etapas: a leitura prévia, a prática leitora multimídia e o seminário com o autor.

A leitura prévia, primeira etapa, é estimulada pelo projeto, e cada escola participante escolhe a forma e os procedimentos para a sua realização na sala de aula. Essa ação promove a aproximação de jovens, leitores em formação, com a leitura do texto impresso, com a leitura literária de autores contemporâneos que, muitas vezes, não é legitimada pela crítica tradicional.

Reconhece-se que a leitura é relevante para a sociedade contemporânea, porém não é o que move a criança e o adolescente a ler, mas as diversas motivações e interesses adequados às características individuais e ao nível de competência intelectual. Por isso, destaca-se a importância do papel da escola no processo de formação do leitor e do trabalho do professor como mediador e promotor da leitura e, por conseguinte, do

livro e da literatura junto às crianças e ao público jovem. Esse papel é o de construir pontes, ampliando o universo de linguagem e o horizonte cultural dessas crianças e jovens.

Nesse sentido, Silva (2016), ao escrever sobre aquele que capacita, facilita, oportuniza e dinamiza o processo de formação do leitor, diz que essa concepção de mediador e mediação possibilita

[...] ver e sentir a importância e a significação de uma mediação rica e qualificada, representada por um profissional que seja ele próprio um ávido leitor, capaz de, pelas suas atitudes e ações, exalar amor, entusiasmo e paixão pelas coisas escritas e da escrita bem como um organizador do contexto, facilitando os percursos de leitura de uma determinada comunidade constituída ou em processo de constituição (SILVA, 2016, p. 117).

A segunda etapa é a prática leitora multimídia, a qual é organizada acerca da obra selecionada mensalmente, ou seja, são atividades desenvolvidas a partir de um roteiro que procura trabalhar com diferentes suportes e linguagens com vistas à formação do leitor multimídia. São desenvolvidas nos espaços escolares, isto é, nas escolas participantes a cada edição, e para alunos e professores envolvidos, com o objetivo de “entusiasmar professores e alunos a se envolverem com a leitura da obra, identificando as relações do tema abordado com outras obras e distintas linguagens artísticas” (D'ARIENZO; RÖSING; QUADROS, 2015, p. 225). Essas atividades partem da leitura do texto literário, co-tejando-o com músicas, obras de arte, fotografia, ilustrações, vídeos de entrevistas, animações, fragmentos de filmes, dando acesso, assim, a textos de diferentes naturezas e realizando, dessa forma, um conceito abrangente de leitura. A contação de histórias está presente nas práticas, como forma de valorizar a expressão da oralidade, incentivando alunos e professores à leitura, dessa forma promovendo a mediação da leitura no contexto da escola pelo projeto.

Ricardo Azevedo, escritor, ilustrador e pesquisador brasileiro, salienta que “para formar um leitor é imprescindível que entre a pessoa que lê e o texto se estabeleça uma espécie de comunhão baseada no prazer, na identificação, no interesse e na liberdade de interpretação.” (2004, p. 39). Além do que, é preciso que exista estímulo, o qual é fundamentado e aceito pela união sacramentada entre obra e leitor.

Ricardo Azevedo no encontro com alunos de escolas públicas



A obra literária, diferentemente do livro didático-informativo, carrega o discurso poético, o qual define o texto literário, que

[...] pode e deve ser subjetivo; pode inventar palavras; pode transgredir as normas oficiais da Língua; pode criar ritmos inesperados e explorar sonoridades entre palavras; pode brincar com trocadilhos e duplos sentidos; pode recorrer a metáforas, metonímias, sinédoque e ironias; pode ser simbólico; pode ser propositalmente ambíguo e até mesmo obscuro (AZEVEDO, 2004, p. 40).

Nessa perspectiva, o trabalho do leitor com a leitura literária é diferente: “Os textos literários envolvem, simultaneamente, a emoção e a razão em atividade.” (PAULINO, 2011, p. 74). Sua estrutura promove estranheza no leitor em formação, pois suas características diferem do modelo dos textos em voga no universo social, ao mesmo tempo, em que não rejeita esse modelo.

A leitura literária requer “habilidades e conhecimentos de mundo, de língua e de textos bem específicos de seu leitor” (PAULINO, 2011, p. 75). No processo da leitura literária todo esse complexo de elemen-

tos vai-se transformando, sendo desestruturado em sua pluralidade e obscuridade. Isso significa que possibilita a exploração dos vários significados presentes no texto, a descoberta dos implícitos, as várias interpretações possíveis aos diferentes leitores, do mesmo modo que fomenta e remete a outros textos. A qualidade dessa leitura está diretamente relacionada ao maior número de leituras possíveis que o texto provoque. “Esse seria o processo de produção de conhecimento característico da autêntica leitura literária” (PAULINO, 2011, p. 75).

Nessa perspectiva, a prática leitora multimídia como segunda estratégia mediante a qual o Projeto adentra a escola e leva aos alunos e professores interações entre o texto impresso, o texto literário, e diferentes linguagens em diversos suportes, buscando envolver o leitor com textos de natureza diversa e com leitura de imagem, entre outras formas. Através disso, tem-se em vista promover a construção de conhecimentos textuais, mas, também, visuais, cênicos, plásticos, estimulando o leitor a apreender do texto aquilo que não, necessariamente, está explícito nele.

A pesquisadora Tania Rösing sustenta que não basta apenas a leitura do livro escolhido pelo projeto, é preciso, concomitante à leitura, estimular o debate sobre a obra, como forma de compartilhar as experiências de leitura entre os leitores, incentivando-os a “identificar a presença de outros textos na construção da obra, valorizando a intertextualidade como recurso que propicia o diálogo entre obras de domínio público” (RÖSING, 2011, p. 5).

Também, as práticas leitoras são oferecidas em preparação aos seminários, uma a cada mês do projeto, às escolas da rede estadual e particular de ensino de Passo Fundo. Já os professores da rede municipal de ensino e os professores do ensino superior trabalham a obra com seus alunos sem a mediação das práticas leitoras, no primeiro caso, por ser o município um dos promotores e distribuir um número de exemplares significativos para o trabalho de leitura prévia e, no segundo caso, porque os professores do ensino superior são formadores dos futuros professores das redes de ensino, sendo capazes de organizar além da leitura prévia e uma prática de leitura nos moldes da prática leitora do

Projeto, nesse caso, também, a partir de 2015, práticas leitoras multimídiais sobre o livro do mês são oportunizadas no Centro de Referência de Literatura e Multimeios, no *Campus I*, da UPF.

As práticas leitoras são elaboradas e desenvolvidas pelos monitores (funcionários e estagiários da UPF) do Centro de Referência de Literatura e Multimeios, conhecido afetivamente como Mundo da Leitura e por professor (da rede municipal e estadual de ensino) envolvidos diretamente com o Projeto, no Mundo da Leitura. O planejamento de uma prática leitora multimídia/hipermídia é complexo, mas também é complexo e significativo o ato de ler, bem como vivenciar a leitura na perspectiva interdisciplinar, multimídia. Acerca das práticas leitoras é importante destacar que

[...] as ações que integram essa prática provocam outros olhares dos receptores para a obra, fazendo emergir de seu conteúdo possibilidades de questionamentos sociais e históricos nunca pensados anteriormente. É uma forma de despertar entre os leitores a necessidade de estabelecer relações não apenas com situações com as quais interagem, mas de analisar outras tantas numa visão macro (RÖSING, 2016, p. 10).

Todas as escolas que participam do Projeto Livro do Mês possuem equipamento multimídia para o desenvolvimento da prática leitora que é organizada em programa de criação e de exibição da apresentação, pois são utilizadas imagens, sons, textos, vídeos, animados ou não.

As práticas leitoras são agendadas com a professora referência do projeto na escola, sempre, na primeira semana de cada mês de edição, por *messenger*, *whatsapp*, *sms* ou ligação telefônica. Normalmente, utiliza-se cerca de uma hora e meia para o seu desenvolvimento, aproximadamente dois períodos, no caso do ensino médio, ou o tempo anterior ou posterior ao intervalo, no ensino fundamental organizado por ciclos de formação.

Habitualmente, no dia da realização da prática leitora os alunos e professores já realizaram a leitura prévia da obra, porém, quando o livro possui uma narrativa longa, programa-se na prática leitora uma contação da história, preservando o seu final.

O roteiro da prática leitora, normalmente, é composto pelas seguintes atividades: apresentação da obra e do autor; trabalho com o gênero literário e textual; contação de história; e indicações de outras leito-

ras. Além dessas atividades, a partir da obra são realizadas relações do tema abordado com outras obras impressas e em distintas linguagens, tais como: fragmento de filme, charge, canção, quadrinhos, ilustrações, fotografias, animação, entre outras manifestações artísticas e culturais.

O seminário é a terceira etapa do Projeto Livro do Mês, ou melhor, o encontro entre autor-obra-leitor, para explanação e diálogo acerca da obra e do autor convidado. A dinâmica do seminário contempla espaço para explanação do escritor. Nesse momento, há uma fala sobre o livro e sobre as demais obras do escritor, trabalhos e pesquisas desenvolvidas por ele e outros temas pertinentes ao livro. Há, também, a conversa entre os participantes e o escritor, situação que permite aos alunos fazerem questionamentos, manifestarem suas curiosidades e dúvidas acerca da obra. Os seminários são finalizados com uma sessão de autógrafos.

O autor convidado participa de três ou quatro seminários para discutir a sua obra selecionada com distintos públicos. Há um seminário direcionado aos estudantes e professores da graduação em Letras e de outras licenciaturas e do ensino noturno da rede estadual e municipal, que ocorre em um dos auditórios no *Campus* I da Universidade de Passo Fundo; outro para estudantes e professores da rede municipal, no Teatro do Sesc/Passo Fundo; um terceiro para estudantes e professores da rede estadual e particular de ensino, que também acontece no Teatro do Sesc/Passo Fundo; e um quarto seminário realizado na estrutura multicampi onde é oferecido ao Curso de Letras. A comunidade em geral é convidada a participar em quaisquer dos seminários.

Oito edições do Livro do Mês são desenvolvidas ao longo do ano letivo, iniciando no mês de março e prosseguindo nos meses de abril, maio, junho, agosto, setembro, outubro e novembro. Até o final de 2017, participarão 81 escritores e haverá acontecido o financiamento de mais de 30 editoras brasileiras. No decorrer do Projeto, já foram desenvolvidas 78 edições mensais, totalizando ao término do ano corrente 81, sendo que de 2006 a 2009 aconteceram vinte e três edições bilíngues, em que além da obra em língua portuguesa, era indicada, também, alternadamente, uma obra em língua inglesa e em língua espanhola. Esses seminários eram desenvolvidos por professores universitários e oferecidos aos estudantes de graduação, em especial aos do Curso de Letras, e à comunidade em geral.

Ao final de cada ano, é feita uma publicação, em formato de livro, com o registro das obras e autores presentes no Projeto em cada edição e dos respectivos roteiros das práticas leitoras aplicadas nas escolas e no Mundo da Leitura, com vistas à sua utilização pelos professores e futuros professores. Tais obras são distribuídas a todas as escolas da rede municipal, estadual e particular de ensino do município de Passo Fundo, aos estudantes universitários e aos interessados pela leitura, literatura e formação de leitores.

Cabe aqui reafirmar o que disse o jornalista e escritor Eric Nepomuceno sobre a sua experiência nas ações de leitura na cidade de Passo Fundo: “Você vê rostos numa plateia imensa, e esses rostos perguntam coisas, tentam saber o que muitas vezes o próprio escritor desconhece. O leitor satisfaz parte de suas curiosidades. O autor volta para casa com esta experiência inusitada.” (1993, p. 24-35)

No Projeto Livro do Mês, é assim, frente a frente autor e leitor sendo possível observar que a comunhão entre leitor e autor, leitor e obra, com envolvimento emocional, prazer, reconhecimento e liberdade de interpretação, elucida e significa a realidade do leitor, tornando-o um apreciador de textos literários e plateia das diferentes manifestações da cultura e da arte.

Sérgio Vaz no encontro com o Curso de Letras - UPF - 2012



Escolas Municipais no encontro com Christopher Kastensmidt – SESC – 2016.
Arquivo Prefeitura



Fonte: Fabiola Hauch.

Raphael Montes no encontro com o Curso de Letras – 2014



Referências

- AZEVEDO, Ricardo. Formação de leitores e razões para a literatura. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). *Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo: DCL, 2004.
- BRASIL. *Lei nº 11.264*, de 2 de janeiro de 2006. Diário Oficial da União, Presidência da República, Brasília, DF, 2 de janeiro de 2006.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP, 1998.
- D'ARIENZO, Maria Augusta; RÖSING, Tania; QUADROS, Tiane. Projeto livro do mês: Dimensões de um diálogo entre leitores e escritores. *Contexto*. Revista do programa de pós-graduação em letras, Vitória, v. 27, p. 218-237, 2015/1.
- MACHADO, Ana Maria. *Lectura, escuela y creación literaria*. Madrid: Anaya, 2002.
- NEPOMUCENO, Eric. In: HILGERT, José Gaston; RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker; GRAEFF, Telisa Furlanetto (Org.). *Anais da V Jornada Nacional de Literatura*. Passo Fundo: Editora UPF, 1993. p. 34-35.
- PAULINO, Graça. Sobre leitura e saber, de Annie-Marie Chartier. In: EVANGELISTA, Aracy Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Org.). *Escolarização da leitura literária*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 71-76.
- RÖSING, Tania M. K. Promoção da leitura e movimentações culturais: as Jornadas Literárias de Passo Fundo. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania M. K. (Org.). *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009, p. 205-225.
- RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker. (Org.). *Projeto livro do mês 2006: construindo o diálogo entre leitor-autor*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2010.
- RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker. (Org.). *Projeto livro do mês 2011: a leitura e as mídias*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2011.
- RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker. (Org.). *Projeto Livro do Mês 2013: a formação de jovens leitores*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2016.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. Biblioteca, inovação e comunidade. In: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker; FERRARI, Adriana Cybele (Org.). *Biblioteca, inovação e comunidades leitoras*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2016, p. 109-126.

PARTE IV

DEPOIMENTOS

[...] Não encontrei maneira de ler metodicamente, num sistema organizado, com objetivos determinados, mas também nunca me importei com isso, pois, com raras exceções, ou por razões profissionais, nunca li por obrigação. A leitura para mim sempre foi uma fonte de prazer, e gostaria que isso fosse uma coisa generalizada. Procuo, por isso em palestras e artigos mostrar como a vida é melhor para quem lê do que para quem não lê. O fundamental é inculcar no maior número possível de pessoas o gosto pela leitura, e quanto mais cedo, melhor. O ideal é começar na infância, mas o importante é que ele não seja imposto, e sim que surja e se desenvolva por sugestão e pelo exemplo. Cheguei até a propor uma vez a proibição da leitura de certos livros, como forma de indução, pois o livro proibido atrai desde logo...

José Mindlin

– *Uma vida entre livros: reencontros com o tempo*

MONITORES AO LONGO DA TRAJETÓRIA DO MUNDO DA LEITURA

Mundo da Leitura: o caminho “dos meios”

*Ana Carolina Martins da Silva**

Perto do candelabro teu Lamartine terno
À tua espera abria as folhas de cetim;
Mas tu lias no livro, onde escrevera o Eterno
Letras – que são estrelas – no céu – folha sem fim [...]

Castro Alves

Língua Portuguesa, Língua Nacional, Comunicação e Expressão, Linguagens. Quantos nomes, quantas diferenças de ideologia e de práticas pedagógicas o trabalho com a Língua veio atravessando historicamente no Brasil, estendendo nossos olhos por folhas com fim. Legalizada como instrumento de comunicação e de cidadania, ela me encontrou, em agosto de 1997, cursando a Especialização em “Leitura: teoria e prática”, na UPF. Foi quando tomei conhecimento de um projeto inovador que o curso de Letras, sob a coordenação da Professora Doutora Tania M. K. Rösing, estava por inaugurar: o Centro de Referência de Literatura e Multimeios. A convite da Professora Tania e, encantada com a proposta do projeto, abandonei minhas 40 horas no Magistério Público Estadual e passei a integrar a equipe multidisciplinar do “Mundo da Leitura” – como o Centro de Referência era mais conhecido pelos usuários. Foi nesse espaço que comecei a colocar em prática a

* Graduação em Letras, Licenciatura Plena e Especialização em Leitura: Teoria e Práticas pela Universidade de Passo Fundo. Mestrado em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Doutoranda em Letras pelo Programa de Doutorado em Letras – Associação Ampla UCS - Uniritter - POA. Professora Assistente da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - *Campus Regional I*.

importância de sistematizar as experiências entre a teoria e a prática das linguagens entrelaçadas. O ingresso na Universidade – não apenas como aluna – e sim como parte da estrutura – transformou minha vida emocional, profissional e artística. Estar em contato com a pesquisa constante, com a informação que vinha rapidamente de todos os lados, conviver com pessoas de conhecimento ora superior, ora diverso, ora controverso, fez muito bem ao meu trabalho.

Dos Livros no Mundo da Leitura, tirei a responsabilidade de estudar grandes teóricos. Na estante de teoria do Centro de Referência, havia Adorno, Bamberger, Foucault, Gardner, Todorov, Vygotski, enfim, um mundo outro, que o meu empírico. Influenciada por estes e outros teóricos apresentados pelos professores da Pós-Graduação, fui justificando o que já tinha feito como professora em termos de práticas de leitura e o aprimorando no Centro de Referência. Nas práticas do Mundo da Leitura, meu passado e meu presente se uniram, mas ao pensar sobre elas, ao registrá-las em diários de bordo sistematizados, a grande teoria se estabeleceu em mim. Ancorada em reuniões periódicas, em debates frequentes, tanto da equipe multidisciplinar, quanto com os visitantes – de todas as idades – em visitas pré-agendadas que nos desafiavam a prepará-las; instrumentalizada pelos artistas que passaram pelo Mundo, tanto da dança, da literatura, do teatro, como os que apoiaram o Grupo de Contadores de Histórias do Mundo da Leitura, do qual fiz parte; apoiada pelos professores da Pós, que pesquisavam no local, além da observação constante, com método, fui pensando práticas, que eram, foram e continuaram a ser construídas e registradas para além de minha passagem por lá. 20 anos se passaram, meu nome apagou-se das folhas de cetim, mas, como testemunhas silenciosas, sentadinhos nas estantes, ficaram os livros que produzi com profa. Rösing: Práticas Leitoras para uma cibercivilização I (1999) e II (2001), trabalhos construídos entre estantes e crianças descendo do escorregador daquele espaço leitor.

Fiquei quase quatro anos na Universidade de Passo Fundo, concluí a Especialização, um Mestrado, participei dessas publicações e, entre outras atividades, montei, construí, dirigi e apresentei, juntamente com outros monitores do Mundo da Leitura, quatro pequenas peças de

teatro de bonecos e duas histórias com animação de formas. Conteí histórias e me encontrei nas histórias. Hoje, sou professora em caráter efetivo da Universidade Estadual do Rio Grande Sul (Uergs). Estou nessa IES desde sua fundação e trago para seu âmbito muitos conhecimentos adquiridos à época, que incluem mediação, fomento e promoção da leitura nas diferentes linguagens, tais como, seminários de Literatura, eventos de formação, participação em feiras de livros, estímulo à leitura em sala de aula e, no ano de 2014, fui uma das docentes fundadoras do Curso de Letras da Uergs e atuo em uma Especialização em Teoria e Prática da Formação do Leitor.

Posto isso, lembro que “mediação” e “sistema” são termos típicos de estudos interacionistas, culturais, ao abordar questões de linguagem. Eles constituem um avanço a teorias nas quais o externo fazia mais parte do despertar do que já estava latente no interior, do que propriamente, ajudar a constituir este interior. No caso dos instrumentos culturais, tais como os utilizados nas Práticas do Mundo da Leitura, acredito que a interação com o ambiente, com os monitores, com o acervo, com a totalidade das experiências oferecidas, promoveu ações do sujeito para além do que trazia ou não dentro de si. Pensar, falar, ser ouvido, ouvir, sentir, folhear, assistir, interagir, digitar, ver, ser visto, todos estes movimentos gerados pelas (e nas) práticas, auxiliaram na constituição de todos os envolvidos. Diz Vygotski (2005, p. 190): “O pensamento e a linguagem, que refletem a realidade de uma forma diferente daquela da percepção, são a chave para a compreensão da consciência humana.” Compreender para compreender-se, acho que estimular esta busca já coloca o Mundo da Leitura num patamar de educador, ambiente no qual a inserção e a atuação, em um sistema emancipatório, praticam a educação para atuar e se desafiar na vida. Propiciando o protagonismo da autonomia do texto para o leitor, com a ligação do “percurso de leitura de cada um” compartilho com Yunes (2003, p. 10), que, em seu texto “Leitura como experiência”, diz que ler é sair do conforto das certezas. A saber:

Ler é desfazer a certeza dura e vacilar com a confiança de que se perdendo há mais a encontrar: a linguagem não se esgota no sentido atribuído historicamente, suspenso sobre seu uso cotidiano. Não é à toa o recurso à alegoria, à parábola, à poesia para driblar o endurecimento dos discursos.

De professora de Língua Portuguesa à educadora, via múltiplas linguagens e interação com colegas, leituras e leitores, sob folhas sem fim, a mediação decisiva feita pela passagem pelo sistema educacional da UPF e a leitura tornou-me o que sou – e eu gosto do que sou.

Referências

SILVA, Ana Carolina Martins da; RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker. *Práticas Leitoras para uma cibercivilização: Mundo da Leitura*. Passo Fundo: Ediupf, 1999.

_____. *Práticas Leitoras para uma cibercivilização II: 500 anos de Brasil: memórias que nossa consciência não escolheu*. Passo Fundo: UPF Editora, 2001.

VYGOTSKI, Lev. Semenovitch. *Pensamento e linguagem*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo, revisão técnica de José Cipolla Neto, 3. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2005.

YUNES, E.; OSWALD, M. L. (Orgs.). *A experiência da leitura*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

*Bibiana Friderichs**

Acredito que nossas bravatas, nossas crenças e, conseqüentemente, quem somos são uma coleção de sentidos construídos e compartilhados ao longo da trajetória que percorreremos. Por isso, só posso falar do Mundo da Leitura com afeto. Lembro, com a nostalgia guardada para todas as boas experiências, de fazer parte de uma pequena equipe de pessoas, generosas e comprometidas, guiadas por uma mulher à frente de seu tempo, cuja fé na arte, na educação e, sobretudo na leitura, nos mobilizava. Não apenas na leitura do texto literário, mas dos múltiplos documentos, em diferentes linguagens, que circulam pelo cenário social, e, sobretudo, na leitura do mundo, que em última análise pode transformá-lo.

Tenho convicção de que a passagem por esse lugar (carregado de todo o Poder que os lugares têm, num mundo de não-lugares e cada vez mais desterritorializado) redirecionou minha formação. Por um lado, sob a perspectiva técnica, evidentemente. Em 2000, o Centro tinha (como ainda tem) um espaço com computadores aberto à comunidade. O acesso à internet era livre e havia centenas de CDs-Rom interativos sobre literatura, fotografia, arte, música e *games* à disposição da comunidade. No ano seguinte, mal pude acreditar quando um E-book, um pouco maior que a palma da minha mão, chegou ao Centro. A literatura e as manifestações da cultura artística pareceriam se metamorfosear em cada um desses suportes.

Por outro, e sobretudo, os impactos na minha formação, e certamente na formação de todos os assíduos leitores que frequentavam o Mundo da Leitura, se davam numa perspectiva conceitual. As formas e as práticas através das quais o projeto se tangibilizava eram, e ainda são, desruptivas, feitas de desassossegos, e para usar uma expressão de Levy, da qual gosto muito, levavam/levam a uma outra ecologia cognitiva.

* Mestrado e Doutorado em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Professora dos Cursos de Jornalismo, Publicidade e Artes Visuais e coordenadora do Núcleo Experimental de Jornalismo da Faculdade de Artes e Comunicação da Universidade de Passo Fundo.

Lembro das mesas em forma de trapézio, arranjadas em círculos, em torno da qual sentávamos todas as terças-feiras à tarde para fazer reuniões, mesas que podiam ser combinadas de modo aleatório gerando outros desenhos, outros encontros, outras distâncias e proximidades entre quem sentasse em torno delas. Além disso, e o mais importante, é que poucas vezes nossas reuniões tinham o objetivo de distribuir tarefas ou suprir demandas funcionais, na imensa maioria das vezes eram reuniões de estudo, para discutir ideias, criar práticas, ouvir pessoas. Escritores, pesquisadores (nacionais e internacionais), artistas, atores; durante os cinco anos que fiz parte da equipe de monitores do Centro, convivi com pessoas dos mais distintos lugares, cujo foco de trabalho estava sempre vinculado à cultura, à literatura, à educação, e que vinham para compartilhar sua experiência, para renovar.

Entrar no Mundo da Leitura exigia a travessia de um labirinto amarelo e, ao longo do caminho, o exercício de imaginar um universo de possibilidades. Assim como para acessar o mundo virtual, nossos leitores tinham que subir a escada de Santos Dumont e descer por um escorregador, caindo direto nas almofadas da Gibiteca. Como se não bastasse, para inquietar de toda forma nossos sentidos, à noite aquele espaço, já *sui generis*, ainda podia nos surpreender, convertendo-se no cenário itinerante do espetáculo *Longada* (baseado em poesias de Mario Quintana), que montamos, dirigidos pelo Marcio Bernardes e pela Betinha Mânica, no verão de 2002.

A organização do nosso acervo também merecia minha atenção, ela era provocadora e, em pouco tempo entendi que, embora a catalogação fosse importante (e a fazíamos), havia uma enorme lacuna entre as normas convencionais e a necessidade de autonomia dos nossos pequenos leitores para livre e arbitrariamente se aproximarem dos livros, gibis e CDs; algo que as pequenas e coloridas estantes tentavam suprir, oferecendo-os em ordem alfabética, sem códigos mirabolantes, ao alcance das mãos de qualquer interessado, dispensando intermediários. Além disso, em pouco tempo descobri que os livros não eram feitos para morar só nas nossas estantes, tínhamos muitos deles em sacolas, bibliotecas itinerantes, levadas por professores para seus alunos. Então, se você não ia até o Mundo da Leitura, podia ser que ele fosse até você.

Essas metamorfoses da forma que o Centro assumiu me parecem a expressão de uma concepção de leitura que a sociedade contemporânea vem produzindo: ampla, movente, colaborativa, plural; e, ao mesmo tempo, a materialidade que tenciona a ruptura diante dos modelos já conhecidos porque desloca nossos gestos de leitura projetando novas práticas. Era impossível para mim, e para todos os leitores ligados ao Mundo da Leitura, estar nesse lugar e não ser afetada por essa dinâmica de convergências: dos autores e dos leitores, dos leitores e das leituras, dos suportes e das linguagens, das narrativas do mundo que ressignificam o cotidiano, particularmente porque eram apresentadas pelas lentes metafóricas da literatura e da arte.

Projeto constituído como espaço polissêmico do discurso, da produção do sentido, práxis por meio da qual o sujeito se identifica como protagonista histórico, político, cultural da sociedade. Como disse, certa vez, Bartolomeu Campos Queirós: “Quem sabe assim ler, eu pensava, não carrega medo em suas andanças. Quem decifra o livro da natureza ganha de todos em coragem. E o menino, por assim bem ler, tinha a escrita na ponta dos dedos: pescava, remava, tecia, colhia, plantava e amava”.

Tenho orgulho de ter feito parte da equipe do Mundo da Leitura, uma equipe que se renova e também se ressignifica a cada ciclo, trazendo o oxigênio necessário para acompanhar a velocidade e a complexidade das transformações a partir das quais a contemporaneidade se faz; e me encho de felicidade ao vê-lo transbordar para além de si mesmo, em nós: leitores, monitores, professores, curiosos chegando na entrada do labirinto amarelo e querendo perder-se nele. No Mundo da Leitura, perder-se é encontrar-se, a si e ao mundo.

Enquanto ex-funcionária do Mundo da Leitura e entusiasta do espaço e dos muitos projetos desenvolvidos, considero esta experiência enriquecedora e repleta de muitas aprendizagens. Inúmeros foram e são os aspectos que contribuíram para minha formação enquanto leitora; enquanto acadêmica e docente; ainda no que se refere a minha percepção e concepção de leitura; e também a relação e interação com diferentes públicos leitores. Foi um período de troca de experiências maravilhosas.

Sobre o aspecto de formação leitora, quero destacar que sempre fui leitora, porém, ao ingressar no Centro de Referência, eu pude passar por um processo de formação leitora íntima, expandindo meus horizontes e me abrindo a novas leituras, a novos autores, a novos suportes e mídias. Aprendi a ler e perceber a leitura em diferentes meios e suportes, expandindo-a e resignificando-a. Assim como ser uma monitora-mediadora de leitura foi um grande desafio, afinal muito se fala sobre um “país de não-leitores” e o Mundo da Leitura propunha formar leitores, promover leituras a diferentes públicos e perfis. E esse processo requer muito estudo, ampla sensibilidade e uma percepção aguçada. Digo, pois que aprendi atuando, que a formação leitora é um processo contínuo, que às vezes, não toca um grande grupo, mas toca um pequeno e seletivo, e este propaga e dissemina uma atitude leitora. Ser leitor é ter uma atitude leitora.

Outro aspecto que quero destacar é a importância de se trabalhar em um espaço que é um laboratório do Curso de Letras e que está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, que promove a tríade: ensino, pesquisa e extensão, pois enquanto acadêmica do Curso de Letras, eu pude vivenciar a teoria e a prática, por meio de pesquisa e elaboração de práticas leitoras, publicação de roteiros, a criação de projetos de extensão. Atividades que potencializam minha formação docente.

* Licenciatura em Letras - língua portuguesa e língua espanhola e suas respectivas literaturas pela Universidade de Passo Fundo UPF.

Também quero destacar a experiência maravilhosa que o Mundo da Leitura proporcionou, ao me relacionar, enquanto monitora-mediadora, com distintos públicos leitores. As ações realizadas no espaço, como as práticas leitoras desenvolvidas para estudantes da educação infantil até o ensino superior, permitiram que eu pudesse, juntamente com o grupo, pensar, criar e aplicar atividade leitoras a estes diferentes públicos. Cada ano eu pude aplicar a um público, sendo desafiada constantemente a pensar e repensar minha performance de mediação.

Destaco também a experiência de ser monitora-mediadora do turno da noite, que tem enfoque especial no público acadêmico. Promover leituras e debates sobre cada Livro do Mês com este público foram especiais. Se tornaram momento de troca de experiências e vivências que jamais serão esquecidas.

E não posso, nem tão pouco quero, deixar de destacar a relação que pude estabelecer com a comunidade em geral, por meio o atendimento de empréstimos de obras literárias, e poder ver e sentir a felicidade nos olhos de um leitor ao chegar no espaço e descobrir que “aquela obra especial” estava disponível para empréstimo gratuitamente. E mais, a experiência do Projeto Arte & Literatura aos Sábados, que em suas edições foram pensadas sempre com carinho para receber a comunidade com histórias, atividades e muita arte.

O Mundo da Leitura permitiu-me aprender, a ler, a produzir e a pensar a leitura e o processo envolvendo a formação leitora, e permitiu-me ainda interagir com uma equipe multidisciplinar especial e sensível, que a partir da formação e perspectiva de cada sujeito, contribui para pensar, criar, e desenvolver ações no espaço, ações essas inovadoras e consolidadas ao longo destes vinte anos.

Sou grata por ter feito parte desse projeto lindo e único. Vida longa ao Mundo da Leitura!

Desde o ensino médio, sabia da existência, na Universidade de Passo Fundo, de um “cantinho” acoplado ao prédio da Biblioteca Central, cuja entrada se dava por meio de um labirinto amarelo, que, além de abrigar um acervo considerável de obras literárias, desenvolvia atividades culturais as mais diversas. Na época, eu ainda não sabia exatamente se cursaria Letras, muito menos se viria a estudar na UPF. Gostava muito de ler, vivia envolta por livros, participava das Jornadas Literárias desde longa data, mas o Centro de Referência de Literatura e Multimeios – que passarei, a partir de agora, a chamar carinhosamente de “Mundo da Leitura” – era até então um espaço relativamente desconhecido.

Eis que, no ano de 2004, ingressei no curso de Letras da UPF. Estudando à noite e com muita vontade de “colocar a mão na massa” – o que, à época, significava ter a possibilidade de trabalhar com leitura e literatura, minhas paixões – atuar no Mundo da Leitura era um sonho que, confesso, considerava um tanto distante. Tímida que era, vislumbrava nos funcionários do local, os monitores, características que a mim, pelo menos até aquele momento, não se aplicavam: despojamento, desprendimento, desinibição. Mas a gente sempre pode se surpreender, não é? Conosco e com os outros.

Lembro como se fosse hoje do dia em que o professor Paulo Becker, com quem eu atuava como bolsista voluntária em pesquisa sobre o poeta Ferreira Gullar, me enviou um e-mail anunciando sobre uma possibilidade de estágio no local. Foi além: “Com o tempo, há a chance de seres efetivada”, disse ele. E não, não é pieguice nem romantização excessiva: juro que naquele momento meu coração disparou e meus olhos brilharam. Pouco tempo depois, eu adentrava o espaço não mais apenas como leitora: havia me tornado uma monitora. A gratidão por ter a possibilidade de trabalhar com aquilo de que eu mais gostava e o desejo de fazer

* Licenciatura em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF); Mestrado e Doutorado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), campus Porto Alegre.

a diferença me acompanharam durante os quase quatro anos em que lá estive. E que anos...

Com a coordenação ímpar da professora Tania Rösing (que eu, enquanto participante assídua das Jornadas, admirava de longe), pude aprimorar e colocar em prática, diariamente, valores fundamentais, que carrego comigo como amuletos: liderança e responsabilidade. Tínhamos um compromisso muito sério, nobilíssimo: vestíamos – literalmente – a camiseta da formação de leitores. Não era à toa que eu estava lá.

Lembro que às terças-feiras à tarde ocorriam nossas reuniões. Brinco ao recordar que, quando criança, achava muito “chique” e pomposo quando alguém dizia: “tenho uma reunião”. E acho graça pois, rodeada que hoje estou por reuniões burocráticas com as quais o serviço público me “brindou”, posso afirmar com grande convicção que não, nunca tive reuniões tão produtivas como aquelas. Compartilhavam experiências e ensinamentos comigo alguns dos meus professores do curso de Letras. Como pauta, livros, leitura, literatura. E, naquela mesa redonda acinzentada, éramos escutados, debatíamos, aprendíamos.

E eu aprendia, também, porque lia. Lia muito. Mas não como “tarefa extra”, como “dever de casa”. As leituras eram parte do meu trabalho. E, na contramão daqueles (e são tantos!) que costumam associar a palavra trabalho à sacrifício, à fardo, à pena, eu considerava surreal ter condições para trilhar o caminho inverso. Era remunerada para colocar em prática uma das atividades de que eu mais gostava na vida.

Já mencionei duas vezes neste texto a Jornada de Literatura. Foi o Mundo da Leitura que me permitiu “passar para o outro lado” da movimentação. De frequentadora assídua, participante de carteirinha que era, passei a integrar a equipe de organização e execução do evento. Lembro de toda a correria naquela sala anexa ao prédio da Reitoria, dos telefonemas, das planilhas, do mutirão aos finais de semana para a organização das pastas. Hoje, em que a vida de professora-pesquisadora exige que produzamos, que alimentemos com frequência o currículo Lattes, vejo que quem se envolve com a organização de um evento – ou melhor, de uma movimentação cultural – do porte de uma Jornada é capaz de organizar qualquer coisa e topa qualquer empreendimento. O céu é o limite.

Após centenas de práticas leitoras aplicadas e de alunos atendidos, dezenas de histórias contadas, milhares de empréstimos de livros realizados, uma série de materiais publicados, posso dizer que foram (quase) quatro anos de muito, mas muito aprendizado. Aprendi também a trabalhar em grupo e a melhor encarar as desavenças que inevitavelmente surgem quando lidamos com seres humanos.

Hoje, quase dez anos depois de ter me desligado profissionalmente do espaço (nunca afetivamente!) e de rememorar parte do que constitui a Gabriela de hoje, posso dizer que o sentimento é de gratidão. Voltei alguns bons anos no tempo, revivi momentos ímpares, resgatei ensinamentos, reforcei valores. Sobretudo, confirmei aquilo que o Antonio Candido tão brilhantemente nos diz: a literatura é um dos direitos humanos. A literatura humaniza. O Mundo da Leitura me humanizou. Que ele continue a humanizar e transformar a vida de seus monitores e leitores.

*Lucas Antônio de Carvalho Cyrino**

Venho de uma família não muito religiosa, não muito tradicional, mas que, entre os diversos valores que me ensinou, fez com que dois deles se tornassem símbolos de momentos importantes, a serem compartilhados pelo resto da vida.

O primeiro deles é, obviamente, a leitura. Tive a sorte de ser neto de uma professora de anos iniciais, e de ter acesso desde muito cedo a um armário abarrotado de livros de histórias. Se para mim a mediação de leitura não parecia tão evidente, hoje a reconheço nos exemplos de minha avó, leitora de Jorge Amado, que lia seus livros de histórias para mim e me permitia imaginar e viver todas aquelas aventuras, antes mesmo da alfabetização; na liberdade que ela e meu avô me proporcionaram para além daquele armário, em verdadeiro mecenato literário em prol da construção do meu próprio acervo; pelo exemplo dele, leitor atento às movimentações econômicas e políticas do país; no meu pai, que embora não lesse literatura, demonstrava por meio de sua profissão o respeito e a dedicação às letras; e na minha boadrasta (a quem também chamo mãe), leitora voraz, embora tímida e silenciosa. Todos esses exemplos me aproximaram do mundo maravilhoso das letras, da literatura. Nunca caminhamos sozinhos...

O segundo deles, embora tenha um “quê” de religiosidade, não se aproxima necessariamente de algum credo ou ideologia, mas nos coloca, a todos, em comunhão. Ao redor da mesa, o alimento, seja simples ou pomposo, seja na segunda-feira ou na ceia de Natal, metaforiza o nosso encontro sagrado, em que todos sentam-se juntos e compartilham muito mais do que o pão, a carne, o arroz, o feijão que só a mamãe sabe fazer: ali, juntos, comungamos o amor, o respeito, a união, o companheirismo. Comungamos até mesmo o trabalho: se a vovó e a mamãe fazem a refeição, o papai prepara o café e os filhos lavam a louça. Nunca trabalhamos sozinhos...

* Graduação em Letras pela Universidade de Passo Fundo. Mestrando em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Minha família também me ensinou a acreditar no poder das oportunidades, a agarrá-las com força total, sempre que possível (às vezes, mesmo no impossível). Uma oportunidade me levou a cursar Letras na Universidade de Passo Fundo, permitindo-me aquecer a paixão pela leitura e pela literatura e conviver com diversos outros leitores e amigos. Dessa oportunidade surgiu outra, talvez a maior que eu já tive nesse curto espaço de vida que já pude viver: conhecer o fantástico Mundo da Leitura. Mas devo contar essa história direito, porque a oportunidade, aqui, tem nome e sobrenome: eu tinha uma colega, Marina Garbin, que estagiava no Mundo da Leitura desde o primeiro semestre. Eu já frequentava o espaço com leitor e me encantava toda vez que pisava lá para buscar um livro, o que não deve ser diferente para qualquer outro leitor; de modo que comentei com a Marina, numa noite de confraternização, que acharia o máximo trabalhar naquele lugar. No final de agosto de 2012, Marina me chamou num canto, depois de um seminário, e me disse que havia uma vaga de estágio aberta. No dia 24 de setembro eu comecei o meu estágio, e só saí de lá dois anos depois, motivado por outra grande oportunidade.

O Mundo da Leitura é um propulsor de oportunidades. Tenho certeza que minha caminhada seria muito diferente se eu não tivesse tido o privilégio de viver naquele espaço, com todas as pessoas envolvidas naquele grande projeto. O Mundo me colocou em contato com escolas de toda a região de Passo Fundo (até de cidades que eu nem sabia que existiam!), com estudantes de diversas séries e anos, com crianças, jovens e adultos da comunidade, e no meio desse contato eu comecei a acreditar que é possível trabalhar pela formação de leitores e leitoras. Mais do que isso: recebendo ou visitando escolas, promovendo debates como o *Trocando Ideias* ou encontros festivos como o *Arte e Literatura*, realizando oficinas e contação de histórias em diversas feiras do livro, eu comecei a *trabalhar* por essa formação, de braços dados com uma equipe unida em torno desse mesmo objetivo. Junto com meus colegas, transformávamos as oportunidades em realidade. Afinal, nunca trabalhamos sozinhos!

As virtudes do Mundo são verificadas ao longo dos seus 20 anos de vida, de vibração, de intenso trabalho pela formação de leitores, e cer-

tamente estão presentes nas vozes de outros tantos companheiros que ajudaram a construir essa caminhada, presentes neste livro. De minha parte, deixo de lado a exaltação aos resultados que aparecem ao grande público para tratar de dois ou três elementos que, ao meu ver, são fundamentais para a existência do Mundo, embora fiquem nos bastidores, e aos quais eu, particularmente, me relaciono de modo bastante pessoal e emotivo.

Vários adjetivos poderiam caracterizar a equipe que dá movimento às ações do Mundo: multidisciplinar, destemida, sonhadora, plural. A mesma equipe, obviamente, já teve diversos desdobramentos e composições ao longo dos 20 anos de existência do Mundo da Leitura; desde o início, contudo, ela é encabeçada pela mesma senhora que vi vibrando na conferência de 30 anos da Jornada de Literatura, em 2011, quando eu ainda nem cursava Letras, e sobre a qual desde aquele momento imaginei, no meu ainda incipiente conhecimento de mundo, que deveria ser alguém importante. Não demorou muito tempo para eu descobrir, dentro do Mundo da Leitura, que essa senhora é, de fato, “alguém importante”. São diversas as caracterizações que as pessoas (e a imprensa!) dão à professora Tania Rösing, e é difícil que pelo menos um dos adjetivos “furiosa”, “forte” e “incansável” não sejam empregados. Diferente do tom pejorativo que às vezes aparece no emprego dessas características, eu defendo a fúria, a força e a incansabilidade da professora Tania porque sei, como muitos, que ninguém além dela teria tanta garra, tanta força para mover equipes e montanhas em busca de um ideal. O Mundo da Leitura já completa 20 anos; por mais de 30 ela esteve à frente da Jornada de Literatura. Não é novidade nenhuma a minha afirmação: nada disso existiria sem a professora Tania.

Talvez alguns saibam que todas as terças-feiras, pela tarde, o Mundo fecha as portas ao público externo para pensar. Ao redor de uma mesa circular, onde todos se olham e se ouvem, a equipe coloca a mão na massa e o pé nas ideias para pensar, discutir e planejar ações – que de fato viram ações! – pela formação de leitores. Dali saem ideias, oficinas, festas, projetos, mais ideias, debates, estudos, práticas leitoras... Às vezes o tom até engrossa, mas no fim tudo se ajeita, porque, como já disse antes, nunca trabalhamos sozinhos. Há, via de regra, a media-

ção da professora Tania, cujo papel vai além de orientar o debate – ela nos ensina a ouvir o outro para pensar na ação coletivamente. O que talvez poucos saibam é que, a essas reuniões, a professora Tania “religiosamente” traz lanchinhos. Entre cucas, rosquinhas e cuecas-viradas (e café! Nunca falta café!), emergem situações propícias a uma conversa mais calorosa, mais afetiva e mais alegre entre todos. Afinal, quem não gosta de estar entre companheiros celebrando? Esse era, para mim, o clima das reuniões, em sua grande maioria: celebração. Celebrando a leitura e as ações que a partir dela, por ela e para ela são desencadeadas, a equipe confraterniza o alimento, mais uma vez metáfora de um encontro sagrado, e comunga ações e ideais em torno da formação de leitores. Talvez por isso eu tenha me sentido tão em casa no Mundo da Leitura: entre amigos e companheiros, em família, as reuniões ao redor da mesa são bastante semelhantes às que tenho em minha casa. Nunca trabalhamos sozinhos!

Hoje meu caminho está direcionado a outras oportunidades distantes de Passo Fundo. Apesar da distância, carrego no coração os amigos, os companheiros, muitos deles feitos no querido Mundo da Leitura. O caminho continua próximo, no entanto, do Mundo da Leitura: como um bom filho, não deixo de levar adiante o ideal pelo qual aprendi, olhando para a história do Mundo e das Jornadas, de que é preciso trabalhar muito pela formação de leitores. Se o Mundo é uma família, é com a sua mãe que aprendi que devemos sonhar com o possível, mas principalmente com o impossível. Que devemos ser persistentes: se uma porta se fecha, devemos tentar a janela; se a janela fechar, às vezes vamos precisar furar a parede. Mas não podemos nunca desistir, nem deixar de sonhar. É possível formar leitores, professora Tania; a senhora, por meio desse lindo e incansável projeto, já provou isso ao mundo. O legado do Mundo da Leitura persistirá para muito além desses gloriosos 20 anos, porque é através de ideias e parcerias inteligentes que se fazem grandes ações. Entre amigos, entre companheiros, em família, entre colegas, nunca caminhamos sozinhos.

*Luís Fernando Portela**

Ter sido monitor do Centro de Referência de Literatura e Multi-meios – Mundo da Leitura por quase quatro anos foi certamente a experiência acadêmica e profissional mais enriquecedora que o ambiente universitário poderia ter me proporcionado. Essa história, porém, começou muito antes de meu ingresso como colaborador do projeto.

As ações do Mundo da Leitura, ou ligadas a ele, já haviam sido importantes para a minha formação leitora e a minha relação com a literatura ao tempo em que ainda era aluno da educação básica. Tive a felicidade de participar de uma prática leitora oferecida pelo espaço com a minha escola durante a infância, de mais tarde assistir ao programa de TV Mundo da Leitura, e de participar de duas edições da Jornada Nacional de Literatura. Todas essas circunstâncias foram decisivas para que o contato com as artes, de modo geral, e com a literatura, mais especificamente, fossem se tornando um traço de meu comportamento e, de certo modo, uma necessidade latente. Creio sempre ter sido presente em minha vida esse pendor para as artes e o prazer encontrado na leitura, mas foi o espaço do Mundo da Leitura que o ressignificou e revalidou de uma forma que me parece possível somente para aqueles que tiveram acesso a essas mesmas experiências.

Portanto, ao ingressar no curso de Letras da Universidade de Passo Fundo, já influenciado pelos projetos relacionados ao espaço, o Mundo da Leitura tornou-se, para mim, a principal referência de excelência em mediação de leitura e formação de leitores, um ambiente de pesquisa e vivência acadêmica, de formação intelectual e de realização enquanto leitor. O que só veio a intensificar-se quando me juntei à sua equipe de trabalho, e pude reiniciar um ciclo de formação, à medida que a minha experiência mais rica e intensa com o seu universo de atuação ainda estaria por vir. Passei a ser então um dos responsáveis por, de alguma forma, impactar na formação leitora de crianças, jovens e professores, da mesma forma que eu mesmo já havia sido impactado anteriormente.

* Graduação em Letras pela Universidade de Passo Fundo. Professor de Literatura no Colégio Gabriel Taborin - Rede Safa. Professor de Língua Portuguesa na Rede Municipal de Ensino de Marau.

Nessa bagagem cultural, intelectual e profissional, vieram relações com pessoas, obras, assuntos e ideias, que certamente só seriam possíveis nessa conjuntura específica. Ler foi se transformando em algo muito maior do que antes o era. Contar uma história, apresentar uma obra literária, um filme, uma canção, uma pintura ou uma fotografia a um leitor novo ou antigo no espaço, a uma criança ou jovem em visita com a sua escola, ou a um universitário, passou a ser o que poderia haver de mais recompensador em um dia de trabalho. A preocupação com a qualidade das práticas leitoras e das demais atividades desenvolvidas exigiram pesquisas profundas e preparação, que foram aos poucos moldando e consolidando meu caráter profissional e acadêmico, meu interesse pela pesquisa e a noção da necessidade sempre crescente de aprofundar-me de forma cada vez mais intensa e crítica nos temas focados para poder desenvolver um trabalho realmente significativo.

Todos os projetos dos quais participei, enquanto monitor do espaço, proporcionaram-me uma ampla formação na minha área de atuação como profissional de Letras, por meio do contato que me possibilitaram com diferentes públicos leitores, e das diversas formas de mediação de leitura usadas, às vezes seguindo trabalhos anteriores, às vezes reinventando abordagens. As práticas leitoras no Mundo da Leitura foram sempre o principal espaço de criação e pesquisa, justificativa de sua categorização como laboratório, além de serem, por isso mesmo, o momento em que como mediador de leitura pude explorar possibilidades e amadurecer minha metodologia de trabalho. O projeto Trocando Ideias, do qual participei tanto como leitor, quanto como mediador, permitiu a mim e aos demais envolvidos uma visão diferente do fenômeno literário, somente realizável no diálogo entre leitores apaixonados por uma obra. O grupo de contadores de histórias parece ser sempre um revelador de nós mesmos, enquanto revela aos leitores novos olhares sobre as pequenas e as grandes coisas por meio da arte de contar. O projeto Livro do Mês, como um paradigma para o trabalho com autores contemporâneos, foi para mim uma inserção incomparável no universo atual da produção literária brasileira, uma oportunidade de troca com os acadêmicos de Letras, com professores, e naturalmente com escritores e

suas obras. Isso dentre outras atividades desenvolvidas pelo Mundo da Leitura para as quais tive o prazer de contribuir. Ficam lembranças de histórias, brincadeiras, oficinas, pesquisas, diálogo, mediação, e leitura, muitas leituras.

Se minha passagem pelo Mundo da Leitura tiver deixado para o espaço e para os colegas com os quais tive a oportunidade de compartilhar os resultados desses anos, uma pequena fração daquilo que levo dela, certamente ficarei tranquilo em dizer que pude também contribuir para que esse projeto chegasse aos seus vinte anos de existência mantendo-se sempre em sua merecida posição de destaque.

Poucos tiveram a mesma sorte do que eu, aos 17 anos de idade. Sorte de passar em um concurso para trabalhar em uma biblioteca, lugar, que historicamente, já é especial e mágico. Mas a sorte foi tamanha que a biblioteca que me acolhia como monitora era simplesmente, “O Mundo da Leitura”. Lugar de múltiplas linguagens e culturas, desafios e travessuras. Lugar de “Gato leitor”, de “Práticas leitoras”, de estudo, de educação, de comprometimento com as pessoas, com as letras, com a literatura. Incansáveis eram os dias de trabalho, de projetos, de estudos e de organização, regados a poesia e música. Lá, no “Mundo da Leitura” descobri personagens, conheci o Alcione Araújo, Ariano Suassuna, Sérgio Caparelli; presenciei o pôr do sol ao som de “Trenzinho caipira”, das próprias mãos de Arthur Moreira Lima. Lá, contei e cantei histórias, fui anjo e arcanjo, monitora, funcionária, e acabei apaixonada pela leitura em múltiplas linguagens.

Ao sair do labirinto do Minotauro, sabia que não era a mesma jovem que havia entrado lá, há alguns anos atrás. Os anos passaram, e continuei a ouvir histórias. Dessa vez, dos pacientes que me procuram para amenizar o sofrimento, para voltar a caminhar, a cantar, para resgatar o sorriso e a dignidade. Aqui há poesia e literatura também. Não são poucos os momentos em que preciso pedir ajuda a Monteiro Lobato, Ziraldo e Mario Quintana para conseguir sensibilizar, cativar e criar vínculo, com pequenas mãozinhas trêmulas e olhinhos cheios de lágrimas e de temor. Carlos Gardel, Elis Regina e Vitor Ramil já me ajudaram também, e muito. O desafio de despertar o gosto pela leitura, literatura e pelas múltiplas linguagens e de formar um leitor crítico, continua latente, pulsante, ganhando outros ares, lugares e olhares. Seja em casa com meu amado filho Leonardo, na escola, na universidade, na comunidade, ou no hospital e na clínica com meus queridos pacientes.

* Graduação em Fisioterapia na UPF. Fisioterapeuta neurofuncional. Coordenadora do Setor de Fisioterapia do Serviço de Neurologia e Neurocirurgia em Passo Fundo. Monitora do Mundo da Leitura 1997-2006.

Obrigado, Mundo da Leitura!

Rafael da Silva*

Nas memórias de leitura que carrego na bagagem da vida, lembro que, desde muito pequeno, ouvia histórias assombradas da vó, que contava nas noites de sexta-feira, lendas de homens que se transformavam em lobisomens, e que, no fundo do pátio da casa, olhando bem, na noite escura, poderíamos ver a imagem da santa, a mesma que ajudou o negrinho a encontrar o cavalo perdido.

Mais crescido, levado pela minha mãe, estive presente em um encontro de escritores e, naquele momento, não sabia da dimensão que este evento tomaria em minha vida. O ano era 1981. Entre os escritores presentes, um senhor chamado Mario Quintana. Como fiquei espantado em ver tanta gente reunida. Imagino que pensei o que levava minha mãe e tantas outras pessoas a estarem lá, quase que espremidas, para ouvir estas pessoas. Nascia ali, no menino, o encontro com o universo da leitura.

Na escola, o encontro com os textos didáticos. Os primeiros passos. Mas, além de textos para enfatizar determinados conteúdos, encontrei a literatura. *O avião que não sabia voar*, de Josué Guimarães, *Um ônibus do tamanho do mundo*, de J. M. Simmel, *Pé de pilão* daquele senhor, Mario Quintana, fizeram com que este universo começasse a despertar o leitor que, mais tarde, a floraria. Passaram os anos, e na adolescência, levado por uma professora de teatro, encontramos os textos de dramaturgia. Maria Clara Machado, Silvy Orthof Bertolt Brecht, Shakespeare.

Já adulto, encontro o Mundo da Leitura da Universidade de Passo Fundo. Este ambiente me resgatou como leitor. Entre as estantes deste lugar, pude rever os livros que me acompanharam enquanto leitor. Um Mundo se abriu e as possibilidades de novas descobertas de leitura

* Graduação em Letras- Língua Portuguesa /Literatura Brasileira na - Ulbra/Canoas Pós- Graduação: Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa e Literatura Brasileira na - Uniasselvi -Florianópolis. Professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Ator/Manipulador em teatro de animação e Contador de Histórias.

se ampliaram. Ali pude compartilhar momentos de reflexão acerca da leitura e da literatura, pude também desenvolver o compartilhamento de emoções que a leitura traz. Junto com o grupo de pessoas que trabalham por este ideal, dialogamos com crianças, adolescentes e adultos através das Práticas Leitoras. Momento ímpar de troca de saberes e ideias. Dramatizamos poesias e levamos novamente o nome daquele senhor para um universo onírico e de encantamento. Através da televisão, conquistamos literalmente o mundo.

Obrigado, Mundo da Leitura por me transformar. Obrigado por ter me resgatado e me tornado educador. Obrigado também ao grupo de pessoas que compartilharam comigo a emoção de transmitir e receber conhecimento. Parabéns pelos 20 anos de trabalho em prol da leitura!

Os primeiros leitores

Artur Becker*

Quando eu era criança, passei muito tempo no Mundo da Leitura. Na condição de criança e portanto não dotado do famoso livre-arbítrio, os motivos para que volta e meia eu ali me deparasse estavam fora da minha alçada – o que não quer dizer que eu preferisse estar em outro lugar. Assim, acho que é justo dizer que boa parte das minhas experiências literárias foram consequência da necessidade de meus pais de deixar os filhos pequenos em um local supervisionado.

Acho que eu e meu irmão não demos muito trabalho: de fato, gostaria de ter ainda hoje a capacidade de me focar no que estava fazendo – seja lendo um livro ou quadrinho, jogando nos computadores ou brincando no labirinto – por horas ininterruptamente, e sem o menor esforço consciente. Se meus dias no Mundo da Leitura me lembram de algo, é de como eram os tempos mais simples da última geração que passou a infância sem acesso ubíquo a *smartphones* e similares.

A cultura de ler extensivamente e com total imersão muito provavelmente me ajudou na minha vida escolar e acadêmica, e ainda ajuda na profissional, onde livros (talvez agora maiores e demasiado peculiares para constarem no acervo do Mundo da Leitura) ainda preenchem boa parte do espaço em minha mesa. Entretanto, sinto falta daquele espaço idílico reservado à leitura e livre das interrupções do cotidiano. O Mundo da Leitura definiu a experiência de ler para mim, e agora almejo poder replicar esta experiência em outros mundos distantes.

* Graduação em Design de Produto pela Ufrgs. Frequentador do Mundo da Leitura desde os três anos de idade.

O Mundo da Leitura foi a praça minha e do meu irmão, o lugar fora de casa onde íamos (ou éramos levados) para nos divertir. Os quadrinhos nacionais e internacionais (da ‘Turma da Mônica’ ao ‘Calvin e Haroldo’), os mangás (Sakura Card Captors), os livros infanto-juvenis (Harry Potter), livros de RPG (Toons), e a possibilidade de usar os computadores, foi o que me viciou em estórias e, conseqüentemente, em ler e jogar narrativas. Num determinado momento, o Mundo da Leitura ficou pequeno e então o material disponibilizado em português também. A fim de saciar o vício cultivado no Mundo da Leitura, eu comecei a tentar ler mangás traduzidos do japonês para o inglês por *fans* na internet, e fazer uso de *patches* que traduziam somente parcialmente o jogo do inglês para o português (Final Fantasy VII). Dessa forma, quando estava no ensino médio, o meu inglês já estava parcialmente desenvolvido, e eu estava mais disposto a aprender, já que meu entretenimento dependia daquilo. Na graduação, eu já pesquisava o material para estudo e montava apresentações em inglês antes de verificar se existia material em português, e via alguns colegas sofrerem com a falta de material Josué Rodrigues Frizon específico em português. Os professores alertavam que sem uma boa capacidade de leitura em português e em inglês, era difícil terminar o curso. No mestrado, boa parte do meu tempo foi dedicada à leitura, publiquei um artigo em inglês em uma conferência internacional, minha dissertação também foi escrita em inglês. Eu acredito que os pais me levarem ao Mundo da Leitura frequentemente, na minha infância, me ajudou a me preparar de forma lúdica para muitos dos desafios do caminho que escolhi, e que, provavelmente, escolhi esse caminho também por influência do Mundo da Leitura.

* Graduação em Ciência da Computação pela UPF. Mestrado em Ciência da Computação pela Ufrgs. Doutorando em Ciência da Computação na Ufrgs. Frequentador do Mundo da Leitura desde os cinco anos de idade.

*Valentina Fernandes e Machado**

Meu primeiro livro foi à prova d'água. Sim, à prova d'água. Eu devia ter mais ou menos um ou dois anos e a melhor companhia na hora do banho era "A Baleia Azul". Não me entenda mal! Eu não era nenhuma criança prodígio. Mas foi aí, com esse livro, que começou minha história de amor com a leitura.

Cresci entre livros. Minha casa sempre foi, e ainda é, repleta deles. Antigos, novos, de ficção ou não. Então, como criança, ter livros a mão era como um hábito. Comecei com livros que possuíam apenas ilustrações, sem palavras escritas, e a partir delas criava minhas próprias histórias. Minha mãe diz que eu era uma boa contadora de histórias e uma era sempre diferente da outra, ainda que o livro fosse o mesmo. Acompanhava minha mãe preparando as aulas e as atividades para alfabetizar seus alunos e seguia criando minhas histórias e "lendo" meus livros. Eis que, em um verão na praia, peguei um gibi e comecei a ler, quase como mágica. Mágico era, finalmente, entender todas aquelas letras que juntas formavam palavras, que formavam histórias. Me apaixonei perdidamente.

Não posso contar sobre meu relacionamento sério com a leitura sem mencionar que a mesma pessoa que pediu para que eu escrevesse esse texto foi também uma das grandes incentivadoras desse meu hábito: Tânia Rösing, a minha dindona. Foram livros dados de presente, sempre com a mais carinhosa dedicatória, livros emprestados, livros que eu escolhia na estante de sua casa... E logo os livros viraram meus objetos de desejo. E meu presente favorito.

E então, meu pai começou a projetar uma biblioteca. Uma biblioteca infantil cheia de livros infantis de todos os tipos e que para chegar a eles eu precisava encontrar o caminho certo em um labirinto! E quando o encontrasse entraria em um mundo de livros, gibis, filmes, computadores, escorregador e uma escada muito peculiar: só se podia subir com o pé certo. Ah, era um mundo de leituras.

* Graduação em Medicina pela Universidade de Passo Fundo. Residente em Cirurgia Geral no programa de residência médica da Universidade Federal da Fronteira Sul/Hospital São Vicente de Paulo em Passo Fundo.

Para minha alegria, minha irmã “mais nova” estava na faculdade naquela época e começou um estágio naquele Mundo. Sabendo que a cacula gostava muito de ler, certa noite resolveu levar um livro para ela. A surpresa virou hábito e minha rotina se tornou aguardar a chegada da minha irmã e do livro que ela havia escolhido para mim naquela noite.

Aprendi sobre Mozart, Strauss, Verdi, Van Gogh, Da Vinci naqueles livros e vivi inúmeras aventuras através daquelas páginas.

Dois anos se passaram e meu pai estava em vistas de projetar outra biblioteca, então ele viajava bastante para visitar livrarias, sebos e outras bibliotecas. Algumas vezes eu ia com ele e com minha mãe e me perdia entre os livros. Em uma dessas viagens que eu não acompanhei ele encontrou um artigo na Folha de São Paulo sobre um livro que contava a história de um menino especial, um bruxo. Meu pai trouxe o artigo para casa e prontamente foi a livraria encomendar aquele livro desconhecido e de nome muito estranho – Harry Potter e a Pedra Filosofal. Este é o marco da minha relação com a leitura. A partir desse momento, passei a estar sempre acompanhada de um livro. Ia para o colégio com um livro (e às vezes lia durante as aulas), lia no carro, nas viagens, na praia, em restaurantes, em TODO lugar. Meu melhor amigo era um livro.

Cresci com o menino bruxo e também fiquei impaciente. Não podia esperar pelos livros traduzidos e não aguentava a curiosidade para saber como a história continuava. Passei a ler em espanhol e, logo após, em inglês; pois essas versões saíam antes da traduzida em português.

E então li sobre princesas e seus diários, sobre um senhor com muitos anéis e elfos elegantes e hobbits corajosos, sobre labirintos, sobre anjos, demônios, Da Vinci e códigos. Amava (e ainda amo) livrarias, comprei livros aos montes, emprestei tantos outros e uma das “brigas” constantes do meu pai era a respeito de que eu deveria comprar um livro de cada vez. Era impossível.

Eu lia e imaginava versões para as histórias dos livros: como eu faria, como deveria ter sido e como poderia ser. Eis que descobri as *fan-fictions*. Novo vício, passava tardes e noites lendo. Lia em inglês, em português e em português de Portugal. Procurava as que mostravam os enredos mais intrigantes, com os personagens favoritos dos meus livros

favoritos. E assim fui crescendo e ficando mais velha. Sempre “nerd” por ler demais.

Apreendi que devia ler jornais e revistas e, posteriormente, artigos científicos conforme aprimorava minha formação. A leitura agora era lazer, informação e conhecimento.

Não teria chegado até aqui da forma como cheguei, se não fosse o incentivo que recebi para ler cada vez mais. Foram visitas a bibliotecas, livrarias, encontros autores e outros leitores e Jornadas de Literatura que me apresentaram a paixão pela leitura.

Cresci e as responsabilidades também. O tempo livre diminuiu. Hoje, a menina que lia e relia tantas vezes o mesmos livros, é médica e residente de cirurgia geral, demora mais tempo para terminar de ler um livro, continua visitando livrarias apaixonadamente e às vezes pode dispor do luxo de passar uma tarde na companhia de um livro e do namorado (este sim, um leitor inveterado). Mas, no fundo, ainda é aquela menina que corria entre as paredes do labirinto do Mundo da Leitura.

Professores e alunos de escolas públicas e particulares de distintas épocas

Ana Cristina Baggio*

Depoimento dedicado à Professora Tania M. K. Rösing:

“É preciso coragem para promover mudanças que, sem dúvida, implicarão satisfações pessoais e profissionais por intermédio de mudanças duradouras, comportamentais, culturais permanentes”.

Valho-me desse pensamento da Professora Tania M. K. Rösing para parabenizá-la pela coragem e pelo trabalho desenvolvido ao longo desses 46 anos. Um caminho longo, deixando marcas profundas na Universidade e na vida de todos os alunos e alunas/professores que passaram por suas mãos. Parece clichê falar/escrever essa expressão “passaram por suas mãos”. Realmente, um privilégio imensurável ter sido aluna dessa Professora que não mediu esforços para me orientar na dissertação de Mestrado – “Em busca de leitores no contexto da Escola”. A princípio um paradoxo – buscar leitores na escola, mas que se confirmou ao longo da pesquisa realizada. A Escola, os professores, infelizmente não são leitores como gostaríamos que fossem, pois grande parte dos acervos não são animados e permanecem abandonados nas prateleiras das bibliotecas.

Com os esforços, as iniciativas e o comprometimento assumido pelos alunos/professores que trilhavam o mesmo caminho de leitura estimulado pela Professora Tania e sua Equipe no Mundo da Leitura – um espaço inovador e de grande valia, nas Jornadas Literárias – pela diversidade de assuntos e escritores, na difusão da leitura em todos os meios multimídiais, acreditamos que está havendo um progresso nas

* Licenciatura Curta e plena em Letras – Português e Literatura da Língua Portuguesa pela URI/Campus Erechim. Especialização em Leitura, Análise e Produção Textual pela URI/Campus Erechim. Especialização em Nível de Aperfeiçoamento: Epistemologia, Pesquisa e Ciências da Educação pela UPF. Mestrado em Letras pela UPF. Professora nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio.

escolas, no segmento professores do qual faço parte como mediadora; e, com mais ênfase, no segmento alunos – leitores nos mais diversos suportes. Com certeza, os objetivos estão consolidados e os frutos estamos colhendo.

Cabe ressaltar que as aulas da Professora Tania eram primadas pelo profissionalismo, pela sabedoria, inteligência e seriedade com encantamento pela leitura. Lembro que sempre iniciava com a leitura de um livro literário ou com a contação de uma história ou com o relato de uma viagem relacionada a sua experiência leitora. Sempre enfatizava nas aulas e em seus escritos: “Docência combina com domínio de saberes, desenvolvimento criativo de competências, atualização, transformação, sensibilidade”. Esse encanto pela professora e pelas aulas sugeria a leitura da obra, bem como, “copiar” a ideia e levá-la para o espaço da minha escola. Encantar, motivar e expandir a leitura essa era a função e conseguiu.

Ao autografar alguns livros que tive o privilégio de ganhar escrevia “[...] conto com tua colaboração na luta pela formação de leitores.” Sempre levei a sério essa convocação, pois esse foi e é o compromisso assumido por todos aqueles que tiveram o privilégio de tê-la como orientadora e professora.

Parabéns pelo trabalho realizado! Obrigada pelo encantamento que me proporcionou! Sucesso nessa nova etapa!

Meu nome é Caticiane Belusso Serafini, casada, mãe do João Lucas de 5 anos. Sou Pedagoga, mestre em Letras pela UPF e professora da rede municipal de ensino dos Municípios de Engenho Velho e Constantina.

Desde a minha infância, sempre convivi com muitos materiais de leitura, especialmente os livros disponibilizados pelos meus pais, que também eram professores da rede municipal de ensino e hoje são aposentados. Cresci observando como meus pais, mesmo com os poucos recursos disponibilizados para as escolas do interior na época, conseguiam transmitir aos seus alunos, incluindo a mim mesma, o valor da leitura como um fundamento importante para a aprendizagem e para a formação e crescimento pessoal do ser humano. Por esse motivo, descobri muito cedo o prazer da leitura e ficava encantada com a magia das palavras registradas nas histórias que lia.

Já na adolescência, ao mudar de escola, nunca sairá da minha memória as aulas de Português em que a professora nos proporcionava visitas semanais à biblioteca. O espaço era grande, cheio de livros, bem decorado, almofadas espalhadas pelo chão e com um nome bem sugestivo: “Luz do saber”. E parecia mesmo que todos aqueles livros iluminavam a minha mente enquanto eu percorria entusiasmada as estantes em busca do melhor livro que poderia ler. Aos poucos, a visita semanal já não era suficiente e, quase que diariamente, eu ia até a biblioteca, percorria as estantes e escolhia um novo livro, uma nova história para viajar.

Também sempre apreciei muito as histórias em quadrinhos, principalmente da Turma da Mônica, de Maurício de Souza. Mas, de todas as leituras que eu fazia, os livros eram os meus preferidos. Aquele que mais me marcou foi presente dos meus pais e uma herança do Curso Normal que eles frequentaram: “Um certo Capitão Rodrigo”, de Érico Veríssimo. Foi tão grande o encanto, que este livro acabou despertando

* Graduação em Pedagogia e Mestrado em Letras pela Universidade de Passo Fundo. Professora da rede municipal de ensino dos Municípios de Engenho Velho e Constantina.

em mim o desejo de conhecer toda a saga de Ana Terra e sua família, registrados no romance histórico “O Tempo e o Vento”.

A minha trajetória leitora mostra a importância do contato direto com os livros desde a infância para se criar o hábito da leitura. Os estímulos e as intervenções precoces de leitura resultam em um comportamento leitor no futuro. Da mesma forma, o exemplo vindo dos meus pais e da minha professora de Português, assim como os momentos de leitura que me proporcionaram enquanto mediadores, me transformaram em um indivíduo leitor.

Hoje, sou bastante consciente em relação ao valor e ao papel da leitura na vida de uma pessoa e, por isso, procuro incentivar meu filho João Lucas, de 5 anos, a se interessar por diferentes tipos de leitura, seja em suporte digital ou impresso. Juntos, compramos livros, gibis, assinamos clubes de leitura, compartilhamos histórias. Posso dizer que sou uma mãe que não apenas leio para meu filho, mas uma mãe que leio com meu filho.

Depois de formada, já atuando como professora em turmas de Educação Infantil e de alfabetização no Ensino Fundamental, continuei mantendo o prazer pela leitura e, sempre que possível, procurava selecionar alguns títulos para incrementar minhas aulas. Aos poucos, fui percebendo que isso não bastava e que a leitura vai além do uso didático em sala de aula. Era preciso fazer da leitura uma prática constante, deixar os alunos expostos livremente aos diferentes materiais, interagindo com eles, apreciando-os por sua livre e espontânea vontade e, consequentemente, desenvolvendo a hábito e o encanto pela leitura.

A partir disso, comecei a observar, nas escolas em que atuei, o comportamento dos meus colegas professores em relação à leitura e fiquei preocupada. Logo me dei conta de que o discurso não correspondia à prática. Muitos dos comentários feitos durante os intervalos das aulas ou nas reuniões pedagógicas mostravam a preocupação com o desempenho dos alunos na leitura e na escrita, uma vez que os relatos eram de que os alunos não demonstravam muito interesse em ler e que a produção escrita era de baixa qualidade. Eu ficava então me questionando sobre a real importância que meus colegas de profissão despendiam ao ensino da leitura e da escrita, principalmente nas turmas que esta-

vam iniciando o processo de alfabetização. Será que proporcionavam aos seus alunos diferentes materiais de leitura, momentos de interação e visitas à biblioteca da escola? Com qual frequência isso acontecia e como procediam? Na sala de aula ou na biblioteca, quais as práticas de leitura eram desenvolvidas e de que modo? Será que dispunham de um espaço de leitura na própria sala de aula? E o professor, mostrava aos alunos que era também um leitor?

Diante de tantas inquietações e motivada pela célebre frase de Monteiro Lobato, reconhecido autor da Literatura Infantil no Brasil: “Um país se faz com homens e livros”, iniciei o desenvolvimento de um estudo sobre a leitura e a formação de leitores no contexto da sala de aula, o qual se transformou na minha dissertação de Mestrado em Letras na Universidade de Passo Fundo, sob orientação da Professora Tania Mariza Kuchenbecker Rösing. A proposta desse estudo foi abordar a temática da leitura, a formação do leitor e o desenvolvimento de práticas leitoras na sala de aula a partir da dinamização dos acervos de obras complementares, disponibilizados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) ao Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) para as turmas do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental.

O objetivo era estimular os professores do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental de escolas públicas municipais a construírem práticas de leitura inovadoras em diferentes linguagens e suportes a partir dos acervos de obras complementares disponibilizados pelo PNLD ao PNAIC, auxiliando seus alunos a desenvolver o gosto pela leitura e, ao mesmo tempo, aprimorar o modo de ler, numa perspectiva contemporânea.

O primeiro contato com o Mundo da Leitura aconteceu quando eu era professora alfabetizadora em uma turma de 1º Ano do Ensino Fundamental. Fizemos uma viagem à Passo Fundo e uma das paradas foi justamente nesse espaço que, até então, eu conhecia apenas por nome e pelo programa na TV Cultura. Logo que entramos, ficamos todos – adultos e crianças – muito admirados com o que víamos, fomos recepcionados pelos monitores, participamos de uma prática leitora e pudemos explorar todos os recursos de leitura disponíveis ali, tanto impressos como digitais.

Quando ingressei no Curso de Mestrado em Letras da UPF, passei a visitar o Mundo da Leitura com mais frequência, incentivada pela minha orientadora, Professora Tania. Fui, aos poucos, percebendo a importância desse espaço como um centro de formação de leitores, tanto na Universidade como também fora dela. Percebo que o Mundo da Leitura cumpre o seu papel de promover ações de leituras multimídiais para despertar o gosto pela leitura em diferentes suportes e para atender às peculiaridades do leitor contemporâneo. As práticas leitoras multimídiais propostas para a Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior são planejadas e desenvolvidas em um espaço inovador, repleto de intencionalidade, que proporciona aos seus visitantes uma experiência única de leitura, despertando-lhes diferentes sentimentos e sensações, pois oferece distintas possibilidades, à diversidade de leitores, de se relacionar com a leitura por diversos meios.

À minha orientadora Profa. Dra. Tania Mariza Kuchenbecker Rösing, exemplo de pessoa e de profissional, parabéns por todos esses anos de dedicação e comprometimento com a leitura e a formação de leitores. Foi uma honra para mim, poder ter sido orientada por pessoa tão ilustre, que, com paciência e sabedoria, dividiu comigo seus conhecimentos, ensinamentos e, principalmente, a sua paixão pela leitura.

“Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós” (Antoine de Saint-Exupéry).

*Lavínia Kuchenbecker Rösing de Oliveira**

Eu gosto muito de ler. Tenho 13 anos e sempre fui estimulada a ler. Entre meus brinquedos sempre existiram livros. Muitos livros. Sempre ouvia histórias contadas por meus avós e meus pais. Vários lugares mágicos me estimularam e continuam me estimulando a ler: a casa dos meus avós, a biblioteca da escola onde estudo e o Mundo da Leitura. Para mim, ler é muito prazeroso. Uso a imaginação, conheço outras formas de viver, de pensar e de sentir. Visito outros lugares que jamais imaginei existirem. Amplio os meus conhecimentos e meus sentimentos. Entendo que ler livros é tão importante quanto visitar museus, ouvir músicas, assistir a peças teatrais, filmes. Todas essas atividades podem ser realizadas em um único lugar: no Mundo da Leitura. Lá posso ler, pedir emprestado livros, assistir filmes participar de atividades de leitura que reúnem literatura, artes, brincadeiras e sempre envolvendo o conteúdo digital. Os monitores são muito simpáticos criativos e estimulam as pessoas a lerem cada vez mais. Não posso imaginar o que foi feito nesses vinte anos, mas tenho certeza que muitas pessoas começaram a ler mais depois de irem ao Mundo da Leitura. Não é uma biblioteca. Tem muitas coisas que uma biblioteca não tem, como as práticas leitoras divertidas que estimulam outras leituras. Parabéns aos monitores do Mundo da Leitura pelos vinte anos!

* 13 anos. Aluna do 8º ano do Ensino Fundamental do Colégio Notre Dame – Passo Fundo.

*Rosmari Almeida Portilio**

Parabéns ao Mundo da Leitura e a toda a comunidade que participa desse espaço com as Práticas Leitoras! 20 anos de entusiasmo e alegria de poder contar com essa forte referência que o “Mundo” significa para Passo Fundo e região.

O encantamento e as contribuições do Mundo da Leitura fazem parte da minha caminhada e formação. Como estudante, em diversos momentos recebi apoio. Hoje, como professora, e ainda estudante, é com muito prazer que convido meus estudantes a disfrutar desse encontro com a literatura e com todas as possibilidades que a leitura abre ao entendimento das ações e emoções humanas, das percepções e criticidade tão importantes na sociedade atual. A leitura, a arte, a cidadania!

Agendar uma visita sempre foi um momento especial. Compartilhar das práticas leitoras, levá-las à sala de aula e ao ambiente escolar abrange desde o acolhimento ao espaço, ao “clac” que ativa tantas outras leituras e olhares. É o prazer do conhecimento acessado através de personagens, histórias, da contextualização com o cotidiano. Fácil, então, nos perguntarmos quantos “links”, quantas “janelas”, por quantas transformações a “Branca de Neve”, as princesas e príncipes já passaram, quantos amores desde esses “...em tempos de blog” aos “...nos tempos do cólera” já nos influenciaram. Quantos ritmos, letras, poesias, imagens...de quantas leituras somos formados? Isso para citar algumas participações nesse “Mundo”! E, provavelmente, não sejamos capazes de definir. E essa é a intenção!!! Deixar que nos transportem os pássaros do poema, as obras que lemos e releemos. O sabor de “entrar” em novas sagas... tantos jovens autores nos chamando, tantos que nos ensinaram a gostar de ler. Nossa própria viagem!

Assim, não há a menor possibilidade de dar este depoimento sem emoção e o devido reconhecimento ao “Mundo” e seus colaboradores. Obrigada! Queremos mais! Somos parte!

Agradeço essa oportunidade de expressar tamanho contentamento de fazer parte da história do Mundo da Leitura!

* Professora da E.E.E.M. Profa. Lucille Fragoso de Albuquerque.

A literatura esteve presente desde cedo em minha vida. Os livros da estante antiga de meu avô foram os primeiros a despertar a curiosidade. Depois, nos primeiros anos escolares ficava fascinada com as histórias contadas e lidas pela professora. Lembro-me até hoje de *O Menino que Virou Árvore*. Sonho em reencontrá-lo.

Amava pensar que dentro daquelas capas poderia haver um lugar todo especial a desvendar. Era isso que me motivava a ler mais e mais. Passava horas entre as prateleiras da biblioteca em busca de algo novo, inusitado, desafiador que eu pudesse levar para casa e que, ao mesmo tempo, ele me levasse a viajar por um novo mundo.

Viajava, sonhava, crescia. Era apaixonante ter acesso a livros, era apaixonante ter acesso a novos e fascinantes mundos. Sentia o calor, o frio, o cheiro, a tristeza, a alegria, o medo, o que o livro me conduzisse a sentir, eu sentia. E isso era encantador.

Por paixão, ingressei na faculdade de Letras da UPF. Naquele universo descobri um lugar especial, no qual poderia continuar esse meu hábito de procurar viagens entre as estantes: era o Mundo da Leitura. Percebi que era um espaço peculiar, todo pensado para encantar e promover o gosto pela literatura. Crie laços com o Mundo da Leitura.

Era magnífico passear pelas estantes, participar das práticas leitoras, interagir com o ambiente, encontrar referências, novas leituras, novos olhares. Além disso, encontrava lá pessoas apaixonadas pela literatura, profissionais que estavam constantemente se atualizando para promover atividades criativas de promoção à leitura.

Enquanto estudante de graduação em Letras e, recentemente, aluna do Mestrado em Letras, o Mundo da Leitura foi o lugar onde encontrei o material necessário para o aporte teórico de meus estudos, pois possui um vasto e qualificado acervo de referência para pesquisa na área da Literatura.

* Graduação em Letras pela Universidade de Passo Fundo. Especialização em Psicopedagogia pela Universidade de Passo Fundo. Mestrado em Letras pela Universidade de Passo Fundo. Professora de Língua Portuguesa de Anos Finais na EMEF Daniel Dipp. Coordenadora Pedagógica na EMEF Daniel Dipp.

Hoje, enquanto professora de Ensino Fundamental, é no Mundo da Leitura que vou em busca de obras de qualidade para apresentar aos meus alunos. Sei que lá vou encontrar os melhores acervos. Além disso, todo ano, levo as minhas turmas e mobilizo as turmas de outras colegas a participar das práticas leitoras pensadas para a escola, que desenvolvem nas crianças a criatividade, a curiosidade e, conseqüentemente, o prazer em ler.

Considero o Centro de Referência em Literatura e Multimeios – Mundo da Leitura, um referencial em promoção à leitura para o Brasil. Difere-se de outras bibliotecas ou centros de referência por ser um laboratório que objetiva a formação de leitores em distintos suportes, por meio de práticas leitoras multimídiais, as quais viabilizam o encontro entre livro e leitor.

As práticas leitoras multimídiais propostas pelo Mundo da Leitura, ainda, oportunizam o alargamento os horizontes culturais dos sujeitos, propondo novas leituras, novas vivências e novas ideias. As atividades do Centro de Referência quanto do Programa de TV Mundo da Leitura, veiculado pelo Canal Futura, servem de incentivo para o desenvolvimento da criatividade e do gosto pela leitura.

Nesse momento em que comemora-se 20 anos de sua existência, temos muito a lembrar e também à agradecer a todos os envolvidos, professores, monitores, aos idealizadores desse projeto e principalmente à profa. Tânia Mariza Kuchenbecker Rösing, pelo amor e entusiasmo em promover ações em prol da literatura e da formação de leitores. Vida longa ao Mundo da Leitura! Parabéns!

*Vítor Kuchenbecker Rösing de Oliveira**

Eu gosto de ler especialmente histórias de ação. Gosto também de fazer textos depois de ler histórias infantis. Gosto muito de gibis. Brincadeiras e jogos são meu forte. Jogos no computador e no celular são muito legais e divertidos. Tudo isso tem no Mundo da Leitura. Todo mundo que trabalha nesse local é divertido e gosta de brincar. O es-corregador é uma atração sensacional. Agora o Mundo da Leitura está fazendo 20 anos. Tudo é festa. Viva o Mundo da Leitura! É big, é big, é hora, é hora, rá ti bum!!!!!!!! Mundo da Leitura! Mundo da Leitura!

* 9 anos. 4º ano do Ensino Fundamental/Colégio Notre Dame Passo Fundo.

Estudantes universitários da área de Letras

*Adriane Hoffman**

Como se forma um leitor? Como estimular a leitura? Essas perguntas, entre tantas outras que norteiam a proposição de prática leitora de docentes da área de Linguagens, passaram a ter respostas, mesmo que não conclusivas, a partir da minha imersão no projeto “Mundo da Leitura”. Sou estudante do Doutorado da Universidade de Passo Fundo e professora das redes estadual e particular de ensino e acredito que o “Mundo da Leitura” é um espaço de referência ao meu trabalho docente.

O projeto é referência porque mostra à comunidade possibilidades de contato com livros e histórias que, lidos, podem fazer nascer (ou melhor, formar-se) um leitor capaz de reconhecer nas obras experiências tão próximas a si mesmo quanto distantes de seu contexto. O projeto é referência porque cria condições para que alunos, professores e leitores em geral *pensem* sobre os textos e de alguma forma se *transformem* com o que leem. O projeto é referência também porque possibilita a democratização do acesso a livros, já que está aberto à comunidade e oferece serviços de visitas agendadas e de empréstimos de livros.

Essas e outras razões permitem-me reconhecer no “Mundo da Leitura” uma ação de educação literária que pode formar leitores, criar hábito de leitura e, sobretudo, fazer da leitura um meio de acesso à cidadania.

Esse espaço, aberto aos professores, aos alunos, à comunidade regional e aos leitores de todas as idades e lugares, oferece práticas leitoras desde 1997. Nesses 20 anos, as pessoas contataram com obras literárias em diferentes formas e suportes. Essa interação entre literatura e outros textos auxilia o (possível) leitor a aprofundar conhecimentos acerca de determinadas estruturas textuais e a se constituir cidadão ativo de seu processo de aprendizagem.

* Graduação em Letras pela URI/FW. Mestrado em Letras pela PUCRS. Professora de Língua Portuguesa e Literatura no Curso de Letras da Universidade Regional Integrada/Frederico Westphalen.

As práticas leitoras, constituídas de obras literárias de todos os tempos, relacionadas às mídias e às tecnologias, são um exemplo de que é possível contextualizar temáticas e estruturas textuais para consolidar momentos de reflexão, de aprendizagem e de aprimoramento do prazer estético. Isso, porque a comunidade encontra uma possibilidade de visualizar de que forma a literatura relaciona-se com diferentes áreas do conhecimento. Além disso, o projeto mostra que a leitura e o texto não são restritos ao contato com o material impresso, contribuindo assim para que o texto digital e as interações entre leitores e textos construídos ou apresentados com recursos tecnológicos possam despertar o que é mais precioso na formação de leitores: o desejo por ler.

O Mundo da Leitura, como projeto de educação literária e de compromisso com o desenvolvimento humano e social por meio da leitura, corrobora a necessidade de um trabalho contextualizado na formação de leitores e possibilita que ele interaja com o novo e o relacione com suas vivências e expectativas. Entender o momento em que se vive, através da leitura, é um privilégio de quem, no decorrer da existência desse espaço, pode vivenciar as práticas, visitar o acervo e se apropriar de saber.

Entre! Palavras e ações: Mundo da Leitura

Lugares. Lugares definem situações. Certas ações só acontecem quando as oportunidades são criadas. Isso é exceção! A regra é discursar. Palavras são capazes de inspirar, mas, também são capazes de destruir. Vive-se uma época, onde discursos são mais do que frequentes. Na televisão, no rádio, no cinema, nos jornais e revistas, na internet. Em qualquer lugar nos deparamos com discursos dos mais variados. Contra isso, a favor daquilo. Contra aquilo, a favor disso. As ações concretas, são cada vez mais difíceis de se encontrar.

Ótimas ações concretas também são manifestas em palavras, por exemplo: “uau!”, “nossa!”, “inovador!”, “esplêndido!”. Essas são palavras possíveis quando nos deparamos com algo que não é somente discurso. São palavras que exprimem a reação de qualquer um que seja capaz de entender que as grandes ações podem gerar infindáveis e inumeráveis discursos ao longo do tempo.

Não foi com palavras, embora o lugar sirva para enaltecer as palavras, os sons, as imagens e, o melhor de tudo, as histórias. Foi com ações. Há duas décadas a Professora Tania – como ampla e popularmente é conhecida – inaugurou o Mundo da Leitura. Diferente de qualquer coisa que existia, misturando livros, recursos sonoros e audiovisuais, criou um espaço onde aprender literatura não se faz apenas pelo ato de abrir um livro. Trata-se de um lugar onde histórias são contadas, textos, sons e imagens são lidos e interpretados. Nesse lugar especial, pensamentos são inaugurados todos os dias.

Quem entra, passa por um labirinto. Seria o labirinto da iniciação num mundo onde as palavras são recursos que geram imaginação e ação criativa instantâneas? Talvez seja isso, ou talvez não. Tudo depende da grandeza do olhar. Pois, para viver a expressividade que o Mundo da Leitura traz consigo, é necessário enxergar para além dos olhos.

* Graduado em Publicidade e Propaganda e Mestre em História pela Universidade de Passo Fundo. Doutorando em Letras na Universidade de Passo Fundo. Professor nos cursos de Publicidade e Propaganda, Jornalismo e Design Gráfico da Faculdade de Artes e Comunicação da Universidade de Passo Fundo.

Só quem já assistiu uma das apresentações realizadas pela equipe do Mundo da Leitura, em que um discurso vai se fazendo a medida que vão expondo ícones da cultura clássica, da cultura pop e das mídias, é capaz de entender o valor que uma ação, proposta num lugar especialmente criado para isso, pode ter.

É antes de qualquer coisa, um lugar onde a ação adquire outros estatutos: explicação, reação, imaginação e, o mais importante de tudo, educação. É, na Universidade de Passo Fundo, um lugar mais do que especial. É o lugar onde as boas iniciativas se tornam ações inteligentes. Não basta estar na UPF, é necessário passar pelo mundo. O Mundo da Leitura.

*Daniele Dalmédico**

Em meio ao fracasso da Educação no Brasil, constatado em pesquisas que revelam, entre outras deficiências, baixos índices de leitura, existe um lugar que mostra o quanto é possível sermos melhores: o Centro de Referência de Literatura e Multimeios – Mundo da Leitura.

Quem adentra nesse Mundo encanta-se à primeira vista. Todo o ambiente remete às aventuras, aos romances, às fantasias da Literatura. A organização, o colorido, a decoração enchem os olhos e despertam sentidos. Andar por entre os livros, as revistas, os quadrinhos, os CDs, desperta a vontade de se apropriar de toda a cultura, de todo conhecimento, da história contida em cada livro. Ao contrário dos ambientes frios e obscuros, comuns a espaços de leitura, como os das bibliotecas, o Mundo da Leitura é vivo. Entre estantes, computadores, mesas e bancadas, há luz e movimento.

No entanto, é possível surpreender-se ainda mais. Na arena, espaço onde são realizadas práticas leitoras, é onde a verdadeira mágica acontece. Quem tem o privilégio de participar de uma delas, vai percebê-la dinâmica e inovadora. Diferentemente de qualquer contação de histórias já vista, tem-se uma mescla de Literatura com outras linguagens trazidas em diferentes suportes, constituindo-se em práticas leitoras multimídiais. Textos verbais, músicas, imagens, vídeos, jogos unem-se para que se atenda à expectativa de um novo leitor, leitor esse que precisa de estímulos condizentes com o mundo tecnológico e virtual em que vivem.

Sabe-se que o desenvolvimento de um trabalho como esse compreende estudo, pesquisa, criatividade e preparo. Com responsabilidade, busca-se a melhor e mais eficaz forma de despertar nas crianças e jovens que entram naquele espaço, o gosto pela leitura, em especial, pela leitura literária. A equipe multidisciplinar empenha-se para despertar, incitar e deslumbrar. Adultos encantam-se e não veem o tempo passar,

* Graduação em Letras Português/Espanhol e respectivas literaturas na URI/ Erechim. Especialização em Português e outra em Educação Especial. Professora na rede pública estadual do Rio Grande do Sul por 13 anos. Técnica em Assuntos Educacionais no Instituto Federal Catarinense - Campus Concórdia.

mergulhados, muitas vezes, nas lembranças despertadas de uma infância em que também ouviam histórias. Quanto aos mais jovens, surpreendem-se ao encontrarem livros contemporâneos, de seus interesses e, junto a eles, a tecnologia que faz parte de seu cotidiano. Diferentemente de uma imposição de leitura, são levados a apreciar uma obra literária por meio de recursos audiovisuais, de técnicas dinâmicas, da linguagem multifacetada da internet, aos quais estão habituados. Dessa forma, leitores/navegadores passam a conhecer a literatura de uma forma prazerosa e a compreender o quão interessante e fabulosa ela é.

Para os graduandos do Curso de Letras, mestrandos e doutorandos do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, o Mundo da Leitura constitui-se em um laboratório onde, por meio do exemplo, aprende-se “como é que se faz”. Além de terem à sua disposição um vasto e rico acervo, têm a oportunidade de testemunhar o compromisso dos profissionais com a comunidade da qual fazem parte, o empenho e energia que despendem na formação de leitores e a crença desses profissionais na capacidade que a leitura tem de qualificar a vida dos estudantes e futuros cidadãos. É ter uma prova de que é possível fazer diferente, de que nas escolas onde atuam podem fazer mais e melhor pelos seus alunos. Não há desculpa para perpetuarem atividades de leitura insossas, que mais afastam os alunos da literatura, do que despertam neles, o interesse pelos livros.

Passo Fundo é a cidade Capital Nacional da Literatura, título que lhe foi concedido por ser sede da Jornada Nacional de Literatura e por outras iniciativas de apoio à leitura, como o projeto Livro do Mês – em que autores nacionais e internacionais são escolhidos para debater a sua obra com o público. Estes, como outros projetos de incentivo à leitura, recebem suporte do Mundo da Leitura.

O resultado de tanto empenho, pesquisa, comprometimento e busca pela excelência na formação de leitores por parte dos profissionais desse Centro, aparece em números: o índice de leitura em Passo Fundo é o maior do país: 6,5 livros por habitante/ano. Não há dúvida a respeito da influência desse belíssimo trabalho nessa realidade.

E não há como deixar de fazer referência à grande idealizadora de todos os projetos desenvolvidos na área da leitura, responsável por

levar o nome de Passo Fundo para o Brasil e para outros países e por fazer com que houvesse a aproximação de milhares de pessoas do universo literário, professora Dr. Tania Rösing. Visionária, de grande conhecimento, sempre esteve à frente de seu tempo e que muito trabalha para que mais e mais indivíduos sejam tocados pela Literatura.

Nosso país precisa de mais Mundos da Leitura e de mais profissionais dispostos a melhorar a vida das pessoas por meio do conhecimento e da leitura literária, pois somente essa é capaz de despertar emoções, de fazer compreender-se e de compreender o que é a vida.

Formar novos leitores não é uma tarefa fácil. Mas felizmente, bons projetos voltados à formação do leitor vêm fazendo história em nosso País. Um grande exemplo disso ocorre em Passo Fundo, há cerca de 20 anos.

Em agosto de 2005, ingressei no curso de Letras da Universidade de Passo Fundo. Foi a partir desse momento que comecei a ter maior contato com as ações que a instituição realizava em prol da formação de leitores. Anos antes, ainda enquanto aluno de Ensino Médio, já havia conhecido o Centro de Referência de Leitura e Multimeios – Mundo da Leitura. E foi nesse primeiro contato que percebi o quão especial é o ambiente e as atividades desenvolvidas lá. Através de uma visita agendada por minha professora, meus colegas e eu tivemos a oportunidade de conhecer não somente um local com acervo variado de livros, revistas e outros materiais audiovisuais. Mas também um espaço colorido, atrativo, aconchegante, com tecnologia e monitores preparados para nos receber. Mais do que isso, com atividades de mediação de leitura significativas aos nossos olhos.

Depois daquela primeira experiência, retornei muitas outras vezes ao Mundo da Leitura. Tanto na Graduação, quanto no Mestrado. E isso continuou em minha caminhada enquanto professor. Aliás, os cadernos de atividades, tão bem organizados pelas equipes do Centro de Referência, muito já serviram de base para as minhas práticas em sala de aula, trabalhos em bibliotecas e, certamente, colaboraram para atividades de tantos outros professores.

O Mundo da Leitura é um espaço para todos. Professores universitários e da educação básica, acadêmicos do curso de Letras e de outras áreas, alunos dos diversos níveis de ensino, pesquisadores, famílias e comunidade em geral. É um ambiente disponível para todos que desejam se aproximar do fantástico mundo das letras, da arte, da cultura e dos caminhos que isso tudo nos possibilita. Nesse sentido, os livros

* Graduado e Mestre em Letras pela Universidade de Passo Fundo. Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

têm moldado positivamente o meu caminho enquanto cidadão, aluno e professor leitor. Sem dúvida alguma, o esforço da incansável professora Dra. Tania Rösing e de sua equipe serve, ao longo do tempo, de exemplo para aqueles que desejam trabalhar em prol da formação de novos leitores.

Vida longa ao nosso Mundo! Um brinde e muitos leitores.

Um mundo construído pela leitura

Rafael da Cruz Freitas*

“Claro que está acontecendo em sua mente, Harry,
mas por que isto significa que não é real?”
(ROWLING, 2007, p. 562).

Em meus últimos escritos sempre realizo o mesmo questionamento inicial “o que é a leitura” para, no decorrer, não chegar à conclusão exata como resposta, e sim a outro questionamento essencial para quem realiza pesquisa em leitura, “quem é o leitor?” São questionamentos, como sempre escrevo, perigosos pelo fato de que responder exatamente a ambos com uma resposta tão certa quanto a seta do arco de um Elfo, pode, justamente, limitar ao espaço de um alvo – justamente o que não são – o leitor e a leitura. Não há uma forma exata de dizer o que são, mas é claro que podemos – e fazemos nas pesquisas – identificar tipos de leitores e modos de leitura, contudo não existe precisão, porquanto o leitor é uma criatura, no mínimo, singular, um ser que passa por caminhos estranhos e vive aventuras estranhamente deliciosas. No caminho de um leitor existem vários lugares físicos e lugares que estão além de nossa parca compreensão teórica e prática sobre o mundo além das páginas e das telas. O leitor transita por castelos, aulas de magia, pela casa mais famosa da *Baker Street*, pelo Expresso do Oriente, esgotos cheio de *Coisas* milenares que vivem em baixo das cidades, transita pelo futuro, passa por labirintos, gangues, arenas e transforma-se em tordo, ou num estudante de Letras apaixonado por Literatura. O leitor também passa por conexões e através delas acessa outro mundo, um lugar em que não existem fronteiras, lugar em que Frodo Bolseiro, Harry Potter e Naruto Uzumaki conversam sobre o fardo de ser o escolhido. Além dos lugares fantásticos e do mundo além das telas, o leitor passa

* Acadêmico do Curso de Letras – Língua Portuguesa, Inglês e Respectivas Literaturas da Universidade de Passo Fundo, bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/ CAPES), mediador de Língua Portuguesa no Programa Mais Educação.

por um lugar bem específico onde tudo se encontra, a biblioteca, no meu caso, o Mundo da Leitura.

Eu poderia, muito bem, começar a falar sobre o Mundo da Leitura, ou somente Mundo para os mais íntimos, com um clichê, dizendo que é o meu lugar favorito – não que não seja – ou que é como uma segunda casa, porém eu não quero começar assim. Quando eu entrei no Mundo pela primeira vez, numa noite de terça-feira há quase dois anos, perguntei-me se aquele lugar era real, ou se estava acontecendo na minha mente e é aqui que retomo a epígrafe deste texto que, na minha nada humilde opinião, é o pensamento mais genial escrito por J. K. Rowling na persona de Alvo Dumbledore. Se algo está na sua mente não quer dizer que não seja real, talvez diga que seja mais real do que você pode imaginar. Eu fiquei literalmente, literariamente, encantado por aquele lugar e foi como se eu estivesse num local que conheço há muitos anos, foi como se eu conhecesse a história de cada uma das prateleiras, mesmo – até aquele momento – não tendo passeado dentre elas e ouvido as histórias que os livros sussurram. Posso dizer com serenidade, com felicidade que naquela noite eu encontrei uma fonte de inspiração e um lugar mágico.

O Mundo da Leitura está muito além das minhas impressões pessoais e eu percebi isso não agora, mas durante todo o processo que envolve a pesquisa e a escritura de uma monografia e de artigos. Primeiramente, o Mundo foi o local de minhas Orientações de Pesquisa com a Profa. Dra. Tania Mariza Kuchenbecker Rösing, coordenadora do Mundo da Leitura, pessoa por quem tenho muita gratidão e apreço, e o Mundo – muito mais que uma biblioteca – foi e ainda é uma das minhas principais fontes de pesquisa sobre formação de leitores. Obviamente, não sou o único acadêmico que utiliza o Mundo como fonte de pesquisa – outros pesquisadores também utilizam –, mas eu tenho certeza de que muitos que passam por lá não têm a noção do significado daquele espaço para a cidade que é conhecida como a Capital Nacional da Literatura.

O Centro de Referência de Literatura e Multimeios – Mundo da Leitura, não só no âmbito da cidade de Passo Fundo, é um importante expoente no processo que envolve a formação de leitores de todas as idades, dos primeiros anos da Educação Básica aos últimos semestres dos

cursos de Graduação, não somente do Curso de Letras. A importância desse espaço na formação de leitores é composta por fatores que deveriam permear a *práxis* educativa em todas as escolas, não importando o Componente Curricular. O primeiro fator é o grande acervo literário e teórico que é mantido e organizado, sendo de obras importantes do cânone às mais contemporâneas criadas por autores(as) brasileiros(as) e de outros países e etnias, contemplando todos os gêneros literários – Romance, Poesia, Teatro e Crítica. O segundo fator é a aliança com a pesquisa e a extensão – partes importantíssimas do tripé que deve manter a educação (Ensino – Pesquisa – Extensão) – porquanto as ações realizadas no Mundo da Leitura têm como objetivo auxiliar e estar em contato com a comunidade (Extensão) e são baseadas nas mais recentes reflexões acerca do processo de formação de leitores através das Práticas Leitoras Multimidiáticas e Transmidiáticas, além da extensa produção científica (artigos, monografias, dissertações e livros) sobre os trabalhos desenvolvidos no Mundo da Leitura. O terceiro fator que aqui destaco é o comprometimento da equipe multi e interdisciplinar que compõe o Mundo, pessoas comprometidas com o trabalho de formar leitores e difundir a leitura nas diferentes plataformas midiáticas e que estão sempre de prontidão para auxiliar os leitores e pesquisadores que fazem uso do espaço do Mundo da Leitura. Esses são fatores que devem permear a educação, porque a formação de leitores é responsabilidade de todos, pois a literatura permite em suas entrelinhas a aproximação com o mundo social do leitor e a realização da interdisciplinaridade, como demonstram as Práticas Leitoras realizadas na Arena do Mundo da Leitura. Ser leitor, ou ser formado leitor no espaço do Mundo, é ter a possibilidade de transpor as barreiras midiáticas de jogar, como mestres de RPG, com os significados dos textos literários, ou não.

Voltando às impressões mais pessoais – não que escrever utilizando a terceira pessoa indique impessoalidade – o Mundo da Leitura é o espaço de que mais sentirei falta quando for realizar meus estudos em outras partes do Brasil, ou do planeta, realidade que está cada vez mais próxima e que foi possibilitada pelo uso do espaço Mundo da Leitura. Estou chegando ao final deste texto, não que tenha um final exatamente, porquanto o texto não termina nem quando o leitor finda a leitura, o

que quero agora é deixar claramente minha profunda gratidão que surge de lugares desconhecidos d'alma entrelaçada com felicidade e amor pelo local de que escrevi minhas impressões, pelas pessoas (amigos e colegas) que lá trabalham e que por lá passaram, quero dizer a todos esses que não cairão nos abismos do esquecimento, porque o Mundo da Leitura deixa marcas tão profundas no coração de quem frequenta o espaço. E agora, agradeço à Professora Tania Rösing pelo convite que me deixou, numa tarde de sexta-feira, sentindo uma mistura de emoções que eu ainda não conhecia, com traços de euforia, ansiedade e graça por poder escrever sobre um espaço tão importante para mim enquanto leitor e pesquisador em constante formação. Professora, eu deixo aqui registrada – mais uma vez – minha extrema gratidão e deixo dito que, para mim, a senhora é muito mais que Orientadora, Coordenadora do Mundo da Leitura, é uma defensora da cultura, um exemplo que levarei pela eternidade e o que falo sobre a senhora se reflete no trabalho realizado no Mundo. Por fim – entrando num clichê – desejo ao Mundo da Leitura parabéns pelos Vinte Anos de formação de leitores e desejo, também, não mais vinte anos de trabalho, mas séculos de felicidade e que a formação de leitores obtenha grandes avanços, como já vem obtendo, na formação de leitores e deixo a promessa – e promessa é dívida – que, se porventura do destino, o meu caminho cruzar mais uma vez com o Mundo da Leitura – e eu sei que cruzará num futuro distante (ainda preciso caminhar pelo planeta) – é nesse local que continuarei trabalhando com os Estudos de Formação de Leitores.

PARTE V

MEMÓRIA ICONOGRÁFICA

Falei muito até agora. Pode ser até que tenha falado demais. Creio que se aplicaria bem ao meu caso a citação do Eclesiastes que serviu de epígrafe a muitas edições de Claudio Giordano, um editor criativo de São Paulo: “Um último aviso, filho meu: fazer livros é um trabalho sem fim”. Mas estou terminando, e, se tivesse de escolher uma coisa que desejaria que ficasse bem clara, de tudo quanto foi dito, é que, num mundo em que o livro deixasse de existir, eu não gostaria de viver.

José Mindlin

– *Uma vida entre livros: reencontros com o tempo*



1997 – Inauguração do Mundo da Leitura



2001 – Personagem do Anjo – espetáculo Longada



2006 – Projeto Mutirão pela Inclusão Digital



2008 – Apresentação musical – Grupo Bombeiro Mirim – Praça Armando Sbeghen – Monumento Árvore das Letras do artista plástico Gustavo Nakle



Personagens Borracheira e Gali-Leu – Programa Mundo da Leitura



2001 – Personagem do Palhaço e do Poeta no espetáculo Longada



2010 – Apresentação da Prática Leitora “Leitura Audiovisual” – Semana Acadêmica do Curso de Letras/UPF – Soledade



2015 – Crianças brincando no labirinto – EMEI Branca de Neve – Passo Fundo



2000 – Atividades culturais no aniversário de 3 anos do Mundo da Leitura



2001 – Apresentação do Auto de Natal do Grupo de Contadores de Histórias



2006 – Jorge Furtado na sessão de autógrafos com as turmas de Eja e Curso de Letras - UPF



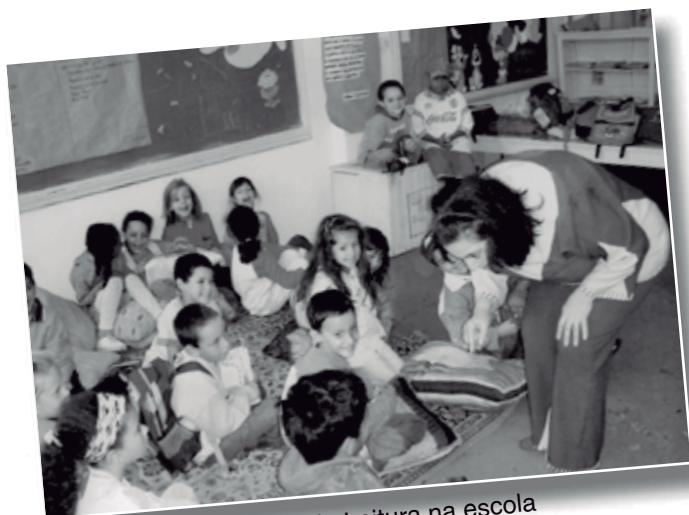
2001 – Estreia do espetáculo Longada



2013 – Projeto – Trocando Ideias Obra – A Metamorfose, Franz Kafka



2017 – Prática Leitora de 1º e 2º ano – “Obax: uma menina diferente” – EMEF. Wolmar Salton – Passo Fundo



2010 – Projeto Mundo da Leitura na escola



2001 – Personagem Lili no espetáculo Longada



2003-2015 – Personagens Ratazana e Reco-Reco –
Programa Mundo da Leitura



2017 – Prática de Educação Infantil – “Iguais e diferentes
podem ser diferentes e iguais” – Escola Império da Criança
– Passo Fundo



Leitores no túnel da leitura – Largo da
Literatura – Praça Armando Sbeghen



Festa do Saci – 2010

1999 – Grupo de
Contadores de
Histórias com os
diretores Betinha
Manica e Marcio
Bernardes



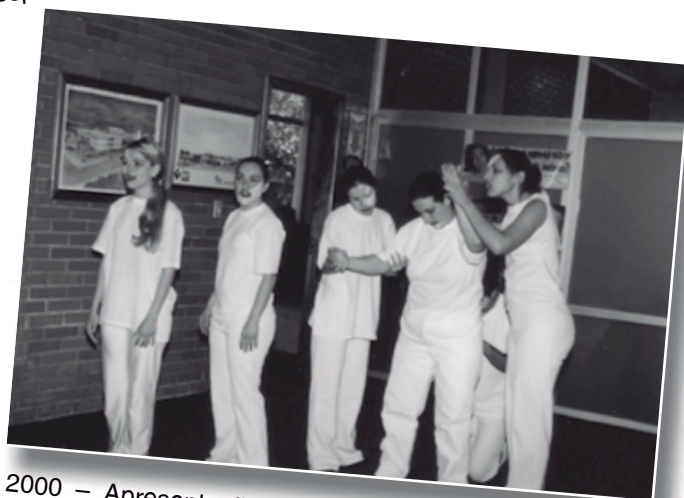
2004 – Prêmio Galgo de Ouro ao Programa Mundo da
Leitura



2017 – Monitora apresenta a Prática Leitora em Formação Continuada para prof. de Educação Infantil – Guaporé



2012 – Prática Leitora de 5º e 6º anos “Narrativa de aventura: do coração à espada” EMEF. São Luiz Gonzaga – Passo Fundo



2000 – Apresentação do Auto de Natal do Grupo de Contadores de Histórias



2017 – Prática Leitora de Educação Infantil – “Iguais e diferentes podem ser diferentes e iguais” – Escola Mundo Infantil – Passo Fundo



2017 – Prática de 5º e 6º anos – “Diálogos contra o esquecimento” EMEF Wolmar Salton – Passo Fundo



2001 – Apresentações artísticas no aniversário de 4 anos do Mundo da Leitura



2001 – Atividade de Pré-Jornadinha



1999 – Apresentação do Grupo de Teatro da UPF –
Espetáculo “O telescópio”



2017 – Prática Leitora – 3 e 4º ano “Frida Kahlo: um novo olhar
para a diferença” EMEF. Padre José de Anchieta – Passo
Fundo



2015 – Prática Leitora do Livro do Mês para estudantes do Curso de Letras - UPF



2017 – Prática Leitora de 1º e 2º anos “Obax: uma menina diferente” Colégio Gabriel Taborin - Marau



2013 – Projeto Trocando Ideias – obra *Dom Casmurro* de Machado de Assis



2008 – Projeto Livro do Mês – Walcyrr Carrasco no encontro com escolas públicas



2017 – Prática Leitora de 7º 8º e 9º anos – “Diferenças Sociais: vozes da periferia” – Instituto Educacional Metodista – Passo Fundo



1997 – Equipe Mundo da Leitura



2012 – Prática Leitora de Educação Infantil – “Fala, bicho. Bicho fala” EMEF. Prof. Arno Otto Kiehl – Passo Fundo



2012 – Aniversário de 15 anos do Mundo da Leitura – Grupo Pangéia Roda de Tambores



2016 – Arte & Literatura – “Especial Festa do Saci”



1998 – Comemoração de 1 ano do Mundo da Leitura



2015 – Prática Leitora de 3º e 4º anos – “Cunhantã a mulher nas tribos indígenas” EMEF. Aratiba



Projeto Livro do Mês – Ilan Brenman no encontro com o Curso de Letras



2011 – Festa do Saci – Praça Antonino Xavier e Oliveira



2007 – Projeto Mutirão pela Inclusão Digital



2017 – Prática Leitora de 3º e 4º ano – “Frida Kahlo: um novo olhar para a indiferença” – EMEF Eloy Pinheiro Machado - Passo Fundo



2005 – Apresentação do Auto de Natal – Grupo de Contadores de Histórias – Saguão do Centro Administrativo – Campus I UFF



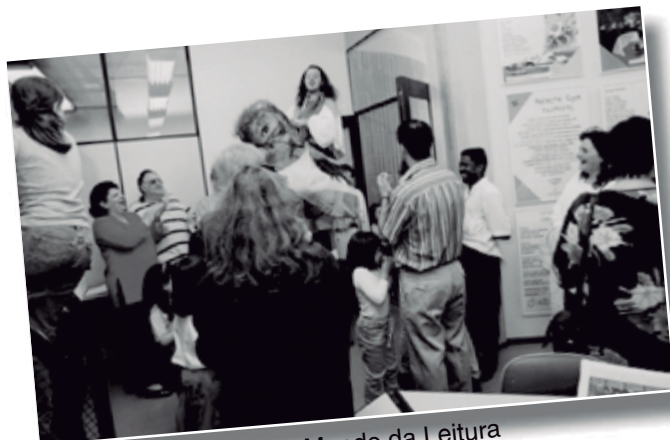
1999 – Comemoração de 2 anos do Mundo da Leitura



2014 – Prática Leitora 1º e 2º ano – “Contaçon de histórias: narrativas na voz do autor, do contador e do leitor” – EMEF Elpídio Fialho - Marau



2006 – Apresentação do Auto de Natal – Grupo de Contadores de Histórias na UPF Campus I



1997– Inauguração do Mundo da Leitura



2017 – Prática Leitora de 1º e 2º ano – “Obax: uma menina diferente” Colégio Estadual de Sananduva



2003 – 2ª Jornadinha Nacional de Literatura



Prática Leitora de 7º, 8º e 9º ano – “Diferenças sociais: vozes da periferia” EEEM. Maria Dolores Freitas Barros – Passo Fundo



2007 – Apresentação do Auto de Natal – Grupo de Contadores de Histórias – Saguão do Centro Administrativo – Campus I UPF



1997 – Inauguração do Mundo da Leitura



2016 – Lançamento da Coleção Roteiros de Práticas Leitoras para a escola IV



2017 – Arte & Literatura – “Especial Monteiro Lobato”



2017 – Projeto Arte & Literatura – “Obax: uma história africana”



2013 – Programa Mundo da Leitura – 10 anos



2017 – Equipe Mundo da Leitura

Fonte: Gé Casagrande.

SOBRE OS AUTORES

Adriano Canabarro Teixeira – Graduação em Ciência da Computação pela Universidade de Passo Fundo. Mestrado em Educação pela Universidade de Passo Fundo. Doutorado em Informática Aplicada na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor Titular no curso de Ciência da Computação e nos cursos de Mestrado e Doutorado em Educação e no curso de Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática, ambos da Universidade de Passo Fundo.

Andréia de Lima Rodrigues – Graduanda do curso de Jornalismo pela Universidade de Passo Fundo. Monitora no Centro de Referência de Literatura e Multimídias.

Betinha Mânica – Graduação em História pela Universidade de Passo Fundo e Pós-Graduação em Teatro-Educação.

Eliana Rodrigues Leite – Graduação em Educação artística com habilitação em plásticas e Curso Superior de Tecnologia em produção Cênica pela Universidade de Passo Fundo. Monitora no Centro de Referência de Literatura e Multimídias.

Eliana Teixeira – Mestre em Educação pela Universidade de Passo Fundo e Monitora do Centro de Referência de Literatura e Multimídias.

Fernanda Lopes Bortolini – Graduação em Letras, português e espanhol e suas respectivas literaturas pela Universidade de Passo Fundo UPF.

Gabriel Paludo Licks – Graduando em Ciência da Computação pela Universidade de Passo Fundo. Bolsista Pibic no Grupo de Estudo e Pesquisa em Inclusão Digital.

Lisandra Blanck – Graduação em Jornalismo e Rádio e Televisão pela Universidade de Passo Fundo. Especialização em Arte-Educação. Monitora do Centro de Referência de Literatura e Multimídias.

Elisângela de Fátima Fernandes de Mello – graduação em Matemática Licenciatura Plena pela Universidade de Passo Fundo (2003) e Mestrado em Educação pela Universidade de Passo Fundo (2010).

Lucas Antônio de Carvalho Cyrino – Graduação em Letras pela Universidade de Passo Fundo. Mestrando em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Luís Fernando Portela – Graduação em Letras pela Universidade de Passo Fundo. Professor de Literatura no Colégio Gabriel Taborin - Rede Safa. Professor de Língua Portuguesa na Rede Municipal de Ensino de Marau.

Marcio Bernardes – Graduação em Psicologia. Formado pelo Centro de Artes Cênicas (RJ). É diretor do espetáculo “O Menino do Dedo Verde”. Em Passo Fundo coordenou artisticamente o Grupo de Teatro da Universidade de Passo Fundo com o Projeto Viramundos e o Núcleo Depois da Chuva de 1999 à 2005 onde

atuou como ator e diretor tendo dirigido os espetáculos “Depois da Chuva”, “Dois Perdidos numa noite suja”, “Longada”, “O Ferreiro e a Morte” e “O Parturião”.

Maria Augusta D’Arienzo – Mestre em Educação e Graduada em Educação Física pela Universidade de Passo Fundo. Especialista em Desportos Coletivos - UPF. Especialista em Leitura e Animação Cultural - UPF. Especialista em Gestão Escolar - Ufrgs. Especialista em Mídias na Educação - IFSul. Especialista em Projeja - IFSul. Professora das redes municipal e estadual de ensino.

Mônica Lubian Tomazzoni – Graduada do Curso de Letras, português e espanhol pela Universidade de Passo Fundo/RS, monitora no Centro de Referência de Literatura e Multimeios.

Nino Roberto Schleder Machado – Arquiteto e Urbanista pela UFRGS. Mestre em Arquitetura - Teoria e História, pela UFRGS, Professor de Projeto Arquitetônico no Curso de Arquitetura e Urbanismo e na Especialização em Arquitetura de Interiores na UPF, de Projeto Arquitetônico na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Projeto Arquitetônico de Franquias na Especialização em Arquitetura Comercial na IMED/Passo Fundo. Na UPF atuou nas Faculdades e Cursos de Artes, Engenharia Civil, Agronomia, Ciências Naturais e Arquitetura e Urbanismo. Membro do Conselho de Extensão Pesquisa e Ensino da UPF, Conselheiro do IAB/RS, Conselheiro do Crea/RS, Presidente do CDDI – Conselho Diretor de Desenvolvimento Integrado de Passo Fundo (Presidente por 8 anos). Conselheiro do CAU/RS – Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Rio Grande do Sul.

Paula Rios da Cunha – Graduada do Curso de Letras/Espanhol pela Universidade de Passo Fundo/RS, monitora no Centro de Referência de Literatura e Multimeios.

Paulo Becker – Doutor em Letras pela PUCRS e professor do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras pela Universidade de Passo Fundo.

Tania Mariza Kuchenbecker Rösing – Graduação em Letras pela Universidade de Passo Fundo (1969), graduação em Pedagogia pela Universidade de Passo Fundo (1977), mestrado em Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1987), doutorado em Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1994) e Pós-doutorado pela Universidade de Extremadura/Espanha - Facultad de Biblioteconomía y Documentación. É pesquisadora da Universidade de Passo Fundo - Programa de Pós-graduação em Letras (mestrado e doutorado) e da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI - Campus de Frederico Westphalen - Programa de Pós-graduação em Letras (mestrado).

William Dahmer Silva Rodrigues – Graduando em Letras pela Universidade de Passo Fundo. Monitor do Centro de Referência de Literatura e Multimeios.